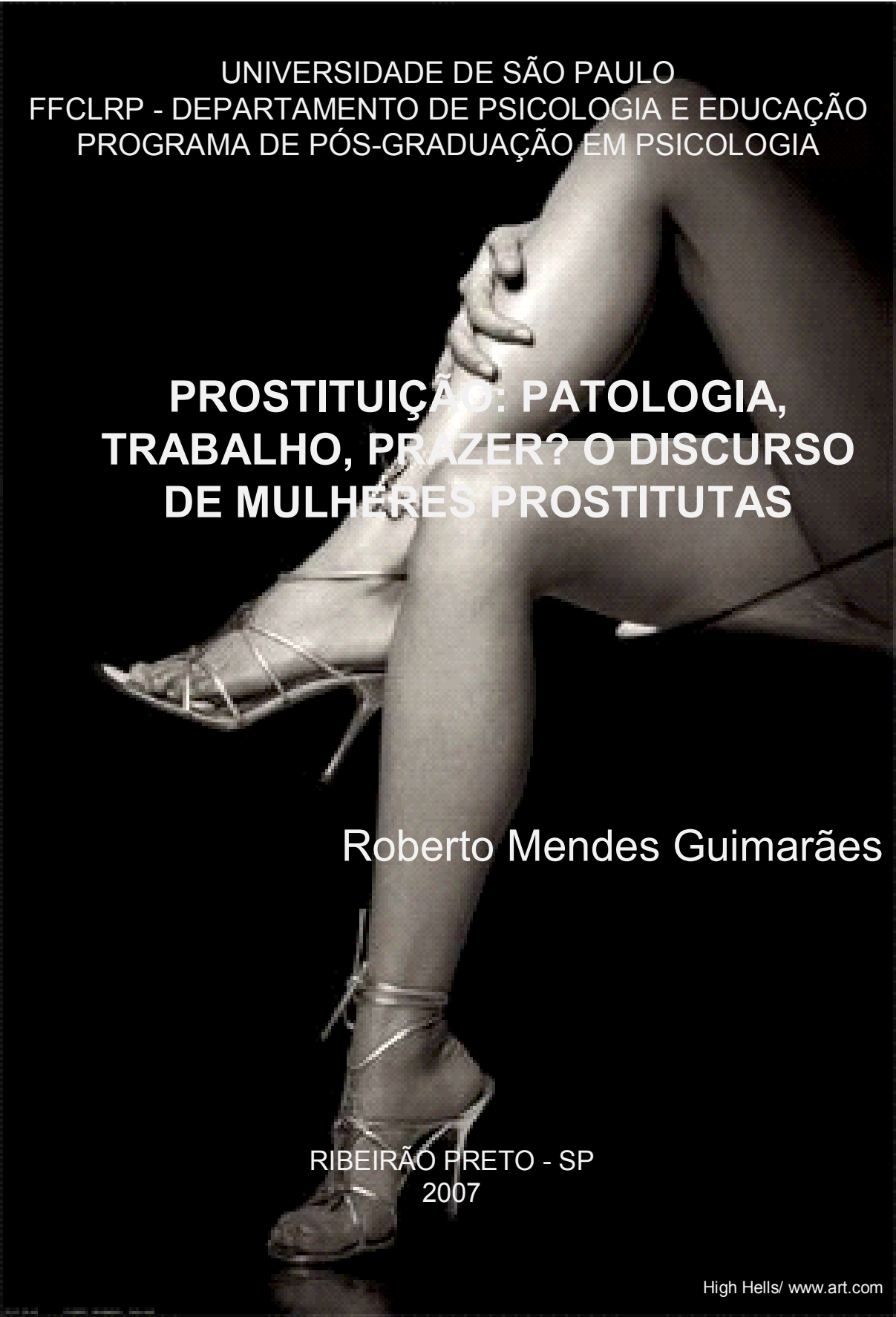




UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**PROSTITUIÇÃO: PATOLOGIA,
TRABALHO, PRAZER? O DISCURSO
DE MULHERES PROSTITUTAS**

Roberto Mendes Guimarães

RIBEIRÃO PRETO - SP
2007

High Hells/ www.art.com

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas

Roberto Mendes Guimarães

Orientador (a): Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de concentração: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

Guimarães, Roberto Mendes

Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas. Ribeirão Preto, 2007.

287 p.: il.; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Bruns, Maria Alves de

1. Prostituição. 2. Sexualidade. 3. Redução Fenomenológica.
4. Estigma.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Roberto Mendes Guimarães

Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Este estudo foi desenvolvido com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Dedico este estudo aos meus pais, aos meus irmãos e as minhas sobrinhas que me ensinaram a lutar pelos meus objetivos de forma ética, com dedicação e coragem. É um presente divino tê-los em minha vida, por ser amado e amar muito vocês.

Agradecimentos

Ao meu pai, Sergio Guimarães um homem fantástico, que admiro mais a cada dia, sendo sempre ético, amável, inteligente, carinhoso, honesto. Sempre me dando força, me animando nos momentos difíceis, me mostrando que mesmo com as dificuldades da vida, vale a pena viver. Paizão, amo você demais, tenho o maior orgulho do mundo de ser seu filho.

A minha mãezinha querida, Marinalva Guimarães. Uma mulher de fibra. Guerreira, carinhosa, que ama seus filhos acima de tudo, que consegue de forma única organizar a nossa família. Mãezinha, você sem dúvida é a melhor mãe do mundo, te amo, e obrigado por ser essa mulher especial.

A minha irmã, Ana Paula Guimarães, por quem tenho uma enorme admiração e respeito. Mesmo longe fisicamente, penso em você diariamente, te amo muito, e obrigado por tudo.

Ao meu irmão, Fabio Guimarães, por ser essa cara nota 10, batalhador, amável, que curte a vida com responsabilidade e adrenalina. Verminoso, te amo, doidão.

As minhas sobrinhas queridas, Dani e Vanessinha, que encheram de luz a vida de nossa família. Amo muito vocês.

Aos meus avós (*in memoriam*) que conseguiram criar meus pais com dificuldades financeiras, mas com dignidade.

Gostaria de agradecer a minha namorada Fernanda, não apenas pela compreensão de agüentar a rotina de um pesquisador dedicado à temática da prostituição de luxo, mas também pela sua ajuda emocional e prática sempre presente desde que iniciei o interesse em fazer mestrado. O seu apoio, carinho e amor me fazem acreditar cada dia mais na nossa relação, você me faz muito bem e feliz. Te amo, Fernandinha.

À professora Dra. Maria Alves, minha eterna gratidão pela profícua orientação, pelos doutos ensinamentos, pela correção de rumo de minha vida pessoal e profissional, por ser a mão amiga que açoita e afaga na medida certa da necessidade.

À professora Dra. Maria Virginia, por despertar em mim, como aluno, o amor à Psicologia e por servir como modelo para minha vida pessoal e profissional.

Ao professor e amigo Dr. Victor Bento, quero nesta oportunidade expressar minha gratidão pelo incentivo, orientação e exemplo de vida.

Às colaboradoras, por me permitirem o acesso as suas vivências através das entrevistas, possibilitando a concretização deste estudo.

Aos membros do grupo de pesquisa sexualidade e vida, pela troca de conhecimento e afeto.

À Rosita Barral, pela ajuda essencial desde que iniciei o mestrado até a sua conclusão. Sou muito grato de ter conhecido uma profissional tão competente e uma amiga verdadeira.

À Dona Cida, pelo zelo e carinho que nunca dispensou ao cuidar de mim como um neto.

Aos funcionários do programa de pós-graduação da Psicologia da FFCLRP/USP, em especial ao Robson, por sua dedicação, disponibilidade e seriedade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo incentivo financeiro, e o exemplo de seriedade dos pareceristas.

Ao Juliano da FAPESP, um profissional competente e sempre disponível para auxiliar os bolsistas desta fundação.

A todos os meus grandes amigos, em Ribeirão Preto-SP, Curitiba-PR, Rio de Janeiro-RJ, vitoriais e São Luís-MA.

Escolha vida.
Escolha um emprego.
Escolha uma carreira.
Escolha uma família.
Escolha uma televisão enorme.
Escolha máquinas de lavar, carros,
CD players, e abridores de lata elétricos.
Escolha boa saúde, baixo colesterol e seguro dentário.
Escolha prestações fixas para pagar.
Escolha uma casa.
Escolha seus amigos.
Escolha ter roupas e acessórios.
Escolha ter um terno feito do melhor tecido.
Se masturbar domingo de manhã pensando na vida.
Escolha sentar no sofá e
ficar vendo jogos de adivinhação na televisão
enchendo a boca de junk food.
Escolha acabar apodrecendo.
Ter uma família e se envergonhar dos filhos egoístas
que pôs no mundo para substituí-lo.
Escolha seu futuro.
Escolha vida.

Transporting

GUIMARÃES, R.M. Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas. 2007. 287p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Resumo

Focamos nossa atenção no fenômeno da prostituição que, no decorrer dos séculos, sempre teve várias explicações sobre as razões que mobilizam uma mulher a tal prática: meio de sobrevivência econômica, insatisfação com a família, busca de *status* social, entre outras. No contexto da atualidade, apesar de todas as mudanças com relação à sexualidade, e uma maior liberação sexual, verifica-se ainda a presença marcante dessa prática sexual. Vale considerar também que a mulher passou a ocupar um espaço de maior destaque no cenário econômico mundial, como consequência disto, e tem mais oportunidades de emprego que em outros períodos. A partir dessa constatação, nos propomos a pesquisar quais os motivos que levam tais garotas a se prostituírem. Para tanto, primeiramente, elaboramos a trajetória histórica da prostituição feminina até chegarmos à atualidade. Num segundo momento, analisamos esse fenômeno a partir de três eixos distintos: a prostituição enquanto um trabalho; uma patologia; e uma busca de prazer sexual. Nossa finalidade é compreender as razões psíquicas envolvidas, para que essa prática se efetive, e abranger seu significado para as profissionais do sexo. Optamos pelo método da redução fenomenológica, constituinte da modalidade da pesquisa qualitativa fenomenológica, o qual nos permite retornar ao mundo da experiência vivida por essas mulheres pertencentes às classes sociais A e B, com idades entre 18 e 30 anos, com 2º grau completo. O acesso às dez colaboradoras ocorreu em casas de prostituição, em anúncios da internet, e através de contatos mediados por sujeitos conhecidos do pesquisador. O instrumento utilizado para termos acesso ao relato dessas colaboradoras da pesquisa foi a história oral de vida. A análise ocorre em dois momentos: leitura e releitura de todos os relatos com vista à compreensão do todo e apreensão das unidades de significados e identificação das categorias divergentes e convergentes. Seguindo com a submissão das categorias com suas respectivas unidades de significados ao *corpus* elaborado, a partir dos eixos que alicerçam a pesquisa. Destacaram-se algumas categorias construídas a partir das unidades de significado: 1) Infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual; 2) Vida adulta: as relações afetivo-sexuais; 3) Horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição; 4) Vivência como profissional do sexo; 5) Projeto de vida. A análise interpretativa desvelou que as histórias familiares dessas mulheres são marcadas por abandono e ausência. Esta falta inaugural reflete-se na constituição da personalidade psíquica dessas profissionais do sexo, no sentido de que passam a procurar na prostituição uma maneira de preencher um vazio simbólico. Essas mulheres justificam sua entrada na prostituição por questões financeiras ou por doença familiar, porém, não passa de uma racionalização ou até mesmo um agente purificador, dando certa legitimidade para o fato de vender o corpo, além de dissolver o peso do estigma. E ainda, alguns pontos demonstram que outros fatores também estão envolvidos, tais como prazer das relações afetivas com os clientes e de fazer parte mesmo que ilusoriamente da sociedade do consumo. Esta pesquisa nos permite concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores associados, tais quais: consumo, prazer, independência, o papel masculino na manutenção da prostituição, e o contato com a vivência das profissionais do sexo abre novas perspectivas de compreensão, de reconstrução e de ressignificação, ao desvelar o significado que as mesmas atribuem à prostituição, auxiliando, com isso, a desmitificar, quebrar preconceitos e estigmas tão marcantes nesta prática.

Palavras-Chave: Prostituição, Sexualidade, Redução Fenomenológica, Estigma

GUIMARÃES, R. M. Prostitution: disease, job, pleasure? The discourse of female prostitutes. 2007. 287p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

Abstract

We focused our attention on the phenomenon of prostitution, which over the centuries has always been approached with various explanations about the reasons that lead a woman to such practice: a means of economic survival, dissatisfaction with the family, a search for social status, among others. Within the context of today's reality, despite all the changes regarding sexuality and a greater sexual liberation, the presence of this sexual practice continues to be conspicuous. It should also be considered that women started to occupy a more outstanding space on the world economic scene, consequently having more possibilities of employment than at any other time. On this basis, our proposal was to investigate the reasons that lead these girls to prostitute themselves. To this end, we first elaborated the historical trajectory of female prostitution up to the present day. In a second stage, we analyzed this phenomenon starting from three different focal points: prostitution as a job, as a disease, and as the search for sexual pleasure. Our objective was to understand the psychic reasons involved in the occurrence of this practice and to comprehend its meaning for sex workers. We opted for the method of phenomenologic reduction as part of the modality of qualitative phenomenologic research, which permits us to return to the world of the experience lived by these women belonging to social classes A and B, aged 18 to 30 years, and with complete high school education. Access to the ten collaborators occurred in a house of prostitution, in announcements on the internet, and by means of contacts mediated by persons known to the researcher. The instrument used to obtain access to the report of these collaborators was the oral life history. Analysis was carried out at two different times: reading and rereading of all the reports in order to understand the whole, the acquisition of the units of meaning, and the identification of divergent and convergent categories. Next, the categories with their respective units of meaning were submitted to the corpus elaborated from the focal points at the base of the investigation. Some categories constructed from the units of meaning were particularly outstanding: 1) Childhood and adolescence: childhood conflicts, family life and sexual initiation; 2) Adult life: affective-sexual relations; 3) Horizon of the trajectory from the initial steps towards prostitution; 4) Experience as a sex worker; 5) Life project. Interpretative analysis revealed that the family histories of these women are marked by abandonment and absence. This inaugural fault is reflected on the constitution of the psychic personality of these sex workers in such a way that they will start to look at prostitution as a way of filling a symbolic vacuum. These women justify their entry into prostitution as something motivated by financial questions or by family disease; however, this is simply a rationalization or even a purifying agent which gives some legitimacy to the fact of selling one's body, in addition to dissolving the weight of the stigma. Also, some points demonstrate that other factors are also involved, such as the pleasure of affective relations with the clients and of belonging, even in an illusory way, to the consumer society. The present investigation permits us to conclude that the phenomenon under study involves multiple associated factors, such as consumerism, pleasure, independence, and the male role in the maintenance of prostitution. The contact with the sex workers opened new perspectives of understanding, of reconstruction and of re-significance by revealing the meaning these women attribute to prostitution, thus helping demystification and the break of the prejudice and stigmas so strongly attached to this practice.

Key-Words: **Prostitution, Sexuality, Phenomenologic Reduction, Stigma**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO 1. O HOMEM NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE	7
CAPÍTULO 2. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE E AS PROFISSIONAIS DO SEXO AO LONGO DA HISTÓRIA	21
CAPÍTULO 3. A PROSTITUIÇÃO SERIA UM TRABALHO?	51
CAPÍTULO 4. PROSTITUIÇÃO: UMA BUSCA DE PRAZER?	65
4.1 Consumo: A busca ilimitada do “ter	68
4.2 Prostituição: Realização de desejos e fantasias sexuais	70
4.3. Prostituição: Sentimento de liberdade e autonomia	72
CAPÍTULO 5. PROSTITUIÇÃO: UMA FORMA DE PATOLOGIA?	77
CAPÍTULO 6. PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO	97
CAPÍTULO 7. TRAJETÓRIA DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO	103
7.1 Investigação Qualitativa e o Método Fenomenológico	105
7.2 O diálogo entre a Fenomenologia e a Psicanálise	114
7.3 Opção pelo método de pesquisa: Procedimento de acesso ao colaborador	119
7.4 Acesso às colaboradoras: Caminho percorrido e dificuldades Encontradas	123
7.5 Perfil das colaboradoras	126
CAPÍTULO 8. NO HORIZONTE DA COMPREENSÃO DA PROSTITUIÇÃO: TRABALHO, PRAZER, PATOLOGIA	129
– Categorias e subcategorias que emergiram dos relatos	131

– Análise individual das colaboradoras	
– Colaboradora 1	133
– Colaboradora 2	144
– Colaboradora 3	152
– Colaboradora 4	160
– Colaboradora 5	170
– Colaboradora 6	178
– Colaboradora 7	187
– Colaboradora 8	196
– Colaboradora 9	203
– Colaboradora 10	210
 CAPÍTULO 9. O DESVELAR DA SEXUALIDADE DAS PROFISSIONAIS DO SEXO	 221
 HORIZONTES	 239
 REFERÊNCIAS	 245
 ANEXOS	 257
Anexo A – Ofício de aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo	259
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	260
Anexo C - Roteiro para obtenção de informações para caracterizar o perfil das colaboradoras	262
Anexo D - Questionário de classificação econômica	263
Anexo E - Entrevistas transcritas	264

APRESENTAÇÃO

A pesquisa apresentada a seguir resulta de uma trajetória iniciada no curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal do Paraná, no qual me formei em 2004.

O interesse em estudar a temática surgiu no ano de 2003, após uma reflexão sobre caso clínico atendido no Centro de Estudos das Toxicomanias Dr. Claude Olievenstein (CET-UFPR). A partir de atendimentos clínicos nesse Centro, foi construído um Estudo de Caso, monografia de conclusão de curso, com orientação da Profa. Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi e co-orientação do Prof. Dr. Victor Eduardo Silva Bento, que tinha como título: *Quando o Sexo é uma Droga: O Excesso Sexual na Clínica da Mulher*.

A paciente, que chamamos de Sílvia, de 32 anos de idade, estava em tratamento com o psicólogo de uma instituição de apoio a usuários de drogas e foi-nos encaminhada. Sílvia buscava manter-se em abstinência da cocaína. Porém, no decorrer de seus atendimentos, percebemos que sua questão parecia ser outra, a de uma adicção ao sexo.

Sendo assim, o objetivo da monografia foi elucidar, sob o ponto de vista psicanalítico, os comportamentos adictivos de Sílvia, buscando conhecer que função os comportamentos sexuais ocupavam na vida dessa paciente, o que, em parte, foi feito.

Ao concluir a graduação, tornando-me psicólogo, desejando continuar os estudos na temática da sexualidade e da psicanálise, busquei aperfeiçoamento através de dois cursos de pós-graduação *Lato sensu*.

O primeiro deles, *Especialização em Psicanálise das Toxicomanias*, realizado na Universidade Federal do Paraná, no Centro de Estudos das Toxicomanias Dr. Claude Olievenstein (CET-UFPR), sob orientação do Prof. Dr. Victor Eduardo Silva Bento, intitulou-se: *O método do “Estudo de Caso” em Psicanálise*, sendo concluído em 2005. Vale ressaltar que nesse centro se realizavam ensino, pesquisa, tratamento e extensão. Durante os três anos em que frequentei o CET-UFPR, tanto na graduação quanto na pós-graduação, realizei atendimentos

clínicos (supervisionado pelo Prof. Dr. Victor Eduardo Silva Bento e pela Profa. Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi) com mulheres que apresentavam queixa de compulsão sexual; algumas delas atuaram como profissionais do sexo.

Minha segunda pós-graduação *Lato sensu*, feita na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), no curso de *Especialização em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise*, sob orientação da Profa. Ms. Shirley Valera Rialto Sesarino, intitulada *Adicção Sexual Na Pós-Modernidade*, finalizou-se em 2005. Nesse meio tempo, entrei em contato com a fenomenologia, em uma das disciplinas ministrada neste curso.

A partir dessas duas especializações, o interesse pela vida acadêmica e pelas temáticas da sexualidade, da psicanálise, da fenomenologia e da pós-modernidade levou-me a buscar uma pós-graduação *Stricto sensu*.

Sendo minha área de interesse e conhecimento a sexualidade feminina, busquei acadêmicos em todo o Brasil que trabalhassem com essa temática. Minha orientadora de monografia de conclusão de curso de graduação, Profa. Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi, indicou-me a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns que trabalha com fenomenologia e psicanálise e orienta projetos na área de pesquisa intitulada: *Sexualidade e a Reflexividade da Moral Sexual na Constituição Histórico-Cultural do sujeito na Pós-Modernidade*.

Em contato com essa professora, declarada a intenção de realizar pesquisa sob sua orientação, comuniquei os temas que interrogava desde a graduação e que tinha interesse em estudar; entre eles, a prostituição. Através de conversas com a Profa. Dra. Maria A. T. Bruns, percebi que a sexualidade das profissionais do sexo em muito me intrigava, especificamente as mulheres com condições econômicas suficientes que lhes permitiriam fazer outras escolhas, que não a de ser “garota de programa”. Diante de sua receptividade, foi iniciado um

trabalho de elaboração do projeto de pesquisa, para submissão à seleção do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP de Ribeirão Preto.

Este projeto se iniciou a partir das seguintes questões: O que mobiliza mulheres de classe média alta à prática da prostituição? Que motivações inconscientes as levam a tal prática? Seriam essas práticas perversas e/ou fetichistas? Ou apenas uma relação de troca comercial?

Diante desses questionamentos, elaboramos o projeto de pesquisa com os objetivos de: compreender a prostituição de mulheres pertencentes às classes sociais A e B, a partir de três eixos: o primeiro enquanto uma forma de trabalho, o segundo enquanto uma patologia, e o terceiro enfatizando o papel do prazer sexual na efetivação dessa prática. Dessa forma, conhecer a história de vida de mulheres prostitutas, a partir dos relatos das vivências de sua sexualidade, com a finalidade de compreender as razões psíquicas envolvidas para que essa prática se efetive e, além disso, abranger o significado da prostituição para essas profissionais do sexo.

Após aprovação na seleção no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLPR) em Psicologia da Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto (USP-RP), iniciei o curso de mestrado em agosto de 2005. Em abril de 2006, meu projeto de pesquisa foi aprovado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a qual me concede bolsa até o presente momento.

Com o intuito de cumprirmos esses objetivos, realizamos uma revisão da literatura que fundamenta nosso estudo. No primeiro capítulo, intitulado: “O homem no contexto da pós-modernidade”, discorremos sobre o contexto pós-moderno e suas implicações nas mudanças sociais ocorridas na atualidade e suas consequências para os sujeitos.

No capítulo 2, denominado: “História da sexualidade e as profissionais do sexo ao longo da história”, traçamos a trajetória da sexualidade feminina, percorrendo um caminho

que vai desde a Antigüidade Grega até os dias atuais, e apresentamos um panorama das tendências históricas da prostituição feminina, resgatando, desde sua origem, como se estruturou, até chegarmos aos dias de hoje.

No capítulo 3, “A prostituição seria um trabalho?”, contextualizamos a prostituição a partir de autores que a consideram como uma forma de trabalho, utilizada como meio de sobreviver na sociedade atual.

O capítulo 4, “Prostituição: uma busca de prazer?”, analisou esta prática a partir de três vertentes. A primeira, “Consumo: a busca ilimitada do ‘ter’”, relaciona a prostituição como uma forma de prazer ao ascender à sociedade do consumo; a segunda, “Prostituição: realização de desejos e fantasias sexuais”, associa essa prática a um modo de realização de fantasias e desejos sexuais, assim como de envolvimento afetivo com os clientes; a última: “Prostituição: sentimento de liberdade e autonomia”, aborda a possibilidade de que seja prazeroso ser uma profissional do sexo, por permitir a essas mulheres sentirem-se livres e autônomas.

No capítulo 5, intitulado: “Prostituição: uma forma de patologia?”, abordamos essa prática a partir de um viés subjetivo, tendo como referencial teórico a psicanálise, e consideramos a hipótese de que a prostituição poderia ser entendida como uma saída para conflitos psíquicos.

No capítulo 6, denominado: “Prostituição: uma análise a partir das relações de gênero”, explicitamos a prostituição inserida em um contexto sociocultural, regida pelas relações entre homens e mulheres, a partir das noções de gênero.

No capítulo 7, “Trajetória do método fenomenológico”, discorremos sobre o método da redução fenomenológica, constituinte da modalidade da pesquisa qualitativa fenomenológica, o qual nos permite retornar ao mundo da experiência vivida por essas mulheres. Além disso, promovemos um diálogo conceitual entre as teorias da fenomenologia

e da psicanálise. Esclarecemos a trajetória de acesso às colaboradoras, com suas respectivas dificuldades; as premissas da história oral de vida, opção de caminho adotada para acesso aos relatos das colaboradoras; os passos da análise dos relatos e o perfil das colaboradoras.

O capítulo 8, intitulado: “No horizonte da compreensão da prostituição: trabalho, prazer, patologia”, apresenta a análise interpretativa dos relatos das colaboradoras, a partir dos três eixos que alicerçam a pesquisa, contextualizadas na pós-modernidade. Partindo da análise individual dos relatos, desvelamos os significados e sentidos que essas mulheres atribuem à sua sexualidade.

No capítulo 9, intitulado: “O deslevar da sexualidade das profissionais do sexo”, realizamos uma síntese compreensiva dos relatos das colaboradoras, consistindo em esclarecer os sentidos convergentes e divergentes, buscando acessar a estrutura do fenômeno que indagamos: a vivência sexual das profissionais do sexo, pertencentes às classes A e B.

O capítulo 10, denominado: Horizontes, finalizamos a pesquisa, esclarecendo e discutindo os possíveis caminhos deste estudo, apontando trajetórias futuras visando à ampliação do conhecimento sobre a temática da prostituição no contexto atual.

CAPÍTULO 1.

O HOMEM NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

O contexto contemporâneo é marcado por mudanças ocorridas nas instituições sociais, nas relações entre os indivíduos, nas relações de gênero, entre outras. Dentro deste cenário, como pensar a prostituição?

Para almejarmos uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno que indagamos, se faz necessário buscarmos os significados vigentes, suas contradições, suas desconexões com antigas significações, descrevendo e compreendendo o contexto da contemporaneidade e, através disso, situando-se a prostituição.

O termo “pós-moderno” ou suas variações, como “pós-modernidade” “pós-modernismo” e “pós-modernização”, segundo Featherstone (1995), comportam várias significações e muitas vezes são utilizados por alguns autores como sinônimos. De maneira geral, todos referem-se a uma ruptura com o que é concebido como moderno:

Se “moderno” e “pós-moderno” são termos genéricos, é imediatamente visível que o prefixo “pós” (post) significa algo que vem depois, uma quebra ou ruptura com o moderno, definida em contraposição a ele. Ora, o termo “pós-modernismo” apóia-se mais vigorosamente numa negação do moderno, num abandono, rompimento ou afastamento percebido das características decisivas do moderno, com ênfase marcante no sentido de deslocamento relacional (FEATHERSTONE, 1995, p. 19).

Segundo o autor, o termo “pós-moderno” refere-se a uma negação do moderno, a partir da valorização de uma nova realidade que se apresenta contrariando as concepções anteriores.

Preferiu-se utilizar nesta pesquisa “pós-modernidade” por indicar não o sentido de movimento cultural ou evolução, mas sim da passagem de uma época para outra, como Featherstone (1995, p.20) ressalta: “Em decorrência, falar em pós-modernidade é sugerir a mudança de uma época para outra ou a interrupção da modernidade, envolvendo a emergência de uma nova totalidade social, com seus princípios organizadores próprios e distintos”.

Com “pós-modernidade”, em síntese, queremos destacar a passagem de uma época a outra, apresentando esta às características que possibilitariam uma ruptura com a época anterior.

Lipovetsky (2004) conceitua o tempo em três momentos distintos: a modernidade, a pós-modernidade e a hipermodernidade. Charles (2004), na mesma obra, enfatiza, na passagem da modernidade à pós-modernidade (que o autor situa na segunda metade do século XX), o surgimento dos primeiros traços que irão compor essa época: o consumo de massa e os valores que se passam a veicular.

Porém, considera Charles (2004) que em tal momento, conforme a fase do capitalismo de então, a questão do consumo estaria ainda restrita à classe dos burgueses. A partir de 1950, contudo, advém o período no qual toda a população começa a participar desse momento capitalista da produção e do consumo: com força grandiosa, emerge uma valorização das novidades e da vida no aqui e no agora.

Corroborando Charles (2004), Lipovetsky (2004) vê a modernidade marcada por um novo arranjo do tempo social, em que identifica:

1) a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa; 2) a substituição de uma sociedade rigorística-disciplinar por uma sociedade moda completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes (p.60).

O ambiente de consumo e da comunicação em massa aparece como um sonho em que os sujeitos buscam a satisfação imediata, estimulados a consumir sem fronteiras, ou seja: o gozar é colocado acima de qualquer coisa, sem preocupação ou receio com o amanhã. De acordo com o autor, tal período – a denominada “pós-modernidade” –, ainda não assistia às grandes ondas de desemprego e ansiedades, em relação ao futuro, que mais tarde surgiriam. Desse modo, o prazer de usufruir os desejos do presente estava no seu ápice. Acresce o autor:

O estado do bem-estar social, a mitologia do consumo, a contra-cultura, a emancipação dos costumes, a revolução sexual, todos esses fenômenos, conseguiram remover o sentido do trágico histórico ao instaurarem uma consciência mais otimista que pessimista, um *Zeitgeist* denominado pela despreocupação com o futuro, compondo um *Carpe Diem* simultaneamente contestador e consumista (LIPOVESTSKY, 2004, p.62).

Lipovetsky (2004), caracterizando a sociedade pós-moderna, destaca a expansão do consumo, a comunicação de massa, o afrouxamento das normas autoritárias e disciplinares, a individualização ao extremo, como aspectos emergentes dessa cultura.

Por outro lado, a perda na fé de um futuro melhor e a descrença na política, nas militâncias o fazem questionar se essa terminologia seria realmente condizente com nosso estado atual; em outras palavras, será que o termo pós-modernidade, diante do que foi exposto, não estaria caindo em desuso?

Além disso, o autor destaca que, a partir dos anos de 1980, surgem, subjacentes ao consumo, a globalização neoliberal e a revolução informática. Tais fatores possibilitaram que as informações chegassem na velocidade de um piscar de olhos, criando, em nós, uma sensação de imediatez, de urgência. Essa nova organização da vida teve consequência para toda a população e, com esse turbocapitalismo dando prioridade à imediatez, levou a um ambiente constante de ameaça em relação não apenas aos empregos, como também à vida como um todo.

O ambiente passou a ser dominado pelo tempo do risco, pela incerteza e insegurança. Sobre essa questão, diz o autor: “De um lado, a sociedade não pára de instigar os gozos já reduzidos do consumo, do lazer e do bem-estar. Do outro, a vida menos frívola, mais eestresseante, mais apreensiva” (LIPOVESTSKY, 2004, p.64-65). A essa época, o autor chamou de hipermodernidade, sendo esse termo mais adequado em virtude do novo momento que se anunciara. Momento este em que os valores morais, religiosos e políticos caíram em desuso, segundo o autor, dando lugar a uma sociedade marcada pelo excesso e pela velocidade, a qual o termo pós-moderno já não estaria dando conta de abarcar.

Sobre a sociedade hipermoderna, Charles (2004, p.26) afirma: “Uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer”. Nesse período marcado pelo hiperconsumo, constata-se o declínio das estruturas tradicionais e ideológicas; em contrapartida, as esferas sociais e individuais se reorganizam em função da lógica do consumo exarcebado.

Segundo os autores, estamos diante de uma escalada de extremos: hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hipermercado, hipertudo, fazendo a passagem de um pós para um hiper, na qual, se o sujeito não caminhar depressa, será rapidamente ultrapassado. Além disso, como se desestruturaram algumas formas que regulavam os comportamentos sociais, podemos perceber também uma hiperpatologia, um hiperdistúrbio e hiperexcessos-comportamentais.

Como já colocamos, na hipermodernidade acontece uma diminuição do presente para se preocupar com o futuro, cada vez mais incerto e angustiante. Sob essa questão, Lipovetsky (2004, p.73) coloca: “O hiperindividualismo é menos instantaneísta que projetivo, menos festivo que higienista, menos desfrutador que preventivo, pois a relação com o presente integra cada vez mais a dimensão do porvir”. Assim, a questão do tempo é vivenciada enquanto uma preocupação acompanhada de constante pressão, estresse e por distúrbios psicossomáticos. Segundo o autor, parece que o nosso tempo está diminuindo e nós desesperados para conseguirmos dar conta das milhares de informações que nos chegam no dia-a-dia.

Diante desse contexto, nos perguntamos: Será que os relacionamentos amorosos seguem essa mesma dinâmica?

Parece que sim, conforme nos esclarece Lipovetsky (2004, p.80-81): “Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura

de hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sensorialidade, pouco a pouco dando cabo dos fins hedonistas”.

Corroborando essa noção da rapidez dos relacionamentos na hipermodernidade, Bauman (2004), um sociólogo dedicado ao estudo de questões atuais, aborda a questão da flexibilidade das relações amorosas no momento em que vivemos. O autor levanta um ponto importante ao constatar que a frase “até que a morte nos separe” parece estar um pouco fora de moda, visto que temos a impressão de que nossos próximos amores serão ainda mais fortes que o do presente e que nem chegarão aos pés dos relacionamentos que ainda estariam por vir num futuro não muito distante.

O autor destaca que na liquidez do mundo moderno consumista, no qual tudo é rápido, o produto já deve vir pronto ao consumo, pois tudo é instantâneo. E ainda, “a promessa de aprender a arte de amar é a oferta de construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascina e seduzem exibindo todas as características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforços” (BAUMAN, 2004, p.22).

Conforme nos coloca o autor, a arte de amar nos é apresentada pela modernidade como uma pechincha que promete infinitudes impossíveis de serem cumpridas. Essa noção nos faz lembrar aqueles aparelhos oferecidos na TV que garantem uma “barriguinha sarada” sem o mínimo de esforço, bastando apenas colocar a cinta.

Dessa forma, segundo o autor, o importante na modernidade é seguir os impulsos, já que o desejo leva tempo para se instaurar; o importante é deixar o coração aberto para os pretendentes que surgirem. Sobre essa questão Bauman (2004, p.27) complementa: “Mas pior que tudo, impõe que se retarde a satisfação, sem dúvida o sacrifício mais detestado em nosso mundo de velocidade e aceleração”.

Também menciona quão descartáveis são os relacionamentos atuais, já que:

Guiada pelo impulso a parceria segue o padrão do shopping e não exige mais que as habilidades de um consumidor médio, moderadamente experiente. Tal como outros bens de consumo, ela deve ser consumida instantaneamente e usada uma só vez, sem preconceito. É, antes de mais nada, eminentemente descartável (BAUMAN, 2004, p.27).

Sendo assim, caso a mercadoria não agrade ao consumidor, deve-se buscar outra, outra e outra que agrade cada vez mais, tal qual um produto que tem sua data de validade. O importante é estar sempre usando e descartando os produtos, abrindo espaço para outros bens.

Acreditamos que a noção de que o ser humano é descartável fica bem clara nos *reality shows*, expondo-nos que ninguém é indispensável e o menos apto é expulso, conforme as idéias de Darwin sobre a seleção natural.

Segundo o autor, a liquidez moderna nos conduz à velocidade, à novidade; em outras palavras, a rotatividade de bens é a meta do consumidor, tornando-se uma medida para o sucesso. O mesmo pode ser dito sobre a questão amorosa e sexual onde o “sexo puro é construído tendo-se em vista uma espécie de garantia de reembolso – e os parceiros de encontro puramente sexual podem se sentir seguros conscientes de que a inexistência de restrições compensa a perturbadora fragilidade de seu engajamento” (BAUMAN, 2004, p.68). O autor nos deixa claro que a fluidez, a fragilidade e a flexibilidade que marcam as parcerias fracas colocam por terra a noção de “até que a morte nos separe”.

Bauman (1998) também afirma que na relação homem/mulher na contemporaneidade, o importante é manter curto cada jogo, isso significa se precaver com os compromissos de longa duração. O importante é não jurar lealdade a nada e a ninguém para deixar livre o caminho.

Como resultado de tudo isso, o autor conclui que acontece um encolhimento das relações humanas, da intimidade, da emotividade e a falta de desejo de manter um relacionamento de longo prazo.

Expondo a questão do consumo, Bauman (1998) afirma que estamos diante de um mercado voltado para o consumidor, vigorosamente com o intuito de manter essa procura infinitamente insatisfeita, ou seja, há sempre instigação para novas sensações e novas experiências que hão de vir. Assim, com a enorme sedução desse mercado, acontece nesse momento uma grande divisão de águas, de um lado os que podem arcar com esses desejos, e de outro os que não podem, caracterizando, com isso, uma marca de fracasso e sucesso, ou de felicidade e não felicidade.

Estamos diante dos consumidores competentes e dos falhos; estes, incapazes de dar vazão aos produtos atrativos do mercado, ficam marginalizados pela sociedade. O autor utiliza o exemplo de um turista que caracteriza basicamente o sujeito pós-moderno, já que os turistas não se prendem ao lugar que estão conhecendo, podendo mudar de rota na hora em que desejarem, possuem liberdade, autonomia e independência, o que dá a eles a sensação de controle.

Em contrapartida, existem os vagabundos que não são bem-vindos, se movem porque acham o mundo inóspito, não têm escolha; em outras palavras, o vagabundo é o negativo do turista, o vagabundo é um sujeito falho na sociedade atual.

Diante do exposto, é possível perceber a emergência de uma nova totalidade social, trazendo novas formas de subjetivação do homem atual e, por conseqüência, novas formas de patologia. Quais seriam então essas novas formas de patologia da atualidade que se enquadram nesta nova totalidade social?

Birman (1999) aponta, a partir das idéias de Lasch sobre “a cultura do narcisismo” e de Debord sobre “a sociedade do espetáculo”, para a questão da psicopatologia da atualidade:

Isso nos remete à psicopatologia da pós-modernidade. Esta se caracteriza por certas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais é sempre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência que está em pauta. Esta é justamente a questão da atualidade (p. 168).

Ainda na visão de Birman (1999), o que caracteriza fundamentalmente a pós-modernidade é uma cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual o individualismo e o autocentramento do sujeito adquirem proporções enormes.

O indivíduo da atualidade procura apenas a exaltação do eu, e para isso utiliza-se de todo e qualquer modo de aparecer no cenário social, seja através da estetização de sua aparência, seja do uso do outro como fonte do próprio prazer. O autor destaca então: “Com isso as noções éticas de alteridade e reconhecimento da diferença tendem ao desaparecimento no universo social voltado para a estetização da existência” (BIRMAN, 1999, p. 246).

O sujeito da atualidade projeta uma imagem, através dos papéis que ele interpreta na cena social, cujo objetivo é apenas a “inflação” do eu. Assim, esses papéis assumidos pelos indivíduos nos meios sociais adquiriram o aspecto de “máscaras a serem vestidas”, de uma forma que é a admiração do outro o objetivo a ser atingido. Sendo assim, a imagem do sujeito é o que se sobrepõe no contexto da atualidade, conforme exposto por Kehl (2004, p.67) ao afirmar que:

A exaltação do indivíduo como representante dos mais elevados valores humanos que esta sociedade produziu, combinada ao achatamento subjetivo sofrido pelos sujeitos sobre os apelos monolíticos da sociedade de consumo, produz este estranho fenômeno em que as pessoas, despojadas ou empobrecidas em sua subjetividade, dedicam-se a cultivar a imagem de outras destacadas pelos meios de comunicação como representantes de dimensões de humanidade que o homem comum já não reconhece em si mesmo.

Dessa forma, o que está em jogo na vida do sujeito da atualidade é a sua exterioridade, sua imagem. Ao buscar a admiração, o indivíduo goza com o olhar do outro e não com o outro. Assim, a satisfação aqui é totalmente narcísica, sendo que aquele que não se enquadra neste novo meio de sociabilidade sofreria por não alcançar esta exaltação da imagem de si, ou seja, “na sociedade do espetáculo que, como o leitor já percebeu, é a própria sociedade de

consumo, o mecanismo que garante ao sujeito a visibilidade necessária para que ele exista socialmente” (KEHL, 2004, p.158).

Constitui-se, então, um novo modelo do que deva ser o sujeito, uma norma de sanidade em que ele tem de se adequar. Ao observarmos o discurso da autora, percebemos que esta “norma de sanidade” promove uma alienação do sujeito em relação a sua própria subjetividade, já que este permanece fixado na glorificação de sua imagem.

Para ilustrar esta caracterização da cultura do narcisismo e do espetáculo, basta apontar a explosão de programas de televisão como “Big Brother”, “Survivor”, entre outros *reality shows* que exploram a exteriorização da imagem de pessoas normais, sendo expostas às câmeras de televisão, sendo assistidas por milhões de pessoas. Todos estes que participam de programas que procuram exibir a “realidade” de pessoas comuns não fazem nada mais senão confirmar a profecia de Andy Warhol, artista plástico da década de 1960 e expoente do movimento *pop art*, de que num futuro próximo todos terão seus quinze minutos de fama.

Dito isso, levantamos a questão: Mas o que caracterizaria basicamente esta cultura do narcisismo explorada por uma dramatização da vida cotidiana (sociedade do espetáculo)? Birman (1999, p.170) esclarece:

Com efeito, o que caracteriza o autocentramento da subjetividade na cultura do narcisismo é justamente o excesso de exterioridade. O que é a demanda de espetáculo e de performance, que regulam a estetização da existência, senão modalidades do indivíduo existir na exterioridade, para que possa gozar com a admiração que provoca no olhar do outro?

Constitui-se, então, um novo modelo do que deva ser o sujeito, uma norma de sanidade em que ele tem de se adequar.

Como exemplo de psicopatologias que compõem a pós-modernidade de acordo com este contexto, Birman (1999, p.169) cita a depressão e a síndrome do pânico:

O que define a psicopatologia é o destaque conferido a quadros clínicos fundados sempre no fracasso da participação do sujeito na cultura do narcisismo. Quando se encontra deprimido e panicado, o sujeito não consegue exercer o fascínio de estetização de sua existência, sendo considerado, pois, um fracassado segundo os valores axiais dessa visão de mundo.

Se a “estetização da existência”, calcada na cultura do espetáculo e na satisfação narcísica provinda da cena social, define quadros psicopatológicos como a depressão, estresse, síndrome do pânico e as toxicomanias, e também apresenta como característica nesse contexto a alteridade e a intersubjetividade que se esvaziam e tendem ao silêncio, como pensar a mulher nesse contexto pós-moderno?

Segundo Vaitsman (1994), os padrões familiares, a partir da década de 1960, mudaram, a mulher passa a freqüentar e a fazer parte do cenário público, alterando a constituição dos modelos de identidade tanto masculinos quanto femininos, assim como os casamentos e a própria família. Ganha *status* de sujeito social, fazendo com que os valores e práticas patriarcais sejam questionados e alterados. Essas tendências consideradas pós-modernas dão destaque ao chamado “sexo frágil”, permitindo o surgimento de diversidades, de heterogeneidades e de diferenças, resultando em discussões sobre os direitos e deveres dos atores sociais, culminando no aparecimento das desigualdades. Além disso, essas mudanças trouxeram uma maior flexibilidade das relações afetivo-sexuais, não sendo mais necessário obedecer a regras e padrões antes vigentes.

Corroborando essa questão, Bruns (2004) aborda o surgimento dessa “nova mulher” que abandonou seu restrito domínio doméstico, destinado exclusivamente aos cuidados do marido e dos filhos, e passou à inserção no mercado de trabalho, atingindo uma independência econômica e política, tendo direito a uma independência e a um prazer sexual. Porém, essa nova mulher é marcada por um conflito entre os novos e os velhos valores e papéis que lhe eram destinados.

Com relação a essa nova mulher, a autora continua sua exposição afirmando:

Afinal, essa mulher competitiva, participante ativa do *logos* masculino de nossa sociedade, pode ser percebida almejando um relacionamento amoroso cujo processo de construção descarta a descontinuidade, a impessoalidade e a coisificação das relações. Essa atitude de buscar a continuidade no relacionamento amoroso pode parecer aos olhos daqueles menos atentos uma postura não condizente ao lugar que alguns setores da sociedade vem atribuindo, atualmente, a essa moderna mulher, ou seja, o de estar sempre disponível sexualmente (BRUNS, 2004, p.16).

Segundo a autora, a mulher, participando mais ativamente do *logos* masculino, pode ser socialmente confundida como estando “sempre disponível sexualmente”. Na realidade, trata-se de um direito à escolha que antes não lhe era permitido.

Sendo assim, essa liberdade atingida pela mulher em sua nova perspectiva pode ser traduzida como “ilusória”, considerando a dinâmica social atual que escraviza através da “estetização da existência”, ou seja, mesmo ela estando independente econômica e sexualmente, ela passou a ser dependente da ordem social, tendo a “obrigação” de ser uma supermulher. A autora observa que essa liberdade de escolha é paradoxal: a mulher deixa de ser “escrava” do casamento e passa a ser escrava de uma sociedade de consumo, que dita regras e receitas de felicidade. Assim, o que marca os contatos amorosos no contexto da atualidade, tal como ela própria se caracteriza, é a velocidade, ou seja, relacionamentos-relâmpago, que não demandam continuidade, que trazem a ilusão de que desta forma alcança-se a felicidade. Aí se apresenta o conflito dessa “nova mulher”, como exposto por Bruns (2004, p.21), ao relatar:

Uma análise menos cuidadosa da adaptação das relações afetivas à essa realidade pode indicar que os seguidores desse modelo estão felizes, uma vez que as trocas de parceiros(as), caracterizadas pelos contatos leves, rápidos e superficiais, protegeriam esses indivíduos de vivenciar sentimentos de inferioridade e impotência – hoje tão comum entre nós. Nesse contexto, as frequências das relações sexuais são indicadoras de poder e potência.

Essa perspectiva de relacionamentos-relâmpago parece ser menos custosa psiquicamente para quem delas se utiliza, como se fosse uma forma de proteção contra “verdadeiros amores”. Freud (1929) nos confirma essa idéia ao destacar que nos sentimos desprotegidos no momento em que nos apaixonamos, pois investimos nosso desejo no outro e ficamos “sem chão” quando perdemos este objeto, conforme esclarece: “nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desesperadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou seu amor” (p.31).

O que podemos concluir, a partir daí, é que os relacionamentos-relâmpago seriam uma forma de não se envolver emocionalmente, buscando o não-comprometimento com o outro no contexto da atualidade. Conforme a música: *eu sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo me quer bem, eu sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também*¹. Ou seja, ao trocar constantemente de parceiros, tem-se a ilusão de se eliminarem os problemas.

Apresentamos as características do contexto pós-moderno compreendendo a cultura do narcisismo, a valorização da imagem e a rapidez dos relacionamentos atuais. Dito isso, passaremos para o próximo capítulo que trata especificamente de assuntos relacionados à sexualidade iniciando por sua história.

¹ Música composta por: Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte.

CAPÍTULO 2.

HISTÓRIA DA SEXUALIDADE E AS PROFISSIONAIS DO SEXO AO LONGO DA HISTÓRIA

Para compreender a prostituição, é necessário retomarmos como se dá a construção da sexualidade ao longo dos tempos, com o objetivo de construirmos conhecimento mais acurado a respeito da sexualidade na atualidade.

Falar em sexualidade nos remete à Antigüidade Grega. Para eles, não existia o conceito de sexualidade como o vemos atualmente. Segundo Hawkes (1999), havia, de um lado, o “reino dos prazeres” (denominado “reino dos afrodisias”) e de outro o “reino dos Eros”, ou o “reino dos amores”. Os dois eram distintos entre si. As *Afrodisias* relacionavam-se aos prazeres sensuais, ou físicos (o beber, o comer, o dormir, etc.). Já os *Eros* eram múltiplos e com características distintas, relacionavam-se aos desejos que tinham a função de regular as condutas das pessoas. Eles eram regidos pela ética, pelo controle sobre si mesmo, pela continência.

Na Grécia Antiga, a sexualidade estava relacionada com a pederastia (relação entre homens maduros e jovens). Essas relações ocupavam lugar de destaque naquela sociedade e tinham a função de transformar o jovem em cidadão da Pólis. Chamadas de homofilia por alguns estudiosos, essas relações evoluíam para a amizade (*philia*) entre os mais velhos e os jovens adultos e não tinham o sentido de homossexualidade como a entendemos hoje. A relação entre homens adultos e jovens meninos era de mestre-aprendiz. Segundo Marcondes (2000), o que é marcante em relação à mulher é o fato de ela ser apresentada como incompleta ou imperfeita em relação ao sexo masculino.

Conforme Laqueur (1992), essa mesma idéia de incompletude é vista na Roma Antiga. Galeno, médico grego que viveu em Roma por volta de 180 a.C., postulava que a diferença do órgão reprodutor do homem e da mulher seria em decorrência de uma falta de aquecimento que impedia o desenvolvimento completo. Ou seja, o corpo da mulher seria um corpo masculino não desenvolvido. E, por esse motivo, eram menos humanas, reinando então a

concepção da fraqueza de espírito, sensível à leviandade e mais susceptibilidade aos desejos carnavais.

Para os romanos, segundo o autor, o casamento era a célula constitutiva da sociedade, que unia o direito civil ao direito natural. Além disso, o estatuto legal feminino estaria relacionado ao casamento e ao compromisso de ter filhos.

Mesmo com o Cristianismo, essas concepções em relação às mulheres não se modificaram. O que mudou foi a introdução de “pecado da carne”. Ainda hoje é possível encontrar na sexualidade e nas práticas sexuais sinais legados pelo Cristianismo para a história da civilização ocidental, associados a interditos (proibições), como a noção de culpa.

Somente no final do século XVIII é que se começa a falar na existência de dois sexos. Conforme apontado por Villela & Arilha (2003, p.103) ao expor que:

Essa reviravolta no modo de pensar a existência de homens e mulheres ocorreu independentemente de ter havido qualquer avanço nos conhecimentos biológicos. [...] É a ideologia igualitarista da Revolução Francesa e as mudanças sociais que se seguiram a esse movimento que aparecem como determinantes na modificação do olhar sobre os sexos.

Dessa forma, seguindo o lema da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, as mulheres passam ao estatuto de sujeito.

Porém essas diferenças colocam as mulheres numa posição e numa função social de exercer maternidade. Sobre essa questão Villela & Arilha (2003, p.104) expõem: “a ênfase em definir o corpo e a alma das mulheres pelas finalidades de gestação, aleitamento e criação de crianças está ligada à necessidade do incremento quantitativo e qualitativo de produtores e consumidores humanos induzida pela mudança do modo de produção feudal para o capitalista”.

Essa crescente importância da mulher como mãe, e realizando o ato sexual com o objetivo apenas da reprodução, acaba por gerar uma “normatização” de que a sexualidade

deveria acontecer somente com o intuito de procriar, restringindo relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, impondo o silenciamento do prazer feminino e a restrição também do exercício da sexualidade feminina fora do casamento.

Segundo as autoras, o século XIX é marcado pela subordinação do sexo à reprodução que é também apoiada por um processo de medicalização, que segundo Vieira (2003, p.13) “medicalizar significa transformar aspectos da vida cotidiana em objeto da medicina de forma a assegurar conformidade às normas sociais”. Busca-se controlar o processo reprodutivo a partir da intervenção na mulher.

A partir do século XX, com a necessidade de controlar as pragas e o problema da crescente população nas cidades, a medicina deixa de ser uma prática privada e passa a ter um caráter social e público, sendo mais uma forma de controle sobre o sexo feminino. Ao lado da desqualificação do erotismo, da medicalização, da pedagogização do sexo, a atividade sexual passa a ser um divisor de águas entre o moral e o amoral. Fica o sujeito subordinado à sua condição de homo ou hetero, casado ou não, regrado ou não; e, complementando essa questão, Villela & Arilha (2003, p.105) colocam: “muitos discursos sobre o sexo durante o século XIX e primeira metade do século XX visam aprimorar os indivíduos na arte de controlar seus desejos sexuais direcionando-se para a reprodução no interior de uma relação conjugal heterossexual”. A sexualidade, portanto, toma forma de reguladora de comportamentos e atitudes sociais.

Na segunda metade do século XX, acontece nas sociedades ocidentais uma verdadeira revolução nas relações homem/mulher e no papel social feminino. A introdução da pílula anticoncepcional no mercado, na década de 1960, propicia a separação entre ato sexual e procriação, trazendo importantes transformações, como a liberação da mulher em relação à gravidez indesejada e a possibilidade da conquista de maior igualdade em relação ao homem.

Neste momento, é necessário levantar algumas questões tais como: O que é sexo? O que é sexualidade? Por que homem e mulher são desiguais? Como se deu a sexualidade da mulher ao longo da história? Como a sexualidade influencia nossas vidas?

É fundamental compreender primeiramente que falar de sexo e falar de sexualidade são duas coisas distintas. Segundo Hawkes (1999), o sexo está ancorado em marcadores físicos, biológicos e fisiológicos, tais como vagina, pênis, útero, cromossomo, também refere-se ao ato sexual, e é atemporal. Essa idéia também é corroborada por Villela & Arilha (2003, p.97) ao abordar que tal termo admitiria pelo menos três significados distintos segundo a citação:

Um primeiro assinalaria a posição do sujeito na reprodução sexuada: fecundante (macho) ou gerador (fêmea); um segundo estaria referido aos órgãos genitais externos. Um terceiro, ainda não presente nos dicionários mas amplamente disseminado, diz respeito ao uso do termo sexo precedido do verbo fazer – fazer sexo – como sinônimo de ato sexual.

Sexualidade é um termo relativamente novo. Surge apenas no século XIX, devido à necessidade de se falar, pensar e entender o sexo. Sua diferença mais significativa em relação ao termo sexo é que nela está inserido o social, como nos coloca Hawkes (1999, p.8), ao afirmar que a sexualidade refere-se a uma “identidade escolhida ou designada”, definida pelo psicológico, não pelo físico. É entendida, conforme a autora, como “expressão do desejo sexual”.

Em seu texto, Villela & Arilha (2003) abordam que sexualidade corresponde a um conjunto de fantasias e idéias que cada um constrói sobre si, que leva ao gozo e é relacionado à cultura. A autora complementa as idéias apresentadas por Hawkes (1999) ao expor que a sexualidade não só faz referência ao ato sexual com suas sensações corporais mas também ao discurso em torno dessas sensações e ainda às normas de permissão e interdição da experiência ou do ato que provoca tal sensação.

Em sua teoria, o historiador e filósofo Foucault (1988) apresenta que o advento da *scientia sexualis*, ou a ciência do sexo, é uma produção da sociedade ocidental. Por ela, buscava-se clarear a visão do homem sobre sua sexualidade, através de uma disseminação do discurso sobre o sexo como uma forma de enquadrá-lo, descrevê-lo, defini-lo, que visava a produzir verdades sobre ele e, através disso, acabavam por ocultá-lo.

Ao fazer a relação entre discurso e sexualidade, Foucault (1988) está apresentando a idéia de que historicamente, a partir da Idade Moderna, a maneira de controlar a população foi feita primeiramente através da Igreja, com a confissão, e depois com a intervenção médica e política. O ato de falar sobre sexo era autorizado e estimulado e, através dessa difusão de palavras, acabaria por não ocorrer o sexo de fato. Ou seja, como no método catártico freudiano, guardando suas devidas proporções, desvia o ato pela fala. Nas palavras do autor: “como se para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso” (FOUCAULT, 1988, p.21).

A partir desse momento, o discurso médico pautado na racionalidade científica começa a construir um ideal de sexualidade, porém com uma forte ligação com a moral que passa a distinguir o que seria da ordem do patológico, do pecaminoso, da transgressão e da normalidade relacionados à sexualidade.

Em oposição à ciência do sexo, Foucault (1988) apresenta a *ars erotica*, própria das civilizações orientais, que tem como característica a busca de um saber sobre as formas de ampliação do prazer, na qual a verdade sobre os prazeres do sexo era extraída de dentro do sujeito, ou seja, através das experiências sexuais era construído o saber sobre o sexo. Já a *scientia sexualis* baseava-se na confissão como ponto central da produção de um conhecimento sobre a sexualidade, passando a vigorar uma internalização desse “falatório”, estabelecendo assim uma relação de poder, na qual quem fala produz discurso sobre seu sexo e quem ouve normatiza através de padrões moralizantes o dito.

Essa imposição do falar sobre o sexo, para os médicos, e antes para a Igreja, através da confissão dos pecados, torna-se tão natural para a sociedade ocidental, que acaba por ser algo próprio e natural do sujeito, não mais de um discurso médico ou cristão. Por esse motivo, Foucault (1988) vai contra a idéia de que existia de fato uma repressão sexual, porque o sexo no discurso vai além de um mecanismo de exclusão e rejeição, já que está atuando uma maneira discreta de controle da sexualidade dos sujeitos. Sendo assim, para o autor, a história da sexualidade deveria ser feita a partir de uma história dos discursos.

Dessa forma, a sexualidade estaria relacionada com poder, como um dispositivo social de controle sobre as pessoas. Para o autor, a sexualidade humana não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir; deve ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos; da intensificação dos prazeres; da incitação ao discurso; da formação dos conhecimentos e do reforço dos controles e das resistências. Sendo assim, a sexualidade é socialmente construída e designa uma relação de poder.

Essa intervenção médica diz respeito a uma nova roupagem da sexualidade que transfere a necessidade da confissão ao padre para uma “confissão” ao médico. Essa passagem ocorreu através da “codificação clínica do fazer falar”, do “postulado de uma causalidade geral e difusa” de que o sexo é “causa de tudo e de nada”, do “princípio de uma latência intrínseca à sexualidade”, do “método da interpretação” e da “medicalização dos efeitos da confissão” (FOUCAULT, 1988, p.63), que só foram possíveis através do surgimento dessa ciência da sexualidade.

Portanto, segundo Foucault (1988), a medicina contemporânea fixa para si como data de nascimento o final do século XVIII, em consequência das alterações na estruturação do saber médico que consistia em uma nova forma de olhar e falar sobre os corpos e seu funcionamento, além de incluir o processo saúde/doença; consolida-se o processo de medicalização.

Sob essa questão, Vieira (2003, p.13) coloca: “A medicalização do corpo feminino particulariza-se nas implicações específicas da reprodução humana, relacionada à sua condição orgânica, através da qual a condição da mulher será naturalizada”.

Conforme expôs a autora, baseada nos preceitos foucaultianos, a partir do século XIX, a medicina passa a ser um saber científico historicamente determinado pela formação da sociedade capitalista e, a partir daí, se vai consolidando o processo de medicalização dos corpos. Esse período é marcado pela apropriação do saber médico sobre várias questões como, por exemplo, a regulação do nascimento e aspectos demográficos, e acontece a ampliação dos serviços médicos, buscando abranger cada vez mais a população ao seu cuidado. A medicina entra cada vez mais na sociedade, como prática, reflexão e apoio científico fundamental ao exercício do poder do Estado.

Birman (1997), ao discorrer sobre essa questão, expõe que a partir do século XVIII passou a vigorar um discurso sobre a diferença sexual entre os sexos, justificando a “alocação diversa das figuras masculina e feminina, nos espaços público e privado propriamente ditos” (p.110).

A nova postura do médico lhe concede a função de ser um educador e também um guardião da moral e dos costumes no que se refere à sexualidade e à reprodução. Dessa forma, o corpo feminino é transformado e apropriado a um objeto do saber e de intervenção médica.

Vieira (2003) aborda que essa apropriação do corpo feminino se legitimou com o desenvolvimento, o conhecimento cirúrgico e tecnológico promovido pela aproximação da medicina com o parto, sobretudo no desenvolvimento da obstetrícia. Assim, o controle social passa a ser exercido através do corpo da mulher. Sobre essa questão a autora esclarece:

A medicalização do corpo feminino, através do desenvolvimento técnico da medicina, permite a formação e a manutenção da sociedade em relação às questões de saúde que envolvem a reprodução humana, ao elaborar idéias que, através de uma racionalidade moderna e científica, visam o entendimento e a

conseqüente intervenção nesse corpo enquanto estratégia social (VIEIRA, 2003, p.20).

Continuando a abordagem sobre o corpo feminino, segundo Birman (1997), este deveria estar de acordo com as normas sociais vigentes, ou seja, a saúde sexual existiria num casamento heterossexual, e o sexo estaria restrito à reprodução. Tudo que saísse desse roteiro seria ligado a distúrbios.

Além disso, “a sensualidade presente no gozo feminino passou a ser encarada como sendo um obstáculo à assunção da maternidade e à experiência da gestação” (BIRMAN, 1997, p.111).

Dessa forma, a partir do século XVIII, para se dedicar à maternidade, a mulher deveria abrir mão das qualidades da feminilidade, já que eram consideradas de caráter negativo. E, a partir daí, “a sensualidade feminina teria de ser ortopedicamente disciplinada” (BIRMAN, 1997, p.111). Com isso, as várias práticas que visavam à educação sexual, no século XIX, buscavam aniquilar o que existia de feminilidade na mulher, para abrir caminho à figura da mãe, uma esposa casta e fiel. Assim, todas as formas de contato com a sexualidade que não estivessem no *script* eram encaradas como perigosas à sociedade. Diante desse contexto da medicalização, como pensar a prostituição?

As profissionais do sexo, por se encontrarem à margem dos padrões considerados “normais” para aquele período (mãe, esposa, santa, virgem, fiel), passam a ser encaradas como seres egoístas, infiéis e com ausência de castidade.

Sobre essa questão Birman (1997, p.111) expõe: “A prostituição seria a materialização da inexistência de qualquer decência na mulher, a indecência feita carne indicando, pois, a decadência feminina por excelência, à medida que a maternidade estaria ausente de seu horizonte existencial”.

Porém, a partir dessas posições estigmatizadas e pejorativas, a prostituta passa a exercer uma função social de reserva de gozo do mercado do sexo; em outras palavras, ela oferecia o prazer sexual aos homens de forma controlada e disciplinada. Birman (1997, p.112) complementa a idéia ao expor que: “a medicalização da prostituição, mediante medidas sanitárias bem precisas, visava tornar a figura da prostituta compatível com a sua função social, esvaziando-a de sua periculosidade essencial”. Dessa forma, essas mulheres tinham um local determinado para exercerem seus trabalhos sexuais, sendo submetidas ao controle médico para evitarem as doenças venéreas, e os homens que iriam até elas descarregariam seu tesão sem oferecer perigo à ordem social e familiar. Além disso, vale destacar que tal dinâmica se consolidou em virtude dos esforços efetuados pela saúde pública e a medicina social.

Antes de explorar a história da prostituição e todas as especificidades desta pesquisa, é necessário entendermos a que se refere o termo prostituição e algumas outras terminologias, tais quais: bordel, cafetão, garota de programa, entre outros, que usaremos no decorrer deste estudo.

De acordo com Holanda (1986, p.1405), prostituição refere-se à: “1. Ato ou efeito de prostituir(-se); 2. Comércio habitual ou profissional do amor sexual; 3. O conjunto das prostitutas; 4. A vida das prostitutas; 5. Por extensão, vida desregrada; 6. Profanação, aviltamento”.

Já o termo prostituir, segundo o mesmo autor diz respeito à:

Prostituir [do latim prostituere, —expor, pôr à venda]. 1.Iniciar na vida de prostituta, entregar à devassidão, desmoralizar, corromper; 2.Expor publicamente: —as dançarinas prostituem o corpo aos alvos dos fregueses do cabaré; 3.Entregar-se à vida de pública devassidão, tornar-se prostituta; 4.Desonrar-se, aviltar-se, praticando ações vergonhosas ou indecorosas, rebaixar-se (p.1405).

Com relação a prostíbulo, define como: “Lugar de prostituição. Sinônimos: alcoice, bordel, açougue, casa de tolerância” (p.1405). E ainda, “Zona (gíria): Onde se acha estabelecido o meretrício” (p.1806).

Definindo agora o termo cáften, por Holanda (1986): “1. Aquele que vive às custas de meretrizes, rufião; 2. Empresário de prostíbulos que faz comércio, explorando a prostituição, alcoviteiro, proxeneta” (p.312).

Aulete (1974) define prostituta como: “Mulher pública, meretriz”. (p.2969). Enquanto por prostituição entende: “Vida de devassidão, de impudícia, ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo” (p.2969). E ainda, por prostituir: “Entregar à vida de devassidão, tornar devasso, corromper, desmoralizar, aviltar-se, desonrar-se, descer no nível moral, rebaixar-se” (p.2969). Prostíbulo seria definido como: “Alcoice, um vício objeto. Como os dados, que imperava só no meio da devassidão dos arraiais ou se escondia nos prostíbulos das grandes povoações” (p.2968).

De acordo com Nascentes (1976), o termo prostituta é definido como: “mulher que comercializa o ato sexual” (p.1347). Prostituição seria: “Ato pelo qual uma pessoa consente em ter relações sexuais com um número indeterminado de outras pessoas mediante remunerações” (p.1347). Já prostíbulo: “Lugar de prostituição, bordel” (p.1347). E cafetão é definido por este dicionário como: “que vive às custas de prostitutas e as explora; dono de bordel (de cáften)” (p.298).

Bueno (1979) define prostituta como “meretriz”. Enquanto que prostituir seria: “Desmoralizar, aviltar-se, rebaixar-se”. E prostíbulo: “Lupanar” (p.1082). Lupanar é definido como: “Casa de mulheres que se dedicam ao comércio carnal; prostíbulo, casa de tolerância” (p.793). Bordel como: “Casa suspeita, lupanar” (p.225).

De acordo com Biderman (1992), encontramos prostituta como sendo: “mulher que tem relações sexuais para ganhar dinheiro”. Prostituir definido como: “entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro ou vantagens; desonrar-se, corromper-se” (p.760).

O que podemos perceber em todos estes dicionários é a conotação negativa que envolve todas as terminologias citadas, carregadas de uma moralidade sobre aspectos da vida sexual. Saindo das definições dos dicionários, encaminhamo-nos a autores dedicados à temática da prostituição. Aqui indagamos como os mesmos definem essa prática.

Gaspar (1985, p.61) nos afirma: “A minha escolha é tratar a prostituição como pertencendo a um contínuo de comportamentos que põem em foco a relação entre mulheres e homens passando pelo domínio sexual e pela obtenção de favores, simplesmente através do dinheiro ou de outras facilidades quaisquer”.

Podemos perceber pela definição da autora que sua posição não é a de quem ataca e faz referência ao ato de se prostituir como algo depreciativo, negativo e moral.

Souza (1998), corroborando esta idéia, destaca que a prostituição seria a transformação de um corpo em mercadoria obedecendo às lógicas do capital, assim como interesses políticos, em que o corpo prostituído seria um espelho da sociedade.

Rago (1991) segue a mesma linha de raciocínio de Souza (1998) e Gaspar (1985) e define a prostituição sem, contudo, desmoralizar e depreciar essas mulheres, ao colocar que:

Fenômeno essencialmente urbano, inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca e em que todo um sistema de codificações morais, que valorizam a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destina lugar específico às sexualidades insubmissas (RAGO, 1991, p.23).

Roberts (1998), historiadora e ex-trabalhadora do sexo, aponta que esta prática remonta a tempos antigos, assumindo as mais variadas conotações. É importante ressaltar que

na pré-história a mulher estava no centro de toda a sociedade, ou seja, tratava-se de um período predominantemente matriarcal.

Lins (2000), partindo de interpretações de relatos bíblicos e mitológicos, discute a representação mítica da mulher na Antigüidade, abordando que no período neolítico, por volta de 6500 a.C., a mulher alcançava uma estima ainda não experimentada, devido à associação que faziam entre a fecundidade da mulher e a fecundidade dos campos (a agricultura já havia se estabelecido e supõe-se que foi invenção das mulheres). Dessa forma, a mãe deste período ocupava um lugar de destaque na sociedade.

Os homens, nessa época, não se sentiam superiores e não oprimiam as mulheres, também permaneceriam “ignorantes” sobre o seu papel no processo de fecundação. Em contrapartida “a Deusa-mãe reinou absoluta por todo o mundo desde o fim do período paleolítico até o início da idade do bronze” (Lins, 2000, p.20).

A sociedade matriarcal, segundo a analista junguiana estudiosa da história da prostituição Qualls-Corbett (1990), tinha relação com a autoridade cultural, na qual a natureza e a fertilidade consistiam o ponto central da existência, em oposição ao poder opressor e político característico das sociedades patriarcais. Segundo a autora, a prostituição sagrada surgiu dentro desse sistema religioso matriarcal onde não existia separação entre sexualidade e espiritualidade.

Lins (2000) corrobora essa idéia, ao abordar que o objetivo da vida nesse período não era a guerra, a conquista, a dominação, nem a Deusa-mãe ordenava que todos obedecessem a ela, nem punia, apenas fornecia os meios para uma vida satisfatória através do cultivo da terra e o fornecimento de meios materiais e espirituais.

Roberts (1998) expõe que, em festas de caráter religioso, ocorriam os encontros sexuais entre homens e mulheres. Nessas festas era cultuada a Deusa da Fertilidade, como afirmação da perpetuação da espécie. As mulheres que freqüentavam essas festas eram

consideradas prostitutas sagradas, mulheres diferentes e importantes, pois incorporavam a Deusa da Fertilidade em rituais específicos. Dessa forma, esses relacionamentos, já naquela época, cumpriam e cultuavam uma função de importância social, e que até hoje ainda é considerada a grande finalidade do relacionamento sexual entre homens e mulheres, a procriação.

Qualls-Corbett (1990, p.42) define a prostituta sagrada ao expor: “Em sua encarnação da Deusa, ela é responsável pela felicidade sexual, e é a veia através da qual os rudes instintos animais são transformados em amor e na arte de fazer amor”.

Assim, essas mulheres eram consideradas a encarnação terrena de uma Deusa, já que proporcionavam o elo vital entre a comunidade e sua divindade, tornando-se sacerdotisas *Xamânicas*. As sociedades pré-históricas não distinguiam cultura, religião e sexualidade, assim, tudo tinha origem no culto à Deusa. Dessa forma, Roberts (1998, p.21) afirma que: “O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas Xamânicas lideravam rituais de sexo grupal em que toda a comunidade participava, compartilhando uma união extática com a força da vida”.

Qualls-Corbett (1990) esclarece como se dá a iniciação sexual nesses rituais. As mulheres eram iniciadas na vida sexual, ou melhor, na feminilidade dentro da santidade do templo. Um homem estranho, encarado como emissário divino, escolhia uma mulher atirando moedas sobre ela, porém esse dinheiro era uma oferta à Deusa conforme complementa Freitas (1966, p.9), um estudioso da prostituição: “[...] mesmo onde a prostituição sagrada ocorreu com pagamento *post coitum*, tais benefícios revertiam para os templos”, ficando claro o respeito e o louvor nos seus atos. A mulher escolhida, agora abençoada, voltava para casa sem desonra e sentimento de culpa, pelo contrário, sentia-se orgulhosa.

Até aqui, podemos perceber que essas mulheres não eram estigmatizadas como são hoje, pelo contrário, desempenhavam um papel importante na sociedade. Segundo Roberts

(1998), no entanto, em torno de 3000 a.C. essa história começou a mudar. Tribos guerreiras de homens da antiga Mesopotâmia e do Antigo Oriente começaram a invadir os territórios matriarcais, subjugando o poder das Deusas-mães e sujeitando-as às regras masculinas.

Lins (2000), corroborando e complementando essa idéia, expõe que ao constatarem que seu sêmen era responsável pela fertilização das mulheres, os homens passam a desenvolver um comportamento autoritário e arrogante, ou seja, “a superioridade física agora encontra espaço para se estender à superioridade ideológica” (LINS, 2000, p.22). E a partir das invasões de tribos guerreiras dominadas pelos homens, conforme apontamos acima, com religiões que adoravam deuses homens, acabam a igualdade e a paz que existiam outrora.

A filiação passou a ser masculina, assim como a herança, e as mulheres foram enxotadas do poder, sua liberdade sexual passou a sofrer restrições para que o pai tivesse garantia de que o filho era seu, conforme apontou Lins (2000).

Qualls-Corbett (1990) destacou que as sociedades arcaicas se foram transformando, deixando de ser sistemas fechados, onde a agricultura e a religião eram os centros essenciais, para uma sociedade na qual o comércio, a guerra e as conquistas eram os pontos mais importantes. Com isso, os antigos sistemas se fragmentaram e outros foram ocupando seu espaço. Vale ressaltar que tais atividades valorizadas eram predominantemente masculinas e as que eram exercidas pelas mulheres passam a serem menosprezadas.

Roberts (1998) aborda que, nesse período, surgem os primeiros registros da dominação do poder masculino sobre a mulher, instaurando-se definitivamente o patriarcado. Os homens, então, passam a ter a pretensão de controlar a sexualidade das mulheres, através de casórios, da monogamia, etc. Essa passagem da posição matriarcal para a patriarcal trouxe algumas conseqüências, entre elas as “mudanças de atitude em relação ao feminino” (QUALLS-CORBETT 1990, p.52).

Segundo Roberts (1998, p.22-23), a partir daí começa a verdadeira história da prostituição, conforme expôs:

Nos templos, as pessoas continuavam a adorá-la através dos antigos ritos sexuais, e isto continuou mesmo durante o período em que as sacerdotisas estavam sendo destruídas e depostas de suas posições de poder. É aqui que começa a verdadeira história da prostituição; com as sacerdotisas do templo, que eram ao mesmo tempo mulheres sagradas e prostitutas, as primeiras prostitutas da história.

Conforme a autora, desde a Babilônia já existiam diferentes classificações para as prostitutas, segundo as suas funções. As *Entu* e as *Naditu*, sacerdotisas de mais alta posição, as *Qadishtu* ou mulheres sagradas, as *Ishtaritu* que dedicavam a vida ao culto da deusa *Ishtar* e as *Harimtu*, conhecidas como prostitutas semi-seculares, talvez por se dedicarem à prostituição dentro e fora dos templos, conforme a citação:

As *Harimtu* que trabalhavam fora dos templos foram as primeiras prostitutas de rua, operando independentemente e em uma base comercial; mesmo assim, a conexão entre sexo e religião persistia, pois as prostitutas de rua continuavam a ser consideradas mulheres sagradas, protegidas de *Ishtar*, e seus proventos vinham sob a forma de oferendas em nome da deusa (ROBERTS, 1998, p.26).

Passando agora ao período Clássico podemos perceber que, segundo Roberts (1998), aconteceu uma mudança relativa no que diz respeito ao comportamento sexual dessas mulheres, tendo como marca um “florescimento da sexualidade humana”.

De acordo com Qualls-Corbett (1990), a prostituição que era realizada fora do recinto dos templos era considerada profana e representava o lado negro da sexualidade feminina. Em contrapartida, a prostituição sagrada era respeitada por reverenciar as Deusas. Segundo a autora, ambas existiram em justaposição. Essas prostitutas profanas, na Grécia, não tinham direito à cidadania, e seus filhos eram tidos como bastardos também sem direito à cidadania, a não ser que realizassem algum ato heróico.

Além disso, essas mulheres, conforme a autora, não eram autorizadas a andar em nenhum tipo de veículo, nem durante o dia, não era permitido se misturar com a sociedade, tinham sua entrada impedida em templos e em qualquer cerimônia religiosa, e tinham de ter uma forma específica de se vestir e se produzir que as distinguisse das outras mulheres, conforme expôs: “[...] na Grécia suas roupas eram de um material floreado [...] não lhes era permitido usar as ricas vestimentas purpúreas, roupas finas, sapatos ou jóias, que eram a marca da mulher de reputação” (QUALLS-CORBETT, 1990, p.48).

Havia nessa época vários tipos de prostitutas: “as prostitutas do templo, as cortesãs de classe alta, dançarinas-prostitutas, escravas de bordel [...] e os serviços de meninos adolescentes, concubinas, escravas domésticas” (ROBERTS, 1998; p.32). Corroborando essa idéia, Freitas (1966) esclarece que existiam três principais categorias de prostituição, nas quais as *Etéreas* formavam a ordem, seguiam-se depois as *Aulentrias* e por último as *Diterídeas*.

Roberts (1998) destaca que, nesse período, ocorreu uma mudança no papel do Estado, que passou a intervir no sexo como um negócio, como uma maneira de lucrar. Dessa forma os bordéis do Estado cresceram por toda Atenas, enriquecendo cada vez mais os estadistas. Sobre essa questão Parent-Duchatelet (1955, p.46) expõe:

Sólon, pois, vendo que os templos e os sacerdotes arrecadavam para si o fruto da prostituição, pensou que poderia angariar semelhantes benefícios para o Estado, com os mesmos meios, procurando uma saída menos perigosa aos eróticos furores jovens atenienses salvaguardando ao mesmo tempo a honra das famílias.

Nesse tipo de prostituição financiada pelo Estado, com bordéis oficiais administrados e mantidos pela máquina pública, chamados *Dicterion*, onde se concedia a entrada por um preço determinado a quem tivesse interesse, as prostitutas trabalhavam por um salário que não correspondia ao que seus clientes pagavam às instituições. Havia também as *Deikteriades*, as

prostitutas-escravas, em sua maioria capturadas em guerras e algumas compradas em mercados de escravos.

Essas prostitutas que trabalhavam nesses estabelecimentos tinham uma vida miserável, conforme expôs a autora: “As mulheres viviam em condições pavorosas, em moradias apertadas e insalubres parecendo celas” (ROBERTS, 1998, p. 36). Nesse período as mulheres não passavam de “escravas do sexo”, e também se constatou pela primeira vez na história a cafetinagem.

Essa idéia é apoiada por Freitas (1966, p.9-10) ao expor que:

Com o advento da monogamia, os administradores das cidades da antiguidade criaram casas de prostituição, monopólio do estado, onde mulheres escravas se entregavam aos homens para, satisfazendo-os, baixar o perigo da concupiscência, salvar-se a virtude das outras mulheres.

Segundo o autor, destas prostitutas denominadas *Dicteríadas*, surgiram nesse período as *Hetairas* que eram valorizadas pelos seus dotes intelectuais marcantes, mais até do que os físicos. Essas mulheres tinham participação na política, na administração e em outros cargos.

Segundo Roberts (1998), as de maior relevância social eram as *Hetairas* (literalmente, “companheiras dos homens”), prostitutas de elite da Antiga Grécia. Famosas pela inteligência, pelo “jogo de cintura”, pela capacidade de controlar seus negócios, além de participarem das atividades consideradas exclusivamente masculinas. De acordo com Qualls-Corbett (1990), essas mulheres eram umas das poucas privilegiadas e também faziam parte de uma pequena minoria.

Elas trabalhavam abertamente em bordéis do Estado, no Templo ou cuidavam de seus próprios negócios, sem sofrerem qualquer represália. Havia também escolas para a formação das *Hetairae*, as aspirantes aprendiam as artes do prazer e, principalmente, as ciências da arte, da literatura, da filosofia e da retórica, o que as tornava as mulheres mais instruídas de toda a Grécia, segundo Roberts (1998).

Outro tipo de prostituta são as dançarinas-musicistas-prostitutas, as *Auletrides*. Elas participavam de banquetes apenas para homens, dançavam, tocavam flauta, o que era pelos homens considerado um incentivo à volúpia, e depois tinham relações sexuais com eles. A elas, como também às *Hetairae*, era permitido manter relações prolongadas com seus amantes. Elas viviam livres e freqüentavam todos os espaços que representassem seus interesses, segundo Roberts (1998).

Sobre as *Auletrides*, Parent-Duchatelet (1955, p.67) expõe: “[...] eram geralmente menos ávidas e mais amorosas do que as etéreas e não se vangloriavam como estas de saber resistir a uma galante proposta, para auferirem maiores lucros”. Dessa forma, foram mais susceptíveis às paixões amorosas do que as *Etéreas*.

Passando agora à Época Romana, segundo Qualls-Corbett (1990), existiam tanto a prostituição sagrada, ligada aos cultos religiosos, quanto a prostituição profana, exercida quase exclusivamente pelas escravas, onde era comum mulheres bem jovens serem mandadas para a prostituição como uma forma de punição para determinados crimes.

Freitas (1966) aponta que em Roma, com o pretexto de impedir o adultério, a prática da prostituição foi tolerada, porém com controle do Estado sobre as mulheres “públicas”.

Parent-Duchatelet (1955) esclarece melhor essa questão ao expor que os primeiros atos de prostituição em Roma se deram como uma forma de punir mulheres adúlteras, no qual o marido tinha o controle e o direito de decidir sobre o destino de suas esposas, com consentimento de seus familiares. A adúltera era levada a um local especial e abandonada pelo marido, passando ao ingresso na prostituição.

O mesmo autor coloca que, em Roma, com o passar do tempo, a prostituição tomou forma mais concreta e extensa e não demorou a ser regulamentada, tornando-se uma profissão natural, aceita, sem causar maiores embaraços à sociedade. Sobre essa questão Roberts (1998,

p.77) expõe: “Na antiga Roma, a sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos da vida; abertamente demonstradas, exploradas, discutidas e homenageadas”.

Dessa forma tinham que pagar pesados impostos ao Estado para praticarem sua profissão; deveriam também utilizar vestimentas que as identificassem; Qualls-Corbett (1990) expõe que estas deveriam usar toga assim como os homens, pois caso contrário eram severamente punidas. Sobre essa questão Roberts (1998, p.77) coloca que: “O estado Romano não se envergonhava de tirar proveito publicamente do comércio; depois que o imperador Calígula impôs um imposto sobre as prostitutas, obteve muitos lucros”.

Parent-Duchatelet (1955) coloca que a primeira precaução que tiveram os *edis*, que eram os encarregados de reger tudo que dizia respeito à vida pública, foi fazer a inscrição das prostitutas, obrigando-as a confessar o infame mister que desejavam exercer publicamente, para receberem *licentia stupri*. O autor coloca que os *edis* tentavam aconselhá-las a desistirem dessa prática, mas, se a mulher estivesse realmente disposta, ela deveria indicar o nome, a idade, o lugar de nascimento, o preço que valeria o seu sexo, e ficaria a partir de então marcada para sempre com o que o autor chamou de “nota infame”, sem falar que não poderia nunca mais sair da prostituição.

As casas de prostituição passaram a formar uma grande máquina, na qual a exploração dessas mulheres não era considerada uma desonra, e sua clientela era formada em sua maioria por viajantes, estrangeiros e burgueses de categoria, segundo abordou Willy & Col (1961).

Segundo Roberts (1998), durante o século V d.C., o Império Romano se enfraqueceu por seguidas guerras, crises econômicas, rebeliões de escravos, deixando o ambiente propício para invasões de tribos germânicas. Tais tribos eram agrícolas e voltadas para a vida em aldeia. O foco da vida se deslocou dos centros urbanos, que por sinal estavam destruídos, para os ambientes rurais. Com a desintegração do Estado Romano, entra em vigor o período chamado de Idade das Trevas, sendo marcado pela permanência da Igreja Cristã que, apesar

das grandes mudanças ocorridas nesse período, permaneceu intacta, proporcionando conseqüências na forma de conceber a sexualidade ocidental e principalmente a sexualidade da mulher.

Segundo Qualls-Corbett (1990), os primeiros padres da Igreja Cristã passaram a reprimir qualquer ato que fosse relacionado à Deusa, para não comprometerem a segurança da religião predominantemente masculina, ou seja, “a igreja inicial rapidamente rejeitou o princípio feminino” (ROBERTS 1998, p.81). O sexo passou a ser visto apenas para o propósito da reprodução, e as mulheres ficaram taxadas com o caráter de seres inferiores.

A partir desse período, segundo Roberts (1998, p.86), as prostitutas começaram a ser atacadas ferozmente pelos difundidores do Cristianismo, tendo como destaque Paulo, que foi um dos marcos em relação às atitudes condenatórias da Igreja em relação às mulheres. Sobre essa questão, a autora expõe: “De agora em diante, as prostitutas seriam especificamente identificadas com a luxúria miserável da carne; a prostituta era encarada como uma espécie de dreno, existindo para eliminar o efluente sexual que impedia os homens de se elevar ao nível do seu Deus”.

Dessa forma, as prostitutas eram vistas como lixo de tudo e sua sorte só mudaria caso se arrependesse de seus atos e mudasse radicalmente de vida, ou seja, abandonasse a prostituição. Porém, segundo Freitas (1966), na Idade Média, a Igreja não apenas tolerou e aceitou a prática da prostituição como também incentivou, já que segundo suas noções era essencial manter a honra e a pureza das mulheres nos castelos. Roberts (1998) corrobora essa questão ao abordar que ao mesmo tempo em que eram rechaçadas, eram encaradas como uma via de descarga de “prazer”, ou seja, a Igreja aceitava a existência da prostituição como um “mal necessário”.

Com o final da Idade das Trevas, começou a emergir o Feudalismo que se caracterizou como um modo de produção definido pelo regime da servidão, as cidades quase

desapareceram, e a maioria da população vivia no campo e se dedicava à agricultura e à pecuária e para algumas mulheres a prostituição serviu como alternativa de sobrevivência, conforme abordou Roberts (1998).

Segundo Parent-Duchatelet (1955), o aumento da população superou a capacidade técnica de alimentar todos esses novos contingentes humanos. Em função disso, houve o abandono dos feudos; nesse período, segundo Roberts (1998), algumas prostitutas se especializaram em “servir os peregrinos”, vendendo sexo pelas cidades por onde passavam. Elas também acompanhavam os exércitos oferecendo serviços sexuais. Parent-Duchatelet (1955) corrobora essa questão ao colocar que, além de servirem sexualmente os exércitos e suas expedições, recebendo parte dos vencimentos dos soldados, elas eram ora toleradas, ora sofriam severas punições: mutilação, marca de ferro, etc.

Na época das Cruzadas, as prostitutas voltaram a conviver com a sociedade e também acompanhavam os exércitos para a Terra Santa. Segundo Roberts (1998), a grande maioria dessas mulheres eram camponesas desalojadas que não tinham outros meios de sobreviver.

Conforme apontou Parent-Duchatelet (1955), com o crescimento da economia agrária, o comércio urbano começou a se desenvolver, e a prostituição foi a forma encontrada por algumas mulheres para sustentarem sua família e sobreviverem. Por mais que as autoridades tentassem desencorajar essa prática, elas se estabeleciam em suas casas e em bordéis à beira das cidades. Após algum tempo, foi permitida a prostituição com algumas restrições, e as prostitutas vivenciaram um período de menos opressão, conforme apontou Roberts (1998).

A autora esclarece que, durante a primeira metade da Idade Média, o clero e as autoridades não tiveram nem a vontade, nem o poder para suprimir a prostituição, até porque, segundo registro, a Igreja, além de obter prazer dessas mulheres, obtia um grande lucro, com a prostituição através dos bordéis. Roberts (1998) coloca que os próprios cleros se utilizavam dos serviços das prostitutas e complementa “qualquer encontro dos todo-poderosos da igreja

podia garantir a contratação de prostitutas com uma grande generosidade [...] até mesmo dentro do próprio Vaticano, onde muitas prostitutas viviam em propriedade da Igreja” (p.112).

Durante o século XIII, segundo Roberts (1998), começaram a surgir nos principais centros urbanos de toda Europa regulamentos para reger as profissionais do sexo, assim como foram criadas áreas reservadas para a prática da prostituição. Parent-Duchatelet (1955, p.134) complementa essa questão ao mencionar “a prostituição disciplinada por especiais disposições” que estabeleciam os lugares onde a prostituição poderia ser exercida sem incorrer em penalidades.

Segundo Roberts (1998), com o fim do Feudalismo a prostituição se mostrou como uma alternativa para sobreviver e ascender, com as condições de fome, guerra e peste. Agora a burguesia estava no comando, “administradores dos bordéis”, e não mais o Estado, gerando mais lucros e controle dos burgueses e a perda de autonomia das prostitutas. Dessa forma, “a empresa dos bordéis se formou por toda parte” (FREITAS, 1966, p.11).

Nos séculos XV e XVI começou, na Itália, segundo Parent-Duchatelet (1955), o Renascimento que se refletiu nas várias áreas da atividade humana. Nessa época de transição entre as Idades Medieval e Moderna, a sociedade se centrou em volta da figura masculina, com o ressurgimento das doutrinas clássicas, na qual o homem deveria exercer seu poder nas políticas e nos negócios e as mulheres deveriam cuidar da esfera privada considerada de *status* inferior, ou seja, deveriam ser “donas de casa”. Roberts (1998, p.129) esclarece que “as mulheres casadas tinham que ser obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens”.

Conforme mostrou a autora, essa postura masculina de “aprisionar” a mulher em casa abriu espaço para o renascimento de outra instituição clássica; a profissional do sexo de alta classe. Eram mulheres instruídas, ricas, independentes e especialistas em realizar as necessidades sexuais e sociais dos homens que deixavam suas esposas em casa. Essas

prostitutas eram conhecidas como *Cortegiane* e viviam na Itália. Em contrapartida, existiam as *Puttanas* das ruas, cuja vida era marcada por regulamentos e proibições além de dificilmente atingirem o *status* das prostitutas de alta classe.

As mulheres passaram a ser excluídas das profissões; nesse aspecto, na Idade Média as condições eram mais igualitárias. Assim, muitas delas foram para a prostituição, trabalhando como *Puttanas*.

Segundo a autora, já no século XVI, contra os abusos cometidos pela Igreja Católica e devido a uma mudança na visão de mundo, fruto do pensamento renascentista, surgiu a Reforma religiosa. Gerando um movimento de puritanismo tanto na política quanto na cultura. Sobre essa questão Parent-Duchatelet (1955, p.200) expõe: “Dissemos que o protestantismo fizera com que o governo se pusesse à testa de uma reforma de costumes”, ou seja, a nova imagem protestante do homem e da sociedade criou uma nova e pesada moralidade sexual, mais ortodoxa e repressiva do que da Igreja inicial.

Segundo Roberts (1998), Lutero discordava do celibato dos padres católicos, considerando um ideal impossível e fonte de corrupção. Defendia o sexo para a procriação, dentro de um casamento heterossexual, assim como a castidade total fora dele, já que considerava o sexo sujo. Dessa forma, era absolutamente contrário à relação sexual promíscua mesmo dos homens, que, segundo os parâmetros católicos, era aceitável, em virtude da natureza masculina.

Como a prostituição não se encaixava nos moldes do matrimônio, passou então a ser rechaçada, até porque o próprio Lutero era definitivamente antiprostituição. Suas opiniões e superstições a respeito do assunto fizeram com que se fechassem grandes números de prostíbulos, e as mulheres que trabalhavam nessas casas ficaram sem emprego e sem dinheiro.

Vale ressaltar também que, segundo a autora, a posição de *status* inferior da mulher se manteve na Reforma, da mesma maneira que na Renascença, por se tratar de um movimento dominado por homens.

Sobre essa questão, Qualls-Corbett (1990) complementa que a repressão da natureza feminina tornou-se mais severa onde, de um lado, a figura espiritual da mulher, personificada através da Virgem Maria, era intocável, por outro lado, algumas atitudes eram compensadas em comportamentos negativos em relação à mulher real tida como rebaixada, depravada e vil, encarada como portadora de um pacto demoníaco.

Em relação à prostituição, segundo Roberts (1998), consta que Calvino foi ainda mais rígido e ampliou essa moralidade para qualquer tipo de “libertinagem”.

Como consequência da Reforma e da Contra-Reforma em vários países europeus, ficou de herança o tratamento cruel que as prostitutas passaram a receber, desde sua expulsão até castigos bárbaros, punições e espancamentos. Sobre essa questão Roberts (1998, p.150) complementa:

Inevitavelmente, nas mentes sexualmente paranóicas dos reformadores, a prostituição foi apontada como a fonte da corrupção dos homens; e foi neste contexto que as prostitutas foram convertidas em bodes-expiatórios e perseguidas pelo que na verdade era uma ‘maioria moral’ do século XVI.

Além disso, houve uma grande epidemia de doenças sexualmente transmissíveis, e a Igreja arranhou mais um pretexto para aniquilar a prostituição, afirmando que não apenas era uma prática pecaminosa, como também era prejudicial à saúde. Por este motivo, o meretrício continuou a existir, mas de uma maneira clandestina. Sobre essa questão, Freitas (1966, p.11) expõe:

Nos fins do século XV houve uma grande difusão da sífilis em toda a Europa, coincidindo com isto as crises da Reforma e da Contra-Reforma, as atitudes de

intolerância se aguçando para se exibirem os dois lados quem era o mais santo e puro. Começaram as prostitutas a ser proibidas em quase toda Europa.

No século XIV, o crescimento das vilas e cidades gerou o empobrecimento das pessoas, especialmente das mulheres, e o alastramento das condições de mercado livre fez com que a prostituição se tornasse uma prática difícil de ser combatida, segundo Parent-Duchatelet (1955). De acordo com Roberts (1998), grande parte dos bordéis permanecia funcionando na ilegalidade, através de acordos particulares com autoridades. Dessa forma, não possuíam mais direito legal e só funcionavam por “tolerância”.

Ao final do século XVI, segundo Roberts (1998), as ruas estavam cheias não só de prostitutas, como também de clientes atrás delas, ou seja, a Reforma não conseguiu reprimir essa prática, pelo contrário, o comércio do sexo estava a “todo vapor”.

Segundo a autora, no século XVIII, a tendência das classes altas às experiências sexuais gerou o desenvolvimento de uma nova forma de bordel, e buscava atender a todos os gostos ao incluir em seu “cardápio” um harém de mulheres, serviços de sadomasoquismo, sala para *vouyer* entre outros. Existia nesta época uma espécie de *marketing* no qual os donos de bordéis distribuíam cartões de apresentação nas ruas européias movimentadas. As prostitutas independentes também passaram a entregar cartões; o negócio do sexo estava se expandindo de vento em popa.

Por mais que, conforme expôs Parent-Duchatelet (1955, p.291), “as autoridades eclesiásticas e governativas criavam novas disposições repressivas, restauravam as antigas, punham em vigor as que tinham sido esquecidas e cuidavam de sua rigorosa aplicação”, parece que em nada adiantou, já que “a prostituição como a Teia de Penélope, desfeita de dia, reaparecia de noite, ou vice-versa”.

Com o Iluminismo, segundo Roberts (1998), a família tornou-se alvo focal dos programas apresentados pelos principais pensadores, e a mulher deveria ser mais uma vez

confinada ao lar, tendo a obrigação de se dedicar exclusivamente à maternidade. Dessa forma, quanto mais se endeusava a esposa, mais se rebaixavam as prostitutas. Porém, elas permaneciam mais essenciais do que nunca para a vida em sociedade. Essencial, no sentido de proporcionar aos homens uma forma de se afastar da abstinência sexual. Segundo a autora, a imoralidade aristocrática naquela época garantiu que a prostituição permanecesse relativamente sem estigma.

Ao final do século XVIII, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa mudaram acentuadamente a economia e a sociedade na Velha Europa.

Com o surgimento da Revolução Industrial, a miséria tomou conta do panorama europeu, e, em virtude do fluxo de ex-camponeses para os centros urbanos, as mulheres foram muito afetadas pelas situações em que se encontravam as cidades. Sua minoria trabalhava nas fábricas, recebendo salários baixíssimos, dependendo de um complemento financeiro dos esposos. Já outras mulheres nem trabalho tinham. Sendo assim, como as condições de sobrevivência eram precárias, muitas mulheres passaram a se prostituir em troca de favores dos patrões e capatazes, ou como uma forma de obter qualquer tipo de renda, havendo assim um *boom* da prostituição e do tráfico de mulheres. Relatos afirmam que no ano de 1899 ocorreram os primeiros movimentos contra a escravidão e a exploração de mulheres e crianças.

A Revolução Francesa, com seu ideal de liberdade, igualdade e fraternidade, restaurou as doutrinas nas quais o papel da mulher seria restrito à maternidade, tendo o dever e a obrigação de ser uma esposa virtuosa. Dessa forma, as prostitutas, mais uma vez, sofreram as consequências de tais doutrinas.

Mesmo com essas revoluções, o comércio do sexo pouco se alterou em relação ao século passado. Porém, nesse período havia mais mulheres operárias prostitutas e existiam também mais clientes.

O século XIX, segundo Parent-Duchatelet (1995) e Roberts (1998), foi marcado pelo domínio da burguesia em todas as atividades: na economia, na política e na ideologia. Com a sociedade predominantemente patriarcal, o papel da mulher foi restrito mais uma vez ao lar e, além disso, os homens recorrem à ciência para desenvolver uma forma de “castração psíquica” da sexualidade feminina, criando o que Roberts (p.265) chamou de: “Nova Madona – a criatura pura e assexuada de sua própria fantasia”. Portanto, mais uma vez na história, o papel da prostituta se faz necessário, para canalizar as exigências do sexo masculino, sendo vista ao mesmo tempo como essencial e nojenta.

Roberts (1998, p.266) coloca que: “o comércio do sexo e a família tornaram-se os dois pilares da moralidade vitoriana”. Segundo a autora, o que serviu de base para essa divisão das mulheres foi a outra divisão da sociedade do século XIX, a de classes.

A ciência passou a se dedicar aos estudos das prostitutas, buscando dar suporte ao estigma crescente, estabelecendo termos que aprisionavam essas mulheres em um *status* determinado, sendo a partir de então tratadas em separado em relação aos “superiores”. Segundo a autora, as prostitutas desse período eram mulheres da classe trabalhadora que, após terem iniciado sua vida sexual na puberdade, faziam a opção de se prostituírem para receberem melhores pagamentos, serem autônomas e terem condições de vida mais fáceis.

A partir do final do século XIX, e início do XX, a prática da prostituição se tornou alvo de repressão e estigma em quase todo o mundo, sendo as mulheres responsabilizadas pela disseminação de doenças venéreas, passando então a serem controladas por policiamento e sujeitas à prisão. Dessa forma, conforme expôs Roberts (1998, p.295): “Os Atos das Doenças Contagiosas institucionalizam a ausência de direitos humanos e civis básicos das prostitutas e das outras mulheres da classe trabalhadora”. Através desses atos o estigma da prostituição entrou de uma vez por todas na consciência das classes trabalhadoras.

Com a abolição dos Atos das Doenças Contagiosas, em 1886, em vários lugares tal regime permaneceu de forma mascarada, porém sendo chamado de Movimento de Pureza Social, criando condições cada vez mais precárias de trabalho para as prostitutas, já que eram constantemente pressionadas pelos ativistas e pela polícia e se tornavam vulneráveis a abusos de toda a sociedade.

Segundo Roberts (1998), depois de mais de um século de campanhas contra as prostitutas, o foco do interesse mudou devido às grandes guerras, à Revolução Russa, à grande Depressão, apesar da permanência sempre presente do estigma. A autora também destaca que os regimes nazi-fascistas e totalitários, em sua maioria regido por homens, que apresentavam o ideal do patriarcado em suas mentes, foram muito rigorosos, cometendo várias atrocidades com as prostitutas.

A partir do século XX, alguns países do Ocidente procuraram formas de legalizar o meretrício, com o objetivo de acabar com o crime organizado em torno dessa prática sexual: entretanto, esta legalização foi restrita a bordéis, sendo proibidas as atividades públicas.

Por volta da década de 1980, com o surgimento da AIDS, houve uma epidemia desta doença devido à ausência de conhecimento de medidas profiláticas em relação às doenças sexualmente transmissíveis (DST), havendo por isso um impacto na prática da prostituição. A partir daí, a saúde pública passou a intervir através de medidas profiláticas e preventivas. É importante citar que o estigma e o preconceito permanecem muito grandes nos séculos XX e XXI.

Depois de traçado o panorama histórico da prostituição até chegarmos ao momento atual, passaremos para o item seguinte abordando a prostituição analisada por autores que a compreendem e enfocam como uma forma de trabalho.

CAPÍTULO 3.

A PROSTITUIÇÃO SERIA UM TRABALHO?

Eu quero a cena de um artista de cinema
 Eu quero a cena onde eu possa brilhar
 Um brilho intenso, um desejo, eu quero um beijo,
 Um beijo imenso onde eu possa me afogar
 [...]

 Pra me danar por essa estrada mundo afora,
 ir embora, sem sair do meu lugar.

Lisbela
 Los Hermanos

O termo trabalho de acordo com Holanda (1986, p.1695) refere-se a:

1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; 2. Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessário à realização de quaisquer tarefa, serviço ou empreendimento; 3. O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão.

Bruns & Gomes (1996), em sua pesquisa, procuraram compreender a prática da prostituição a partir de como essas mulheres vivenciavam sua sexualidade. Para tanto, os autores realizaram entrevistas com 15 prostitutas institucionalizadas de 18 a 33 anos, com escolaridade até o ensino médio, analisando os dados a partir da fenomenologia e da filosofia de Buber. Segundo os autores, a prostituta faz de seu corpo seu instrumento de trabalho, oferecendo-o em troca de dinheiro, assim como fazem os mais variados profissionais nas mais diversas áreas. Porém o que diferencia a profissional do sexo de outro trabalho qualquer é o estigma que a sociedade lhe atribui.

Os autores também destacam que essa mulher faz uma separação entre mente e corpo, assim, este assume um valor de troca enquanto aquela se consome no esquecimento, isto é, “não há um engajamento consigo mesma, o que permite, então, um distanciamento de si mesma, ou seja do SER-MULHER com a PROSTITUTA” (BRUNS;GOMES ,1996, p.7).

Ainda afirmam que, ao manter relações sexuais com seus clientes, a prostituta se porta como um objeto, ou seja, ela presta serviços utilizando seu corpo enquanto sua ferramenta de trabalho, dissociada de qualquer engajamento afetivo; nas palavras dos autores, ela se põe

como um “isso”, e o prazer que essa mulher tem é pelo dinheiro que receberá pelo serviço prestado. Dessa forma, o pagamento por este trabalho “legitima essa forma de ser no mundo” (BRUNS; GOMES, 1996, p.8).

A prostituta seria então como uma atriz, no mundo da realidade, que encena uma personagem que busca satisfazer seus clientes pagantes e, quando sai de cena, volta a ser a mulher que sempre foi. Ou seja, separando sua vida profissional de sua vida afetiva. Assim, ela torna-se capaz de negociar seu corpo de forma superficial, não estabelecendo laços com seus fregueses já que a *performance* sexual seria completamente mecânica e em série. Caracteriza-se como uma maneira de se proteger de qualquer envolvimento com esses homens.

Os autores também observaram na fala dessas profissionais do sexo que, devido a essa dicotomização corpo x mente, elas não se permitem sentir prazer sexual junto aos clientes, mostrando mais uma vez o “sucesso” de tal saída. O prazer sexual deve ser sentido nos envolvimento fora da prostituição, ou seja, fora de seu local de trabalho. Assim, como numa empresa, ou em qualquer outro ambiente de trabalho, o envolvimento emocional pode vir a atrapalhar e conturbar a relação profissional.

Parece que estamos, nesse momento, nos aproximando das noções elaboradas por Castro (1993), sobre a representação dicotomizada da prostituta e da mulher normal, na qual esta mulher tem que ser duas, uma a “puta” e, a outra, a mulher que não é “puta”, dependendo do momento e do contexto. Mais uma vez, ser uma atriz no mundo da realidade, ou seja, como colocado pelo autor, o “mundo de fora” que está associado a comportamentos morais, enquanto o “mundo de dentro”, ou seja, seu universo subjetivo, mantém-se completamente antagônico ao outro. Tal ato faz com que essas profissionais do sexo tenham necessidade de buscar comportamentos estereotipados de mulheres “direitas”, garantindo-lhes dessa forma o segredo sobre sua condição de prostituta.

Corroborando as idéias de Bruns & Gomes (1996), podemos concluir que essas mulheres, ao fazerem programa, buscam afastar o “mundo de fora” de seu “mundo de dentro”, em outras palavras, tratando o cliente de forma indiferente, elas procuram delimitar o espaço entre a relação profissional e a pessoal.

Confirmando o exposto acima, Lima (1976), em um trabalho que buscou mostrar como o sexo é vivido pelo povo brasileiro através de investigação sobre as experiências e observações de 783 especialistas em sexologia, psiquiatria, psicologia, entre outros, e que, especificamente, sobre a temática da prostituição, levou o autor a visitar alguns lugares freqüentados por profissionais do sexo, além de realizar algumas entrevistas com essas mulheres, coloca que a atividade profissional da prostituição é completamente desvinculada de sua vida privada. Em outras palavras, “a prostituta sai de casa para o trabalho convencida de que tem uma tarefa a cumprir. E não brinca em serviço. O inferninho, a boate, o bar são para ela o primeiro estágio no roteiro das obrigações diárias” (p.200). Tudo isso visando apenas a um alvo, o ganho de dinheiro.

Em sua obra, Martin (2003) realizou uma pesquisa de enfoque antropológico, enfatizando os riscos na prostituição, tais como a violência, a agressividade e as DSTs, entre outros; entrevistou um grupo de 17 prostitutas nos arredores do porto de Santos/SP. No prefácio, Santos (2002) coloca que a prostituição é como se fosse um jogo em que a mulher bajula o homem visando ao comércio e ao lucro, estabelecendo o que o autor chamou de uma relação efêmera. Segundo Martin (2003), a prostituição é considerada uma profissão estruturada pelas relações comerciais onde um corpo é colocado à venda por dinheiro ou outros bens (as drogas, favores, etc.). A relação que essas mulheres têm com seus fregueses visa apenas ao pagamento por um serviço prestado. E, como em qualquer outra profissão, está sujeita a acidentes de trabalho tais como as DSTs, AIDS e uma gravidez indesejada.

A autora coloca também que, na fala de grande parte das mulheres entrevistadas, a prostituição aparece como uma justificativa para problemas financeiros, sendo a forma mais imediata para saná-los. Ou seja, foi a partir dessas relações sexuais mercantis que elas conseguiram ascender economicamente, e não mais sofrer necessidades.

Em sua análise, a autora afirma que o fato de ganhar dinheiro com a venda de seu corpo vai muito além da questão da necessidade ou opção; para elas, ter dinheiro, “não é gastar, é poder gastar aparentemente no que quiserem” (MARTIN, 2003, p.157). Algumas de suas entrevistadas disseram: “dinheiro que entra fácil sai fácil”, sendo usado para os mais variados caprichos.

Será que nesse momento a autora não estaria aproximando a prática da prostituição como uma forma dessas mulheres participarem do banquete na sociedade do consumo? Essa questão será retomada no item seguinte, quando tratarmos da prostituição como uma forma de prazer. Por hora, basta-nos pontuar que o ganho de dinheiro vai além das necessidades básicas imediatas dessas mulheres e foi considerado por todas as entrevistadas como um dos poucos pontos positivos dessa prática.

Farinha & Bruns (2006) realizaram cinco entrevistas com adolescentes profissionais do sexo, com escolaridade variando entre primeira série até a oitava série do ensino fundamental, pertencentes a classes sociais menos avantajadas. Corroborando Martin (2003), Bruns & Gomes (1996) e Lima (1976), as autoras colocam que o prazer que essa mulher dá ao cliente não exclui a indiferença afetiva que há nesse contato sexual, já que tal prática seria apenas profissional.

Em outras palavras, a prostituta não tem envolvimento afetivo, apenas comercializa seu corpo de forma impessoal e descompromissada visando somente ao pagamento por tais atributos sexuais, adequando-se às dificuldades socioeconômicas conforme expõem as autoras:

Hoje, com a crise pela qual o país passa, a prática da prostituição está em alta. Muitas jovens sem uma formação adequada ou suficiente para ingressar no mercado de trabalho, mas precisando de emprego, buscando bons salários e ascensão social, procuram a prostituição para conseguir tal intento (FARINHA; BRUNS, 2006, p.43).

As autoras também colocam que a prostituição seria uma maneira de ganhar muito dinheiro de forma rápida, mais do que ganharia em qualquer outra profissão, além de que o valor do salário é calculado pelo número de programas feitos, permitindo dessa forma um controle dos seus próprios horários.

Simon (1999), seguindo a mesma linha de raciocínio dos autores que destacamos acima, realizou uma pesquisa qualitativa com adolescentes com idades entre 18 a 21 anos, com escolaridade variando desde o ensino fundamental completo até superior completo. A perspectiva teórica utilizada foi derivada da psicologia social em suas interfaces com a sociologia compreensiva. Destacou que a entrada da jovem na prostituição deve levar em conta fatores como situação financeira, contato com a prostituição, necessidade de uma independência econômica, pobreza, entre outros. A questão financeira não necessariamente está voltada apenas às prostitutas de classe social baixa, já que existem profissionais do sexo de classe média e alta que buscam uma melhor condição financeira e através da prostituição podem dar-se ao luxo de ter uma vida material mais confortável.

Essa idéia é também abordada por Bertero (1991), em sua pesquisa sobre a prostituição, analisada sob a perspectiva marxista. Após visitar casas de prostituição e realizar entrevistas com proprietários, prostitutas e fregueses, a autora expõe que trabalhar como profissional do sexo seria uma forma de sobreviver na sociedade:

Homens e mulheres movidos pela vontade de sobreviver, muitas vezes à custa de trabalhos sobre-humanos, sem a menor ajuda legal e mesmo enfrentando hostilidades declaradas, agarram-se às mais diferentes fontes de trabalho, mostrando freqüentemente audácia, empenho e imaginação (BERTERO, 1991, p.29).

Dessa forma, a idéia da prostituição como mais um trabalho, mais um negócio, como tantos outros, que tem a finalidade apenas de obtenção de dinheiro, demonstra que tal prática se insere na competitividade do mercado de trabalho, conforme a autora complementa:

Uma vontade orientada para a obtenção de dinheiro que está no bolso do freguês e que se externa na atenção que dispensa todos os gestos, falas, expressões faciais, postura física, etc. E que sua vontade não se desvie de seu objetivo, que todo o jogo de suas forças corporais e espirituais se direcionem para ele, se ela quer ser uma profissional bem sucedida (BERTERO, 1991, p.279).

Segundo essa perspectiva, concordando com as idéias dos autores até o momento expostas, o sistema capitalista (o dinheiro) é o principal fator tanto de entrada quanto de permanência na prostituição. O importante para essa mulher é o lucro obtido, não os meios pelos quais eles foram conseguidos, sendo assim, todo ato realizado por essa profissional na relação com seus clientes tem como objetivo a obtenção de dinheiro, ou seja, os fins justificam os meios. Portanto, a condição de portadora de valor de troca em relação ao freguês, na qual ela fornece os favores sexuais, e o cliente, o dinheiro, lhe assegurando sua sobrevivência nessa sociedade.

Torres et al. (1999), abordando esta mesma perspectiva de se pensar a prostituição como um trabalho, realizou uma pesquisa descritiva exploratória na cidade de Natal/RN, entrevistando dez jovens que fazem programas sexuais. O autor coloca que as causas que levam essas adolescentes a realizarem essa prática são de ordem econômica. Destaca a carência de condições financeiras por parte de seus responsáveis e também por parte das jovens. A baixa remuneração em outras áreas que não a prostituição é também um fator atrativo para o ingresso na prostituição. Outro ponto destacado pelo autor é que além da necessidade financeira, essas meninas precisam investir na sua imagem como pré-requisito para conseguirem clientes.

Pires (1983), arcebispo da Paraíba, ao realizar uma pesquisa com adolescentes garotas de programas no interior do Nordeste, aborda uma visão religiosa sobre a prática da prostituição, apresentando-a como uma postura humilhante e pejorativa da condição de vida dessas mulheres. Em seu discurso destaca uma representação negativa dessa prática, colocando-a como suja, impura e marcada de sofrimento, sendo a única opção de sobrevivência dessas mulheres.

O autor descreve a prática da prostituição como uma renúncia à dignidade essencial para a sobrevivência dessa pecadora. Segundo Pires (1983), Jesus Cristo não aprovava a prática da prostituição de forma alguma, mas, por se tratar de um homem de Deus, era acolhedor em relação a essas mulheres repudiadas. O autor adota a mesma forma de ação e pensamento em relação à prostituição, já que busca enfatizar o contexto social, incluindo aí a delinquência infantil, a pobreza, procurando, com isso, valorizar essas mulheres, vítimas da sociedade, como seres humanos, em detrimento de julgá-las como violadoras das “normas divinas”, como uma pecadora que precisasse ser retirada da “zona”.

Em sua definição, aponta que o corpo é seu objeto de trabalho, ao afirmar:

Aliás, prostituição não é só alugar o corpo, o sexo para sobreviver; há também o aluguel dos braços, da força de trabalho a que é forçado o operário. E há até o aluguel da própria dignidade quando alguém é forçado pelas circunstâncias a agir contra a própria consciência (PIRES, 1983, p.15).

Nessa definição, percebe-se a ênfase na sobrevivência, que dessexualiza o ato sexual e o apresenta como um “sacrifício” realizado para sobreviver.

Esse autor também destaca, a partir da leitura da Igreja Católica sobre essa temática, que não existe prostituta feliz e, em sua visão, qualquer minoria que apresente esse discurso de prazer em realizar tal prática seria considerada anormal e digna de tratamento médico. A prostituição, para ele, é um pecado grave e abominável, e “nenhum cristão, que quisesse ser fiel ao seu Deus, pode aceitar a prostituição” (PIRES, 1983, p.90).

Hugues (1983), ao realizar entrevistas com garotas de programas de várias regiões do Brasil, principalmente da região Sul, corrobora Pires (1983) destacando que: “Ninguém gosta de confessar que é infeliz” (HUGUES, 1983, p.18). As entrevistadas apresentam esse constante discurso nas entrevistas sobre seu descontentamento com tais práticas sexuais.

O autor descreve que todas as entrevistas, com o que chamou de “As Madalenas”, eram recheadas de dor e sofrimento, sem, contudo, nenhuma abordar ao menos um aspecto positivo. Além disso, em grande parte dos relatos, o arrependimento e o nome de Deus são invocados. Temos aqui a sensação de que essas profissionais do sexo, ao fazerem parte de uma pesquisa realizada por um bispo, ao invés de responderem às questões sem acharem que estariam sendo de alguma forma julgadas, respondem como se estivessem confessando um pecado por elas cometido. Tentando com isso sua remissão.

Outro religioso que se dedica ao estudo da prostituição é Braga (1982). Para ele, quando jovens migram para as grandes cidades, trazem consigo a ilusão de que terão um trabalho fácil, dinheiro, e possibilidade de estudo. Muitas vezes não trazem na bagagem uma qualificação que as coloquem aptas a disputar um lugar no mercado de trabalho, além de que muitas delas nem são alfabetizadas. Segundo esse autor, a prostituição seria a forma encontrada para o acesso a melhores condições de vida e uma tentativa de ascender socialmente. Concordando com esse apontamento, Ângelo (1982, p.8), na mesma obra de caráter religioso, aborda que “o analfabetismo e a miséria são os fatores básicos da prostituição”.

Pereira (1976) organizou dados sobre a prostituição ao trabalhar na delegacia do Mangue no Rio de Janeiro, retratando objetivamente as concepções acerca da prostituição. Primeiramente o autor fez a distinção entre uma mulher promíscua e uma prostituta, já que tal diferença se dá sucintamente na relação com o homem, visto que para a primeira este é tido como um parceiro, para a outra ele é apenas um cliente. A partir daí, defende a idéia de se

reconhecer a prostituição como uma profissão, ao expor que: “A mulher prostituída é sempre uma normal ou subnormal, sexualmente falando. Na ausência de outros meios de subsistência mais rendosos, ela elege a prostituição como profissão” (PEREIRA, 1976, p.19).

O autor enumera o que acredita serem as causas da prostituição: “a) a conduta do homem visando à criação do maior número possível de mulheres de fácil acesso. b) a necessidade de sobrevivência da mulher economicamente fraca e a ambição de conforto e luxo que ela carrega consigo. c) os fatores psíquicos, endocrinológicos e mesológicos” (PEREIRA, 1976, p.25).

Assim, com as três causas expostas pelo autor, por enquanto, nosso interesse se volta à segunda, referente à necessidade. Mulheres tanto de classe baixa quanto de classe alta estariam mobilizadas a ingressarem na prostituição, a primeira delas por uma necessidade de sobrevivência, e as outras por uma necessidade de aquisição de bens de consumo.

Leite (2005) buscou conhecer um reduto da prostituição muito conhecido no Rio de Janeiro na década de 1970, chamado República do Manguê, lendo documentos, desvelando a ótica dos autores envolvidos (polícia, garotas de programas, entre outros). A autora coloca que grande parte das mulheres que freqüentaram a República do Manguê o fizeram por não terem conseguido um lugar no mercado de trabalho ou, quando tinham, os salários eram tão baixos que precisavam de um extra obtido através do meretrício. Assim, fica claro que a razão objetiva da busca pela prostituição era a necessidade de trabalho e a incompatibilidade dessas mulheres com as exigências do mercado de trabalho.

Além disso, aborda que muitas mulheres partiam para a prostituição, quando foram abandonadas por seus maridos e não tinham como se sustentar, e também mulheres migrantes que chegavam ao Rio de Janeiro buscando uma vida melhor e encontravam na prostituição sua única saída.

Gaspar (1985), seguindo a mesma linha de raciocínio de Leite (2005) e Pereira (1976), ao realizar uma pesquisa em Copacabana no Rio de Janeiro sobre garotas de programa com enfoque antropológico, utilizando como método a observação participante, no interior do ambiente da prostituição, aborda que a profissional do sexo oferece o corpo, algo considerado pessoal, em troca de dinheiro, e tal fato anula a pessoalidade do outro e coloca a noção de compra.

A autora coloca também que a possibilidade de ganhar muito mais dinheiro do que em outras profissões seria um fator determinante tanto de razões simbólicas quanto materiais para a entrada e permanência na prostituição. Além da questão da busca dessa prática como uma forma de sanar dificuldades econômicas:

[...] uma situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho por baixos rendimentos, e muitas vezes, pela condição de arrimo e chefe de família, é uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição [...] diante da sua própria situação de penúria e também da de sua família, é necessário que ela se sacrifique por ela e pelos seus. A prostituição surge então como um recurso quase legítimo para a falta de dinheiro (GASPAR, 1985, p.86).

A autora inicia um discurso através do qual critica a busca da prostituição como uma forma de sanar as necessidades, ou seja, ela coloca que muitas vezes, a mulher usa essa justificativa para explicar a sua conduta. Sendo assim, mulheres de classes inferiores têm um maior respaldo para justificar sua prática, em contrapartida, mulheres de classes mais elevadas, com mais recursos, não podem sustentar como motivo para a escolha da prostituição o fato de não terem outra maneira de suprirem suas necessidades básicas.

A autora também coloca que elaborar uma história de vida trágica seria uma forma de barganhar mais dinheiro, representando uma das racionalizações ou justificativas e até mesmo um agente purificador, criando uma certa legitimidade para o fato de se prostituir, além de diminuir o peso do estigma.

Sobre essa questão, Castro (1993) complementa essa crítica ao afirmar que considerar a prostituição exclusivamente devido a causas econômicas seria deixar de abordar outros fatores, tais como o prazer, a patologia e as questões de gênero.

Souza (1998) realizou uma pesquisa que teve como método a observação participante nos prostíbulos de luxo de Fortaleza, efetuando entrevistas com garotas de programas e os clientes da prostituição, concluindo que a análise da prostituição não deve e não pode se pautar unicamente na sobrevivência ou na falta de opção ou no dinheiro fácil e rápido, principalmente em se tratando das casas de luxo, já que esse tipo de profissão é uma questão de escolha.

Calligaris (2005), partindo de um enfoque psicanalítico, aborda que algumas mulheres decidiram oferecer serviços sexuais aos homens, que por sua vez teriam uma “necessidade física de sexo”, em troca do devido pagamento, “como um pão que é vendido ao sujeito faminto. A relação comercial fica bem estabelecida: um necessita e o outro vende” (p.29). Coloca que tal posição é muito simplista e pouco elucida sobre a questão da prostituição.

Leite (2005), seguindo a mesma idéia crítica sobre a prostituição como uma forma de trabalho, afirma que esta não pode ser entendida e explicada através da busca de dinheiro “fácil”, ou seja, deveria existir uma outra atração por esse mundo, que fosse além da questão financeira.

Martin (2003), referindo-se a esta questão, aponta que essas mulheres efetivamente optaram pela prostituição apresentando como justificativa a necessidade de dinheiro e como uma forma de resolver seus problemas imediatos. Tal posição trata-se de uma postura profissional ancorada em um discurso inteligível e simplista, destacado como uma forma de comover o interlocutor. Essa postura as coloca em uma posição de vítima do destino, já que elas não seriam acolhidas pela sociedade que não lhes oferece oportunidade nem emprego, restando apenas a prostituição. A essas justificativas, a autora chamou pelo termo *estereótipo*

da necessidade. Além disso, destaca que é necessário pensar esse assunto de maneira mais ampla, englobando tanto aspectos socioeconômicos quanto culturais e psicológicos, indo muito além de questionamentos sobre a inserção por necessidade.

A prostituição como uma forma de trabalho foi abordada neste item primeiramente mostrando que a mulher faz uma separação entre mente x corpo. Trata deste como um objeto que é posto à venda no mercado do sexo. O cliente o aluga em busca de prazer e ela, como atriz da realidade, encena satisfação e gozo. Justificou-se esta escolha pela necessidade de dinheiro, de ter como se sustentar e como sustentar seus filhos. Já as profissionais do sexo, pertencentes a classes sociais mais elevadas, justificam sua busca também como uma forma de conseguir dinheiro, com a diferença que esse dinheiro seria usado para seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo.

Entretanto, num segundo momento, foi verificado que essa busca pela prostituição não pode ser explicada apenas pela necessidade do dinheiro, que é também necessário analisar essa prática por outros aspectos correlacionados, tais como gênero, patologia e prazer.

Dito isso, pretendemos abordar no item que se segue a prostituição como uma forma de prazer.

CAPÍTULO 4.

PROSTITUIÇÃO: UMA BUSCA DE PRAZER?

A partir das críticas destacadas no item anterior em relação à prostituição como trabalho, abordaremos um outro eixo, focando a prostituição como prazer.

Antes de iniciarmos, vale destacar a definição de Holanda (1986, p.1378) de prazer: “1. Causar prazer ou satisfação; agradar, aprazer, com prazer; 2. Sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que atende a uma inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite; 3. Disposição cortês, afável; agrado, satisfação; 4. Distração, divertimento, diversão; 5. Gozo”.

Buscaremos compreender a prostituição a partir dessas definições.

Como trabalho, as prostitutas têm deveres, tais como abordados por Souza (1998), como batalhar dinheiro; não perder tempo; não se envolver; permanecer lúcida; evitar conflitos; tratar os clientes da mesma forma e favorecer os que pagam melhor; preocupar-se com o fazer, não com o prazer, e ainda ter cuidado com doenças e gravidez.

Na contramão desses deveres, encontra-se o prazer, uma outra maneira de ver e vivenciar a prostituição, para essas mulheres o importante é, segundo o autor, ir para o prostíbulo mais para buscar diversão do que para batalhar; fazer os programas sem se preocupar com o tempo; se envolver com clientes; se divertir, não sendo racional; não tentar evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; oferecer tratamento diferenciado aos clientes, dando preferência aos de que mais gosta; se preocupar com o próprio prazer e se prevenir de doenças sexuais e gravidez.

Martin (2003), a partir da fala de garotas de programa, apresenta três aspectos positivos referentes à prática da prostituição. A partir dessa apresentação, percorreremos autores, os quais retratam e comentam cada um dos aspectos abordados.

O primeiro deles seria “o dinheiro que ganha, apesar das variações individuais no consumo, e o instrumento que possibilita a realização de desejos e sonhos planejados, considerados por elas como irrealizáveis fora da prostituição”. O segundo ponto abordado

pela autora refere-se à prostituição como “o meio pelo qual, consciente ou inconscientemente, realizaram seus desejos e fantasias em relação ao sexo oposto. Um exemplo é a afetividade em relação aos clientes lembrada pelas entrevistadas”. E por último:

A prostituição permite, para algumas outras, uma sociabilidade com os clientes na qual há diversão e lazer, além da ‘liberdade e autonomia’ declaradas nos seus modos de agir. Também a descrição de fatos do cotidiano da prostituição mostrou vários exemplos de atividades que envolvem sentimentos de alegria, prazer, solidariedade e diversão (MARTIN, 2003, p.181).

Para facilitar nossa explanação, optamos em nominar cada um desses pontos para, em seguida, discorrer sobre eles. O primeiro deles chamaremos de consumo: a busca ilimitada do “ter”; o próximo de prostituição: realização de desejos e fantasias sexuais, e o último de prostituição: sentimento de liberdade e autonomia.

4.1 Consumo: A busca ilimitada do “ter”

Optamos por chamar esse item de consumo: a busca ilimitada do “ter”, porque grande parte do dinheiro ganho com essa prática é investido em bens, ou melhor, em compras que têm por objetivo fazer com que essa mulher seja pertencente à sociedade do consumo.

Segundo Farinha & Bruns (2006), a prostituição pode ser encarada como uma forma de adolescentes realizarem sonhos criados pela sociedade do espetáculo. Isto lhes confere a possibilidade de vestirem as roupas das *top models* de grifes caras e sofisticadas ou ainda usarem o perfume *Chanel* nº5, almejando um *status* social que a elas só pode ser conferido, se estiverem de acordo com as normas vigentes nessa sociedade do espetáculo.

Nesse sentido, como coloca Bruns (2001), o ambiente da prostituição invariavelmente se mistura com quadros sociais de miséria e luxúria, ilusão de felicidade. Há ainda a possibilidade de essas garotas viajarem, conhecerem e freqüentarem novos lugares, sem ter

uma rotina rígida de trabalho e ganhando uma quantidade grande de dinheiro, conforme nos mostraram Farinha & Bruns (2006).

Além disso, as autoras complementam, explicando que essas mulheres são reforçadas pelo poder da mídia, querendo não apenas o dinheiro, mas também poder e *status*. Demonstrando o quanto elas valorizam as aparências, ou melhor, as imagens, e conseguem, a partir da prostituição, angariar os recursos necessários para pôr em prática tal forma de vida efêmera. Com uma sociedade altamente consumista que traz como ideal de satisfação e felicidade a obtenção de bens, a busca pela prostituição satisfaz todos esses ideais, o que torna difícil a procura de uma nova profissão que não esta.

Martin (2003) afirma que esse dinheiro que entra “fácil”, como as meninas colocam, também vai embora de forma rápida, usando-o para a satisfação dos mais variados caprichos, ou seja, realizando sonhos impossíveis em outras profissões, e ainda que o ganho de muito dinheiro permite que essas meninas se insiram em um meio social mais elevado economicamente.

A autora afirma também, em concordância com as autoras supracitadas, que viajar e comprar roupas caras estão muito presentes no cotidiano dessas meninas, porém essa autora, assim como Bruns (2001), acredita que isso não passa de uma ilusão de felicidade, já que sua condição como desviante perante a sociedade será sempre lembrada por essas mulheres.

Outra autora que aborda a prostituição como uma maneira de ascensão ao mundo do consumo é Gaspar (1985) que coloca que algumas garotas optam pela prostituição por não estarem satisfeitas com o padrão de vida que estavam tendo.

Segundo ela, algumas garotas de programa relataram que é um “enorme barato” freqüentar ambiente sofisticado no Rio de Janeiro, como bares, restaurantes, boates em companhia de sujeitos que poderiam presenteá-las e apresentá-las a ambientes até então reservados só para a alta sociedade. Sobre essa questão, uma garota de programa afirma que:

“não é só dinheiro, é também o social da coisa. Ir ao Hipopótamos, ao Regines, jantar em bons lugares, conhecer pessoas famosas. Todo esse mundo é maravilhoso” (GASPAR, 1985, p.94).

Sendo a prática da prostituição uma maneira “fácil” de garotas ascenderem a um mundo novo, um mundo do espetáculo, do faz-de-conta, como chamou Bruns (2001), que as permite consumir, não apenas roupas de grife e perfumes mas também sonhos e desejos de estarem inseridas em um universo mágico, criado pela mídia como o único lugar onde se é feliz.

Dito isso passaremos para o próximo item que se refere à prostituição como uma forma de prazer pela realização de fantasias.

4.2 Prostituição: Realização de desejos e fantasias sexuais

Pizani (1994) realizou uma pesquisa entrevistando garotas de programas de luxo em São Paulo, constatando que algumas delas afirmavam que o lado bom dessa profissão é se relacionar com os clientes, criando laços de amizade e companheirismo. Além disso, existem, como colocado por elas, uns clientes em que se tem tesão além de eles pagarem bem, ocorrendo muitas vezes de elas se apaixonarem e se apegarem aos mais rotineiros. Outras colocam que o prazer nessa profissão é dar prazer ao homem. Como afirma Gigi, uma garota entrevistada pelo autor:

Já o meu maior prazer é dar prazer ao homem [...] a minha fantasia é deixar ele superexcitado, até ele não agüentar mais. Eu gosto de transas loucas, em qualquer lugar, entende? Sou meio do perigo [...] eu também tenho uma fantasia de transar com dois homens [...] nunca rolou. (p.38).

A partir da fala dessas mulheres, podemos perceber que existe um prazer sexual em trabalhar como garota de programa, além de, no discurso de Gigi, a afirmação de que costuma gozar nessas relações sexuais.

Segundo Martin (2003), a prostituta, além da questão econômica, também realiza suas fantasias de serem desejadas e amadas pelo sexo masculino. Isso não quer dizer que seus desejos e fantasias sejam satisfatoriamente correspondidos. Esclarecendo que no momento da relação com seu freguês, além de buscar o pagamento, busca prazer sexual, existindo também sentimentos e emoções de ambas as partes. Além disso, a partir do momento em que há expectativa por parte do cliente e da profissional do sexo, tal relação vai muito além de um aspecto apenas comercial.

A autora acrescenta que a afetividade pode ocorrer na relação cliente/prostituta, em que o programa pode ser uma forma de realizar desejos românticos, incluindo passeios e jantares, ou mesmo sexuais. E que uma relação pode ser bem mais interessante, quando essas mulheres sentem atração sexual pelo cliente.

Simon et al.(2002) segue a mesma idéia abordada acima de que os clientes fixos trazem mais prazer nas relações, pois a relação é mais duradoura e permite às garotas ficarem mais à vontade, indo além de uma relação apenas comercial. As garotas afirmam ter essas relações como um tipo de namoro, através do qual é possível obter, além do sexo, carinho, afeto, o que torna o programa mais agradável e seguro, preferindo esses tipos de clientes aos outros.

Souza (1998) é um pouco mais crítico em relação às questões levantadas acima, colocando que as fantasias dessas mulheres poderiam existir tanto na entrega do corpo como mercadoria à venda quanto na busca do prazer e na sua história pessoal. Sob essa questão o autor nos esclarece mais detalhadamente ao expor que não há uma desconexão entre as categorias:

Ao apertar uma determinada tecla, a mulher prostituta-máquina esquece o prazer e sua história pessoal, passando a agir tão somente como mercadoria à venda. Em um outro momento, de atração por um cliente, aperta-se outra tecla, e o que vai predominar é a busca do prazer, vivenciada pela história pessoal (p.41).

O autor complementa dizendo que existem casos em que pode acontecer esse desmembramento exclusivamente como mercadoria à venda e outros como busca do prazer. Porém, não exclui a possibilidade de que exista prazer na prática da prostituição, já que muitas mulheres que têm outras opções de vida, podendo sair quando desejarem, permanecem, possivelmente como uma forma de satisfação de suas necessidades sexuais. Isso é constatado por Carla, uma de suas entrevistadas, ao afirmar que ela mais curtiu a prostituição do que fez comércio. Essa mulher ficou famosa nos bordéis de Fortaleza, conhecida por não se preocupar se a noite seria lucrativa, gostava mesmo era de curtir a noite com seus amigos de bordéis, comendo, bebendo e transando.

Podemos perceber que o prazer na prostituição pode existir tanto como uma forma de satisfazer os desejos e fantasias sexuais quanto como uma forma de se envolver afetivamente com seus fregueses, numa relação marcada por sexo, muitas vezes com carinho e amizade.

Abordaremos, a seguir, a terceira forma de encontrar prazer com a prostituição, através dos sentimentos de liberdade e autonomia.

4.3. Prostituição: Sentimento de liberdade e autonomia

Pretendemos aqui contemplar o prazer na prostituição sob uma terceira perspectiva, a qual permite a essas mulheres sentirem-se livres e autônomas.

Calligaris (2005), criticando a visão da prostituição apenas como o oferecimento de um prazer sexual em troca de pagamento, ou seja, apenas como uma forma de trabalho,

constata que, ao mesmo tempo em que alivia a necessidade sexual do homem, a prática está saciando algo dentro dessa mulher. Em outras palavras, como exposto: “uma fantasia de oferecer seu corpo a qualquer homem, sem escolha, sem regras, sem condições, simplesmente oferecer-se. Ser livre para gozar de seu corpo, sem culpas” (p.30). Assim, a autora concorda com a noção de que a prostituição de certa forma seria uma maneira de vivenciar a sua sexualidade de forma livre.

Seguindo a mesma linha de pensamento, porém com enfoque antropológico, Leite (2005), abordando a prostituição no período de 1954 a 1974 no Rio de Janeiro, afirma que a opção por essa prática está relacionada com o desejo de possuir uma vida sexual livre, sem interferência de ninguém. E ainda que o desejo pela liberdade é tão forte quanto a necessidade de sustento. Por isso, acabam por escolher essa profissão para não terem horários fixos, não dependerem de patrão, e manterem relação sexual quando desejarem, exercendo seu direito de decidir sobre sua própria sexualidade. Apesar de a autora ter realizado sua pesquisa naquele período, podemos perceber que as questões levantadas ainda estão muito presentes na atualidade.

Fazendo aqui um breve parêntese, vale destacar que o direito de decidir sobre sua sexualidade é um direito garantido por lei. E ainda que, segundo Freedman & Isaacs (1993), a autonomia que confere à mulher o controle e autoridade para tomar decisões sobre sua vida reprodutiva, ter acesso adequado a informações e aos serviços de saúde, foi estabelecida pelas convenções internacionais, entre elas: a Assembléia Geral da ONU em Roma em 1974; as Conferências de Teerã em 1968; também em 1974 na Romênia, em Bucareste, a Conferência da População Mundial; em 1984 na Conferência do México.

Dito isso retomaremos a exposição. Ainda segundo Leite (2005, p.86), “houve uma atração explícita pelo meretrício, visto como forma de livre exercício da sexualidade”. A

autora também coloca que, no mundo da prostituição, uma característica marcante é a independência e a liberdade.

Essa liberdade sexual das profissionais do sexo, segundo a autora, poderia ser expressa não apenas pela relação com um grande número de parceiros, como também por outras formas de manifestação da sexualidade feminina, entre elas, o uso de maquiagem e roupas ousadas, freqüentar lugares proibidos e andar pelas ruas a hora que desejar.

Martin (2003), seguindo a mesma linha de raciocínio dos autores expostos, destaca que uma característica predominante na prática da prostituição, a partir da fala das praticantes, é o fato de essas meninas não serem submetidas a nenhum tipo de subordinação. Dessa forma, elas consideram tal aspecto uma manifestação de liberdade e autonomia.

Porém, aqui é necessária uma pausa para introduzirmos uma temática delicada que trata a prostituição como uma via de mão dupla. Já que ao mesmo tempo em que ela proporciona a essas mulheres a tão sonhada liberdade e autonomia, pode também, de forma camuflada, ancorar essas meninas na prostituição a partir da situação estabelecida pela relação de poder entre homens e mulheres. Nesse momento, estamos buscando compreender a prostituição, a partir das relações de gênero.

Leite (2005), referindo-se à questão de gênero, coloca que algumas mulheres não se adaptavam às categorias caricaturais de submissão, fragilidade e maternidade da mulher e encontravam na prostituição uma maneira de se rebelar contra tais padrões.

Martin (2003), complementando a autora acima, destaca que a profissional do sexo ludibria o homem aparentando ser permissiva. Em contrapartida, esta mulher vai de encontro com aquela chamada pela autora de “virtuosa”, aquela que se submete aos desejos e caprichos da sociedade machista, aquela pertencente ao lar, que tem como função e objetivo criar os filhos. A prostituta, ao contrário, freqüenta os mesmos lugares que os homens, bebe e se

diverte com eles, não se propõe a ficar em casa cuidando do lar, mas a ficar na rua e exercer sua liberdade sexual.

Além disso, segundo essa mesma autora, essas mulheres se consideram um componente indispensável ao exercício da sexualidade masculina, acreditando serem superiores às mulheres “normais”, uma vez que contemplam aspectos sexuais inusitados somente atendido por elas.

Segundo Parker (1991), a partir de uma visão da antropologia social, a puta, termo utilizado pelo autor, passa a negar o controle sobre seus atos sexuais por parte do universo masculino. Ou seja, ela foge e questiona os padrões de poder atados à sexualidade. Essa mulher vai de encontro ao que os machões chamariam de destino feminino, ser mãe, dona do lar e virgem até o casamento.

Sobre essa questão, o autor nos esclarece, abordando que:

Ela tanto confirma as identidades masculinas de seus parceiros quanto, ao mesmo tempo, questiona a estrutura de poder sobre a qual essas identidades se fundamentam. Com mais vigor que a virgem, ela assume um papel central na constituição não apenas da feminilidade, em e de si mesma, mas da sua latente e fundamentalmente ameaçadora relação com a masculinidade (PARKER, 1991, p.86).

Rago (1991) coloca que se prostituir seria de certa forma uma atitude de rebeldia e heroísmo que desafia as imposições morais dominantes, contrapondo os ideais de “mulheres do bem”, que, como já afirmado acima, seriam aquelas voltadas ao casamento, à maternidade e à submissão. Tais atitudes, segundo Souza (1998), despertam no âmbito simbólico e imaginário do social uma atração pelos prostíbulos, acontecendo, assim, uma inversão no processo de sedução. Já que as mulheres passam para uma postura ativa.

E isso seria um ponto positivo conforme já abordamos, de se sentirem com poder de atrair os homens, controlando de certa forma sua sexualidade. Entretanto, essa “igualdade” atingida pelas profissionais do sexo em relação aos homens tem de ser cuidadosamente

examinada. Já que, conforme nos coloca Martin (2003), essa independência de ação é um pouco relativa, já que se prostituir também significa desistir de controlar sua própria vida. Passando para o lado do homem, sendo submissa e prestativa às suas vontades. Sobre essa questão Martin (2003, p.140) expõe:

Esse aspecto de caricatura do homem se revela quando, apesar das declarações das prostitutas de que são livres, autônomas e fazem uso da sexualidade de maneira semelhante àquela destinadas aos homens, elas de fato se sujeitam aos desejos masculinos. Nem ocupam o espaço da feminilidade e sexualidade socialmente desejáveis, nem da liberdade e do poder masculino.

Dito isso, finalizamos essa etapa destacando que alguns autores afirmam existir na prostituição uma sensação de autonomia e liberdade que coloca essas profissionais no mesmo patamar dos homens, ou seja, que as deixa livres para gozar a vida sem ter de se sujeitar aos desmandos do sexo oposto. Porém, pode existir um contra-argumento de que isso não passa de uma ilusão, como exposto acima.

Sendo assim, voltaremos nossa atenção ao terceiro eixo que alicerça nossa pesquisa, referente à prostituição como uma forma de patologia.

CAPÍTULO 5.

PROSTITUIÇÃO: UMA FORMA DE PATOLOGIA?

Eu tô perdido
 Sem pai nem mãe
 Bem na porta da tua casa
 Eu tô pedindo
 A tua mão
 E um pouquinho do braço
 Migalhas dormidas do teu pão
 Raspas e restos
 Me interessam
 Pequenas poções de ilusão
 Mentiras sinceras me interessam
 Me interessam, me interessam
 Eu tô pedindo
 A tua mão
 Me leve para qualquer lado
 Só um pouquinho
 De proteção
 Ao maior abandonado

 Maior Abandonado
 Cazuza e Frejat

Iniciaremos o nosso estudo a respeito da visão “patologizante” da prostituição dialogando com autores da psicanálise. Para tanto se faz necessária a revisão de alguns conceitos psicanalíticos, em especial a sexualidade feminina, a partir de uma perspectiva freudiana e pós-freudiana.

Freud (1931) apresenta a mulher como sendo um ser misterioso, obscuro, que até então havia sido pouco explorada e compreendida. Neste momento de sua obra, o autor busca desvendá-la, indo além da questão do determinismo biológico.

Freud (1931) introduziu seus estudos sobre o sexo feminino, definindo as diferenças básicas entre as mulheres e os homens, focando no desenvolvimento de sua sexualidade. Segundo o autor, o homem possui uma vida sexual diferente da mulher, já que o ser masculino tem uma zona sexual principal, o pênis, e a mulher possui duas, a vagina e o clitóris, que seria análogo àquele, ou seja, tendo um caráter masculino, sendo também o foco inicial na vida sexual da mulher.

O pai da psicanálise acreditava que as meninas teriam inveja do pênis do menino, e que por esse motivo sentimentos de inferioridade ocorreriam nelas, mas vale destacar que tais

preceitos em relação às qualidades da mulher estavam intrinsecamente relacionados ao período, conforme abordado anteriormente.

Esse aspecto da teorização freudiana de valorizar o pênis é conhecido como falocentrismo, pois coloca as meninas em uma posição de decepção em relação aos seus genitais, em função de não possuir um pênis tal qual os meninos, conforme nos expõe Dolto (1996, p.53) que nesta passagem comenta a teoria freudiana:

Essa descoberta traz à menina uma decepção narcisista incontestável, bem como o desejo de possuir um pênis centrífugo como os meninos; isso acompanhado de buscas, investigações, sozinha ou ajudada por meninos, motivadas por sua preocupação com essa falta aparente, falta que as junta na busca desse apêndice peniano, talvez oculto, talvez cortado.

Sendo assim, a menina, ao se deparar com o órgão sexual dos meninos, se decepciona por não ter um igual. Criando para si a ilusão de ainda não ter crescido o seu membro.

Freud (1931) também destaca como se dá a diferença entre homens e mulheres em relação à escolha de seus objetos sexuais. Num primeiro momento do desenvolvimento sexual, ambos os sexos dirigem sua libido para a mãe. A mulher muda seu objeto sexual, e da mesma forma faz uma passagem da zona sexual do clitóris para a vagina, caracterizando a feminilidade.

Freud (1931) continua abordando que a mudança de objeto sexual na mulher não é tão simples. Pelo fato de a mãe ter sido o primeiro objeto de amor, a menina retorna seu amor a ela, as mulheres dessa forma não abandonam sua relação com a progenitora, já que ao se relacionarem com seus maridos repetem situações com a mãe, através de uma regressão. Dentro desse contexto, é importante comentar o papel desempenhado pela castração na passagem de um objeto para o outro, conforme Freud (1933, p.124) nos apresenta:

É importante estar salientando que a castração ocasionará diferentes efeitos em cada mulher, mas essa só surtirá efeito quando a mãe for reconhecida

como castrada [...]. Foi uma surpresa, no entanto, constatar na análise que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem.

Conforme exposto, a passagem da mãe para o pai, assim como a mudança do clitóris para a vagina, é uma característica exclusiva da mulher, tendo o complexo de castração um papel fundamental nessas mudanças, mas essas só surtirão efeito se a mãe for reconhecida como castrada.

Corroborando o exposto, Dolto (1996) aborda que a relação com a mãe é marcante na vida do bebê, sendo sentida como seu primeiro objeto de amor fálico. A menina mantém essa relação de amor com a mãe, mas para que se identifique com esta se faz indispensável a presença de um pai que valorize essa mãe.

A menina, como já foi dito, muda de objeto, passando da mãe para o pai. Isso acontece muito cedo; a garota, após ter sido saciada de suas necessidades fisiológicas de fome e sede pela mãe, passa a olhar o pai, conforme expôs Dolto (1996, p.42):

No entanto - e isto muito precocemente -, desde as primeiras mamadas, depois de recebidos os cuidados corporais e com o leite absorvido (a mãe líquida) sendo digerido, o bebê-menina desvia da mãe o rosto, à aproximação do pai ou de outro homem, a fim de orientar sua atenção para este.

Após ter sido alimentada e suprida em suas necessidades biológicas, a menina volta seus olhos para o homem, para o pai, dessa forma podemos falar de uma iniciação da feminilidade, conforme a autora, já que existiria uma reação da criança diante da masculinidade que emana do corpo dos homens. Assim, a menina se aproxima do Édipo, tendo afetos dirigidos ao pai e também à mãe, conforme a citação: “As pulsões precoces pelo pai, não conflitivas com a atração sexual pela mãe, não passam dos primeiros balizamentos de um dos componentes representativos do complexo de Édipo, e processo de organização da menina” (DOLTO, 1996, p.49).

Retomando o complexo de castração que exerce grande influência na vida psíquica dos seres humanos, nos perguntamos: qual seria a importância da castração na mulher?

Freud (1931) responde descrevendo os caminhos traçados pelos efeitos do complexo de castração nas mulheres. Diferentes rumos que podem tomar o desenvolvimento da sexualidade feminina: no primeiro, a mulher cresce insatisfeita com seu clitóris, abandonando a sua sexualidade; no segundo, tem a fantasia de que seu pênis crescerá (complexo de masculinidade); e no terceiro, ocorre um desenvolvimento “normal”.

Dito isso, vale uma pausa para destacarmos alguns autores que ultrapassam os preceitos teóricos freudianos do falocentrismo que é contestado, ao abordarem o limite da noção de inveja do pênis.

Conforme Dolto (1996), a inveja do pênis não é tão marcante para a menina conforme elaborado pelas teorias freudianas, e os meninos parecem ter receio em acreditar que as garotas não têm pênis, tratando-as com desprezo, mas isso se dá pelo medo de uma identificação perigosa com elas. As garotas, ao terem o sobrenome do pai em seus nomes, se sentem desejadas, assim como suas mães o foram. Então, identificadas com a mãe, passam a aceitar a sua constituição genital, diferentemente do que Freud (1931, 1933) pensava. A menina tem orgulho e honra de ter um ‘orifício e um botão’, principalmente quando a mãe não se recusa a dar respostas compatíveis com a verdade em relação à sua sexualidade, para que a filha conheça sua constituição como mulher.

O questionamento da idéia falocêntrica também aparece em exposições de McDougall (1997). Para a autora, inicialmente há a inveja e a sensação de falta do pênis, mas isto é superado, ao contrário da teorização freudiana. Após a infância e a inveja do pênis terem sido vencidas, ocorre uma tranquilidade narcísica, e a menina começa a valorizar outros aspectos do seu corpo, porque este pode gerar desejo nos homens.

Outro ponto, destacado por esses autores, que vai além das concepções freudianas diz respeito à relação das meninas com suas mães. Apesar de ter mudado as zonas eróticas de seu corpo assim como de objeto sexual, segundo esses autores, as meninas levam vantagem em relação aos meninos, pois não precisam se “desidentificar” com o corpo materno, favorecendo a homossexualidade primária e seu destino no Complexo de Édipo.

McDougall (1997) aborda cinco caminhos para integração da constelação edipiana homossexual.

O primeiro é da estabilização da auto-imagem, no qual: “toda menina pequena precisa ser capaz de dar a si mesma um pouco do amor e do apreço iniciais que experimentou em relação a sua mãe e ao corpo desta, a fim de ter afeição e estima por seus próprios *self* e órgãos sexuais femininos” (p.15). Segundo a autora, a menina abandona o desejo de ter uma mulher, para ser uma mulher, passando da inveja do pênis para o desejo de ter um pênis oferecido por um homem.

O segundo é a intensificação do prazer erótico:

O profundo desejo de ser do outro sexo, se é abandonado e quando o é, encontra importante investimento na vida amorosa da mulher, especialmente no próprio relacionamento sexual, no qual a identificação com o prazer e o desejo do seu parceiro erótico intensifica seu próprio prazer erótico (MCDUGALL, 1997, p. 15).

Segundo a autora, a mulher, ao renunciar ao desejo de ser um homem, passa a sentir prazer erótico ao se relacionar com ele.

O terceiro seria a intensificação dos sentimentos maternos; a relação da mãe com seus filhos é carregada de riquezas homossexuais e contribui para a integração homossexual.

O quarto é o emprego criativo das identificações homossexuais, conforme expôs McDougall (1997), onde o prazer experienciado pelas criações artísticas está carregado de fantasias homossexuais.

O quinto e último caminho apontado pela autora, com relação à integração da homossexualidade feminina, é o enriquecimento das amizades de mesmo sexo, sem objetivo sexual consciente, ou seja, sendo “dessexualizado”.

Dessa forma, esses são os cinco caminhos apontados para a integração dos desejos homossexuais femininos, sendo a mulher investida na vida sexual e em outras áreas, como na vida social, na família, nas relações profissionais, sem necessariamente tornar-se uma homossexual.

Outro ponto importante abordado pelos teóricos da psicanálise em relação à sexualidade feminina é que as meninas, diferentemente dos meninos, são marcadas pelo medo de perder o amor de seus pais, conforme expôs Bernstein (1998, p.195): “Para os meninos, a angústia está na ameaça à integridade corporal, especificamente na angústia de castração (derivada da separação do pênis); para as meninas, o perigo está na perda do amor do objeto (derivada da separação do objeto)”. Os meninos são receosos de perderem seu órgão sexual, já as meninas têm pavor de não serem desejadas pelos objetos, sendo assim, as angústias infantis diferem.

Feita essa breve explanação sobre algumas contribuições da teoria psicanalítica, voltaremos nossa atenção para a questão da prostituição.

Calligaris (2005), ao realizar uma pesquisa a partir de um atendimento psicanalítico de três pacientes, construiu a hipótese de que a escolha feminina para a sedução e sua conseqüente possibilidade de se entregar sexualmente a um homem esteja ligada freqüentemente com a fantasia de prostituição, considerando tal fantasia como organizadora da sexualidade feminina.

De acordo com a autora, o encontro com o parceiro amoroso e sexual nas mulheres sofre conseqüências diretas da relação pai/filha iniciada na infância. Baseada nas teorias freudianas, afirma a autora que uma mulher procura em um homem um olhar que a deseje,

sem ser, contudo, de caráter incestuoso. Permitindo, assim, que não precipitem nela sentimentos de culpa por pertencer a este corpo que é desejável.

Conforme abordamos, a ameaça para as meninas, diferentemente do que ocorre com os meninos, se dá então pelo medo de perder o amor, algo externo ao seu corpo; dessa forma, “sem amor, entregar seu corpo equivale a perder-se. Curioso, aliás, que justamente a prostituta seja chamada de mulher perdida” (CALLIGARIS, 2005, p.19).

Portanto, o amor funcionaria como um lastro necessário para que as mulheres possam de fato e de direito usufruir de seu corpo. Porém, conforme nos esclarece a autora, essa questão se torna complicada quando tal sentimento se mistura com o amor esperado do pai. Ou seja: “é necessário sentir-se amada para se entregar” (p.19), mas o amor paterno é protetor e sendo assim impossibilita a entrega.

Produzir desejo é vivenciado como algo proibido, criando nas mulheres um receio de perder o amor de seu pai e a consideração de sua mãe, resultando na busca da abstinência sexual em algumas mulheres e conseqüentemente no afastamento de sua feminilidade.

Neste momento podemos clarear a hipótese levantada pela autora acerca da importância da fantasia da prostituição, podendo levar uma mulher a se libertar dessa gaiola em que o amor paterno a colocou, sendo necessário traí-lo, em outras palavras, reconhecer o afeto do pai, porém sem buscá-lo em outros homens. Marcando a necessidade para esta de se imaginar como transgressora, não lhe garantindo sua castidade:

Crer no amor paterno e trair os ditames do mesmo possivelmente conduzem uma mulher a organizar uma fantasia de prostituição, uma fantasia de oferecer seu corpo a qualquer homem, sem escolhas, sem regras, sem condições, simplesmente oferecer-se. Ser livre para gozar de seu corpo, sem culpa (CALLIGARIS, 2005, p.30).

A partir daí, levantamos uma questão de extrema importância para a compreensão da prostituição. Por que então todas as mulheres não passariam a fazer programa? A autora

responde a esse questionamento quando explicita os conteúdos psíquicos que emergiram, a partir da análise de uma garota de rua que praticava a prostituição.

Nesse momento vale um breve esclarecimento de que, segundo a autora, a situação econômica dessa menina deve ser levada em conta, mas o importante seria focar a dinâmica psíquica e familiar que a jogou na rua e a levou à prostituição. Essa menina, com um histórico de abandono dos pais, busca um pai simbólico, “o amor do pai” passando inevitavelmente pela oferta de seu corpo, também sustentado por uma fantasia feminina. E na prostituição procura restituir o que perdeu ao ser expulsa de casa. Sendo assim, de pênis em pênis reais, ela procura substituir o falo paterno, nunca o encontrando, só alcançando o desejo sexual dirigido a seu corpo. Aqui podemos perceber a diferença entre os dois casos, de uma fantasia da prostituição para uma prostituição de fato.

Partindo das idéias levantadas pela autora, seguiremos abordando Greenwald (s/d) que realizou uma pesquisa a partir de seis atendimentos psicanalíticos e vinte entrevistas com as *call girls*, prostitutas de luxo residentes nos bairros mais ricos da cidade de Nova Iorque.

Sobre a definição de *call girls*, o autor complementa: “[...] ao contrário de suas menos afortunadas irmãs da rua, ela é geralmente mais bem educada, usa uma linguagem mais polida e, portanto, freqüentemente, mais capaz de explicar algumas de suas causas” (GREENWALD, s/d, p.11).

A título de esclarecimento, percebemos que a realidade da prostituição de luxo descrita pelo autor em muito se parece com a do Brasil já descrita anteriormente. A única diferença percebida no texto se dá pela proibição de vender o corpo nas esquinas de NY e sua possível punição por parte da polícia. Feito esse breve esclarecimento, retomamos o ponto que nos interessa.

O autor expõe que existe uma enorme semelhança no ambiente familiar dessas garotas, descrevendo que em todas as entrevistas ficou clara a não-relação matrimonial

permanente e harmoniosa entre os pais, e destacaram que não viveram em um ambiente feliz. Em todos os casos, os pais eram separados ou se casavam novamente, e a filha não mantinha relações afetuosas com o padrasto ou a madrasta. Assim, o autor quer nos mostrar que existia nessas famílias uma carência afetiva por parte dos pais. A menina que não consegue formar ligações afetivas com sua família, não se aproximando dos pais, teria como consequência o acesso precário aos valores de nossa sociedade.

Além disso, a imagem de um ou ambos os pais é freqüentemente associada à personalidade de um sujeito, tornando-se uma fonte de julgamento do que é considerado certo ou errado. No caso das meninas destacadas pelo autor, elas sofreram rejeição de seus progenitores, criando, assim, um processo de identificação deficiente. Associado a isso, muitas dessas mulheres perceberam muito cedo que poderiam obter interesse, atenção e afeição oferecendo o sexo como recompensa. Em outras palavras, o sexo dominava os sentimentos de solidão, desvalorização e ao mesmo tempo era uma forma de expressar uma hostilidade com relação aos pais. Segundo o autor, essas mulheres tornam-se mais susceptíveis à prostituição, encontrando nessa prática uma forma de se sentir desejada e, ao mesmo tempo, agredir internamente seus pais.

Esclarecendo melhor essa questão, o autor expõe: “A mim me parece que o que as moças procuravam obter de seus pais e posteriormente dos homens em geral, não era tanto o sexo, como a proteção, o alimento e o cuidado” (GREENWALD, s/d, p.114). Sendo assim, o que essas meninas buscavam, além de vingar a carência de amor e descarregar seu ódio, era alguém que pudesse cuidá-las como nunca foram em suas vidas. Por este motivo, essas mulheres apresentam uma dificuldade em amadurecer emocionalmente e se tornarem independentes. Já que inconscientemente sentem que nunca receberam o amor na infância, e a demanda pela atenção permanece sempre presente. Com isso, fica um pouco mais clara a

noção do dinheiro enquanto um símbolo de afeto, calor humano e carinho, já que representa o alimento que elas tanto imploraram, mas que nunca tiveram.

Neste momento, podemos nos remeter ao já exposto em relação ao consumo, ao constatar que o dinheiro se transforma num substituto que não satisfaz e por não satisfazer, elas esbanjam com objetos supérfluos. Encontrando na sociedade do consumo mais um incentivo para esse eterno *faz-de-conta*.

Já que abordamos a questão do consumo, vale destacar também que os anúncios de propaganda, de perfume, de roupa, etc. valorizam a atração, e as *call girls*, atormentadas pela questão de serem aceitas ou não como seres humanos, procuram provar a sua feminilidade trabalhando como garotas de programa. Sendo assim, partir para a prostituição lhes possibilita mostrar ao mundo e principalmente a elas mesmas que os homens não só as desejam como também estão dispostos a desembolsar alguns reais ou dólares para tanto, além de que ganham, mesmo que ilusoriamente, alguns minutos de atenção e carinho.

O autor destaca que diante de um sentimento muito intenso de desvalorização, mesmo que mascarado, tornar-se uma garota de programa pode oferecer uma esperança desesperada, no sentido de aliviar as tensões internas, porém, ao invés de resolver os conflitos, acaba por intensificá-los. Portanto, elas passam a buscar inconscientemente mecanismos de defesas, um após outro, numa tentativa de dissipar as ansiedades e os sentimentos de culpa que as afligem.

O primeiro deles seria a projeção, na qual essas mulheres afirmam que todas as mulheres são *putas*.

O outro se refere à negação, destacando que não existiria diferença entre a prostituição e outro negócio.

Um terceiro seria uma formação reativa, buscando exteriorizar atos extremamente opostos ao impulso originário, por exemplo, tentando se mostrar alegre, independente, bem resolvida sexualmente.

O quarto corresponde à autodegradação, acreditando que, por ter sofrido a vida inteira a rejeição, passam a desacreditar na vida e nas afeições verdadeiras.

E, por último, a presença marcante de aspectos depressivos.

Ainda sob o viés da subjetividade, existem autores psicanalíticos que apresentam a prostituição como uma saída para se evitar um sofrimento psíquico, como afirma Carnes et al. (1991), ao destacar que a prostituição é uma das formas de manifestação da adicção sexual, ao colocar que:

Women tend to be excessive in behaviors that distort power -- either in gaining control over others or being a victim (fantasy sex, seductive role sex, trading sex [receiving money or drugs for sex or using sex as a business], and pain exchange). Women sex addicts use sex for power, for control and attention" (CARNES et al., 1991).

A psicanalista McDougall (1997) nos apresenta a adicção como sendo uma economia psíquica que leva a um comportamento adictivo tendo como intenção dissipar os mais variados sentimentos, como angústia, raiva, culpa, depressão ou qualquer outro estado afetivo que dê origem a uma tensão psíquica que o sujeito não consegue enfrentar.

Podemos observar que os recursos à adicção estariam marcando uma forma de “enfrentar” experiências carregadas afetivamente. O psicanalista Gurfinkel (1996), estudioso da toxicomania, corrobora a idéia apresentada por McDougall (1997) de que a adicção estaria ligada a uma fuga de sentimentos, sendo marcada por um prazer imediato em utilizar o recurso droga. Esse autor traz a idéia de adicção como sendo ações feitas pelo sujeito buscando um prazer, assim como evitando o desprazer.

Não se restringe a adicção às substâncias farmacológicas, mas a atos que exerçam a função de anestesiá-lo o sujeito dessa dor psíquica com a qual ele não consegue lidar. Dessa forma, poderíamos falar de uma adicção ao sexo, como colocado por McDougall (1997, p.197) ao afirmar: “[...] uma solução sexual adictiva com a finalidade de dispensar o conflito psíquico e a dor mental”.

É interessante citar que o sujeito que se utiliza de uma sexualidade adictiva está se envolvendo com os outros, buscando suprir uma necessidade não satisfeita na infância, conforme expôs McDougall (1997, p.197):

Quando a sexualidade continua a funcionar como atividade anaclítica - isto é, quando o indivíduo tem de usar outra pessoa da maneira pela qual usava a mãe, quando era bebê - as relações sexuais vão permanecer atadas a um objeto externo que está destacado dos objetos introjetados essenciais, talvez porque estejam ausentes ou altamente avariados ou sejam ameaçadores demais no mundo interno. Essa ligação adesiva impede o indivíduo de identificar-se com esses objetos introjetados, impedindo ou atrapalhando, desse modo, qualquer tentativa de manter relações sexuais estáveis ligadas a sentimentos de amor.

O indivíduo que apresenta uma sexualidade adictiva mostra não ter introjetado bem as figuras parentais, ou por excesso de amor ou por uma falta, conseqüentemente, tem dificuldade de se ligar com sentimento de amor a um objeto. Assim, os pais desempenham um papel fundamental na construção psíquica de seus filhos. E, pensando no contexto da atualidade, na qual o pai ou a mãe: “Não vê os filhos crescerem, ou emagrecerem, ou engordarem, ou se viciarem; enfim, não vê a si próprio. Atos automatizados robotizam-nos e, com o passar do tempo, enrijecem nossa alma” (BRUNS, 2004, p.12).

Continuando com a idéia da relação da adicção com a ausência de uma representação das figuras parentais McDougall (1997, p.201) expõe:

Uma solução tentada para a falta dos objetos internos que cuidem é inevitavelmente buscada no mundo externo, assim como ocorrido no início da infância. Desse modo, as drogas, a comida, o álcool, o fumo etc. são descobertos como objetos que podem ser empregados para atenuar dolorosos estados mentais – preenchendo uma função materna que o indivíduo é incapaz de proporcionar a si mesmo.

Dessa forma, o parceiro do indivíduo que apresenta uma adicção sexual não é investido como um objeto de amor, mas como fonte de proteção para um ego frágil, passando a ser tratado como um “boneco”. Ao nos referirmos ao outro como “boneco”, nos vem a idéia

de abordar o conceito winnicottiano de objeto transacional, para fundamentar esta forma específica de relação.

Entretanto, devemos esclarecer que para o autor: “Não é o objeto, naturalmente, que é transacional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que este está em relação com ela como algo externo e separado” (WINNICOTT, 1975, p.30).

Segundo Outeiral (1991), a *mãe suficientemente boa* não é aquela que não falha e sim a que procura atender às necessidades mutáveis do bebê, reconhecendo como sendo diferentes dos seus desejos. O autor postula que a *mãe suficientemente boa* é aquela que pode com seu amor e atenção reduzir os estados de angústia que a criança vivencia: de desintegração, de medo de perda de contato com a realidade, de desorientação no espaço e de desalojamento do próprio corpo, dentre outras. *Mãe suficientemente boa* é aquela que apresenta ao seu lactente a realidade do mundo externo, fazendo com que este perceba que encontrará dificuldades a serem enfrentadas, portanto é uma mãe que deve falhar, para que seu filho aprenda a ser auto-suficiente, ao mesmo tempo é aquela cuja atitude ilude a criança, solucionando seus conflitos.

A *mãe suficientemente boa* dedica-se aos cuidados do bebê, através do *holding*, que segundo Outeiral (1991, p.81):

É contenção física (com seu substrato emocional). É o colo, o modo de envolver o corpo do bebê com seus braços e seu corpo”. Sendo empática e se adaptando às necessidades do bebê e realizando o *handling*, que significa: “todo conjunto de manipulações e jogos que precocemente a mãe introduz no seu relacionamento com o bebê. Por ocasiões das trocas de fraldas, dos cuidados de higiene a mãe toca o corpo do bebê, manuseando-o e ativando assim a sua integração psicossomática (OUTEIRAL, 1991, p.84).

Então, através do *holding* e do *handling*, a mãe dará à criança a oportunidade de conhecer seu próprio corpo, de desenvolver seu esquema corporal e seu ego, possibilitando à criança ficar só, segundo expôs Winnicott (1975, p.32):

Embora muitos tipos de experiência levam à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de ficar só não surge, *essa experiência é a de ficar só, como lactente ou criança pequena, na presença da mãe*. Assim, a base da capacidade de ficar só é um paradoxo; é a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente.

Segundo o autor, o ficar só é um paradoxo, porque se dá na presença da mãe. Esta consegue suprir, num grau suficiente, as necessidades da criança, passando a permitir ao infante o ficar só, o que é essencial para ele, pois dessa maneira o bebê alcança auto-suficiência para lidar com seus conflitos e satisfazer suas necessidades sozinho.

Para que a criança desenvolva a capacidade de ficar só mesmo na presença da mãe, Winnicott (1975) faz referência a um objeto chamado de *transacional*, recurso este utilizado pelo bebê para lidar com a ansiedade que surge no momento antes de dormir, que representa o período em que a criança está verdadeiramente só na presença da mãe. Esse fenômeno acaba por eleger um objeto que satisfaça essa necessidade, normalmente um cobertor, ou algo do tipo. Dessa forma o objeto transacional é algo concreto (boneco, carrinho, etc.) que serve para simbolizar a falta materna.

Portanto, o objeto transacional, atuando como um substituto da função materna representa a passagem de um estado em que o bebê está ligado à mãe para um outro no qual ele se vê separado da mesma.

Retornando ao ponto que nos interessa, a que esse boneco dito acima poderia estar se referindo? McDougall (1997, p.201-2) aborda essa questão:

Desse modo, as drogas, a comida, o álcool, o fumo etc. são descobertos como objetos que podem ser empregados para atenuar dolorosos estados mentais – preenchendo uma função materna que o indivíduo é incapaz de proporcionar a si mesmo. Esses objetos adictivos tomam o lugar dos objetos transacionais da infância, os quais corporificavam o ambiente materno e, ao mesmo tempo, liberavam a criança da dependência total da presença da mãe. Diferentemente dos objetos transacionais, entretanto, os objetos adictivos necessariamente falham, uma vez que constituem tentativas antes somáticas do que psicológicas para lidar com a ausência e, portanto, só proporcionam um alívio

temporário. Por essa razão, em trabalhos anteriores referi-me às substâncias adictivas como objetos antes ‘transitórios’ do que ‘transacionais’.

Segundo a autora, o objeto droga pode tomar lugar do objeto transacional da infância, caso a criança não consiga estabelecer uma representação interna da mãe. Dessa forma, os objetos drogas (o outro como boneco) falham na sua “função” de objeto transacional, porque só proporcionam um alívio temporário e por esse motivo a autora o chama de transitório e não transacional, marcando seu caráter compulsivo e repetitivo.

Até agora abordamos a prostituição como um trabalho e também como um vício, ou seja, como uma adicção sexual. No entanto o psicólogo Adler (1991, p.13) se contrapõe a essas concepções ao afirmar que:

A prostituição não é, pois um destino, ao contrário do que pensam alguns romancistas. Tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os criminologistas. Parece menos ainda como um vício, uma doença mortal, conforme gostaria de crer um bom número de moralistas.

Dito isso, levantamos novamente a questão: o que é a prostituição? O próprio autor nos apresenta um paradigma que se mostra iluminador dessa questão tão complexa, ao dizer que: “A prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente. Abandona o lado paterno porque foi encorajada a isso ou porque acredita numa liberdade ilusória” (ADLER, 1991, p.13).

O autor, ao colocar que a prostituição implica num abandono das normas e numa marginalização dessa mulher, não estaria a partir daí analisando este fenômeno sob uma outra ótica? Aproximando a questão da prostituição com a estrutura psicopatológica perversa? Em outras palavras, será que não poderíamos analisar a prostituição a partir de um paradigma perverso sem, contudo, excluir as hipóteses levantadas acima? Acreditamos que sim.

Sobre a perversão, Ferraz (2000, p.34), um psicanalista estudioso dessa temática, coloca que:

No caso da perversão, o predomínio da recusa representa uma obstrução ao trabalho do recalque, com a respectiva perturbação da trama edípica, o que favorece a confusão entre os papéis e contornos sexuais. Desaparecem as diferenças, limites, normas, visto que a função paterna fica enfraquecida e os impulsos incestuosos não encontram delimitação clara.

Aqui percebemos a questão da recusa da Lei paterna, da recusa às normas, o mesmo mecanismo utilizado pelas prostitutas, citado anteriormente por Adler (1991).

Laplanche & Pontalis (1998, p.341), no dicionário de psicanálise, definem perversão como sendo:

Desvio em relação ao ato sexual “normal”, definindo este como coito que visa à obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualismo, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, voyeurismo, exibicionismo, sadomasoquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto do comportamento psicosexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual.

E complementando essa idéia, a psicanalista Rivera (1997, p. 18) aborda que: “a perversão é o positivo do fetichismo”.

O psicanalista Ferraz (2000) levanta outro ponto muito importante que seria a passagem por uma dificuldade de simbolização, ou seja, o ato teria primazia sobre a simbolização, já que a recusa representa uma obstrução ao trabalho de recalque.

Especificamente, podemos dizer que a prostituta que se relaciona com um grande número de parceiros, sem se ligar com o sentimento de amor a nenhum deles, se recusa a aceitar a castração e utiliza-se para isso do mecanismo do fetiche, conforme a citação do psicanalista lacaniano Dör (1991, p.186):

Assim, por falta de ser fetichista, a mulher pode sempre se constituir com fetichicizada. Estaria aí um dos casos mais exemplares da perversão do narcisismo. A mulher torna-se para ela mesma seu próprio fetiche oferecendo

seu corpo ao gozo sexual de um homem. Contudo, a erotização do corpo fetiche só é satisfatória na única condição em que esse corpo é entregue a um homem, destituído de sua atribuição fállica e da referência à lei que ela supõe; isto é, reduzido, neste momento, a uma pura e simples função instrumental. Deste modo se explica, em algumas mulheres, a aptidão para manter relações sexuais não somente com uma multiplicidade inconseqüente de parceiros masculinos, mas ainda com parceiros de uma disparidade incompreensível.

A mulher usa de seu corpo entregando-o a um homem que não teria nenhuma referência à Lei e sem atribuição fállica para ela, um homem indiferente que entraria nesse contexto como mero coadjuvante, e a mulher fetichizada seria a atriz principal. Assim, ela se torna seu próprio fetiche, buscando sanar a sua própria falta em uma relação totalmente narcísica.

A mulher trabalhando como garota de programa se relaciona com um grande número de parceiros, fazendo o que lhe é solicitado na hora da relação sexual, sendo dessa forma submissa ao desejo do outro, conforme a citação:

O fascínio exercido pela prostituição dever-se-ia antes de tudo à interação recíproca da transgressão e da submissão. Quanto mais o objeto feminino é maltratado e rejeitado, mais é investido como objeto distribuidor de gozo. Deste ponto de vista, o personagem da prostituição aparece infalivelmente como aquele que chega a fazer coincidir a posição masoquista feminina com o objeto, por excelência, do gozo. De fato, a prostituta tende a ocupar o lugar de objeto da falta com o qual se goza e expressa, como tal, que a mulher encarna a própria prova de uma vitória sobre a castração. Instituída em uma total submissão a todas exigências do parceiro, ela lhe garante fantasticamente que nada lhe falta (DÖR, 1991, p.187-188).

Pode-se observar que a prostituta é aquela que busca satisfazer a todos, tendo a ilusão que os completa, ou seja, sendo uma “distribuidora de gozo”, buscando dessa maneira não entrar em contato com a castração, ou seja, recusando-a. Ferraz (2000) complementa essa questão ao expor: “Ao contrário do que se dá na sexualidade normal, em que o parceiro é investido como pessoa, o ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda da identidade” (p.50).

O autor coloca ainda que:

Daí o caráter compulsivo da busca sexual do perverso, pois, diante da evidência sempre presente da realidade, ele não pode ter descansado em seu afã de proteger-se da angústia e de, a seu modo, negá-la ou escamoteá-la [...] Mais do que desejo, trata-se de angústia a força que move em direção ao ato sexual (FERRAZ, 2000, p. 49).

Podemos perceber que a prostituição poderia ser vista como uma forma de patologia, no sentido de que mulheres oriundas de famílias desestruturadas e carentes de afeto podem buscar nessa prática uma maneira de se sentirem “amadas”, demandando um pouco de atenção, ao mesmo tempo em que procuram agredir internamente seus pais.

Além disso, podemos entender também que o paradigma da adicção sexual se mostra iluminador, uma vez que o sexo pode ser utilizado como uma forma de aliviar e dissipar os mais variados sentimentos, tais como angústia, raiva e depressão. Outro ponto destacado é que com a prostituição a mulher, de certa forma, abandona as “normas”, transgride as leis, em um processo em que o ato teria primazia sobre a simbolização, adotando uma posição perversa.

Diante dessa trajetória, sentimos necessidade de abrirmos mais o campo de estudo inserindo a prostituição a partir das relações de gênero.

CAPÍTULO 6.

PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Como visto, as relações humanas são permeadas pela cultura, em particular por relações nas quais há a dominação masculina sobre todos os aspectos da vida feminina. Esta idéia é compreendida através do conceito de gênero, que, segundo Saffioti (2004, p.116) define: “*gênero* diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas”.

Historicamente a mulher foi tornando-se submissa e assim permanece até hoje, com a diferença de que, atualmente, existe a consciência teórica e prática desta subordinação, devido aos estudos e lutas iniciados pelas feministas. A prostituição não foge à regra, ela também está imersa nesta rede de relações, como demonstram alguns autores abordados aqui.

Ângelo (1982) expõe que essa prática tem suas causas no machismo, na tradição de subordinação das mulheres aos homens na família e em toda a sociedade. Esclarece que “a mulher não é reconhecida como ‘outro’, mas apenas como objeto: algo colocado diante do homem para seu uso” (p.15). O autor não se utiliza da palavra gênero, porém em sua fala esta expressão está presente. Ou seja, a relação desigual de gênero acabaria por levar a mulher a se prostituir, assim como a prática da prostituição estaria ligada a uma estrutura social injusta e à iniquidade de oportunidades a mulheres no mercado de trabalho.

Além disso, afirma que a prostituição se origina de uma dupla moral que regula a forma de agir e pensar de homens e mulheres em nossa sociedade. As mulheres desde a tenra infância são colocadas em um papel de exercer a função de mãe, dona de casa e esposa fiel, reprimindo sua sexualidade em prol da maternidade; em contrapartida, o homem é incentivado a uma postura de dominação e descarga da libido sexual não necessariamente com a sua mulher.

Sobre essa questão, Ângelo (1982, p.16) complementa que:

No casamento encontram a mãe de seus filhos e uma serviçal que, gratuitamente, reproduz sua força de trabalho, cuida de seu cotidiano. Fora do casamento, porém, é que se encontra para ele, o prazer. Com outro tipo de mulher, as outras, as que não prestam, aquelas que aparentemente vivem de um prazer mais que na verdade, como as primeiras, estão colocadas a serviço das necessidades de uma sociedade masculina e patriarcal.

Uma outra razão também apontada pelo autor é que, tendo sua vida voltada ao matrimônio, as mulheres não são estimuladas a adquirirem um estudo ou uma profissão. Caso estudem, enfrentam problemas para encontrar emprego e salários decentes. Estaria aí mais uma justificativa para se ingressar na prostituição.

Essa idéia também é levantada por Leite (2005, p.69), ao destacar: “é importante considerar a discriminação em relação ao trabalho feminino, presente em todas as camadas sociais. Dessa forma, não apenas devemos considerar, neste caso, a classe social, mais também o gênero”. A autora ainda destaca que a partir da relação de dominação masculina, através da qual os homens agrediam suas mulheres, a prostituição se mostrou uma alternativa para fugir dessa realidade, ou seja, “cair na vida seria uma única forma de se sustentarem fora de uma relação opressiva e violenta que, por vezes, afetava até mesmo os filhos” (p.74).

Segundo Bruns & Gomes (1996) e Souza (1998), o homem não vivencia o prazer sexual com sua esposa, destinando-o às mulheres profissionais do sexo. A prostituição se dá então num contexto de dominação, e essa mulher é colocada num lugar de objeto masculino que lhe garanta uma satisfação sexual plena. Nesse sentido, o homem é visto como co-autor dessa prática e co-responsável pela existência dela.

Essa mesma idéia também é abordada por Farinha & Bruns (2006), enfatizando que a grande procura dos homens pelas profissionais do sexo dar-se-ia devido a uma visão machista que impede que esses sujeitos busquem prazer com suas mulheres, procurando prazer fora de casa. Sendo assim, como nos coloca Leite (2005), o espaço privado está destinado à mãe-mulher-casada, o espaço público fica destinado a essas outras.

Para Souza (1998), a prostituição perpassa pela cultura machista e patriarcal, lugar reservado aos homens e às prostitutas, reproduzindo, assim, a dominação masculina. Tal visão não coloca a mulher como desejante, mas apenas como reprodutora e disponível aos desejos masculinos.

Lima (1976) aborda que a prostituição estaria relacionada tanto com fatores socioculturais quanto econômicos, porém o machismo desempenharia o papel principal para a efetivação dessa prática. Complementando essa questão, Rago (1991, p.16) expõe que: “todos concordam para pôr em funcionamento formas de sociabilidade fundadas na mercantilização da libido, do desejo e do prazer, nas quais se evidenciam as desigualdades entre os gêneros, a opressão feminina e a violência que lhe é intrínseca e subjacente”.

Outro ponto interessante relacionado ao aspecto de gênero é abordado por Bruns (2001, p.11), ao definir prostituição:

Seu retrato falado mistura-se e confunde-se com miséria, luxúria, solidão, prazer, vício e promiscuidade, que se enlaçam e se desenlaçam numa trajetória de fantasias e delírios que alimentam sonhos de vir a encontrar, talvez, aquele príncipe encantado que possibilitará segurança econômica e, especialmente, estabilidade afetiva e sexual.

Por mais que a autora não tenha feito referência diretamente ao gênero, a noção de príncipe encantado está de certa forma aprisionada neste contexto. Já que essa mulher busca alguém que lhe sustente afetiva e emocionalmente e procura esse homem para lhe possibilitar uma vida “normal” em que ela poderia então construir uma família e exercer o papel a ela destinado, o de mãe-cuidadora-do-lar.

Tal afirmação é também levantada por Martin (2003), ao destacar que a prostituição se aproxima do machismo e o reforça, quando a mulher cria a possibilidade de vir a encontrar um vínculo afetivo com o cliente, expondo seu lado feminino de que espera ser amada e que um homem a tire dessa vida e que a leve para casa para serem felizes para sempre. Esses

desejos, segundo a autora, são muito semelhantes aos da maioria das mulheres, imersas nesse líquido da cultura local impregnada da noção de divisão de papéis.

Finalizamos esta etapa concluindo que não devemos deixar de considerar que a prostituição é também uma questão que está totalmente inserida no contexto sociocultural que rege as relações entre homens e mulheres, nas quais aqueles mandam e estas obedecem, denominadas de relações de gênero. As profissionais do sexo, nesta visão, são apenas bonecos nas mãos de dominadores que fazem delas o que querem. Elas, por sua vez, esperam e almejam um dia encontrar um macho que as salve do mundo selvagem onde ninguém é de ninguém e onde elas não têm segurança e autonomia para sobreviverem.

CAPÍTULO 7.

TRAJETÓRIA DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

7.1 Investigação qualitativa e o método fenomenológico

De acordo com Holanda (2003), a investigação qualitativa considera as manifestações humanas e sociais, as quais não são acessíveis por um método tradicional das ciências positivas, já que o ponto principal da pesquisa qualitativa é ter acesso ao que a autora chamou de mundo privado e subjetivo do homem. Universo este não alcançado por uma metodologia de caráter quantitativo. Sobre essa questão a autora coloca também que: “ao contrário da ciência tradicional, ao invés de fatos, temos fenômenos” (p.46). Fatos esses definidos como tudo que pode ser abordado de forma sistemática e objetiva, enquanto fenômeno corresponde ao vivido pelo sujeito. A pesquisa qualitativa trabalha com dados subjetivos, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Sobre essa questão, Martins e Bicudo (1994, p.21) esclarecem que: “a pesquisa quantitativa trabalha com fatos e a qualitativa, com fenômenos”. O autor coloca que a idéia de fato, tal qual é concebido hoje, tem seus fundamentos nos pressupostos de Stuart Mill e em seguida no empirismo, no cartesianismo e no positivismo clássico.

Sendo assim, o positivismo faz a leitura de fato como algo que deve ser conhecido através de alguma forma de prova, ou seja, que deve ser testado e observado sistematicamente para garantir a objetividade. Em contrapartida, o significado de fenômeno “vem da expressão grega *faínomenon* e deriva-se do verbo *faínestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo” (p.21). Portanto, tal noção só pode adquirir um sentido se for situada em um determinado contexto. Em outras palavras, só se terá acesso ao fenômeno através de alguém que o sentiu e que, em suas palavras, o descreveu.

Em contrapartida, Martins & Bicudo (1994) colocam que, na pesquisa quantitativa, inicialmente busca-se um certo número de sujeitos, para se levantar hipóteses que deverão ser quantificadas através das variáveis que as influenciem, para tanto deve-se medi-las, compará-

las, correlacioná-las através de probabilidades e testes estatísticos. Generaliza-se, dessa forma, o que foi encontrado em casos individuais, baseado nos procedimentos destacados.

Diferentemente do que expomos a respeito da pesquisa de caráter quantitativo, a pesquisa qualitativa busca compreender de forma particular o seu objeto de pesquisa. Seu objetivo não é generalizar o fenômeno, mas compreender de forma específica, individual, focal, buscando desvelá-lo. Assim, o que acontece é uma substituição das correlações estatísticas pelas descrições individuais e interpretações subjetivas que emergem dos sujeitos investigados através de suas experiências de vida. Dessa forma, por meio da abordagem qualitativa é possível desvelar um significado psicológico mais a fundo, de forma rigorosa, que não a da precisão numérica.

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2001, p.21) coloca que:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, a pesquisa qualitativa não tem como preocupação quantificar, criar médias, equações, estatísticas, como fazem as ciências positivistas. Também não se propõe a analisar antecipadamente com princípios, leis e generalizações. Pelo contrário, a pesquisa qualitativa está voltada ao subjetivo, à qualidade, buscando se aprofundar na rede de significações das ações e relações humanas, com o intuito de compreender e explicar a realidade experienciada e vivenciada.

Por esses motivos, autores como Silva (1998), González Rey (2002), Martins & Bicudo (1994), Debus (1994) e a própria Minayo (2001), estudiosos da questão metodológica, especificamente das investigações qualitativas, concordam que o quantitativo está voltado à

generalização de eventos e suas relações, e o qualitativo está preocupado com a compreensão e a interpretação dos fenômenos.

De acordo com Debus (1994), a utilização de uma investigação qualitativa é de extrema importância, por ser a maneira de acessar conteúdos mais profundos, assim como uma compreensão mais acurada do que buscamos elucidar.

Além disso, a pesquisa qualitativa apresenta algumas vantagens por ser mais flexível; menos custosa financeiramente em relação à investigação quantitativa; não necessitar de aparatos técnicos, tais como computadores, calculadoras científicas, programas estatísticos; além de ser uma técnica mais rápida; e possibilita uma relação intersubjetiva com os sujeitos que se pretende estudar.

Segundo Martins & Bicudo (1994), os dados são coletados na pesquisa qualitativa a partir da comunicação entre sujeitos, e o tratamento que recebem esses dados se dá através de uma compreensão-interpretação. Os autores continuam destacando que tal interpretação é “compreendida como um modo de ajuizar o sentido das proposições que levam a uma compreensão ou esclarecimento dos sentidos e significados da palavra, das sentenças e dos textos” (p.28). Sendo assim, a pesquisa qualitativa é descritiva.

A epistemologia qualitativa, segundo González Rey (2002), tem como lastro três princípios fundamentais: “O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa” (p.31). “O caráter interativo do processo de produção do conhecimento” (p.34). “A significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento” (p.35).

O primeiro deles quer dizer que a produção de conhecimento não se dá por uma adição de fatos estabelecidos por observações imediatas na investigação empírica, muito pelo contrário, já que o aspecto interpretativo ocorre pela necessidade de dar sentido e significado ao sujeito pesquisado. Interpretar engloba integrar, reconstruir e apresentá-la sob os vários

aspectos da pesquisa. Portanto, as modalidades de pesquisa qualitativa, ao produzirem estruturas teóricas, vão muito além de uma simples confirmação ou verificação empírica.

O segundo aspecto da epistemologia qualitativa valoriza a interação pesquisador-pesquisado como uma condição para elaboração de pesquisas que se propõem a estudar fenômenos humanos. Tal pressuposto supõe que exista um sistema de comunicação humana, em que por sua vez podem ocorrer imprevistos, considerados em sua totalidade como situações de caráter significativo para a produção de conhecimento. Além de que, os momentos informais que acontecem antes, durante ou depois do processo de interação da investigação são fontes de conhecimento. Esse tipo de pesquisa tem o seu valor merecido ao priorizar os diálogos, podendo envolver afetivamente e emocionalmente os sujeitos, o que seria mais uma forma de colaboração na produção de conhecimento.

O terceiro princípio valoriza de forma única e diferenciada a constituição subjetiva de cada sujeito. Ao contrário do que o autor denominou de pesquisas comportamentalistas, que abordam indivíduos a partir da noção de que não existiria uma diferença significativa entre eles o que, de certa forma, influenciaria o fenômeno que se pretende estudar. A partir dessa premissa, segundo o autor, a produção de conhecimento não se confirma pela quantidade de indivíduos que participarão da pesquisa, mas pela qualidade que cada um dos participantes manifestará.

Corroborando os autores acima, Scabello (2006) faz uma caracterização de uma investigação qualitativa, destacando cinco pontos essenciais para um pesquisador que se propõe a realizar um estudo profundo e sério.

Segundo a autora, o primeiro ponto destacado diz respeito ao pesquisador ser seu principal instrumento de trabalho, devido ao fato de que ele próprio coleta e revisa os materiais.

O segundo ponto abordado pela autora refere-se à relação intersubjetiva entre colaborador e pesquisador, visto que são de essencial importância os significados atribuídos pelos colaboradores ao fenômeno em questão.

O terceiro aspecto apontado diz respeito à significação conferida ao fenômeno, ou seja, como as pessoas atribuem sentido a suas vivências, não se preocupando nesse momento com resultados, números ou produtos.

O quarto ponto sugerido por Scabello (2006) corresponde à intenção de a investigação ser descritiva, valorizando de forma ética a maneira como os dados foram registrados ou transcritos, buscando realizar uma análise que dê conta do fenômeno abordado.

O último destaque da autora refere-se à forma indutiva de se analisarem os dados, na qual é destacado que o objetivo não é testar hipóteses elaboradas previamente, mas construir conhecimento a partir dos dados e das significações que os colaboradores atribuem a suas vivências.

Na pesquisa qualitativa, segundo Martins & Bicudo (1994), encontramos várias possibilidades metodológicas que “representam trajetórias diferentes na busca de base que fundamentem a resposta às questões de método” (p.29). O que definirá a mais adequada a ser utilizada será a maneira de delimitar o campo, a natureza do fenômeno estudado e o tipo de conhecimento que se objetiva apreender.

Sendo assim, em virtude da natureza do fenômeno que indagamos e pautados na nossa forma de conceber o mundo como uma construção histórica, utilizaremos a fenomenologia – como método proposto pelo fenomenólogo e filósofo Rezende (1990), submetendo os depoimentos das profissionais do sexo aos momentos da análise propostos por Bruns (2003) e Giorgi (1978) – por essa oferecer uma compreensão mais ampla sobre o fenômeno que pretendemos observar.

Na visão de Forghieri (1984, p.14), “a fenomenologia surgiu como uma contestação ao método experimental, especialmente quanto ao seu uso pelas ciências do homem, e entre estas principalmente a psicologia”. Segundo a autora, a psicologia é uma ciência voltada às vivências ou fatos, diferentemente da proposta da fenomenologia que é caracterizada por um método que busca categorizar fatos para alcançar o fenômeno com o intuito de captar sua essência, não atinge a essência pura, mas utiliza-a para buscar os fundamentos de uma pesquisa científica, levando-se em conta tanto a subjetividade implícita quanto a objetividade do discurso. Nas palavras de Forghieri (1984, p.21): “ela procura penetrar na própria vivência da pessoa que pretende conhecer, procurando captar o seu modo de existir, o seu ser-no-mundo, como transcendência. A análise do ser-no-mundo da pessoa nos mostra, a cada momento, as características do seu existir”.

Corroborando Forghieri (1984), Bruns (2003) destaca que a fenomenologia permitiu à psicologia uma outra posição para se questionar sobre os fenômenos psicológicos, ao invés de fixar vertentes em comportamentos mensuráveis e observáveis. Possibilita que haja um centramento na relação sujeito-objeto-mundo, a partir dos significados e experiências atribuídas por um sujeito.

Martins & Bicudo (1994) abordam as questões levantadas, acima e defendem que, para se pesquisar determinado fenômeno, deve-se partir dos sujeitos, ou melhor, da experiência vivida pelo sujeito, e não partir de uma idéia preconcebida. Nesse tipo de pesquisa, o intuito se volta para aquilo que os pesquisados vivenciaram “como um caso concreto do fenômeno investigado” (p.30).

Dessa forma, todos os agrupamentos, descrições e categorias serão pautados irrestritamente no discurso das participantes, já que nosso objetivo é desvelar as essências do fenômeno, não formulando hipóteses prévias, mas procurando desvelá-lo através de descrições dos participantes. Sendo assim, não se deve sugerir ou indicar nenhum caminho

que possa “poluir” ou influenciar o discurso sobre a experiência vivenciada, ou seja, o sujeito coloca em palavras suas experiências que contêm sua essência e sua intencionalidade, brotando significados de suas vivências.

Vale destacar que Martins & Bicudo (1994) definem como vivência uma experiência percebida conscientemente pelo próprio sujeito. A pesquisa fenomenológica está, portanto, voltada para as percepções do sujeito sobre o assunto em pauta, ou seja, como o indivíduo significa os eventos, e não sobre o fato em si.

É importante colocarmos que, de acordo com Bruns (2003), a intencionalidade possibilita ter acesso às experiências vividas sem priorizar nem objeto e nem sujeito, ou seja, entender que não há mundo sem consciência e nem consciência sem mundo, em outras palavras, devemos compreender essa dialética não dicotomizando-a. Sobre essa questão, Rezende (1990) propõe uma forma de entender o fenômeno como uma estrutura que reúne de forma dialética e intencional tanto o homem quanto o mundo, tanto o sujeito quanto o objeto, tanto a existência quanto a significação.

Dartigues (1992), abordando a intencionalidade, concorda com Rezende (1990) ao destacar que, para realizarmos uma análise intencional, devemos observar as relações sujeito/objeto como um conjunto, sabendo que só existe o objeto se houver o sujeito, ou seja, é necessário compreender como aquele sujeito tem consciência sobre o objeto observado. Sobre essa questão o autor complementa:

Isso significa que as essências não têm existência alguma fora do ato de consciência que as visa e do modo sobre o qual ela as apreende na intuição. Eis porque a fenomenologia, em vez de ser contemplação de universo estático de essências eternas, vai se tornar a análise do dinamismo do espírito que dá aos objetos do mundo seu sentido (DARTIGUES, 1992, p.18).

Franco (1995) segue a mesma linha de raciocínio de Rezende (1990) e de Dartingues (1992), ao enfatizar que em uma abordagem fenomenológica não existiria uma consciência

desinteressada e vazia. Para o autor, toda a consciência está voltada ou tem interesse em um objeto eleito. O objeto, por sua vez, é objeto para um sujeito e só adquire tal *status* diante de uma consciência. “É o espírito que dá sentido aos objetos do mundo” (p.18).

Ainda sobre o método fenomenológico Martins & Bicudo (1994) afirmam que: “ao adotar um modo fenomenológico de conduzir a pesquisa, o psicólogo e o educador procuram reavivar, tematizar e compreender eideticamente os fenômenos da vida cotidiana à medida que são tais fenômenos vividos, experienciados e conscientemente percebidos” (p.76).

De acordo com os autores, *reavivar* seria tornar viva a experiência vivida pelo sujeito a partir das técnicas corretas utilizadas pelo pesquisador. *Tematizar* diz respeito a estudar de forma fidedigna determinado assunto. E *compreender* significa observar de forma única e específica a particularidade de cada sujeito. Já eidético refere-se à essência do fenômeno.

Corroborando os autores, Maciel (2003, p.10) coloca: “uma palavra que não combinaria com a fenomenologia é manual” e seguindo a mesma lógica exposta, “a fenomenologia não é um conjunto de ensinamentos” (FORGHIERI, 1984, p.15). A partir dessas passagens, podemos perceber quão importante é nos apropriarmos do discurso de nossos pesquisados, que por sua vez remete ao vivido, sem, contudo, cairmos em equações estatísticas e dados preconcebidos.

Sobre o método fenomenológico, Holanda (2003, p.50) concorda com a idéia exposta acima:

A Fenomenologia é um método especialmente importante para se estudar como as pessoas “estão sendo” num dado momento. Implica abandonarmos temporariamente aquilo em que acreditamos que as pessoas sejam num determinado momento ou que julgamos significar a partir de nossas próprias perspectivas para entrarmos em contato com a realidade única do vivido daquele sujeito ao qual estamos dirigindo [...] dizer que se trata de uma pesquisa orientada para a descoberta significa dizer que estamos - de fato - interessados naquilo que aquele sujeito significa, a partir de sua própria perspectiva e não a partir da nossa.

Neste momento estamos nos aproximando da redução fenomenológica que, na visão de Bruns (2003), trata-se de uma postura de superação da separação sujeito/objeto, que já abordamos ao destacarmos as diferenças entre as pesquisas qualitativas e quantitativas. Sendo assim, a redução nos oferece uma alternativa para superarmos os impasses subjetivo/objetivo e da neutralidade. Para tanto, deve-se colocar em suspensão crenças prévias e quaisquer teorias e explicações apriorísticas.

Com o fenômeno em suspensão, e tendo tematizado o que se pretende conhecer, compreender e interpretar, procura-se buscar sua essência ou estrutura, que se manifesta nas descrições ou discursos de sujeitos. Passa-se, assim, a apreender aspectos do fenômeno por meio do que dele dizem os outros sujeitos.

Essa idéia é abordada pela autora ao afirmar: “em suspensão de juízo de valores o conhecimento que possuir *a priori* acerca do fenômeno submetido ao processo de análise, o que não supõe uma atitude de neutralidade, mas uma postura intencional em relação ao fenômeno” (BRUNS, 2003, p.72).

Corroborando a autora, Holanda (2003) destaca que a redução é uma forma de desvelar o fenômeno na sua essência, permitindo que possamos vislumbrar tal fenômeno em sua totalidade, aproximando o pesquisador do que ele pretende estudar, ocorrendo o que o autor chamou de *mudança de atitude da natural à fenomenológica*.

Sobre essa questão Dartingues (1992, p.30) complementa: “para alcançar a essência, não se trata de comparar e concluir, mais de reduzir, isto é, de purificar o fenômeno de tudo o que comporta de inessencial, de factídico, para fazer aparecer o que é essencial”. A mesma idéia é apresentada por Dichtchekian (1984) ao colocar que, através da redução, torna-se possível nos distanciarmos da maneira viciada de ver o mundo, ou seja, a partir de idéias preconcebidas, para “nos abrirmos” a novas possibilidades.

Sendo assim, a redução é uma “suspensão de crenças e dizeres já dados” (DICHTCHEKENIAN, 1984, p.124), porém sem negá-las, mas de alguma forma buscando afastar-se delas. Dessa forma, nas palavras da autora: “se eu suspendo, ponho entre parênteses a realidade exterior que, na atitude natural, consideramos como existentes em si, independente da consciência, não estou pondo em questão esse mundo – apenas o reduzo a consciência” (p.125).

Até o momento, abordamos estritamente as qualidades do método fenomenológico e suas particularidades. Descrevemos o que é consciência, intencionalidade e redução. A partir de agora, passaremos para o diálogo com a psicanálise, já que entendemos que a entidade consciência e inconsciência formam a estrutura psíquica dos sujeitos.

7.2 O diálogo entre a fenomenologia e a psicanálise

De acordo com Rezende (1984), a Psicologia, por se tratar de uma ciência humana, é estrutural, uma vez que estuda as mais variadas experiências humanas “na integração de diversos níveis, mundos e formas, das sincréticas às simbólicas” (p.48). O autor também destaca o risco que eventualmente pode ocorrer, ao reduzir os sentidos do fenômeno a alguns pontos de vistas rígidos, ortodoxos, não concebendo o *status* multidimensional de determinados fenômenos humanos.

Além disso, o mundo dos homens é imerso no universo de símbolos, caracterizado pela polissemia e a encarnação dos sentidos, nas quais “nenhum sentido esgota a polissemia do humano” (REZENDE, 1984, p.48). Dito isso, o autor conclui que:

Por todos esses motivos é que uma Psicologia de inspiração fenomenológica privilegia seu diálogo com a Psicanálise, na medida em que, por sua vez, a Psicanálise permaneceu aberta a todas as dimensões do humano, a todas as aberturas do sujeito, cuja redescoberta parece ser uma das mais importantes contribuições da filosofia contemporânea. (p.48).

Ricoeur (1977), ao aproximar a psicanálise da fenomenologia, tem em mente que essa relação não se faz de forma totalmente harmônica, já que reconhece as diferenças dessas duas disciplinas, diferenças essas que ele não tem intuito de fazer desaparecer. Sendo assim, o que Ricoeur (1977) propõe é utilizar conceitos da fenomenologia para auxiliar a forma de pensar a experiência analítica e vice-versa. E é exatamente isso que pretendemos realizar a partir do diálogo entre essas duas disciplinas, recorrendo à fenomenologia como método e apropriando-nos dos conceitos psicanalíticos, buscando uma maior compreensão das descrições.

Dartigues (1992), corroborando Ricoeur (1977), coloca que é provável que nos enganemos em relação às intenções de nossos colaboradores, mais do que isso, o próprio sujeito pode se enganar quanto a suas próprias intenções. Complementa dizendo que é possível acontecer que determinado discurso ressoe como desprovido de sentido, citando como exemplo algumas atitudes neuróticas ou psicóticas. Ele quer dizer com isso que um sentido aparente de determinado comportamento pode mascarar sentidos mais profundos. Sobre a vida psíquica, o autor expõe que ela “antecede e excede a reflexão consciente, ela comporta formações antigas que lhe escapam e determinam sua visada antes que ela tenha podido esclarecê-las refletindo-as” (p.52). Com isso, o autor conclui que existe um ponto de convergência declarada entre a fenomenologia e a psicanálise.

Sendo assim, podemos então pensar que o saber consciente, fruto de uma matéria-prima primitiva, conjunto de associações perceptivas e hábitos, constituída durante a infância, só se manifesta a partir de um núcleo de irreflexão, núcleo esse denominado de inconsciente pela psicanálise. O autor aponta também para o fato de que a fenomenologia, embora “não seja a psicanálise, pode encontrar nessa última uma técnica de análise de que ela não dispõe” (DARTIGUES, 1992, p.54).

A vida psíquica é constituída tanto por processos conscientes, quanto por processos inconscientes. Portanto, a fenomenologia, que se propõe a desvelar a consciência, e por sua vez, a psicanálise, que está voltada para interpretações inconscientes, podem oferecer subsídios para uma análise profunda de nossas colaboradoras.

Sobre a relação inconsciente/consciente, Aranha & Martins (1986, p.195) abordam que: “usando de uma metáfora, poderíamos dizer que a vida consciente é apenas a ponta de um iceberg, e a montanha submersa simboliza o inconsciente”. Dessa forma, todas as nossas experiências vividas e externalizadas apresentam um significado latente e possível de ser analisado e interpretado.

Dito isso, vamos explorar de forma breve algumas considerações acerca da psicanálise. Laplanche & Pontalis (1998) abordam o termo “psicanálise” a partir de três definições diferentes.

O primeiro estaria remetendo à noção de decifrar o inconsciente através de suas manifestações, tais como os sonhos, as fantasias e as associações livres dos pacientes.

O outro nível parece girar em torno da psicanálise como uma forma de tratamento psicanalítico baseado nas resistências, transferências e nos desejos.

E o terceiro estaria remetendo a um conjunto de teorias sistematizadas, a partir das investigações e dos tratamentos psicanalíticos.

Freud construiu sua teoria baseada em seus atendimentos clínicos, ou seja, após atender seus pacientes no divã, passava para um outro estágio, o de fazer o relato do caso e, a partir daí, interpretar os conteúdos manifestos e latentes. Sobre essa questão, D’Agord (2000, p.13) afirma:

A construção teórica de Freud originou-se, sem dúvida, das ficções que ele elaborou a partir da sua escuta dos pacientes em análise. [...] Uma construção em análise é o procedimento de extrair inferências a partir de fragmentos de lembranças e de associações do sujeito em análise. Esses fragmentos de

lembranças não têm sentido em si mesmos, mas justamente desse sem sentido que eles extraem a sua importância na construção de hipóteses.

Dessa forma, a psicanálise está intimamente ligada à experiência clínica. Primeiramente acontece o atendimento clínico e, em seguida, a sua fundamentação teórica; assim a teoria psicanalítica se vai construindo, seguindo o caminho de nossos pacientes.

A psicanálise deve toda sua existência ao paciente que em algum momento passou pelo divã e ao analista que pretendeu transformá-la em escrita. Existe, assim, uma valorização enorme do sujeito em análise, e assim as teorias vão sendo construídas, reformuladas e refutadas, conforme também abordou D'Agord (2000) ao expor que a clínica desafia constantemente a teoria já construída, sendo única, singular, e assim a teoria estará sempre sendo modificada para dar conta desse sujeito portador de uma fala única.

Neste momento, estamos diante de outro ponto que aproxima a psicanálise da fenomenologia, ambas levam em consideração primordialmente o sujeito e constroem o conhecimento, uma a partir dos não-ditos, ou seja, do material inconsciente; a outra, a partir dos ditos, da experiência vivida, da consciência intencional, que por sua vez é mediada pelo inconsciente.

Aqui cabe destacar outra similaridade entre a psicanálise e o método fenomenológico, já que, ao partir para uma pesquisa, a *redução* é de extrema importância e, segundo Bruns (2003), Holanda (2003) e Martins & Bicudo (1994), esta se apresenta como uma suspensão de crenças prévias, teorias e explicações apriorísticas. O mesmo ocorre na psicanálise ao priorizar que o mais importante para se construir um conhecimento é estar de acordo com as falas dos pacientes nas sessões, ou na entrevista, para evitar o encaixe da teoria na prática. Sendo assim, a psicanálise enfatiza a relação transferencial para o êxito de uma pesquisa.

Além disso, conforme colocou Amatuzzi (2003), uma entrevista fenomenológica mobilizadora teria uma dimensão “clínica”, dimensão essa muito similar à relação

transferencial, guardadas suas devidas proporções. Tanto na dimensão psicanalítica quanto na fenomenologia, estamos diante de um colaborador, entrando em jogo nesse momento a intersubjetividade, e fugimos da dicotomização entre objeto/sujeito tão característica das pesquisas quantitativas, conforme abordamos anteriormente.

Pensando o papel de destaque da relação transferencial, pode-se dizer que a psicanálise se opõe ao modelo positivista, já que este aborda uma certa distância entre o sujeito e o objeto, enquanto que a outra, embora exista a preocupação com a objetividade, há uma maior influência entre pesquisador-analista e pesquisado-analisando.

Tanto o pesquisador quanto o pesquisado merecem destaque na construção de conhecimento em psicanálise, porque os psiquismos de ambos estão em jogo. Sobre essa questão, González Rey (2002) destaca que a epistemologia freudiana nos aponta uma forma de produção do conhecimento valorizando o caráter interpretativo, singular e em permanente desenvolvimento, no qual o sujeito é o ponto-chave da pesquisa.

Dito isso, concluímos que é possível um diálogo entre a psicanálise e a fenomenologia, visto que ambas valorizam a inter-subjetividade, a singularidade, o discurso e a compreensão-interpretação. Vimos também que a vida psíquica é formada por duas entidades, a inconsciente e a consciente, a primeira sendo alcançada a partir de referenciais psicanalíticos, que por sua vez têm relação com a consciente, e a outra abordada a partir das experiências vividas pelo método fenomenológico.

Dessa forma, não é intuito de nosso trabalho realizar uma pesquisa de caráter psicanalítico. O que faremos é uma investigação qualitativa utilizando-nos do método fenomenológico proposto por Giorgi (1978) e Bruns (2003), e a análise (compreensão-interpretação) que realizaremos se dará pela utilização de conceitos psicanalíticos nos oferecendo um caminho frutífero para desvelar as vivências das colaboradoras, sem, contudo, nos propormos a fazer uma interpretação nos moldes dos métodos em psicanálise. Nosso

intuito é disponibilizar um diálogo cordial utilizando a fenomenologia como método de pesquisa e a psicanálise como mais um suporte teórico para as interpretações.

Dito isso, passaremos a seguir a descrever o método de pesquisa.

7.3 Opção pelo método de pesquisa: procedimento de acesso ao colaborador

Pensando nas propostas desta pesquisa que é desvelar o significado que as profissionais do sexo, pertencentes às classes econômicas A e B, conferem à prostituição, o instrumento mais adequado para termos acesso aos relatos dos colaboradores seria a história oral de vida. O entrevistado neste contexto é chamado de colaborador por se tratar não somente de um mero objeto de pesquisa, já que é possível estabelecer um ponto de interseção no qual ambos compartilham algo novo através do diálogo.

Para Meihy (1996, p.15), a “História Oral” é:

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

É importante citar que a história oral de vida é uma vertente da história oral, e essa escolha se deu por entendermos que reconstituir uma história de vivência da sexualidade envolve a narração de acontecimentos, ações, fatos ou particularidades referentes não somente ao assunto estrito da pesquisa, como também a todos os aspectos da vida do colaborador.

Sobre a história oral de vida, Meihy (1996, p.35) afirma que:

Na história de vida, relatam-se experiências vivenciadas por um sujeito individual, ou seja, determinados fatos, instantes e momentos que, para ele, são cruciais e constitutivos de uma experiência vivida, de um sentimento de

duração, entendida aqui como o fluxo de emoções, sentimentos concomitantes a determinadas idéias das quais um indivíduo pode se lembrar e atualizá-las novamente em si mesmo, depois de tê-lo vivido no tecido das relações sociais.

A entrevista foi composta por um questionamento ao colaborador sobre sua história: infância, adolescência e vida adulta, e o desenrolar de sua vida sexual neste percurso. Sendo mediada pela seguinte questão: “Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta, relacionando com aspectos de sua vida sexual”. No caso de a colaboradora não compreender a questão, foi reformulada do seguinte modo: “Gostaria que você me falasse como vivenciou sua sexualidade ao longo de sua vida, desde a infância até a atualidade”.

Ela foi convidada a dar seu depoimento livremente, imprimindo ao seu relato suas próprias categorias, ordenamento e seleção dos fatos vividos. Assim, o centro de interesse da história oral é o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelas várias situações vivenciadas.

Essas entrevistas foram realizadas sem limite de tempo, para que o colaborador pudesse relatar sobre o questionado de maneira livre, a seu tempo, conforme sua disposição física e psíquica.

Para a realização desta pesquisa, foi necessário seguir alguns passos fundamentais, o primeiro deles refere-se ao esclarecimento do pesquisador ao entrevistado sobre o assunto a ser tratado e os objetivos para que este estivesse ciente (todos os procedimentos éticos estão descritos no ANEXO B); num segundo tempo, a entrevista propriamente dita foi realizada com auxílio de gravador, se permitido pelo colaborador. Vale ressaltar que, no decorrer da entrevista, foram feitas intervenções com o intuito de não possibilitar que o colaborador desviasse do propósito do estudo e também algumas vezes em que o pesquisador não compreendeu o que foi dito. Na transcrição do relato, foram também anotados aspectos relevantes e “transferências” percebidos pelo pesquisador.

Sendo assim, após concluída a busca dos relatos, para que estes sejam válidos e coerentes com o objetivo da pesquisa e também para que se tornem compreensivas, podendo explicitar os sentidos contidos nos relatos, eles devem apresentar seis características que se relacionam entre si, conforme exposto por Rezende (1990):

1. A descrição ou o depoimento deve ser significativa, quando relatamos e enumeramos somente os aspectos essenciais e fundamentais para compreendermos o fenômeno estudado, ou seja, quando conseguimos descrever adequadamente “somente aqueles aspectos que são indispensáveis para ficarmos sabendo que fenômeno é este” (p.18). A descrição deve se referir à essência do fenômeno em relação à consciência que o percebe.

2. A pertinência da descrição considera todas as múltiplas características do discurso sem omitir nenhum aspecto importante para a compreensão da estrutura do fenômeno como um todo, já que este apresenta uma multiplicidade constitutiva, vindo a intensificar e mostrar a significância do fenômeno específico, não tendo o propósito de significar os aspectos não integrantes ou não pertencentes do fenômeno em questão.

3. A relevância: “se a pertinência diz diretamente respeito à estrutura fenomenal e à sua complexidade constitutiva, a relevância diz respeito à situação concreta de semelhante estrutura, ou melhor, a sua história” (p.22). Dessa forma, a relevância deve abraçar todo um contexto histórico e temporal, considerando os dados do discurso do sujeito e sua relação concreta com a realidade a ser estudada. Para que o discurso seja significativo, ele deve ser ao mesmo tempo pertinente e relevante.

4. Outra característica a ser considerada é que a descrição deve ser referente, isto é, permitir estabelecer relação entre a estrutura do fenômeno e o contexto em que ele se insere. Em outras palavras, deve haver uma conexão entre os elementos constituintes do fenômeno, o mundo, o espaço e o tempo, surgindo daí um leque no qual se torna possível perceber, descrever, compreender e interpretar.

5. A descrição deve ser também provocante, uma vez que explicita os sentidos existentes para o sujeito, ele se depara com uma realidade com a qual se aproxima ou se afasta, ou seja, o discurso provoca o sujeito a tomar uma posição sobre si mesmo, seja para se envolver, seja para se afastar em relação a sua vivência do fenômeno indagado.

6. O último aspecto a ser considerado em um discurso fenomenológico é a necessidade da descrição ser suficiente, buscando explicitar no discurso o maior número possível de dados a serem considerados relevantes, levando o sujeito a se questionar sobre sua história no tempo e espaço em que ele se encontra e podendo ir além, instigando-o a mudar os aspectos que não o satisfazem como sujeito no mundo, tornando-se assim inesgotável, pois considera os aspectos da consciência do sujeito e do coletivo. Tendo em mente que o discurso é inacabável, que sempre existirão aspectos a serem expostos, entretanto é necessário que haja um limite para que não se torne compulsivamente repetitivo.

A partir dessas seis características destacadas por Rezende (1990), podemos compreender a dimensão estrutural do fenômeno e demarcarmos seus aspectos importantes. Sendo assim, após concluídas as dez entrevistas com as colaboradoras, faremos a transcrição (ANEXO E) seguindo todas as condições por nós declaradas ao comitê de ética (ANEXO A), e então será feita a análise dos dados buscando compreender e desvelar o significado que as profissionais do sexo, pertencentes às classes econômicas A e B, conferem à prostituição. Para a análise dos relatos coletados, serão seguidos os quatro momentos descritos por Giorgi (1978), Bruns (2003) e Martins & Bicudo (1994):

1. Leitura para apreensão global do sentido geral das respostas – faremos a transcrição e uma leitura dos depoimentos como um todo com o intuito de nos habituarmos com as descrições das experiências vividas por cada uma das colaboradoras. Nesse momento ainda não buscamos interpretar, mas captar o sentido geral do fenômeno em questão. Estabelecendo

uma relação de empatia com as experiências relatadas, podendo através disso sistematizar as vivências das profissionais do sexo.

2. Leitura para encontrar unidades de significados – nesse momento faremos uma caminhada com o intuito de discriminar as unidades de significados que são atribuídos pelas colaboradoras; deve estar claro que as atribuições se dão em relação à perspectiva e interrogação sobre o fenômeno que indagamos.

3. Leitura para encontrar *insights* psicológicos nas unidades de significado – nesse terceiro momento, após a obtenção das unidades de significado, a linguagem coloquial do pesquisado é transformada em discurso psicológico, buscando agrupá-las em temas ou categorias que desvelam o *insight* psicológico nelas contida. É aqui que situaremos o fenômeno a partir de sua temporalidade, utilizando a psicanálise como referencial teórico.

4. Síntese integradora dos *insights* das unidades de significado – este quarto momento é marcado pela integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significados, agrupadas em função das convergências e/ou divergências dos significados que são atribuídos pelas colaboradoras e constroem os aspectos primordiais da estrutura compreensiva do fenômeno.

7.4 Acesso às colaboradoras: caminho percorrido e dificuldades encontradas

Esta pesquisa tinha como objetivo entrevistar mulheres que trabalham como prostitutas em bordéis de luxo, garotas de programa classes “A” e “B”; com idade entre 18 a 30 anos, e escolaridade a partir do ensino médio completo. Nosso intuito era inicialmente realizar a pesquisa com 10 garotas de programas de Ribeirão Preto e cidades vizinhas; acreditávamos ser possível contatá-las nas boates, agendando entrevistas no local por elas definido. Em meados de fevereiro de 2006, passamos a frequentar as duas mais sofisticadas e

luxuosas casas de prostituição de Ribeirão Preto. Fazíamos visitas freqüentes pelo menos 1 vez por semana durante 2 meses para ganhar “intimidade” dos gerentes, donos, garçons e das profissionais do sexo.

Nesses primeiros contatos, não abordávamos que éramos um pesquisador da USP; depois, quando já tínhamos um certo vínculo, conversávamos com os proprietários, apresentávamos nossa documentação (CRP, RG, N°USP, autorização do comitê de ética), explicávamos os objetivos da pesquisa e pedíamos autorização para entrevistar algumas de suas meninas. Na maioria das vezes essa autorização era cedida, mas o dono do estabelecimento se propunha a conversar com as meninas antes e ficava de dar uma resposta. Vale ressaltar que todo esse processo era complicado, visto que nós precisávamos ligar diariamente para lembrar o proprietário sobre o nosso interesse de pesquisa e estes ficavam nos “enrolando”. Depois desses longos processos de contato com proprietários, disseram que nenhuma menina estava disposta a participar da entrevista. Por fim constatamos que seria difícil um proprietário aceitar que realizássemos tal pesquisa, a não ser que alguém conhecido e freqüentador dessas casas nos apresentasse aos proprietários, já que todos acabavam tendo receio sobre o que nós poderíamos vir a abordar, por mais que tivéssemos o cuidado de explicar detalhadamente todos os pontos de nossa dissertação.

Em supervisão com a Dr^a. Maria Alves, chegamos à conclusão de que este método de *approach* não traria bons frutos. Então, decidimos que seria interessante tentarmos contato com garotas que faziam programa divulgando seus corpos pela internet, ou tentaríamos em casas noturnas dos Estados do Paraná e São Paulo, em cidades que temos mais contatos e conhecidos que freqüentam a noite.

Sendo assim, nosso primeiro destino em busca dessas mulheres foi numa cidade do Paraná. Na primeira vez que entramos na internet em busca de garotas que faziam programa, ficamos surpreendidos com a quantidade de mulheres disponíveis para fazer programa e nos

animamos com a real possibilidade de concretizar a primeira entrevista, tal ocorrido foi em meados de julho de 2006. Anotamos por volta de 40 telefones e passamos a ligar uma a uma. Então, mais uma decepção, constatamos que dessas 40, nenhuma se dispôs a realizar a entrevista. Mais uma vez ficamos receosos de não conseguirmos completar a nossa coleta de dados.

Resolvemos, então, seguir o caminho traçado por alguns pesquisadores que estudavam a prostituição, tais como Souza (1998) e Martin (2003) que pagavam às mulheres o tempo gasto com a entrevista. Não era nosso intuito realizar tal pagamento, mas diante da situação de constantes “não”, percebemos que seria uma saída para essa dificuldade de acessar as colaboradoras. Sendo assim, pagamos para algumas colaboradoras para a realização da entrevista, os valores pagos variaram entre R\$20,00 e R\$50,00, afinal, para elas *time is money*. Nesse momento também realizávamos visitas em casas noturnas de uma cidade do Estado do Paraná e conversamos com vários conhecidos que freqüentavam esses estabelecimentos. A partir desses contatos, e dos pagamentos, foi possível coletar os dados.

Realizamos um total de 12 entrevistas, porém, duas delas não participaram da pesquisa, pois não satisfizeram os critérios de inclusão supracitados, pois pertenciam à classe social C, segundo classificação da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Este estudo conta com um total de dez entrevistas, que foram consideradas suficientes para nos levar à compreensão da vivência das profissionais do sexo.

Antes de iniciarmos as entrevistas, solicitamos que cada colaboradora fizesse a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B), elaborado de acordo com a Resolução nº 196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde – Brasília – DF.

O Termo de Consentimento (ANEXO B) trata dos objetivos da pesquisa, sua relevância social e científica, assim como os aspectos envolvidos na participação das

colaboradoras, tais como a garantia do sigilo de suas identidades e nos colocando à disposição para eventuais dúvidas.

Após a leitura do Termo de Consentimento, perguntamos às colaboradoras se havia alguma dúvida a respeito do mesmo e de sua participação neste estudo. Não havendo dúvidas, assinaram o documento, atestando que estavam participando livre e espontaneamente desta pesquisa e autorizando a gravação de seus relatos. Cada colaboradora assinou duas cópias do termo de consentimento, sendo uma para o pesquisador e outra para a colaboradora.

Em seguida, realizamos o questionário de classificação econômica referente a sua família, elaborado pela ABEP (ANEXO D), e, posteriormente, solicitamos que as colaboradoras respondessem a algumas questões que nos auxiliariam na caracterização do perfil de cada uma delas (quadro 1). O roteiro foi elaborado para obtenção de informações (ANEXO C) como idade, idade que iniciou na prostituição, estado civil, religião, grau de instrução, filhos, cidade de origem, quanto tempo na cidade em que trabalhava como profissional do sexo, local de trabalho, preço do programa, número de programas diários, clientela (homem/mulher), clientes fixos, uso de preservativo.

Após obtermos as informações, realizamos a entrevista.

A seguir, apresentaremos o perfil das dez colaboradoras desta pesquisa.

7.5 Perfil das colaboradoras

O perfil das colaboradoras foi delineado conforme o roteiro para obtenção de informações (ANEXO C) e os dados obtidos nas entrevistas. Para visualizar as informações obtidas no roteiro, vide Quadro 1, que consiste no perfil das colaboradoras.

Quadro 1 - Perfil das Colaboradoras

Colaboradora	1	2	3	4	5
Nome	Elisabeth	Luiza	Filó	Virna	Magda
Idade	18	28	24	18	25
Idade início na prostituição	18	22	23	18	20
Estado civil	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Religião	Adventista	Católica	Católica	Católica	Católica
Irmãos	1	2	2	2	3
Filhos	não	Não	não	não	não
Escolaridade	3º incompleto	3º incompleto	3º incompleto	2º completo	3º incompleto
Tempo na cidade atual	fev/06	fev/06	ago/05	ago/05	2002
Local de atuação	casa	motel, residência, flat e hotel	casa	apartamento de amiga	casa, hotel, motel
Classe social	B1	B2	B2	B1	B1
Preço do programa	R\$150,00	R\$200,00	R\$150,00 a R\$ 200,00	R\$200,00	R\$300,00
Nº programa diário	3 a 4	5 a 8	4	3	2
Cliente fixo	4	4	alguns	3	alguns
Clientela	Homem e mulher	Homem	Homem	Homem	Homem
Uso de preservativo	sim	Sim	sim	sim	sim

Colaboradora	6	7	8	9	10
Nome	Adriana	Elis	Sílvia	Lívia	Perla
Idade	19	20	27	21	22
Idade início na prostituição	18	18	20	21	22
Estado civil	Solteira	Separada	Solteira	Solteira	Solteira
Religião	Católica	não tem	Católica	Católica	Espírita
Irmãos	2	6	2	3	3
Filhos	não	1	não	não	Não
Escolaridade	3º incompleto	2º completo	2º completo	2º completo	3º incompleto
Tempo na cidade atual	2005	2004	x	2006	X
Local de atuação	casa, hotel, motel	casa, hotel, motel	Boate	boate	boate e bar executivo
Classe social	B2	B2	B2	A2	B2
Preço do programa	R\$ 120,00 a R\$150,00	R\$ 150,00	R\$ 150,00	R\$ 500,00	R\$ 150,00
Nº programa diário	4	3	1	3	2
Cliente fixo	20	8	3	3	2
Clientela	Homem e mulher	Homem e mulher	Homem	Homem	Homem e mulher
Uso de preservativo	sim	sim	sim	sim	sim

Esse quadro mostra que as colaboradoras desta pesquisa têm idades variando entre 18 e 28 anos de idade, 9 são solteiras e 1 divorciada. Referente aos filhos, apenas uma das colaboradoras tem. No que se refere à religião, 7 são católicas, 1 é adventista, 1 é espírita e 1 não tem religião. Vale ressaltar que todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

O grau de instrução varia entre o segundo grau completo e terceiro incompleto. Em referência ao tempo de atuação como profissional do sexo, varia entre 2 meses a 6 anos. De todas elas, 3 trabalham em boate, 1 em apartamento de amiga, 2 apenas em casa e 4 em hotel, motel e em casa. O preço do programa por hora varia entre R\$150,00 e R\$500,00, meio salário mínimo a um salário mínimo e meio. O número de programas diários realizados é variável entre elas, oscilando entre 1 e 8 clientes por dia. A quantidade de clientes fixos também varia entre 2 e 20 por colaboradora. Todas elas usam preservativo em todas as relações.

A respeito das classes econômicas das famílias das colaboradoras, variam entre B2 a A2. De todas elas, apenas 2 são fazem programa na cidade de origem.

CAPÍTULO 8.

NO HORIZONTE DA COMPREENSÃO DA PROSTITUIÇÃO: TRABALHO, PRAZER, PATOLOGIA

A seguir, apresentaremos a análise interpretativa dos relatos das sete colaboradoras, com o intuito de caminhar em direção ao objetivo proposto, que é desvelar a vivência da sexualidade de mulheres profissionais do sexo pertencentes às classes sociais A e B.

Embasados no método de investigação qualitativo e nos três eixos que alicerçam a pesquisa já descritos, elaboramos cinco categorias de análise, com suas respectivas subcategorias. Optamos por apresentar as análises individualmente. **As categorias que emergiram dos relatos aparecerão em negrito**, e as subcategorias aparecerão grifadas no decorrer do texto, a fim de facilitar a identificação das mesmas. São elas:

1) Infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual

Esta categoria aborda o modo como as colaboradoras vivenciam seus conflitos infantis que podem predispor a possíveis saídas “falhas” do desenvolvimento infantil, explorando também como percebem suas vivências da infância e da adolescência, suas relações familiares e iniciação na vida sexual. As subcategorias encontradas foram:

- Relação com os pais

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

- Iniciação na vida sexual

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 1, 4 e 5.

2) Vida adulta: as relações afetivo-sexuais

Esta categoria diz respeito ao modo como as colaboradoras vivenciam suas relações afetivo-sexuais na vida adulta.

As unidades de significado que compõem esta categoria encontram-se nos relatos nas colaboradoras: 1, 4, 5, 6, 9 e 10.

3) Horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição

Esta categoria expõe o modo como as colaboradoras foram inseridas no universo da prostituição.

As unidades de significado referentes a esta categoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

4) Vivência como profissional do sexo

Esta categoria aborda como as profissionais do sexo vivenciam esta prática: a partir do trabalho, do prazer, da patologia, relacionando-as com as questões de gênero. As subcategorias encontradas foram:

- Prostituição como um trabalho

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 2, 3, 6, 8 e 10.

- Prostituição, um encontro com o prazer

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10.

- Prostituição, uma patologia

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos das colaboradoras: 1, 2, 4, 6, 7 e 9.

5) Projeto de vida

Esta categoria aborda as suas expectativas, desejos e aspirações que constituem o projeto de vida das colaboradoras.

As unidades de significado que compõem esta categoria encontram-se nos relatos nas colaboradoras: 1, 2, 4, 5, 7 e 10.

Colaboradora 1

Elisabeth tem 18 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é adventista do 7º Dia. Possui um irmão de 24 anos. Não tem filhos. Está cursando o primeiro ano de uma faculdade particular de estilismo.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou-se para uma outra cidade do mesmo Estado em fevereiro de 2006.

No que se refere à prostituição, atua em casa, recebe em média R\$150,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média de 3 a 4 programas diários. Sua clientela é formada basicamente de homens, mas não vê problema em atender mulheres. Possui quatro clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo. Seus clientes a procuram através de *site* na internet e por indicação dos mesmos.

Descreve que o ambiente familiar durante a sua infância foi conturbado, marcado principalmente pela separação de seus pais e por um sentimento de rejeição em relação ao pai. Aborda, também, que na adolescência, foi violentada por um ex-namorado, engravidou e acabou sofrendo um aborto, relatando que, desde então, passou a ter raiva de homens e a não se relacionar com eles durante um longo período.

Decidiu mudar-se para outra cidade com o pretexto de fazer vestibular, porém com o intuito de fugir do ambiente familiar. Foi morar com uma amiga, que fazia programa, em uma república e resolveu prostituir-se também, com o objetivo de não depender de ninguém e ganhar dinheiro que ela chamou de “fácil”. Afirma que pretende fazer programa até terminar de pagar sua faculdade.

O contato com essa mulher deu-se por intermédio de uma outra que mora com ela e que faz anúncio por *sites* da internet. Ao marcarmos a entrevista com a segunda, ela estava em casa e a convidamos a participar do estudo. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada em um bairro de classe média alta, no quarto mais especificamente em cima da cama, a mesma utilizada para fazer os programas, pelo fato de ela justificar que seria o local mais tranquilo de sua casa. Outro ponto que chamou atenção no decorrer da entrevista foi a postura sedutora da colaboradora: ora acariciava um ursinho de pelúcia, ora mudava de posição ficando de costas e de lado, ora levando à mão a boca, entre outras.

No que se refere à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, a colaboradora relata sobre sua relação com seus pais que:

Foi tranquila ... morei sempre com meus pais ... quando era pequena nunca tive falta de nada ... nunca tive nenhum trauma sexual ... nada disso ... foi literalmente tranquila.

Quando criança não lhe faltava nada, sua relação com seus pais era tranquila, morava com eles, e segundo coloca, não tinha trauma sexual. Porém, a partir de seus 8 anos de idade, sua vida mudou, como menciona:

Mas ... a partir dos meus 8 anos meus pais separaram ... a partir desse momento eu entrei em depressão. *Aos 8 anos?* Aos 8 anos. Então ... eu fiquei revoltada ... porque meu pai começou a me rejeitar ... aí eu tive que fazer tratamento psicológico ... eu chorava demais por ele não gostar de mim. Até ... mais ou menos meus 13 anos ... daí ... depois ... meio que eu me conformei sabe?

De acordo com a Elisabeth, com a separação dos pais, ficou bastante abalada e entrou em depressão. Afirma também que passou a perceber rejeição por parte de seu pai, tendo recorrido a terapias.

Ainda dentro da relação com seus pais, expressa:

Aí ... eu fui conversar com ele ... falando que eu não queria dinheiro ... nada dele. Só queria que ele simplesmente me ligasse ... falasse que gostava de mim ... se preocupasse comigo ... Aí a gente teve uma discussão feia ... que ele não poderia ... que não teria tempo pra isso ... ele tem tempo só pra depositar dinheiro ... e olha lá ainda ... porque dar tempo só pra mim ... ele não teria.

Mais uma vez Elisabeth retoma seus sentimentos de rejeição e abandono por parte do pai. Essa carência de amor, ou melhor, o medo de perder o amor de seu pai nos remete ao Complexo de Édipo feminino, apontado por Freud (1933, p.162): “Atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar”.

E, conforme já abordamos, a partir das noções destacadas por Calligaris (2005), o amor do pai funcionaria como um ancoradouro para que as mulheres pudessem usufruir de seus corpos, sem a necessidade de buscar o amor paterno em outros homens.

Somos levados a pensar que, Elisabeth, sendo abandonada e rejeitada por seu pai não conseguiu manter laços afetivos familiares e, em consequência disso, obteve acessos precários aos valores de nossa sociedade, noção essa destacada por Greenwald (s/d). Vale ressaltar que sua situação familiar desestruturada é similar a das mulheres pesquisadas pelo autor sendo, por isto, mais susceptíveis a encontrar na prostituição um alimento psíquico.

Ainda sobre a **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, no que diz respeito à iniciação na vida sexual, relata:

Eu perdi minha virgindade aos 14 anos ... que foi uma coisa bem chata ... foi uma coisa forçada ... que ... tipo ... meu namorado forçou o que eu não queria. Minha mãe não queria ... só depois do casamento ... eu tinha isso como um tabu. Aí ... foi uma coisa meio forçada ... meio que violentada ... eu acabei ficando grávida ... daí ... eu tive um aborto ... tive que abortar ... porque não queria. (silêncio) *Esse fato ocorreu quando você tinha que idade?* Aos meus 14 anos ... não queria. Aí ... eu já tinha raiva de homem ... sabe ... aí ... desde então ... eu nunca mais quis me envolver com ninguém ... assim ... não me envolvia ... não ficava ... tinha nojo de homem ... não suportava. Desde então ... nunca mais fiquei com ninguém.

Segundo Elisabeth, através de uma relação sexual forçada com seu namorado aos 14 anos de idade, perdeu sua virgindade. Deste episódio resultou uma gravidez seguida de um aborto por não desejar ter filho naquela ocasião. Desde então passou a não envolver-se mais com homens, e acrescenta:

Ah ... só brincava com amigas ... sabe? Mas relação séria ... assim ... não. Brincando? Brincando ... tipo de dar selinho ... dar beijo na balada ... assim ... tipo ... zoar com os meninos ... falar que é namorada ... mais nada.

Além da raiva em relação ao sexo masculino, passou a ter algumas relações com mulheres, por mais que diga que foram apenas brincadeiras.

Parece que este episódio de agressão por parte de seu namorado fez acentuar ainda mais a hostilidade em relação aos homens e ao pai, passando a buscar relacionamentos com outras mulheres. Esta procura por relacionamentos homossexuais nos remete a Freud (1905), com relação à fase do desenvolvimento da libido denominada de escolha objetal, a qual é determinada pelos primeiros objetos de amor da criança, ou seja, no caso da menina, sua mãe e posteriormente seu pai, entretanto, após o período de latência, essa escolha é dirigida a outros objetos que “substituem” os primeiros, devido à barreira do incesto imposta à criança pelos próprios pais e pela sociedade.

Conforme nos ensina McDougall (1997), um dos caminhos para se ter integrado a constelação edipiana homossexual seria através de uma auto-imagem estável, formada a partir das relações internalizadas na infância. E, conforme nos complementa Greenwald (s/d, p.143):

Por exemplo, na relação sexual a maioria de nós age como homens porque imita o pai, ou como mulher porque imita a mãe. Estas são pessoas que mais freqüentemente servem como modelos quando realizamos um ato sexual. Em virtude da rigorosa privação emocional que elas sofreram e do ódio conseqüente que sentiam de seus pais, não conseguiam escolher nenhum dos pais como modelo.

O autor, a partir dessa exposição, nos mostra que é freqüente a conduta homossexual das profissionais do sexo em virtude da auto-imagem instaurada de maneira precária. Sendo conseqüência de uma dificuldade no processo de diferenciação sexual, permanecendo presas ao nível de desenvolvimento anterior ao processo de diferenciação, já que as funções sexuais que deveriam aprender através da identificação não ocorrem ou ocorrem de maneira falha. Greenwald (s/d) acrescenta também que, em muitos casos, a promiscuidade anterior à prostituição seria uma tentativa de se proteger de relações homossexuais.

Discordamos nesse momento do autor, por acreditarmos que essa promiscuidade seria decorrente, não de uma defesa contra a homossexualidade mas de uma auto-imagem deficiente. Compreendendo também que uma auto-imagem estável poderia levar a uma escolha homossexual. O importante é levar em consideração que tal postura seria devida à uma falta infantil; essa mulher apresenta uma desarmonia de escolha, independente se é homo ou hetero. Nosso intuito neste momento é destacar que não estamos tratando sua posição homossexual enquanto patológica até porque, nas palavras de Freud (1905, p.24, nota de rodapé):

[...] todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. As vinculações por sentimentos libidinosos com pessoas do mesmo sexo desempenham, inclusive, um papel nada insignificante como fatores da vida anímica normal [...] a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a

liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, [...] é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolve-se tanto o tipo normal como o invertido.

Seguindo com o relato da colaboradora 1, remetemo-nos agora a sua **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**, neste momento Elisabeth afirma que devido à violência sexual sofrida por seu namorado na época, passou alguns anos sem se relacionar com homens, voltando a ter relações apenas superficiais, como a mesma destaca ao contar sobre seu atual relacionamento chamando-o de *namoradinho*. Declarando ter ainda muito horror ao sexo masculino por argumentar o seguinte:

Mas ... tipo ... eu criei nojo dos homens por meus pais terem se separado ... da maneira que foi ... por traição ... e ... depois ainda ter acontecido aquilo comigo ... então ... eu acho que criei algo na minha mente psicológica que eu peguei nojo ... não conseguia olhar pra homem que eu sentia nojo. Os meninos vinham conversar comigo e eu saía fora. Faz um ano que eu comecei a ficar ... eu não ficava (silêncio). [...] Já ... já tive ... depois que estive aqui ... já... agora faz um mês que estou com um **namoradinho** ... que eu tive relação com ele ... mas não faz nem um mês que a gente está junto. E ... é fora dos programas. Mas ... antes disso nunca mais tive namorado (silêncio). [grifo nosso]

Mais uma vez Elisabeth deixa clara sua ojeriza em relação ao sexo masculino em virtude dos traumas vivenciados com a separação de seus pais e, principalmente, a rejeição e o abandono sofrido. E, ao tentar um contato amoroso na adolescência, foi violentada, reforçando novamente em seu psiquismo a noção de que homem não presta.

A partir daí, baseando-nos em Calligaris (2005), podemos numerar mais uma característica que a predisporia à prostituição já que esse namorado não reconhece seu corpo como um objeto a ser amado, mas como um objeto de desejo, sendo assim esse parceiro, seu pai e, em consequência, todos os homens que a encham de nojo são o ponto de partida para que essa busque a prostituição.

A colaboradora 1 expando sobre **o horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, menciona:

Aí ... tipo ... eu resolvi ... peguei minhas coisas e vim embora pra cá. E ... tanto que eu não tava precisando ... não precisava fazer programa (silêncio). [...] Não ... no começo eu morei em república ... nos primeiros meses ... aí ... tinha uma amiga que já morava aqui ... que fazia isso... mais velha ... aí eu resolvi ... sabe ... deu na minha cabeça ... e ... eu resolvi ... tipo ... eu vou porque ... assim ... é um modo que a gente ganha dinheiro muito fácil sabe. [...] No meu primeiro programa eu chorei de mais ... sabe ... foi terrível ... assim ... senti muito nojo de mim ... até hoje eu vou fazer programa ... eu sinto muito nojo ... mas foi sossegado ... não que eu esteja me acostumando

Elisabeth conta que sua entrada na prostituição deu-se mesmo não precisando fazer programa por questões financeiras. Relata que, ao morar com uma amiga que fazia programa, resolveu seguir o mesmo caminho. Além disso, explica que nos primeiros programas chorou bastante, foi terrível.

Destaca ainda:

Aí eu vim pra cá ... acabei discutindo novamente com meu pai, em questão de eu estar aqui ... sabe ... aí ... eu decidi fazer isso pra ele se importar comigo ... sabe ... meio que uma revolta (silêncio). [...] Ah tá ... a questão de ... pra chamar a atenção do meu pai ... por ele me rejeitar ... falar que não gostava...(silêncio). [...] e ... eu queria chamar a atenção dele sabe? Pra ver como ele se importa comigo, como ele fala que não gosta de mim ... que não sou filha dele ... sabe ... pra ele se importar um pouco comigo ... pra ver o que que eu to fazendo.

Elisabeth expressa que sua decisão pela prostituição deu-se por conta de seu relacionamento com seu pai. Argumentando que passou a ser garota de programa com o intuito de chamar sua atenção.

É possível perceber que, numa idade bem prematura, Elisabeth descobriu que poderia oferecer sexo como recompensa, como no caso de seu namorado, quando percebeu que este só queria se aproveitar de seu corpo. Sendo assim, nas palavras de Greenwald (s/d, p.135): “o sexo é uma comodidade que podia ser trocado por alguma espécie de contato emocional, em uma família vazia desse tipo de contato”. Portanto, supomos que a própria colaboradora 1 tem uma certa noção consciente, a respeito dos motivos que a levaram à entrada na prostituição. Em outras palavras, ela sabia da rejeição que sofria e, por isso, gostaria de não apenas atingir emocionalmente seu pai com sua atividade, mas também obter algum tipo de recompensa emocional através da prostituição.

A escolha pela prostituição, no caso de Elisabeth, seria para gritar ao mundo seu desejo de ser amada, porém esse grito se torna mudo, por sair de uma vagina. Assim, nas palavras de Calligaris (2005, p.65): “salvo que seu caminho para evocar um amor de pai passa imediatamente pela oferta de seu corpo”.

Com relação à sua **vivência como profissional do sexo**, no que se refere à prostituição: um encontro com o prazer, Elisabeth afirma sobre sua permanência na prostituição:

Eu não quero mais depender de ninguém ... vou fazer isso ... apesar de eu não gostar [...]. Mas ... nada de mais ... estou fazendo isso agora para não depender mais de ninguém ... sabe ... pra mim ter minha vida ... eu vou pra faculdade ... aí quando eu terminar de pagar a faculdade eu paro ... entende? (silêncio) [...]. Mas ... também é por isso ... e ... também pra mim pagar minha faculdade ...

pra não precisar dele ... e ... também não ficar precisando de minha mãe. (silêncio).

A colaboradora 1 esclarece que continua na prostituição por almejar uma independência e terminar de arcar com o pagamento de sua faculdade, sem precisar pedir auxílio financeiro a ninguém. De acordo com Rago (1991), Martin (2003) e Leite (2005), a prostituição pode referir-se à questão do gênero, na qual algumas mulheres não se adaptam às categorias de submissão e fragilidade do sexo feminino, buscando seu próprio sustento, não dependendo de homem para conseguir sobreviver através desta prática, ou seja, podem exercer sua liberdade e autonomia.

Podendo ser vista também como o que Bruns (2004) chamou de nova mulher, que não quer ficar em casa cuidando dos filhos e do marido; que está imersa no mercado de trabalho; é independente economicamente e reivindica prazer sexual. Além disso, está fazendo faculdade, fato que até décadas atrás era inadmissível. Sendo assim, o prazer que Elisabeth encontra nesta prática é de ser livre, independente e autônoma.

Ainda dentro da **vivência como profissional do sexo**, a respeito da prostituição, uma patologia, encontramos no relato da colaboradora 1:

Porque ... tipo ... homem é sem amor ... ainda mais agora que eu to fazendo programa ... que eu vejo ... deixa a família ... deixa filho ... não tão nem aí ... sabe ... são muito sem amor próprio ... então ... não tão nem ligando se você tem sentimentos. Então ... eu acho que eu criei isso pra mim ... entende? Que homem não presta, esse tipo de coisa. E ainda mais que eu to fazendo isso agora ... eu tenho mais ainda certeza. Mas ... eu acredito que tem exceção ... lógico ... não existe só pessoas ruins nesse mundo.

Elisabeth, através de suas experiências como profissional do sexo, confirma seus sentimentos em relação aos homens, os quais surgiram a partir do contato com seu pai, como

mencionado anteriormente, de que são todos sem amor, pois, segundo a mesma, eles deixam seus filhos e suas famílias, não se importando com os sentimentos dos outros.

Levando em consideração o fato de Elisabeth ter sido abandonada por seu pai, nos remetemos à função paterna apresentada pela teoria freudiana a qual tem o papel de castrar a relação mãe/bebê e instaurar o simbólico na criança, organizar seu mundo interno, ou seja, fazer com que ela introjete as figuras parentais e, a partir daí, possa vir a solucionar seus conflitos sozinha.

Levantamos a hipótese de que neste caso, esta função não foi bem desempenhada. Sendo assim, podemos pensar que a prostituição no caso de Elisabeth seria uma forma de abandonar o lado paterno, noção esta destacada por Adler (1991). Nesse momento julgamos importante analisá-la a partir de um paradigma perverso.

Retomando o que já havíamos exposto, Ferraz (2000) destaca que: em se tratando de perversão, ao contrário de uma sexualidade dita normal, a cena sexual se dá de forma estereotipada, em que os parceiros são tratados como um objeto que lhe garanta proteção contra depressão e a perda de identidade. Além disso, esclarece que: no caso de uma posição perversa, o ato teria primazia em relação ao processo de simbolização.

Sendo assim, através do discurso de Elisabeth, podemos levantar a hipótese de que: as questões relacionadas ao abandono, ao nojo e ao horror a homens levaram-na a adotar uma posição perversa diante da vida. Devemos deixar claro, no entanto, que não estamos apresentando a colaboradora 1 como psicopatologicamente perversa; mesmo porque, apenas uma entrevista não possibilita chegarmos à conclusão alguma a respeito de sua estrutura psíquica. Mas, o que podemos afirmar é que o paradigma da perversão se mostra iluminador para a compreensão dessa mulher.

Ainda sustentados por esse mesmo autor, podemos perceber que a colaboradora 1, ao buscar o sexo, procura não entrar em contato com seu sofrimento de mulher rejeitada e

abandonada, sendo movida por uma angústia latente em busca de alimento psíquico. E ainda, com essa busca, através da prostituição, tenta retomar um amor perdido, mas que dificilmente será alcançado.

De fato a dinâmica psíquica relacionada com a escolha de Elisabeth pela prostituição, nos dá indício de pensar nessa prática como uma manifestação de uma adicção sexual; entendendo-a como um mecanismo psíquico para anestesiar conflitos internos, utilizando o sexo como um *objeto transitório*, pelo fato deste não solucionar suas questões, apenas amenizá-las (MCDUGALL, 1997). Porém, mais uma vez ressaltamos que o contato apenas de uma entrevista não é suficiente para concluirmos sobre tal questão.

No que se refere a seu **projeto de vida**, a colaboradora 1 esclarece:

[...] tanto que não quero ter filhos ... sabe ... não quero casar ... não quero ter filhos. Tipo ... eu quero ter a minha vida ... quero terminar meus estudos ... quero viver minha vida ... fazer uma estrutura.

Portanto, Elisabeth não querendo ter filhos, não querendo casar, querendo apenas terminar seus estudos, ilustra o quão decepcionada essa mulher é com relação a aspectos familiares; fazendo-nos lembrar da célebre frase destacada por Machado de Assis em seu romance *Brás Cubas*: *Não tive filhos não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*. Sendo assim, Elisabeth quer apenas, como uma mulher moderna, fazer sua vida, fazer uma estrutura sem depender de pai, mãe e, principalmente de homem algum. Quer pagar a faculdade e deixa a entender que pretende abandonar a prostituição.

Para finalizarmos nossa exploração sobre essa colaboradora 1, deixamos no ar a seguinte interrogação: Será que diante de tantas questões, ou melhor conflitos e traumas

psíquicos e, tendo a prostituição um caráter de anestesia, é possível essa mulher buscar outra saída?

Colaboradora 2

Luiza tem 28 anos, iniciou como garota de programa aos 22 anos de idade, é solteira, tem namorado há um ano. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 19 anos e outro de 23 anos. Não tem filhos.

Tem o segundo grau completo. Iniciou a faculdade de Contabilidade a qual desistiu após dois anos por não gostar do curso. Sua família reside no interior do Paraná. É pertencente à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para outra cidade paranaense em fevereiro de 2006, vinda de outra cidade do Estado.

No que se refere à prostituição, atua como garota de programa em motel, residência, flat e hotel, recebe em média R\$200,00 por duas horas de programa. Faz em média de 5 a 8 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui cinco clientes fixos, e em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Luiza relata que não morou com os pais porque sua mãe era solteira, não conheceu seu pai e sua mãe faleceu cedo. Foi criada pela avó e, na adolescência saiu de casa para morar sozinha. Conta que muda frequentemente de cidade, retornando à cidade de origem para visitar sua avó e seus irmãos. Afirma ainda que há alguns anos, sua família diminuiu seu padrão financeiro devido à doença de sua avó, entretanto nessa época já havia ingressado na prostituição e, atualmente, manda dinheiro para casa de sua avó para ajudá-la e a seus irmãos.

Iniciou na prostituição aos 22 anos em uma casa noturna e, por não querer ingerir álcool, de certa forma era obrigada neste tipo de estabelecimento, decidiu seguir carreira solo. Anuncia seus programas em jornal.

O contato com ela se deu por intermédio de uma outra garota de programa que nos forneceu seu telefone. A entrevista foi realizada em seu apartamento situado em um bairro de classe alta, na sala de estar que por sinal era extremamente bem decorada e cheia de objetos de valores, tais como TV 29 polegadas tela plana, DVD, etc.

No que se refere à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, a respeito de sua relação com seus pais, Luiza apresentou um relato sucinto, conforme afirma:

A minha infância ... assim ... eu não morei com os meus pais, porque minha mãe ... era mãe solteira ... e ... logo depois ... minha mãe veio a falecer ... quem me criou foi minha avó.

O que é marcante no caso desta mulher é a completa desestruturação familiar, pai que abandona e mãe solteira que morre. Sobre sua vivência familiar ainda esclarece:

[...] mais fora isso ... assim ... eu não tenho ... assim ... família ... pai ... mãe ... tenho somente dois irmãos que moram com ela também ... que eu ajudo eles ... né [...] Meu pai ... eu não conheci ... eu nem sei se é vivo ... se não é ... eu nem cheguei a conhecer ... que minha mãe ... quando ela me teve ... meu pai já tinha largado dela já ... né ... é o que minha avó conta ... minha mãe ... quando ela faleceu ... eu tinha 7 anos (silêncio).

Novamente retomamos as noções de Greenwald (s/d) sobre a importância de uma constituição sólida da família, que no caso de Luiza não aconteceu, permanecendo – mesmo que não tão explícito como no caso da colaboradora 1 – a necessidade ou o desejo de ser cuidada.

Além disso, coloca:

[...] logo com 15 ... 16 anos eu já fui ... já saí de casa ... e fui morar sozinha ... e desde então eu só moro sozinha ... sempre divido ... assim ... despesa com alguma amiga e nunca to numa cidade só. Sempre ... eu fico ... assim ... um ano ... dois anos ... numa cidade depois vou pra outra, né [...]

Desde os 15 anos mora sozinha, dividindo despesas com amigas e, de tempo em tempo, muda-se para outras cidades. Isso faz-nos supor que suas vinculações são voláteis, assim como seus apegos. Podemos imaginar que uma adolescente órfã de pai e mãe em uma cidade estranha nada pode procurar que não seja um pouco de calor humano. Mais adiante retomaremos este ponto.

Podemos ainda perceber que o único ponto de apoio é sua avó, mas ela não chega a descrever como é esse relacionamento, apenas cita que é uma mulher muito doente e que lhe manda dinheiro para ajudar com os remédios. Como coloca:

[...] né ... quer dizer ... a minha avó ... ela é doente ... já teve uma situação boa ... e agora não recebe muito ... só a aposentadoria ... então eu preciso mandar dinheiro pra comprar remédio ... então ... eu preciso mandar dinheiro pros meus irmãos.

Em se tratando do **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, relata:

[...] mais nessa vida ... assim ... foi com 22 anos que eu comecei. (silêncio) *Como é que foi isso? Essa entrada nessa vida?* Eu conheci uma pessoa ... uma mulher ... uma senhora ... o nome dela é C., e ... ela tinha uma casa noturna, e ... daí ... acabei conhecendo ela ... e ... ela me chamou pra trabalhar com ela ... e ... eu aceitei ... foi aí que eu comecei a trabalhar com ela ... depois ... comecei a trabalhar sozinha, fiquei com ela acho que uns 2 anos e ... depois fui morar sozinha. (silêncio) [...] No começo eu queria desistir porque ... assim ... é uma vida totalmente diferente ... cada dia você tá com um homem e ... assim

... você não tem que escolher ... sabe ... seja alto ou baixo ... magro ... sujo ... limpo ... você não tem que escolher ... então ... é muito complicado e ... é difícil ... então ... pra mim ... o começo foi muito difícil e ... às vezes a pessoa quer que você beba e você não quer beber. Isso na casa ... isso ... às vezes lá na casa ... quando eu tava. Agora ... como a gente trabalha sozinha ... então ... você ... né ... não tem que beber nada ... né [...] eu só ... eu ponho telefone ... anúncio no jornal [...]

Luiza afirma ter começado como profissional do sexo aos 22 anos, ao conhecer uma senhora que agenciava garotas para atuar como prostitutas em uma casa noturna. Durante esse período de dois anos, afirma que inicialmente não gostava, por estar com um homem diferente a cada dia e, além disso, tinha que ingerir bebida alcoólica, o que a incomodava muito.

Depois desse período, resolveu trabalhar sozinha através de anúncio no jornal, espera os telefonemas, atende-os prontamente, independente da hora do dia ou da noite. Afirma que chega a levantar às 4 horas da manhã para atender um cliente. Como coloca:

O horário que a pessoa ligar e falar ... aí ... eu vou ... e é essa vida de manhã ... até ... às vezes ... você não tem tempo nem pra dormir.

Luiza inicialmente, quando trabalhava com essa senhora, não se sentia independente e, a partir do momento em que começou a fazer seus programas sozinha, percebeu que poderia não depender de patrão e manter relação sexual quando desejasse, ou seja, decidir sobre sua própria sexualidade. Conforme nos abordaram Martin (2003) e Leite (2005), o que muitas mulheres buscam na prostituição é não ser submetida a nenhum tipo de subordinação, sentindo-se livre e autônoma.

Com relação a sua **vivência como profissional do sexo**, referindo-se à prostituição como um trabalho, afirma que:

Olha ... não é questão de gostar ou não gostar, não adianta eu falar ... assim que eu gosto e ... também não adianta eu falar que eu não gosto ... se eu não gosto porque que eu não vou procurar uma coisa melhor? ... Só que ... hoje em dia tudo é muito difícil ... tudo é muito complicado ... sabe ... eu ... o dinheiro que eu pego eu procuro investir em alguma coisa [...]

Luiza está querendo nos dizer que em virtude de sua condição de pertencente ao sexo feminino sofreria as conseqüências da sociedade machista. Aqui estamos às voltas com a questão de gênero apresentada por Ângelo (1982) e Rago (1991), ao destacarem que as mulheres enfrentam dificuldades de ingressar no mercado de trabalho e, por esse motivo apelam para a prostituição, ou seja, a relação desigual entre homens e mulheres que a leva vender seu corpo, estaria de certa forma ligada a uma estrutura social injusta, dominada pelo sexo masculino.

Luiza relata ainda com relação à prostituição como um trabalho que:

O normal pra mim ... é assim ... eu to ali ... ponho na minha cabeça que eu to ali ... to fazendo meu trabalho. Então eu ... não ... é ... eu to ali com a pessoa ... eu não fico imaginando ... assim ... com a pessoa ... ah ... é meu namorado ... e tal ... né ... eu não imagino isso ... eu imagino que é meu trabalho ... que eu to ali com a pessoa ... que é um momento ... que eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer ... entendeu? Só ... que eu procuro dar carinho ... procuro dar prazer pra pessoa ... trato a pessoa bem ... entendeu? [...] Então ... é normal ... isso ... eu ponho na minha cabeça que é meu trabalho ... e ... é meu trabalho. [...] se eu tivesse trabalhando numa empresa ... aí ... pra ganhar R\$800,00 ... R\$1000,00 não dava pra viver né ... e ... a renda que eu tenho mensal ... então ... dá pra mim sobreviver.

A colaboradora 2 afirma que trabalhar com a prostituição seria uma atividade profissional como outra qualquer, pois implica em realizar seu serviço como uma profissional, procurando dar a seus clientes o solicitado, sem supostamente se envolver.

Segundo Pires (1983), Bruns & Gomes (1996), Bertero (1991) e Torres et al. (1999), a prostituta faz de seu corpo um instrumento de trabalho, porém de forma estigmatizada, oferecendo-o em troca de uma gratificação, através da qual: *os fins justificam os meios*. Além do fato de Luiza argumentar que seria praticamente impossível sobreviver na sociedade atual ganhando a mixaria de R\$1.000,00; pois bem, se existem trabalhadores que sobrevivem ganhando um salário mínimo, por que ela haveria de não conseguir? Por hora deixaremos em aberto essa colocação de Luiza.

Sendo assim, Luiza tenta nos mostrar que é capaz de negociar seu corpo de forma superficial, mantendo um laço mecânico e em série com seus fregueses. Ao separar mente e corpo, a primeira se consome no esquecimento, e o segundo adquire um valor de troca, ou seja, não buscando engajamento afetivo. Lima (1976) também aborda essa questão ao colocar que a prática da prostituição é completamente desvinculada de sua vida privada.

No que se refere à prostituição, um encontro com o prazer, Luiza menciona que:

Não é todos que eu beijo ... não beijo ... que eu acho que beijo é uma coisa muito íntima. *Quais você beija?* Esses ... assim ... que são os fixos ... que eu já conheço ... que eu já tenho uma certa ... sabe ... um pouco mais ... mais assim ... se eu saio a primeira vez com a pessoa ... assim ... geralmente eu não beijo não ... né ... mais tem pessoas ... assim que é agradável se tá ... mais ... tem pessoas que não ... [...].

Podemos perceber que, em alguns momentos, Luiza entra em contradição com relação à prostituição como um trabalho, pois, embora apresente um discurso de agir como uma profissional, procurando não se envolver emocionalmente, deixa escapar que, se forem clientes fixos ela os beija na boca, ou seja, encontra um prazer em atuar nesta prática.

Nesse momento nos aproximamos das críticas levantadas por Souza (1998), Martin (2003), Calligaris (2005) e Leite (2005), ao constatarem que a prostituição aparece como uma justificativa para solucionar problemas financeiros, no entanto, trata-se de uma questão de

escolha. Martin (2003) ainda é mais enfático ao destacar que esta postura profissional, tal qual foi usada por Luiza, tem o intuito de comover o interlocutor, colocando-se como vítima do destino, não restando outra coisa que não a prostituição. A este tipo de justificativa, o autor denominou de *esteriótipos da necessidade*. E, quando Luiza relata-nos que beija alguns de seus clientes e mantém relações mais íntimas, caem por terra as teorias que descrevem a prostituição como algo impessoal, sem o envolvimento afetivo.

Sendo assim, podemos perceber que, de certa forma, Luiza racionaliza sua entrada e permanência na prostituição, procurando motivos que justifiquem essa prática. Isso pode ser melhor compreendido quando a mesma expõe:

Oh ... o lado bom ... é que você conhece muita gente boa ... você ... eu tenho ... assim ... muitas pessoas que me tratam ... ou não me tratam como ... sabe ... assim ... uma garota de programa ... me tratam como uma pessoa normal ... que me levam pra passear ... me levam pra jantar ... chega nos lugares comigo ... sabe ... e ... esse é o lado bom. O lado bom ... do dinheiro ... porque você ganha muito dinheiro ... do mesmo jeito que você ganha ... ele vai também ... só que você pode ter uma comodidade de vida melhor.

Nesse momento parece que a colaboradora 2 “desarma-se” e mostra-nos o que há de bom ao trabalhar como garota de programa. Segundo Martin (2003), a afetividade pode acontecer na relação cliente/prostituta e, diante deste contexto romântico, jantares e passeios estão incluídos.

Descreve também que um dos pontos positivos em se trabalhar como garota de programa é que se pode ganhar muito dinheiro, podendo ter uma vida com mais comodidade e luxo. Ou seja, a partir da prostituição essas meninas podem realizar seus sonhos de consumo, conforme nos mostra Gaspar (1985), Martin (2003), Bruns (2001) e Farinha & Bruns (2006), podendo fazer parte mesmo que ilusoriamente da sociedade do espetáculo.

Ainda sobre a **vivência da profissional do sexo**, ao que se refere à prostituição, uma patologia, Luiza coloca que:

Porque ... assim ... do mesmo jeito que você encontra pessoas bacanas ... você encontra pessoas ... assim ... sabe ... ignorante ... que às vezes te trata de um modo ... assim ... como se você fosse qualquer uma ... e ... não é bem assim ... né ... a gente é ser humano também ... a gente tem sentimentos ... do mesmo jeito. [...] Pra mim ... o que mais importa é o jeito que o cara me trata ... né ... **que eu acho que eu sou um ser humano** ... que a pessoa tem que me tratar normal ... tem que me tratar bem ... do mesmo jeito que eu trato a pessoa. Então ... eu acho que vai mais disso (silêncio). [grifo nosso]

Com essa passagem podemos perceber o quão essa mulher sente-se inferior e rebaixada, já que procura apenas um pouco de carinho, pois, “acha” que é um ser humano. Parece que o fato de ela ter vindo de uma família desestruturada, mudando de cidade em cidade sem criar vínculos, deixou-a rígida emocionalmente. E a falta de relações estáveis na infância gerou um sentimento de uma busca incessante por um pouco de colo.

Mais uma vez percebemos a prostituição como uma busca por alguma companhia que lhe afague, que a faça sentir-se como um ser humano. A partir daí, podemos levantar a hipótese de que a preferência de Luiza por homens mais velhos pode ser reflexo de um desejo infantil de ter o amor paterno. Sobre essa questão a colaboradora 2 coloca:

Pra mim ... eu não gosto muito de moleque ... eu sou muito nova ... e ... às vezes ... eles têm a cabeça muito pequena ... e começa a falar umas coisas que não tem nada a ver ... então ... que queria que fosse uma pessoa mais velha que eu. Sabe assim ... são muito bobos ... assim, ficam falando uma coisa que não tem nada a ver. Então ... eu acho que nessa idade ... de 40 anos ... de 30 pra cima é uma idade boa.

Em se tratando de **projeto de vida**, Luiza relata que:

[...] eu sempre procuro tá fazendo alguma coisa, porque ... eu também não vou ficar nessa vida o resto da minha vida ... né, uma hora ou outra eu vou ter que sair, mais ... eu sempre procuro tá fazendo cursos ... tá fazendo alguma coisa ... sabe ... tá viajando.

Luiza afirma que não pretende trabalhar como garota de programa durante a vida inteira, sua perspectiva para o futuro é aperfeiçoar-se em cursos, viajar, etc. Porém, mais uma vez levantamos a mesma questão da colaboradora 1, será que isso é possível?

Colaboradora 3

Filó tem 24 anos, iniciou como garota de programa aos 23 anos de idade, é solteira e namora há três meses. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 32 anos e outro de 38 anos. Não tem filhos. Trancou o curso de Administração em uma faculdade no Paraná.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, e tem a classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou-se para outra cidade do mesmo Estado a em agosto de 2005.

Atua como garota de programa em casa, recebe em média R\$150,00 a R\$ 200,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média de quatro programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui alguns clientes fixos (não especificou quantos) e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Descreve que o ambiente familiar durante sua infância foi “normal”, que brincava e tinha tudo que queria; sua relação com seu pai e sua mãe era muito boa, porém seus pais eram separados. Com relação a sua adolescência afirma também ter sido “normal”.

Relata que decidiu mudar-se para outra cidade porque estava desempregada, e a situação financeira de sua família havia decaído. Também aborda que estava disposta a sair de sua cidade para estudar.

O contato com essa colaboradora 3 deu-se por intermédio de uma outra que morava com ela, que faz anúncio por *sites* da internet e que já havia sido entrevistada. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada em um bairro de classe alta, mais especificamente em seu quarto, na cama, local que a mesma declarou ser o mais adequado.

Foi uma entrevista curta porque, segundo a colaboradora 3, não tinha muito o que falar sobre sua vida.

Em relação à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, em se tratando da sua relação com seus pais expressa:

Olha minha infância foi normal ... eu acho que foi ... de pais separados mais fora isso foi normal. Adolescência normal ... eu acho que. *Mais o que você chama de normal?* Normal como todo mundo, na infância eu brincava ... tinha tudo que eu queria ... mas, rica muito rica eu nunca fui, classe média.

Filó relata ter tido uma infância tranqüila, sua família tinha uma situação financeira relativamente satisfatória e mantinha boa relação com seus pais, porém acrescentou que eles eram separados.

Diferentemente do que constatamos com as colaboradoras 1 e 2, Filó parece pertencer a uma família de certa forma mais estruturada. Até porque, ao ser questionada sobre a relação com seus pais, a colaboradora 3 não prosseguiu com a resposta. Sendo assim, não temos muito embasamento para nos assegurarmos de que no caso dessa mulher a questão familiar tenha relação com sua busca pela prostituição.

Entretanto, ao que nos parece, retomando Greenwald (s/d), o fato de não estar disposta a esclarecer-nos melhor sobre sua relação familiar supõe que existiria algo que não deveria ser dito, ou que não poderia ser dito. Isso nos remete aos mecanismos de defesa muito usados pelas profissionais do sexo, de *formação reativa*, através da qual ela busca exteriorizar atos extremamente opostos ao impulso original. Será que o fato de mostrar-se tão bem resolvida em relação à família não estaria mascarando tentativas de dissipar ansiedades e sentimentos de culpa que a afligem? Como dito anteriormente, não temos recursos suficientes para esclarecermos esta questão, porém deixamos no ar essa hipótese.

Ao que se refere ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, menciona:

É porque eu tava desempregada, não estava fazendo nada ... É, eu não tava estudando e tava meio ... a nossa situação deu assim uma baixada, meu irmão ficou doente tal ... então né ... ficou meio ... meio que sem dinheiro, daí eu decidi vir prá cá. E eu já ia vir mesmo pra eu estudar, né. Então daí pra ajudar ... pra complementar, conheci umas amigas que já faziam né ... então eu comecei a fazer.

Filó conta que sua entrada na prostituição deu-se porque estava desempregada, não estava trabalhando, não estava estudando, seu irmão adoeceu e a situação financeira de sua família decaiu. Assim decidiu que partiria para a prostituição.

A partir dessa exposição, supomos que sua entrada na prostituição converge com sua **vivência como profissional do sexo**, ao que se refere à prostituição como um trabalho, Filó menciona que:

O que eu não gosto? Ah ... tem muitos velhos né, alguns que não são tão higiênicos né ... assim e tal ... isso que incomoda bastante. [...]. Além do dinheiro não tem nada de mais ... de bom não. Porque ... mesmo que você pega e fale assim ... ah um cliente bonito jovem que você goste, um cliente agradável, simpático ... não é ... você sabe que você tá ali só ... é um trabalho entendeu ... você tá ganhando pra aquilo e ele tá te usando aquele momento e acabou, então ... não é agradável ... não é bom ... dependendo do cliente não é bom não.

Seu discurso remete-nos à questão do sistema capitalista ser o fator principal de sua atuação na prostituição e, segundo Lima (1976) e Bruns & Gomes (1996), o prazer que essa mulher dá ao cliente seria marcado por uma indiferença afetiva, por um descompromisso emocional, tendo apenas como ancoradouro os reais e dólares adquiridos.

Além disso, segundo Bertero (1991), o sistema capitalista (o dinheiro) é o fator tanto de entrada quanto de permanência na prática da prostituição, ou seja, o que é enfatizado é o lucro, garantindo-lhe a condição de portadora de troca em sua relação com o cliente na sociedade atual. Essa idéia é corroborada por Simon (1999), Bruns (2001) e outros autores que destacam a prostituição como uma forma de trabalho.

Baseando-nos nos pressupostos de Gaspar (1985), para a colaboradora 3, sua posição financeira não tem respaldo como teriam mulheres de classes bem inferiores para sustentar sua entrada na prostituição como uma forma de suprir as necessidades básicas. A autora continua relatando que na situação em que a profissional do sexo começa a contar uma história de vida trágica, como no caso de Filó – doença do irmão, decadência financeira familiar – seria uma maneira de arrecadar mais dinheiro, não passando de uma racionalização, de uma justificativa e, até mesmo de um agente purificador, garantindo-lhe de forma legítima um meio de diminuir o peso do estigma. Mesmo porque Filó teria a possibilidade de seguir nos estudos e crescer economicamente com o passar do tempo conforme declarou:

Então ... eu comecei a faculdade, meu tio que bancava a faculdade pra mim e tudo ... se eu continuar estudando ele vai bancar [...] eu vim pra cá com a intenção de estudar ... ele pagar a faculdade, mais eu arrumar logo em seguida um emprego quando terminasse a faculdade, entendeu?

Caímos, então, nas explorações de Souza (1998) ao destacar que, neste tipo de prostituição, estamos diante de uma questão de escolha e, corroborando, Greenwald (s/d) vai além, abordando que: “como no caso da *call girl*, a escolha do trabalho tem especial significado” (Greenwald, s/d, p.13).

Ainda sobre a prostituição como um trabalho, destaca que:

É tipo assim ... é quando você vê que o dinheiro é rápido ... se fala ... uma amiga chegou pra mim e falou, ah que eu tava reclamando ... não, eu to dura, to sem dinheiro e tal, daí minha amiga chegou e falou ... oh, eu tenho uns esquemas aí que eu faço, se você quiser ver se dá ... daí foi assim, eu comecei a ver que ganhava muito dinheiro ... não é fácil sabe ... mais é rápido ... então foi assim que eu comecei (silêncio).

A colaboradora 3 mostra-nos que, chegando a uma nova cidade, estava disposta a encontrar uma forma de ganhar dinheiro e o contato com suas amigas que já faziam programas deu-lhe a oportunidade de conhecer melhor esse ramo de atividade. Sobre essa questão de mudança de cidade e o contato com a prostituição, Greenwald (s/d, p.174-175) acrescenta:

Achando a vida em sua comunidade desagradável, ela acaba abandonando e vai para uma grande cidade. Em uma grande cidade, devido a sua vida irregular e a sua atração física, ela se encontra logo naquele tipo de sociedade que tem como centro os clubes noturnos, os bares, os lugares de encontros tardios, cheio de pessoas com problemas similares aos dela [...]. Uma vez convertida em *call girl* no mais se sentia deslocada do grupo.

Sendo assim, conforme já relatamos, supondo uma possível vida familiar irregular na infância e na adolescência, passa para uma outra posição ao deparar-se com a prostituição, visto que encontra outras profissionais do sexo que apresentam histórias de vida semelhante a dela e, a partir daí, além de ser acolhida por esse grupo, encontrará os homens que lhe darão “apoio”, além do dinheiro “fácil”.

Ainda ao que se refere a sua prostituição como um trabalho, a colaboradora 3 afirma:

É difícil porque você tem que ficar com uma pessoa diferente a cada ... cada duas horas do teu dia se fica com uma pessoa diferente, você nunca sabe o que que te espera ... sabe. O cliente marca o programa ... você tá ... se você vai até ele ou se ele vem até você, não importa, você não sabe que tipo de pessoa que vem. Então é bem difícil.

Nesse momento Filó argumenta que ser garota de programa é marcado por momentos difíceis e pela incerteza do que encontrará pela frente, aproximando-se das noções destacadas por Martin (2003) sobre os riscos da prostituição, tais como violência, contágio de doenças entre outros. E continua seu discurso colocando que:

Não ... valer a pena ... não vale entendeu, se você tiver uma outra opção, não vale a pena. Eu só comecei mesmo porque eu não tinha outra opção.

Mais uma vez deparamos-nos com a questão da justificativa e da racionalização destacada por Filó, mas, perguntamos-nos: Com tantos pontos negativos e, argumentando que não vale a pena, por que continua?

Para responder a esta pergunta, voltamos-nos à prostituição, um encontro com o prazer, sobre essa questão, levantamos a hipótese de que a possibilidade de ascender à sociedade de consumo estaria intrinsecamente relacionada com a busca pela prostituição. A colaboradora 3 dá-nos indícios para prosseguir com esse raciocínio, ao destacar que:

A menina quando ela entra nessa profissão ... ela acha assim ... que ela vai ganhar rios de dinheiro, e que a vida dela vai ser ótima maravilhosa ... que ela vai ganhar rios de dinheiro. Ganha dinheiro sim, mais você gasta muito também, que você tem que ta sempre bonita, sempre bem arrumada, manter aquele nível de vida, entendeu? Você não pode morar num lugar por exemplo, barato, um lugar feio, porque o cliente não vai ... você tem que se vestir bem, tem que se arrumar, sempre ta bem arrumada. *Mais como é que é isso, você pega esse dinheiro, pensando em gastar em função do cliente ou em função de você?* Claro ... a gente pensa na gente, mais muito pouco que sobra, porque você tem que pagar *site*, você tem que pagar foto, você tem que sempre ir no cabeleireiro, no salão, entendeu, então sobra pouco. *E teria algum ponto positivo em fazer programa?* Tem ... tem porque você ganha dinheiro suficiente pra você fazer as coisas sabe (...).

De acordo com Lipovestsky (2004), o ambiente de consumo e a comunicação em massa aparecem na sociedade atual como um sonho, que permite uma satisfação rápida, estimulando o indivíduo a consumir sem fronteiras.

Seguindo as mesmas idéias, Bauman (1998) destaca que, na modernidade, estamos diante de um mercado que busca demandar constantemente uma infinita insatisfação e, a partir dessa sedução, ocorre uma divisão entre os que são felizes na modernidade, podendo “ter” e os que não são.

Filó afirma que ganha muito dinheiro com a prostituição, mas, por um desejo de ascender à sociedade de consumo, acaba gastando bastante, encontrando com isso, uma sensação de pertencimento ao mundo do “ter”. Além disso, podemos perceber que grande parte de seus gastos são dirigidos para acentuar sua imagem, indo a salões de beleza, a *shoppings* e etc. Corroborando com seu discurso, Greenwald (s/d, p.173) expõe: “elas, por sua vez, eram dominadas pelo culto ao sucesso material e tinham necessidade de exibir os troféus desse sucesso: os casacos de pele, os cadillacs conversíveis e os dispendiosos apartamentos”.

Assim, segundo Kehl (2004), uma das características do sujeito na atualidade é de projetar uma imagem combinada com esvaziamento subjetivo através dos apelos da sociedade mercantil para uma glorificação do eu. Farinha & Bruns (2006) corroboram com a autora, ao afirmarem que a prostituição seria uma forma das adolescentes ascenderem à sociedade do espetáculo, demonstrando que essas mulheres, reforçadas pela mídia, não buscam apenas dinheiro, mas também *status* e poder. Constatando com isso que, essas mulheres, além de valorizarem as aparências, em outras palavras, glorificar sua imagem, encontram na prostituição uma maneira de arrecadar recursos para pôr em prática esse *faz-de-conta de que se é feliz*. Além disso, concordando com as autoras, Martin (2003) destaca que a prostituição seria uma forma de realizar caprichos e sonhos de consumo que dificilmente seriam postos em prática através de outras profissões.

Essa idéia é complementada por Gaspar (1985), ao colocar que a opção pela prostituição seria consequência de uma insatisfação dos padrões de vida que estavam tendo. Sendo assim, podemos perceber em Filó, o que Bruns (2001) resume sobre o mundo do espetáculo alcançado com a prostituição que, além de permitir consumir não apenas bijuterias, sapatos, bolsas e etc., também as inserem em um mundo mágico, valorizado pela mídia e destacado como a única felicidade.

Dessa forma, a mídia, além de valorizar o consumo em massa, valoriza a atração, segundo Greenwald (s/d, p.175) destaca:

O maior pecado que a mulher possa cometer é o de não ser atraente. Os anúncios de soutiens e perfumes afrodisíacos são tão claros em definir atração física como sendo a capacidade de excitar sexualmente o homem. As *calll girls* atormentavam-se pela incerteza de serem ou não aceitas como seres humanos, procuravam a prova de sua feminilidade na ocupação que exerciam.

A partir das palavras do autor, podemos perceber que além do consumo desenfreado de Filó com relação a produtos investidos para sua imagem, ele também tem a função, de

certa forma, de atrair não somente clientes, mas, acima de tudo a figura masculina que lhes resgatará, mesmo que ilusoriamente, a sua feminilidade.

Colaboradora 4

Virna tem 18 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 27 anos e uma de 28 anos. Não tem filhos. Possui segundo grau completo e faz cursinho particular pré-vestibular.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertencendo à classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou para cidade onde reside atualmente em agosto de 2005.

Atua como garota de programa em apartamento de amiga, recebe em média R\$ 200,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média três programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui três clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Sobre sua infância relata ter sido “superboa”, porém sendo marcada por sofrimento a partir da separação de seus pais, aos 10 anos de idade. Apresentava uma relação conturbada com seu padrasto, o que a levou sair de casa e ir para a cidade onde mora atualmente, acrescido do fato de ser sido agredida e ameaçada por seu namorado. Conta também que, em contrapartida, sua relação com seus irmãos e com sua mãe é muito boa.

Afirmou que entrou em contato com a prostituição ao chegar à cidade que havia se mudado por intermédio da irmã de seu namorado na época e, a partir de então, começou a fazer programa, primeiramente através de uma agência e depois passou a trabalhar sozinha.

A entrevista deu-se por intermédio de uma das garotas de programa que já havia participado da pesquisa; o entrevistador foi até sua casa, em um bairro nobre e, a colaboradora 4 aceitou prontamente participar do estudo. A entrevista foi realizada na sala de estar.

No que se refere à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, a colaboradora 4 relata a respeito de sua relação com seus pais:

Tá ... na minha infância ... pra começar... bom .. minha infância foi uma infância boa né, tive uma infância superboa sim .. só que me atrapalhou mais foi a separação dos meus pais, que eu sofri muito assim no começo ... fiquei muito revoltada... tinha uns 10 anos mais ou menos ... aí fiquei um tempo revoltada ... aí eu não me dava muito bem com meu padrasto, a gente brigava muito.

De acordo com Virna, sua infância foi muito boa, porém marcada pelo sofrimento devido ao divórcio de seus pais. A partir dessa fala, retomamos os pressupostos de Greenwald (s/d) sobre a importância de uma constituição sólida da família para a formação de valores de nossa sociedade que se dão, é claro, a partir de uma ligação afetiva familiar. Além disso, a questão da imagem dos pais é frequentemente associada à personalidade de um sujeito e, nos casos em que falham esses processos, pode acontecer uma identificação deficiente.

Virna além de sofrer com a separação dos pais; conviver com um padrasto de que não gosta; tem consciência do abandono paterno, o que fica claro nesta passagem:

Ah ... ele ... tá sei lá onde. [...] é, ele foi pro Japão e daí, não retornou mais.

Esta situação é marcante na vida desta mulher, colocando-a em uma situação “de risco” para o exercício da prática da prostituição. Pois, como é sabido, uma falha da função

paterna para a constituição do sujeito, segundo McDougall (1997), pode levar um indivíduo a buscar nas relações sexuais uma solução para seus conflitos. Entretanto esta hipótese será retomada mais adiante. Nesse momento vale esclarecer que o fato de ter uma família desestruturada não é regra para a prostituição, porém, o que Greenwald (s/d) destacou é que a prostituição está intrinsecamente associada a essa dinâmica familiar.

Outro fato que nos chama atenção em seu discurso é com relação a sua mãe, ao destacar que:

[...] com minha mãe sempre me dei muito bem, com meus irmãos também, tudo o que teve alcance da minha mãe ... ela sempre ... **tudo o que eu pedia ela me atendia** ... então assim ... nesse aspecto eu não tenho nada que reclamar, foi uma infância boa. [grifo nosso].

É possível perceber nesta fala que sua mãe sempre satisfaz suas vontades; sempre lhe deu tudo; o que nos remete à noção de *mãe suficientemente boa* de Winnicott (1975), aquela que deve satisfazer as necessidades de seu filho para que ele possa se sentir seguro e, ao mesmo tempo, que deve falhar, deixando que a criança depare-se com seus conflitos e possa solucioná-los sozinha.

Esta suposta falha apresentada pela mãe de Virna, por não ter sido *suficientemente* boa ao satisfazer todos os desejos da mesma, nos faz levantar a hipótese de que: Virna irá buscar nas relações sexuais uma maneira de retomar a mãe, conforme nos esclarece McDougall (1997, p.197): “essa ligação adesiva impede o indivíduo de identificar-se com esses objetos introjetados, impedindo ou atrapalhando, desse modo, qualquer tentativa de manter relações sexuais estáveis ligadas a sentimentos de amor”. Este ponto será retomado mais adiante ao expormos sobre suas vivências como profissional do sexo.

Ainda sobre sua **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, em se tratando de sua **iniciação na vida sexual**, a colaboradora 4 relata:

Ah! ... meu primeiro namorado eu tive com 14 anos de idade, aí a gente namorou ... foi assim ... tipo ... namoro de anos ... a gente namorou 2 anos e meio ... aí no meu aniversário de 16 anos, dia ** de janeiro, que a gente teve nossa 1ª relação sexual ... daí a gente ficou mais um tempo ... e a gente terminou por que a gente viu que não era isso que a gente queria [...]. Daí ... depois eu tive um outro namorado ... que daí eu tive ... uma das coisas ... que eu vim pra cá também foi por causa dele, porque ele era muito agressivo às vezes comigo [...]. É, era muito ciumento... Ah ... depois ... logo em seguida eu já arrumei outro ... outro namorado ... Tipo assim ... por que esse ... logo depois que eu terminei meu primeiro namoro ... ele parece que já tava na espera, daí eu comecei logo em seguida a namorar, daí eu tinha relação sexual com ele, só que daí ele começou a ser muito agressivo, muito ciumento, daí me perseguia, me ameaçava de um monte de coisas ... uma das coisas porque eu vim pra cá foi por causa disso, porque minha família tava com medo e eu também.

Virna afirma ter perdido sua virgindade aos 16 anos de idade com seu primeiro namorado, diz ter sido um relacionamento muito bom e tranquilo. Com seu segundo namorado, com quem começou a se relacionar logo em seguida de ter terminado com o primeiro, pois “ele já estava na espera”, teve uma relação mais conturbada, era muito ciumento e agressivo, o que a levou a sair de sua cidade para o local onde mora atualmente.

Parece-nos que Virna até os 10 anos de idade mantinha uma relação de trocas afetivas com seus pais; após a separação dos mesmos sua vida mudara radicalmente, de uma família até então estruturada, onde o amor era correspondido, para uma desestruturação com a presença de um outro homem na casa, seu padrasto. Aqui cabe-nos destacar que, segundo Freud (1905), a escolha objetal é moldada a partir dos primeiros objetos de amor da criança, no caso, os pais. Dessa forma, levantamos a hipótese de que: assim como no caso de seus pais, Virna manteve com o primeiro namorado uma relação amorosa estável que, tal qual a de sua mãe, teve um fim e, em consequência, surge um outro homem briguento e agressivo, seu

novo namorado, fazendo com isso um paralelo com seu padrasto. Ou seja, a hipótese que estamos sustentando é a de que esse novo namorado e os outros parceiros que se seguirão será sempre uma tentativa fracassada de ser amada, de retomar aquele núcleo familiar que tivera outrora.

Seguindo com o relato da colaboradora 4 nos remetemos agora à **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**. Depois de ter mudado para a cidade atual, Virna declara ter tido um outro namorado que não durou muito tempo. E, o que ficou desse relacionamento, foi o contato com a prostituição (foi apresentada a prostituição pela irmã desse namorado).

A colaboradora 4 ainda nos conta sobre um quarto relacionamento:

Eu tive o A., só que aí ele não sabia de nada, daí no caso ele acabou descobrindo, tá com um mês mais ou menos que ele descobriu ... a gente ficou bastante tempo junto. *Como foi isso?* Depois que ele descobriu ele não quis mais. Faz um mês ... assim que eu não tenho nenhum parceiro fora disso ... nenhuma relação fora disso... Eu saio mais pra me divertir. Eu fico saturada de ficar com homens todos os dias. Daí quando eu saio, saio mais pra curtir mesmo, com minhas amigas, ficar só a gente.

Estes relacionamentos amorosos fracassados e os acontecimentos a partir de seus 10 anos de idade deixaram-na desiludida em relação ao amor. Mas, isso não a impede de estar sempre em busca dele, seja nos relacionamentos rápidos, seja na prostituição. Diante desse quadro de relacionamentos, ao constatarmos que essa mulher não elaborava o luto da perda de cada um de seus namorados, trocando de parceiro assim como quem troca de roupa, leva-nos a crer que sua questão é de não ficar “pelada ficando pelada”, explicando melhor, passando de homem em homem, ela estará sempre acompanhada, o que a impede de se deparar com seu sofrimento infantil de solidão. Ou seja, ela está sempre em busca do amor e, a única maneira que conhece de fazer isso é ficando pelada.

Em relação ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, verificamos no discurso de Virna sobre sua entrada na prostituição que:

Aí eu conheci a irmã dele que fazia programa ... aí ele começou a me falar ... ela também ... comecei a me interessar ... aí ela me levou em uma agência de meninas de programa ... de fotos ... essas coisas ... aí a partir daí eu comecei. Foi uma semana depois do meu aniversário, eu tinha feito 18 anos e 1 semana depois eu já comecei.

Segundo a colaboradora 4, a partir do contato com a irmã de um de seus namorados, interessou-se pela prostituição e, ao completar 18 anos, iniciou sua atuação como profissional do sexo.

Sobre sua **vivência como profissional do sexo**, no que diz respeito à prostituição, um encontro com o prazer, Virna menciona:

Foi por causa de dinheiro, aquela ganância digamos assim ... porque você quer ter tudo, às vezes você vê seus amigos de colégio tem e tal ... suas amigas saindo ... um monte de coisa ... e você ... tem pouco né ... tem ... mas é aquele pouco, mas quer sempre mais, eu quero assim ... sempre mais, to querendo sempre mais, tenho um pouco agora ... mas eu quero mais e assim sucessivamente. Então isso que me levou ... ganância assim ... sonhar com muita coisa ... muita coisa ao mesmo tempo. [...] É que foi assim ... eu comecei a ir na casa dele, a irmã dele saía muito ... assim ... era muito bem arrumada ... muito bem perfumada, daí eu comecei a perguntar, aí ele me falou: é que minha irmã ... no começo ficou com vergonha de falar, depois falou ... daí eu comecei a pensar: tinha carro ... pagava a própria faculdade dela e tal ... eu falei: nossa que bom né, aí eu comecei a perguntar, como quem não quer nada ... assim, aí eu comecei a perguntar ... perguntar e fui me interessando, daí eu pedi pra ela o telefone [...].

Sendo assim, a partir da fala de Virna, podemos perceber que seu primeiro contato deu-se através da irmã de seu namorado, dessa forma, a colaboradora 4 foi aos poucos observando que essa mulher tinha roupas da moda, estava sempre arrumada, perfumada, saía bastante, ou seja, pertencia mais ao mundo do consumo e do espetáculo do que ela, uma simples e “infeliz” mortal.

A partir de Bauman (2004), constatamos que esse ambiente de consumo na contemporaneidade, no qual o sujeito é instigado a “ter”, seleciona os indivíduos que estão aptos a usufruir do mercado de consumo e os que não estão. A colaboradora 4, ao observar essa mulher, sente-se marginalizada e, conseqüentemente infeliz. Além disso, baseando-nos nos pressupostos da pós-modernidade destacados por Birman (1999), nos quais a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo estão a *todo o vapor*, e esse sujeito é mais individualista e egoísta. Estamos diante de um ser que prioriza a imagem acima de tudo, combinada com um achatamento subjetivo através dos apelos da sociedade de consumo.

Virna almejando ser feliz tal como supunha ser sua amiga, interessa-se pela prostituição, por se mostrar uma saída rápida e eficiente dessa infelicidade de não pertencer à sociedade atual. Ou seja, a prostituição é o caminho mais curto para alcançar a felicidade e o prazer.

Farinha & Bruns (2006) corroboram essa questão ao destacarem que a prática da prostituição seria uma forma de as mulheres ascenderem à sociedade do espetáculo, possibilitando às mesmas poderem vestir roupas de grifes sofisticadas, comprarem perfumes franceses, terem celular da moda, etc. Ou seja, realizam seus sonhos consumistas, o que seria muito difícil a curto prazo através de uma outra ocupação. E, o mais importante é que, através

de todas essas ilusões, acreditam de fato estarem felizes. Sendo assim, Virna encontra na prostituição a satisfação de pertencimento à sociedade do espetáculo tão destacada pela mídia.

Sobre essa questão Virna complementa:

Ah ... o começo foi legal e tal, foi muito dinheiro ... muita grana, consegui guardar um dinheiro bem legal no começo, porque o começo, você ... assim digamos ... entre aspas ... você bomba assim sabe, ganha muito dinheiro, agora ... assim ganha mas ... eu não to tão feliz e tal ... assim, você não é uma pessoa assim feliz ... porque você ... pelo menos se antes você ganhasse dinheiro dos pais, você fala: ah ... to ganhando dinheiro dos meus pais, ou se você arrumasse um trabalho ... aí eu to comprando minhas coisas ... as coisas com meu próprio dinheiro, que eu suou pra ganhar, agora isso é uma coisa chata, você tem bastante dinheiro ... mas uma coisa assim rápida e bem fácil né, então não é muito legal não. Sempre você tem aqueles momentos de deprê assim ... eu mesmo sempre to naquela depressão, às vezes não quero trabalhar, não quero fazer nada. Então ... isso é uma coisa legal e não é, ao mesmo tempo é e não é ... uma coisa que te deixa às vezes um pouco ... às vezes não ... sempre bem triste porque nem sempre você pega pessoas legais, às vezes você pega caras que te menosprezam.

Podemos perceber que a colaboradora 4 oscila entre a felicidade de pertencer à sociedade de consumo, mas também, em alguns momentos deprime-se por sentir que está à margem desta sociedade pelo estigma que a profissional do sexo carrega, de não ser uma mulher bem vista. Afinal de contas, ela está sujeita a encontrar homens que a menosprezam, tratando-a como uma “puta”, tendo a função apenas de satisfazer seus desejos sexuais. Aqui, mais uma vez fica claro que esta mulher está imersa no que Bruns (2001) chamou de *faz-de-conta que se é feliz*.

Ainda sobre a prostituição, um encontro com o prazer, a colaboradora 4 afirma:

São caras que às vezes só querem conversar com a gente, só querem uma companhia legal, não querem tanto sexo ... alguma coisa assim ... que querem

mesmo uma boa companhia, uma boa conversa ... assim, esses têm bastante assim, então é bom, eu gosto...(silêncio).

A partir desta passagem, retomamos Martin (2003), ao expor sobre os motivos que levam à prostituição: além das questões econômicas, também é uma forma dessa mulher sentir-se desejada e amada pelo sexo masculino, podendo incluir nesse roteiro, jantares românticos, passeio, etc. Essa mesma idéia é abordada por Souza (1998), ao destacar que existiria prazer na prostituição, não somente como uma forma de realizar desejos e fantasias, mas também de envolver-se afetivamente com os clientes numa relação marcada por sexo, carinho e amizade.

Em se tratando da prostituição, uma patologia, nos valem da passagem destacada acima e, complementada pela seguinte:

Sempre você tem aqueles momentos de deprê assim ... eu mesmo sempre to naquela depressão, às vezes não quero trabalhar, não quero fazer nada. Então ... isso é uma coisa legal e não é, ao mesmo tempo é e não é ... uma coisa que te deixa às vezes um pouco ... às vezes não ... sempre bem triste porque nem sempre você pega pessoas legais, às vezes você pega caras que te menosprezam.

A partir desta fala de Virna, fazemos um contraponto com a noção de Freud (1905), a respeito do medo da mulher não ser amada. Conforme já abordamos, Greenwald (s/d) coloca que a imagem dos pais é freqüentemente associada à personalidade de um sujeito e, no caso de Virna, que foi abandonada por seu pai, criando em consequência uma identificação deficiente, passa a perceber muito precocemente que poderia obter atenção e afeição, oferecendo sexo como recompensa. Em outras palavras, as relações sexuais tomam lugar dos sentimentos de solidão e desvalorização, ao mesmo tempo manifesta uma hostilidade em relação aos traumas infantis. A colaboradora 4, ao perceber que existem clientes que a tratam

com carinho e um pouco de afeto, consegue sentir-se mais confortável e lembrar do colo que recebera de seu pai durante sua infância. Ou seja, nas palavras de Calligaris (2005), ao buscar um pai simbólico, ao ofertar seu corpo, almeja ser amada ao invés de somente desejada e é o que acontece com esses clientes.

Além disso, será que neste momento não estamos nos aproximando da noção de McDougall (1997) de adicção sexual que tem a função de dissipar uma dor psíquica com a qual o sujeito não consegue lidar e por isso recorre a um recurso externo com o objetivo de diminuir seu sofrimento?

De acordo com McDougall (1997), o sujeito que apresenta uma sexualidade adictiva não tem bem introjetadas as figuras paternas; utiliza o mundo externo assim como acontecia na infância. Portanto, sua busca através de uma saída adictiva se daria por uma falha na constituição da função simbólica do sujeito.

Sendo assim, o sexo teria uma função paradoxal, pois, estaria, remetendo à mãe, uma vez que retoma a relação primordial mãe/bebê e promove um desaparecimento do efetivo sujeito de desejo. E, ao mesmo tempo, apresentando-se como uma medida de autoconservação do sujeito, substituindo a função paterna, que veta o gozo absoluto, permitindo ao indivíduo ser separado de seu objeto original, fazendo com que o sujeito se constitua enquanto tal.

Entretanto, essa saída adictiva é apenas ilusória, porque não satisfaz completamente, por não permitir ao sujeito desenvolver a capacidade de simbolizar essas funções, promovendo com isso uma busca compulsiva ao sexo através de um movimento de repetição. Ou seja, utiliza as saídas adictivas como um *objeto transitório* e não transacional.

Com relação a seu **projeto de vida**, Virna apresenta metas e objetivos conforme esclarece:

Bem, minha idéia de parar, assim já no fim do ano. Que quando eu comecei eu falei assim: eu quero ficar um ano, eu quero juntar uma grana legal. Ta ... eu vou prestar vestibular em janeiro, eu não quero prestar vestibular aqui ... porque é uma coisa, se eu passar e eu continuar aqui, eu sei que vou continuar fazendo isso. Então ... eu vou prestar vestibular na minha cidade, * no caso, se eu passar ... e com certeza se Deus quiser eu vou passar ... daí eu pretendo ficar morando lá mesmo e levar minha vida normal que eu levava lá (silêncio).

A colaboradora 4 declara possuir um desejo de sair da prostituição, ingressando em uma universidade em sua cidade natal. Sendo assim, conforme já levantando acima, pelo fato de ter uma introjeção falha das funções maternas e paternas, percebe que só conseguirá deixar de ser garota de programa e sair dessa busca por um pai e uma mãe simbólicos, quando estes estiverem presentes na realidade, ou seja, na sua cidade de origem, na casa de sua mãe.

Colaboradora 5

Magda tem 25 anos, iniciou como garota de programa aos 20 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui três irmãos, uma de 19 anos, um de 28 anos e outro de 30 anos. Não tem filhos. Atualmente cursa o terceiro ano de administração em uma faculdade pública.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, e pertence à classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou-se para a cidade onde foi realizada a entrevista em 2002.

Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 300,00 por duas horas de programa. Faz em média dois programas diários. Sua clientela é formada por

homens. Possui clientes fixos (não especificou quantos) e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Com relação a sua infância diz ter sido tranquila, cresceu em uma fazenda com seus pais, seus irmãos e seus avós. Saiu de casa para morar na cidade atual devido a uma briga com seu pai, entretanto, este continua até hoje a sustentá-la, enviando dinheiro todos os meses para pagar suas contas, pois não sabe que Magda é profissional do sexo.

Seu contato com a prostituição deu-se através de amigas que já faziam programas. Afirmar ter explorado como estes funcionavam e apenas depois disso resolveu entrar para a prostituição. Hoje tem anúncio em *site* da internet, meio pelo qual foi contatada.

A entrevista ocorreu em sua casa, localizada em um bairro de classe média alta, mais especificamente na sala de estar, um ambiente sofisticado e bem decorado. A colaboradora 5 mostrou-se solícita em realizar a entrevista.

No que se refere à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, Magda relata que:

Bom ... a minha infância foi tranquila ... sem maiores problemas. A gente morava numa cidade pequena ... na fazenda, que era a casa do meu pai e da minha mãe ... tinha cavalo ... tinha boi ... tinha rio pra gente pescar ... sabe aquela vida bem de interior né! Ah ... eu adorava ... sinto saudades daquela época. Mais aí ...a gente cresce e já viu né. A fazenda era grande ... meu pai vendia leite e plantava café ... até hoje planta ... eles têm uma vida bem tranquila. Meus avós moravam em uma casa lá também ... eles morreram já tem uns anos.

Menciona ter tido uma infância tranquila e feliz, morava em uma fazenda com sua família, até sua adolescência, quando nos coloca que passou a ficar insatisfeita neste local e teve alguns problemas com as pessoas de sua cidade conforme esclarece:

Mais ... sabe aquela hora quando você vai ficando mais mocinha ... comecei a encher o saco de ficar sem nada pra fazer ... e também ... todo mundo era fofoqueiro. Até pra namorar era difícil. Ainda mais eu que sempre fui meio saidinha né! (risos) eu sofri ... nem podia dar beijo que no dia seguinte todo mundo já ficava sabendo. Aí ... já viu ... né ... meu pai ... fazendeiro brabo ... vinha e me colocava de castigo. Mais eu nem ligava ... sempre dava um jeito de ficar com os meninos escondido (risos).

Magda, nesta passagem, apresenta um discurso típico de adolescentes. Vale ressaltar que tal fato consiste, em primeiro lugar, em uma fase crítica, pelo seu caráter de transição entre a criança que o jovem não é mais, e o adulto que não é ainda. Segundo Nogueira Filho (1999, p. 90) a adolescência é: “um esquema de passagem de um estado reconhecido pela comunidade como infantil para um estado adulto”.

Sendo ainda caracterizada por um “momento crucial na vida do homem e que constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (ABERASTURY, 1983, p.43). Desprendimento de seus pais, desprendimento do seu corpo de criança, desprendimento de seu mundo e da sua identidade infantil. Tendo a necessidade, a partir desta fase, de construir sua nova identidade social e agora profissional, causando por esse motivo uma série de conflitos e tentativas de elaborações de lutos por essas perdas, tanto de seu corpo infantil quanto de sua identidade.

Associado a essa questão, em se tratando de sua relação com seus pais, podemos constatar que esta estaria relacionada à questão de gênero, pois, é possível perceber que Magda viveu em uma família regida por uma ordem patriarcal, típica das cidades do interior brasileiro, através da qual é possível exercer controle sobre as mulheres, principalmente sobre sua sexualidade, por estas serem consideradas como inferiores e submissas (SAFFIOTI, 2004).

Sendo sua família constituída dessa forma, através da qual a colaboradora 5 era controlada, ao chegar na adolescência, podemos supor que esta garota de certa forma se revoltou contra sua situação de “inferior”, pois, não tinha nem o direito de escolher seus parceiros. Este fato é confirmado com a seqüência do discurso de Magda, ao afirmar, referindo-se a sua iniciação na vida sexual:

Sabe como é ... né ... na fazenda tem bastante lugar pra se esconder. Foi aí que comecei a ficar interessada nas transas. Perdi minha virgindade cedo ... quando tinha 13 anos ... foi com um namoradinho do colégio. Ele me levou pra casa dele quando os pais deles tinham saído e daí foi ... né. Desde então a porteira ficou aberta (risos). Daí ... com 16 ... 17 anos eu queria ir embora pra cidade grande ... pra poder estudar ... encontrar gente diferente ... namorar em paz ... fazer minhas coisas em paz ... né. Mais ... meu pai achava ruim, queria os filhos tudo junto. Daí ... botei na minha cabeça que queria ir embora de qualquer jeito.

Podemos então perceber a revolta da colaboradora 5 com os padrões machistas, passando a adotar uma postura contrária da esperada por seu pai. Entendendo que a ótica patriarcal, segundo Birman (1997) e Saffioti (2004) valorizam o casamento heterossexual, a castidade da mulher e a liberdade sexual do homem, Magda contesta esses padrões, perdendo sua virgindade aos 13 anos e passando a relacionar-se sexualmente com vários outros parceiros.

Ainda destacando sua relação com seus pais, a colaboradora 5 relata um episódio que desencadeou sua ida para cidade onde mora atualmente :

Então ... foi que aconteceu ... né, um dia a gente tava numa festa ... eu e minhas amigas ... daí eu fiquei com um carinha lá que era inimigo do meu irmão ... ele só de birra foi lá e contou pro meu pai. Então ... ele ficou muito bravo ... me bateu e me colocou de castigo. E acabou me mandando para esta cidade ... porque me disse ... que era muita vergonha pra ele ter uma filha safada e que toda a cidade tava comentando. Daí ... eu achei ótimo né (risos).

Vim pra cá com dinheiro no bolso ... fiz cursinho e um monte de amigo. Saía toda hora ... cada vez com gente diferente. Tomava cerveja ... pirava.

Segundo a Magda, ao adotar uma postura de confronto com o núcleo patriarcal, acabou “ganhando” porque conseguiu atingir seu objetivo de ir embora daquele ambiente rígido que tanto lhe incomodava, para uma cidade grande, onde tivesse liberdade de exercer sua sexualidade sem proibições e contestações, ela agora estava feliz.

A partir dessa constatação, levantamos a hipótese de que seu pai, ao criticar abertamente a postura de Magda por relacionar-se com alguns homens, chamando-a de “safada”, estaria, mesmo que camuflado, demonstrando algum desejo pelas mulheres depravadas.

Conforme já abordamos, seguiremos a hipótese de Calligaris (2005) de que a escolha feminina para a sedução e sua posterior entrega sexual a um homem estaria constantemente ligada à fantasia de prostituição, sendo esta organizadora da sexualidade feminina. A autora também complementa que: o encontro com o parceiro sofreria as conseqüências da relação pai/filha, ou seja, a mulher procura um homem que a deseje, contudo, sem o caráter incestuoso. Sendo assim, Magda de alguma forma negociava com o modelo de sustentação do próprio desejo do pai, de habitar o lugar das “outras” que supostamente atrairiam o olhar paterno.

Ao que se refere à sua **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**, a colaboradora 5 afirma:

Daí ... comecei a namorar um tempo e me quietei ... sabe como é ... né? Mais ... um dia ... descobri que o desgraçado tava me traindo com uma amiga minha. Aí ... eu me revoltei né e não quis mais saber de homem. Eles são todos babacas.

Essa passagem reflete mais uma vez sua insatisfação com o lugar ocupado frente ao modelo patriarcal. Magda, nesse relacionamento, pelo que nos descreveu, era fiel, respeitava seu parceiro, porém, em uma “atitude típica masculina”, este passou a traí-la, como se para o homem fosse permitido ter o poder de freqüentar outros corpos que não o de sua parceira.

Azevedo (1985, p.127) nos destaca essa idéia ao afirmar: “a ideologia machista incorpora dois arquétipos de ser mulher enquanto um *ser para o homem*. *Eva*, a sedutora, e *Maria*, a mãe. A primeira, para encantar o homem, e a segunda, para *gerar os filhos do homem*: ambas para servi-lo”.

Sendo assim, a mulher é tida como inferior, como submissa aos desejos e vontades dos homens, primeiro seus pais e, depois, seus maridos. E, o homem é caracterizado, naturalmente como superior, viril, ativo, com potencial para realizar todos os seus desejos, incluindo nesse roteiro garotas de programas, etc.

Dito isso, passaremos a analisar o **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, ao que se refere a sua entrada na prostituição, Magda afirma:

Foi então ... que eu conheci um bar onde as meninas que fazem programa comigo freqüentam. Achei o lugar muito legal ... o povo muito legal ... muito legal mesmo. Daí ... comecei a ver as meninas fazê e comecei a fazê também ... né. *Me explica melhor como foi esse começo?* Ah ... se sabe ... né, eu fui lá ... daí ... foi ... aconteceu ... e ... eu comecei. *Mais como assim?* Antes eu perguntei bem direitinho pra minha amiga como é que era ... como que não era ... que eu tinha que fazer, quanto que eu ia ganhar.

Através desta passagem, podemos perceber que sua entrada na prostituição coincide com sua **vivência como profissional do sexo**, ao que se refere à prostituição, um encontro com o prazer, considerando que a colaboradora 5 nos coloca sentir-se atraída pelo ambiente

da prostituição, local que dificilmente teria acesso na sua cidade natal. Podemos, então, acreditar que ela poderia exercer sua sexualidade de forma livre.

Sobre essa questão Leite (2005, p.86) expõe: “houve uma atração explícita pelo meretrício, visto como forma de livre exercício da sexualidade”. A autora continua destacando que essa liberdade sexual das garotas de programa poderia expressar-se não especificamente em relação à grande quantidade de parceiros sexuais, como também por outras formas de manifestar sua sexualidade feminina entre elas: usar roupas ousadas, freqüentar lugares proibidos, e vagar pelas ruas da forma que bem entender. Sem necessariamente serem subordinadas a alguém. Além disso, Leite (2005) complementa, ao referir-se à questão de gênero, que algumas mulheres não se sentindo pertencentes às caricaturas de submissão, de fragilidade e de maternidade, buscam na prostituição uma alternativa para negar tais padrões.

Parker (1991), Rago (1991), Souza (1998) e Martins (2003) abordam a mesma idéia ao destacarem que a garota de programa não se submete aos desejos e caprichos da sociedade machista, passando a freqüentar os mesmos lugares que os homens, bebendo e se divertindo com eles, sem se dispor a permanecer em casa cuidando do lar.

Ainda nos referindo à prostituição, um encontro com o prazer, Magda relata sobre o seu primeiro cliente:

A primeira vez eu lembro direitinho como foi. Era um coroa lindo, cheio da nota, parecia o Antonio Fagundes. Ele não era daqui não ... era um empresário e me levou num lugar cheio de gente chique ... né ... eu adorei. Daí ... ele me levou pra jantar depois ... e depois a gente foi pro hotel dele. Eu tava supernervosa, mais daí ... como a gente tinha bebido um pouco ... foi sussegado (silêncio).

Conta-nos que a prostituição possibilitou-lhe freqüentar ambientes requintados, relacionando-se com pessoas de alto padrão, além de ganhar dinheiro. Segundo Gaspar (1985), muitas mulheres optam pela prostituição por sentirem-se insatisfeitas com seu padrão de vida ou com seu *status* social. De acordo com a autora, grande parte das profissionais do sexo sentia-se extremamente satisfeita por freqüentarem ambientes sofisticados na presença de companheiros que poderiam não apenas presenteá-las como também apresentá-las a novos mundos reservados apenas para a alta sociedade.

Ainda com relação à prostituição, um encontro com o prazer, Magda afirma:

Eu não sou de se jogar fora ... né. E também não tenho frescura não! Pra mim ... o que o cliente quiser ele tem. Eu ganho meu dinheiro e ainda me divirto. [...] Então ... o dinheiro que eu ganho nos programas é um extra ... né ... daí eu posso comprar e fazer tudo que eu quero. Porque ... você tem que sempre ta bonita ... né ... tem que ir no salão ... tem que comprar roupa nova ... sabe como é ... né? É que nem uma modelo ... né, que nunca pode ta feia ... porque ... se não ... não tem trabalho ... né.

Além de todas as questões supracitadas a respeito do prazer em freqüentar bons lugares, podemos perceber em Magda o desejo por possuir bens supérfluos, de estar bonita, bem vestida, ou seja, de sentir-se como pertencente à sociedade de consumo e do espetáculo tão destacada pela mídia.

Birman (1999) coloca que o indivíduo atual procura de qualquer forma a exaltação do eu, utilizando-se de todos os meios para aparecer no cenário social. Essa idéia é corroborada por Kehl (2004) ao destacar que na atualidade o que está em jogo é sua exterioridade, ou seja, sua imagem. Além disso, existiria o que Lipovetsky (2004) caracterizou como padrão da sociedade atual, no qual os indivíduos estariam reorganizando-se em função de uma lógica consumista.

Dessa forma, segundo Bruns (2001), a prostituição seria um meio de se arrecadarem recursos para realizar todos os sonhos consumistas que, através de outras profissões, seriam muito difíceis. Essa idéia é corroborada por Farinha & Bruns (2006) ao destacarem que essas mulheres reforçadas pela mídia buscam não apenas o dinheiro, mas poder e *status*, ou seja, valorizam as aparências e as imagens, conseguindo com a prostituição os recursos necessários para pôr em prática tal vida efêmera.

Em se tratando da categoria **projeto de vida**, a colaboradora 5 destaca:

Ah ... Um dia eu vou parar ... né ... por isso que eu to estudando, mais ... ainda eu to bem assim ... e vou continuar até quando não der mais. O que eu não quero ... de jeito nenhum é voltar pra casa ... né .. Deus me livre! A vida que eu tenho aqui é ótima, tenho minhas amigas ... vou pra farra ... me divirto ... não tem ninguém pra encher o saco ... e ainda estudo. Pode vê como eu estudo ... oh ... esse tanto de livro aqui na mesa.

A partir de seu discurso, retomamos mais uma vez a questão do gênero, já que Magda está disposta a estudar, fazer sua formação, ser independente e, de forma alguma, voltar para suas origens patriarcais. Pudemos perceber, no momento da entrevista, que ela possuía uma grande biblioteca, mostrava-se uma mulher inteligente e estudiosa, com objetivos traçados para a sua vida, sem depender de homens “babacas”.

Colaboradora 6

Adriana tem 19 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos, é solteira e não tem parceiro fixo, mas há um sujeito que ela diz ter um “caso” e que “fica” freqüentemente.

Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 20 anos e outro de 22 anos. Não tem filhos. Atualmente está concluindo o terceiro grau.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou-se para sua cidade atual em 2005.

Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 120,00 por hora ou R\$150,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média quatro programas diários. Sua clientela é formada por homens e raramente mulheres. Possui clientes fixos, por volta de 20, e em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Sobre sua infância relata apenas ter vivido em sua cidade até seus 16 anos, quando foi para o Mato Grosso morar com um homem mais velho que lhe dava dinheiro.

Apesar de afirmar ser de uma família humilde, estudou em colégio particular, nunca lhe faltou nada material, conforme nos contou antes da entrevista, isso nos é confirmado pela classificação da ABEP, por este motivo, decidimos prosseguir com a entrevista.

Mudou-se para este município onde entrou em contato com a prostituição através de uma cafetina que era de sua cidade.

O contato com a colaboradora 6 foi mediado por uma amiga sua que fazia programa, a qual já havia participado do estudo. Ela aceitou prontamente o convite. Seu apartamento é localizado em um bairro de classe média alta, onde foi realizada a entrevista, mais especificamente em seu quarto, ela sentada na cama e o pesquisador sentado no sofá.

Nos primeiros contatos com essa mulher, ficamos desconfiados que se tratasse de uma menor de idade, não apenas por sua aparência física, como por parecer ingênua e também inexperiente na prática da prostituição, até porque fazia pouco tempo que havia iniciado. Entretanto, como havia mostrado sua identidade, prosseguimos. Sua entrevista foi relativamente curta, por mais que tentássemos investigar, a colaboradora nos contou pouco sobre sua vida fora da prostituição e também sobre suas relações familiares.

No que se refere à **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, com relação a seus pais, Adriana relata apenas ter morado com eles até os 16 anos e, que seu pai não podia lhe dar **tudo** que ela queria, ao afirmar:

[...] meu pai nunca pode me dar tudo que eu sempre quis ... na minha adolescência ... sabe. [grifo nosso].

Neste momento questionamos: o que será que quis dizer esse *tudo* que ela queria? Podemos analisar por dois caminhos. Primeiro: esse *tudo* refere-se a bens materiais, tais como roupa da moda, perfumes, ou seja, utensílios que toda adolescente almeja ter, inspirada pela mídia, segundo nos mostrou Kehl (2004). Por outro lado, podemos analisar esse *tudo* por uma falta de afago, carinho e outros sentimentos. Levantamos essa hipótese baseando-nos nos momentos antes e depois da entrevista, em que Adriana nos revelou se sentir muito sozinha, não apenas nesta cidade, mais durante toda sua vida, pois afirmou nunca ter tido uma relação boa com seus pais, porque eles trabalhavam muito.

A partir daí, sustentaremos a hipótese de que a colaboradora ao longo de sua vida, sentiu-se solitária e, conseqüentemente, abandonada pelos pais. Além disso, coloca que:

Aí eu morei um ano no Mato Grosso onde eu conheci um outro cara ... sabe. Um cara bem mais velho que eu. Que ... que tipo eu ficava com ele porque ele me dava dinheiro. Mais assim ... não ... tipo pra mim ... não era ... assim ... igual hoje ... sabe. Tipo ... fazer programa ... assim.

Frente ao fato de ter ido embora de casa aos 16 anos para morar com um homem mais velho, que a sustentava, lhe dava dinheiro, etc., podemos pensar que já seria um primeiro passo em sua dinâmica psíquica que posteriormente a levaria à prostituição. A partir desse

sentimento de abandono paterno, segundo Calligaris (2005), busca-se um pai simbólico, que satisfaça suas necessidades tanto materiais, quanto emocionais, passando inevitavelmente pela oferta do corpo. Ou seja, Adriana, desde cedo, aprendeu que a oferta de seu corpo poderia ser utilizada como um instrumento de troca tanto para ganhos emocionais quanto materiais.

Sobre essa questão Greenwald (s/d, p.132) expõe:

Descobrir numa idade bem prematura que podiam obter um pouco de afeição, ou interesse, ao oferecer o sexo como recompensa. Aqui, também, uma conduta começou a se formar: ao gratificarem sexualmente, dominavam, não interessa por quanto tempo, seus sentimentos de solidão e de desvalorização, e ao mesmo tempo expressavam a hostilidade que dedicavam aos seus pais.

Dessa forma, acreditamos que Adriana, assim como as outras colaboradoras, sentia falta dos afetos familiares e, ao oferecer seu corpo a esse homem mais velho, além de buscar uma vida mais luxuosa, queria de certa forma sentir-se acolhida por esse pai simbólico.

Com relação a sua **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**, a colaboradora 6 fala quase nada, apenas que:

Então ... eu tive poucas experiências ... com namorado ... essas coisas.

Mesmo com essa pequena frase, podemos constatar que Adriana teve pouquíssimos envolvimento emocional desde sua infância e, como já destacamos, esses envolvimento, invariavelmente, eram superficiais, baseados apenas no sexo mercantil, através do qual almejava um pouco de carinho e dinheiro.

Dessa forma, nos deparamos com uma mulher com uma dificuldade de manter relacionamentos estáveis com sentimentos de amor, ou seja, com uma mulher que não sabe amar por não ter introjetado bem as figuras paternas.

Sendo assim, retomando as noções de Winnicott (1975), entendendo que a função materna está relacionada com o desenvolvimento em seu lactente da capacidade de lidar com seus conflitos internamente, sendo para esta criança, uma *mãe suficientemente boa*, ou seja, uma mãe que sustenta seus conflitos lhe protegendo e afagando e, ao mesmo tempo, uma mãe que falha, e deve falhar, para que a criança aprenda a solucioná-los sozinha, desenvolvendo a capacidade de estar verdadeiramente só.

Além disso, retomando Dör (1991), quando nos expõe sobre a função paterna, ao afirmar que esta seria responsável por castrar a relação mãe/bebê, colocando a criança na ordem do simbólico, possibilitando o nascimento de um verdadeiro sujeito.

No caso de Adriana, essa solidão em relação aos cuidados parentais leva-nos a crer que os mesmos falharam em suas funções e, como consequência, essa mulher teve dificuldade de introjetar as figuras parentais. Diante disso, segundo McDougall (1997), quando esses objetos internos estão ausentes, é inevitável que o indivíduo busque externamente algo para preencher uma função que o sujeito é incapaz de realizar sozinho, ou seja, nas palavras da autora: “essa ligação adesiva impede o indivíduo de identificar-se com esses objetos introjetados, impedindo ou atrapalhando, desse modo, qualquer tentativa de manter relações sexuais estáveis ligadas a sentimentos de amor” (MCDUGALL, 1997, p.197).

Dessa forma, estamos diante de uma mulher que supostamente foi pouco amada, não tendo nenhum tipo de namorado e suas relações com o sexo masculino eram relações mercantis.

Passando agora ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, com relação à entrada na prostituição, a colaboradora 6 menciona:

[...] quando completei 18 comecei a fazer programa [...]. Então ... eu resolvi entrar ... sabe. Aí meu pai tava passando por dificuldade ... assim ... também ... e aí eu resolvi entrar pra ajudar ele ... sabe.

Adriana faz questão de enfatizar, durante a entrevista, que sua entrada na prostituição deu-se exclusivamente pelas dificuldades financeiras que a família apresentava. Entretanto, como colocamos anteriormente, antes da entrevista iniciar, afirmou ter estudado em colégio particular e que nunca lhe faltara nenhum bem material. Além disso, em seu questionário socioeconômico, foi classificada como pertencente à classe B2. Até esse momento, estávamos diante de uma mulher de uma classe social média alta, porém, ao iniciar a entrevista e acionar o gravador, Adriana tomou uma postura de racionalizar sua entrada na prostituição, alegando que o motivo estaria relacionado a problemas financeiros de sua família.

Esta passagem nos permite fazer uma ponte entre sua entrada na prostituição e sua **vivência como profissional do sexo**, no que diz respeito à prostituição como um trabalho, pois, de acordo com Gaspar (1985), Castro (1993), Souza (1998) e Greenwald (s/d), a mulher usa essa justificativa para explicar a sua conduta. Fazendo-se passar como pertencente a uma classe econômica baixa é uma forma de barganhar mais dinheiro, representando uma das racionalizações ou justificativas e até mesmo um a gente purificador, criando uma certa legitimidade para o fato de se prostituir, além de diminuir o peso do estigma.

No que se refere à prostituição, um encontro com o prazer, a colaboradora 6 afirma:

[...] eu me acostumei com o padrão de vida ... assim ... tipo ... que eu nunca tinha ... sabe ... nunca tive ... tipo ... aí eu saio ... eu compro roupa ... sabe ... pego balada ... ajudo meus pais ... coisa que eu nunca tinha feito antes ... sabe. Daí ... é muito difícil pegar ... parar ... e começar ... ter uma vida normal ... sabe ... entende. É muito dinheiro ... né.

Podemos perceber que Adriana inserida nesse ambiente de consumo contemporâneo, destacado por Bauman (2004) e Charles (2004), promovendo uma constante insatisfação com os bens materiais, que conseqüentemente precisam ser descartados para aquisição de um novo. E, conforme os autores nos colocaram, estamos diante de uma sociedade que valoriza o “ter”, na qual os indivíduos que não “têm” não são felizes, ficando marginalizados da sociedade.

Além disso, Farinha & Bruns (2006) destacam que a prostituição promove a ilusão de pertencer à sociedade do espetáculo, conferindo-lhe um *status* fictício de pertencimento ao mundo. Ainda, segundo Bruns (2001), a prostituição serve também como uma maneira de se arrecadarem recursos para realizar todos os seus sonhos consumistas, pois através de outras profissões ou de uma “vida normal”, seria muito difícil.

Por todos esses motivos que Adriana declara sua dificuldade de sair da prostituição, já que, trabalhando em outra área, ela se sentiria impotente por não conseguir alcançar seus sonhos de pertencimento ao mundo do espetáculo e do *faz-de-conta*.

Esse aspecto é mais uma vez confirmado no discurso da colaboradora 6, ao relatar sobre seu dia-a-dia, ainda em se tratando da prostituição, um encontro com o prazer, Adriana expressa:

Então ... tipo ... meu dia-a-dia ... tipo ... a única que coisa que eu faço ... eu faço academia ... eu vou no salão ... e trabalho ... trabalho ... assim direto ... 24 horas. Horário que ligar eu atendo ... tipo ... minha vida não tem emoção. Eu acordo ... sempre ... e é assim.

A colaboradora 6 aborda que trabalhar como profissional do sexo não é uma vida emocionante, pois além de dedicar-se ao ofício do sexo, tem de manter uma boa imagem e, para tanto, freqüentemente vai ao salão de beleza e à academia. Sobre essa questão, Birman (1999) e Kehl (2004) destacam que: na atualidade, o que está em jogo é a imagem, ou seja,

através da inserção num ambiente de consumo a exaltação da imagem lhe garantiria uma visibilidade perante a sociedade. E, conseqüentemente, acontecendo um achatamento da subjetividade.

Dessa forma, a colaboradora 6 passa a buscar um novo enquadramento no meio social através da glorificação de sua imagem, fato esse valorizado pela mídia, com o objetivo de gozar com a admiração que provoca no olhar do outro.

Em conformidade com o exposto acima, a colaboradora ainda destaca:

Então ... olha só ... pra quem tá fora ... quem não trabalha com isso ... que não conhece ... que tem vontade de entrar ... eu não aconselharia ... assim ... sabe. Tipo ... sei lá ... é foda ... sabe, tem que agüentar um monte de coisa ... cara que nunca viu na vida, mais o dinheiro é bom ... entende (silêncio).

De acordo com Pires (1983), Bertero (1991), Simon (1999) e Torres et al. (1999), o sistema capitalista seria o fator principal tanto de entrada quanto de permanência na prostituição. Dessa forma, segundo os mesmos, a prostituição teria como alvo o lucro, e a mulher faria o sacrifício de se relacionar com um grande número de homens para angariar recursos, numa dinâmica maquiavélica em que *os fins justificam os meios*.

Porém, conforme já destacamos acima, a questão de Adriana não estaria necessariamente relacionada ao lucro, mas seria voltada à ótica do prazer do consumo tão valorizada pela sociedade atual. Assim, se pensarmos em um sacrifício por parte da colaboradora 6, este estaria dirigido não especificamente ao dinheiro, mas ao acesso à sociedade de consumo e do espetáculo.

Ainda sobre a prostituição, um encontro com o prazer, Adriana relatando sobre a opinião de seus pais a respeito de sua atividade, destaca que:

Tipo ... eu não preciso ... assim ... ela fala que é uma menina bonita ... que eu não preciso tá fazendo isso ... entende ... tipo ... sabe ... arrumar ... ter um emprego normal ... tipo ... namorar ... casar ... entendeu. Esse tipo de coisa, só que não ... tipo ... **eu não quero**. Eu quero ter as minhas coisas ... eu não gosto de depender de ninguém ... nunca gostei ... entende (silêncio). [grifo nosso]

Podemos perceber em sua fala primeiramente que, através da prostituição, essa mulher pode ser independente para reger sua vida tal como deseja. Essa idéia é apoiada por Martin (2003) e Leite (2005), ao destacarem que esta prática possibilita uma sensação de independência e liberdade, pois, não precisam depender de ninguém. Além disso, Leite (2005) também esclarece, referindo-se à questão de gênero, que algumas mulheres não se adaptam a posições de submissão, fragilidade e maternidade, encontrando na prostituição uma forma de negar esses padrões.

No que se refere à prostituição, uma patologia, Adriana menciona sobre as razões envolvidas para que se tornasse uma profissional do sexo, ao declarar:

Conseguir o dinheiro que ele tava precisando ... tipo ... **ele como motivo** (seu pai)... assim ... entendeu ... tipo ajudar ele. Só que entrei ... e não consegui sair ... entende? [grifo nosso]

Ao destacar a frase *ele como motivo*, nos vem à mente mais uma vez as noções abordadas anteriormente sobre as carências afetivas dessa mulher, a qual procurou a vida inteira obter de seus pais – que eram pessoas extremamente ocupadas para preocuparem-se com uma adolescente – e , conseqüentemente, de todos os outros homens, o carinho, o afeto, a atenção e o amor. Sendo assim, podemos supor que o pai foi de fato o motivo, mas um motivo simbólico, por procurar em todos os homens um verdadeiro pai que sempre lhe faltou. E nas palavras de Calligaris (2005, p.65): “elas vivenciam, portanto, um desfile de pênis reais

nenhum dos quais virá nunca a substituir o falo paterno”. Ou seja, para evocar um amor paterno, ela passa invariavelmente a ofertar o seu corpo.

Diante de todas essas questões levantadas sobre liberdade, autonomia e a questão de gênero como um atrativo para a entrada e permanência na prostituição, no caso de Adriana, por tudo que relatamos acerca de sua constituição familiar, podemos levantar a hipótese de que ela, ao afirmar não querer namorar, casar, ter filhos e ter um emprego normal, pode na verdade estar querendo denunciar um descontentamento total com a instituição família. Como se estivesse nos dizendo: *eu não quero uma família, eu não quero ser mãe, eu não quero esse tipo de coisa; eu quero uma vida diferente da que eu tive, quero ser prostituta para poder me sentir amada, me permitindo momentos de felicidade através das jóias, das roupas e dos carinhos passageiros de meus clientes.*

Colaboradora 7

Elis tem 20 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos, é separada há dois anos e não tem parceiro fixo. Não tem religião. Possui seis irmãos, são todos mais velhos e o mais novo tem 17, (não quis falar a idade dos irmãos). Tem um filho de 4 anos. Possui o segundo grau completo, atualmente faz cursinho.

Sua família reside em uma cidade do Estado do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para a cidade onde reside atualmente em 2004.

Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 150,00 por hora de programa. Faz em média três programas diários. Sua clientela é formada por homens e mulheres. Possui 8 clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Sobre sua infância relata que perdeu seu pai aos 4 anos de idade, sua mãe casou-se novamente quando ela tinha 6 anos e trabalhava muito, dedicando pouco tempo aos filhos. Morou com ela até os 10 anos, depois foi morar com uma tia com quem ficou até seus 15 anos, quando se casou pela primeira vez.

O contato com essa mulher foi mediado por uma conhecida dela que fazia programa e já havia participado da pesquisa. Ligou para a mesma que aceitou conversar pessoalmente com o pesquisador para lhe explicar eventuais dúvidas, aceitou participar da pesquisa. A entrevista foi realizada em sua casa em um bairro de classe alta, na mesa da sala de estar.

No que se refere a sua **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, Elis relata, a respeito de sua relação com seus pais, que:

Tipo assim ... é ... eu perdi meu pai eu tinha quatro anos, só convivi com a minha mãe ou melhor, com meus irmãos .. né... que minha mãe trabalhava bastante. Daí ela casou ... eu tinha 6 anos e ela casou com um cara ... e ... eu acabei saindo de casa com 10 anos. Fui morar com uma tia e nunca mais voltei pra casa.

A colaboradora 7 conta que teve uma infância muito sofrida, marcada pela morte do pai e por uma mãe ausente. Podemos perceber através da fala de Elis, que se tratava de uma família desestruturada sem a presença de um pai, e também sem a presença de uma mãe, visto que esta trabalhava muito e, nos momentos de folga, supomos que tinha de dividir sua atenção entre seu novo marido, seus irmãos e Elis. Fato este que não agradava essa criança, chegando ao ponto de ela resolver sair de casa aos 10 anos para ir morar com uma tia.

Outra vez estamos às voltas com as noções explicitadas por Greenwald (s/d) a respeito de crescer em um ambiente infeliz, com lares desfeitos, marcado por uma falta de carinho e permanência entre os pais, dificultando qualquer laço afetivo-familiar. E, quando essa criança ou adolescente não consolida uma ligação afetiva com sua família, não se sentindo aconchegada por seus pais, dificultará a compreensão dos valores sociais. Podemos supor que Elis ao se deparar com o casamento de sua mãe com o padrasto criou nela um sentimento de rejeição e possivelmente de não sentir e não merecer ser querida, amada.

Conforme já expomos anteriormente, tal ambiente pode ser uma *energia de ativação* para que algumas mulheres venham a buscar na prática da prostituição uma forma de aniquilar sentimentos de solidão e desvalorização, e acreditamos ser este o caminho escolhido pela colaboradora 7.

Seguindo com o relato da colaboradora, nos remetemos agora à **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**, Elis afirma:

Daí ... eu já fui casada duas vezes. Separava e voltava ... entendeu. [...] A primeira vez eu tinha uns 15. *E ficou casada quanto tempo?* Ah ... Pouco tempo, uns oito meses. Daí passou o tempo eu fiquei grávida ... daí voltei pra casa da minha mãe. Daí meu filho chama ela de mãe ... entendeu. *E ela mora com sua mãe?* Mora ... ela nem ... ela nem ... assim ... tipo ela sabe, mais ela não ... chama minha mãe de mãe, eu sou tia ... irmã ... sei lá ... e ... ela cuida da minha filha como se fosse dela ... sabe.

De acordo com a colaboradora 7, podemos perceber que a mesma casou-se muito cedo, aos 15 anos, provavelmente com o intuito de receber o afeto que lhe faltou, porém, tal mecanismo não se mostrou muito eficiente, já que, era constante a separação e seus casamentos duraram pouco tempo.

Aqui nos deparamos com o Complexo de Édipo feminino descrito por Freud (1933), através do qual a mulher investe uma grande quantidade de narcisismo, afetando sua escolha objetual, na qual, ser amada é mais importante do que amar. Essa idéia é corroborada por Bernstein (1998, p.195), ao afirmar: “para as meninas, o perigo está na perda do amor do objeto (derivada da separação do objeto)”.

Além disso, conforme nos esclarece Freud (1905, p.111):

A escolha objetual é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que desviadas dessas pessoas pela barreira do incesto erigida nesse meio-tempo, orienta-se para outras que se assemelham a ela.

Sendo assim, ao entrar nesses relacionamentos fugazes, acaba por reproduzir a situação que viveu durante sua infância, ou seja, ao buscar o amor parental em casa, não conseguiu, ao buscar o amor parental nos casamentos, mais uma vez falhou. Levando consigo a marca de um desamor, ou ainda, percebendo-se como uma mulher que não tem o direito de ser amada.

Parece-nos que essa carência inaugural é de certa forma, também, repetida com sua gravidez, levantamos a hipótese de que essa criança poderia vir ao mundo para que Elis pudesse amá-la como nunca fora amada. Entretanto, mais uma vez, a colaboradora 7 reproduz o modelo por ela vivido, ter uma filha e, por não conseguir dar conta dessa criança, entrega-a para outra pessoa criar. No caso dela própria, como já abordado anteriormente, foi criada por sua tia e, no caso de sua filha, está sendo criada por sua mãe. Sem que esta nem a reconheça como mãe, sua filha lhe chama de tia ou irmã.

Estamos diante de uma mulher desacreditada da instituição família, porque todos os seus contatos foram frustrados e falharam cada um a sua maneira. A partir disto, levantamos a

questão: o que resta para Elis? Esta pergunta será respondida ao longo da categoria abordada a seguir.

Ao que se refere ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, com relação à entrada na prostituição, a colaboradora 7 aborda que:

E ... eu comecei trabalhar ... ajudo bastante meu filho .. meu irmão. É ... que minha mãe cuida do meu sobrinho também ...entendeu. E ... eu comecei a trabalhar por isso [...] Por grana. (silêncio) [...] Só ... que eu entrei pra ajudar minha família ... a minha mãe e a minha filha (silêncio).

Elis mais uma vez reproduziu a relação que viveu, na qual sua mãe trabalhava muito e não tinha tempo para dar atenção a ela, o mesmo faz com relação a sua filha, alegando ser este o motivo de entrada na prostituição.

Além disso, acrescenta que:

Foi ... do nada ... assim ... entendeu. O meu cunhado comprou um jornal e eu não trabalhava, só cuidava da loja da minha mãe ... e olhe lá! Tipo assim ... eu não fazia nada. Daí ele falou ... assim ... olha, tem bastante emprego aí ... né, você quer dar uma olhadinha? Daí eu fui ver ... e só tinha garota de programa ... pedindo pra fazer programa ... tipo maior de 18 anos ... tal ... e ... eu do nada liguei ... com medo ... né ... nem sabia nunca tinha pensado em fazer programa nenhum.

Nesta passagem podemos perceber o que ela considera como trabalho. Questionamos: não seria um trabalho cuidar da loja de sua mãe? Para a colaboradora 7 nos parece que não. Outro ponto que nos chamou atenção foi sobre sua conversa com seu cunhado, pois ao ouvir a afirmação de que havia muitos empregos no jornal, ela encontrou apenas anúncio para ser garota de programa. E, por mais que saibamos das dificuldades em se conseguir um emprego

atualmente, nos é claro que, ao abrir um jornal de classificados, existem oportunidades em outras áreas, tais como operador de telemarketing, vendedora, etc.

Aqui estamos diante de uma questão de escolha, abordada por Greenwald (s/d) ao destacar que existiria uma relação entre a personalidade do indivíduo e a espécie de ocupação que ele escolhe. No caso das profissionais do sexo, esse tipo de escolha tem um especial significado relacionado com aspectos psíquicos e emocionais.

No que se refere à **vivência como profissional do sexo**, mais especificamente a prostituição, uma patologia, nos cabe retomar a questão levantada anteriormente sobre o que restaria a Elis. A partir do que abordamos com relação a sua infância infeliz, a ausência dos pais e, conseqüentemente, a dificuldade de compreender os valores da sociedade, sendo marcada também por um desamor e desacreditada da instituição família, resta a essa mulher a prostituição. Ou seja, trabalhando muito – assim como sua mãe – recebe, mesmo que ilusoriamente, constantes demonstrações de carinho e atenção dos clientes, além de ganhar dinheiro para mandar para sua filha e sua família. Dinheiro este que representa para ela, desde sua infância, a única maneira de demonstrar afeto. Mais uma vez Elis reproduz o modelo parental aprendido.

Outro fato que nos chamou atenção com relação à prostituição, uma patologia, foi sua persistência em seguir adiante como garota de programa mesmo deparando-se com algumas barreiras que iam de encontro com seus princípios. Ao afirmar que:

E aí peguei ... liguei ... fui ... não gostei ... fui numa outra ... daí eu acabei ficando. Daí de uma agência eu saí ... comecei a trabalhar sozinha, daí eu voltei com a agência. *O que que você não gostou?* Eu não gostei do ambiente ... do tipo ... tipo ... era tipo uma casa ... com uma dez meninas e eu não gostei. Tipo ... de ficar bebendo, e **não combinava comigo e tal**. *E agora, como é hoje em dia tua vida? Esse lance de gostar e não gostar?* Não ... é porque é

diferente, eu **não gostei do ambiente**, eu não gostei do tipo ... tipo ... ah ... senta aí ... vamos beber ... vamos tomar alguma coisa ... e eu já sou muito ... assim ... quieta, eu não gosto muito de falar ... entendeu. Daí eu ficava ... assim ... eu falei ... não eu fui um dia só ... não fiz programa nenhum ... e voltei pra casa. **Mais eu não desisti!** Daí eu falei ... passou uns meses ... eu liguei outra que era por *site*. Eu não sabia que era por *site* ... nem sabia disso ... entendeu ... que tinha *site* ... tal. E daí eu comecei a trabalhar por *site*. Daí eu fiquei dois meses numa agência ... fiquei oito meses numa outra ... agora faz um ano que eu to trabalhando sozinha (silêncio). [grifo nosso]

Podemos perceber a partir dessa passagem que a colaboradora 7 estava realmente implicada na sua escolha, mesmo que para isso fosse necessário estar em locais os quais ela não estava acostumada, não a agradavam e não combinavam com ela. Elis agarrou com *unhas e dentes* a idéia de ser uma profissional do sexo, porque lhe parecia o único meio de remediar suas questões psíquicas e emocionais e, além de tudo, com uma boa justificativa (ajudar sua filha e sua família).

Ainda sobre a prostituição, uma patologia, a colaboradora 7 esclarece:

Aqui foi o lugar mais ... não o lugar mais fácil, que não é fácil ... entendeu, só que é uma coisa bem rápida ... assim ... tipo. [...] Altos e baixos como todo mundo, só que aqui é muito complicado ... assim ... ah ... você vê pessoas, que você não sabe se vai ver ... se não vai ver nunca mais ... sabe. [...] Ou se estressa... porque fazer sexo muito ... sexo é bom ... todo mundo gosta ... mais quando você faz demais uma coisa você acaba enjoando, sei lá ... estressa... você sabe ... tudo que é demais enche o saco. E aqui ... é isso que acontece ... assim. Não que eu seja infeliz, não eu não sou infeliz. Mais eu não sou completa também né ... porque não é isso que eu queria fazer ... eu faço porque eu preciso do dinheiro. [...] Estressa... você tem uma pessoa ... tipo.. ah esse é desse jeito .. ah esse é carinhoso ... esse não é ... esse é tipo ... você ... tipo ... eu transo ... tenho que transar todo dia ... e ... sabe ... isso vai estressando.

De acordo com Elis, ao se relacionar com uma grande quantidade de parceiros, não tem a garantia de que terá uma continuidade, ou seja, gostaria de receber não apenas sexo, até porque, como diz: *sexo demais enjoa*.

Simon et al. (2002) aborda essa questão ao destacar que a relação de uma profissional do sexo com um cliente fixo vai além de uma questão comercial, através da qual é possível obter não apenas sexo, como também carinho, afago, afeto, entre outros, tornando o programa mais agradável. Porém, nem sempre é o que acontece, por esse motivo, a colaboradora 7 sente-se estressada ao ter de transar por transar.

A partir do que já colocamos a respeito de Elis, podemos perceber que de fato essa mulher não é completa, “algo” estruturante lhe falta, remetendo-lhe a um vazio que só poderá ser preenchido com a presença de um cliente, mesmo que não esteja disposta a atendê-lo, como coloca:

[...] Então eu não deixo de atender ... por ... eu to estressada .. eu to .. tipo ... mais eu tenho que atender ... a gente vai lá e atende .. e tem cliente que não colabora com a gente ... entendeu ... eles querem chegar aqui ... a gente tem que ta bem humorada .. cheirosinha ... bonita ... sabe ... e isso estressa a gente ... é muito complicado sabe.

Essa passagem nos remete ao paradigma da perversão que se mostra iluminador sobre a dinâmica psíquica de Elis – vale esclarecer que não estamos afirmando que a colaboradora 7 tenha uma estrutura psicopatológica perversa – apontada por Ferraz (2000, p.50), ao expor: “ao contrário do que se dá na sexualidade normal, em que o parceiro é investido como pessoa. O ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda de identidade”.

Ainda dentro do paradigma da perversão, segundo Ferraz (2000), existiria uma obstrução ao trabalho de recalque com uma perturbação da questão edípica, o que promove

uma confusão entre papéis sexuais, além disso, haveria uma dificuldade no processo de simbolização no qual o ato teria primazia, visto que a Lei paterna estaria fragilizada. Sendo assim, nas palavras de Dör (1991, p.188): “a prostituta tende a ocupar o lugar de objeto da falta com o qual se goza e expressa, como tal, que a mulher encarna a própria prova de uma vitória sobre a castração. Instituída em uma total submissão a todas as exigências do parceiro, ela lhe garante fantasticamente que nada lhe falta”.

Diante disso, podemos perceber que a saída que restou a Elis foi a prostituição, através da qual ela preenche um vazio instituído na infância pela ausência de suas figuras parentais e, ainda, a prostituição lhe dá dinheiro, que para ela carrega o significado de que seria uma demonstração de afeto para com sua família.

Ao que se refere à categoria **projeto de vida**, a colaboradora 7 aborda:

E ... ter algum objetivo também ... né. [...] Crescer ... guardar ... dinheiro ... porque você vê ... você pode ganhar muito dinheiro. É só saber guardar. E eu tenho objetivo ... quero ter meu apartamento ... meu carro ... minha vida e daqui a uns dois anos eu penso em sair ... e ficar tudo bem.

A partir da fala de Elis, percebemos que, de acordo com Pires (1983), Bertero (1991), Simon (1999) e Torres et al. (1999), o sistema capitalista, com a noção de “mais-valia”, seria um fator determinante para uma mulher ingressar e permanecer na prostituição, por mais que fosse um sacrifício. Dessa forma, para Elis, racionalmente, a prostituição teria como alvo o lucro, mesmo que para isso tivesse de frequentar locais os quais não estava acostumada, não a agradavam e não combinavam com ela, se relacionar com homens que odiava, que não ligavam mais, numa dinâmica em que *os fins justificam os meios*. Porém, diante de tudo que já destacamos a respeito de sua vida, levantamos a hipótese de que a prostituição para Elis, não teria como alvo o lucro, mas seria a única saída possível.

Colaboradora 8

Sílvia tem 27 anos, iniciou como garota de programa aos 20 anos, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, uma de 29 e um de 31 anos. Não tem filhos. Tem o segundo grau completo e atualmente faz cursinho.

Sua família reside em uma cidade no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B1, segundo a classificação da ABEP.

Atua como garota de programa em boate, recebe em média R\$ 150,00 por hora de programa. Faz em média um programa diário. Sua clientela é formada por homens. Possui três clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Sobre sua infância, relata ter sido muito boa, que brincou bastante, não tendo problemas com seus pais. Com relação a seus estudos, afirma que era muito bagunceira no colégio, reprovava e gazeava aula. Ainda quando adolescente começou a trabalhar e relata ter passado a ser independente a partir daí.

Seu contato com a prostituição deu-se por curiosidade em relação às casas noturnas mediado por uma amiga e, a partir daí, começou a fazer programas.

O acesso à colaboradora 8 deu-se em uma boate numa cidade do Estado do Paraná, onde a mesma atuava. A entrevista foi marcada para o dia seguinte em um praça no centro da cidade, e assim que nos encontramos, dirigimo-nos a um ambiente reservado, livres de interferência.

Ao que se refere à sua **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, Sílvia afirma, em se tratando de sua relação com seus pais:

Minha infância foi muito linda ... eu brinquei bastante até os 14 anos eu só brincava ... não me preocupava com nada ... aí, aos 15 anos eu já .. tipo...

tipo... meio que fiquei independente assim ... tipo de ter trabalhinho... comecei a trabalhar. *Trabalhar com que?* Eu comecei a trabalhar numa fábrica ... até porque nessa fábrica eu já meio que ... (silêncio) ... e a minha adolescência foi muito boa assim ... foi maravilhosa. *Boa em que sentido?* Ah! Eu curti um monte ... eu estudava ... gazeava aula .. né ... reprovava ... reprovei um monte por ser bagunceira na sala ... por gazear aula ... ah! Foi legal, não tive ... nunca tive problema de pai me bater, nem mãe me bater, nada ... minha infância, minha adolescência foi tudo muito legal.

A colaboradora 8 relata ter tido uma infância boa, porém, não esclarece suficientemente sua relação com seus pais. Coloca que sua situação familiar era prazerosa no sentido de que não era espancada por seus pais. Levantamos a hipótese de que: Sílvia ao fazer tal afirmação, não destacando aspecto algum referente às suas relações afetivas parentais; leva-nos a crer que para ela “basta” não ser agredida para ser feliz.

Valendo-nos das idéias expostas por Greenwald (s/d), podemos supor que esta mulher, não conseguindo formar laços afetivos com seus pais, não se aproximando emocionalmente deles, satisfar-se-ia “apenas” com o não apanhar; o que nos leva a pensar que faz uso do mecanismo de defesa da formação reativa, buscando exteriorizar atos extremamente opostos ao impulso original ao que se refere a sua infância. Porém, não temos muito material para confirmar estes argumentos.

Além disso, Sílvia relata que sua adolescência foi boa, sendo marcada por uma série de reprovações e por gazear aulas. Aqui, vemo-nos às voltas com a seguinte hipótese: essa mulher, ao transgredir, reprovando e gazeando aulas, sente-se satisfeita, ou seja, encontra prazer ao ir de encontro às normas sociais, apresentando desta maneira traços perversos. Ao mesmo tempo, nos parece que estas transgressões, de certa forma demandam atenção e alguma manifestação de afeto a ela dirigida.

Essa idéia é apoiada por Ferraz (2000) ao destacar que, no caso da perversão, desaparecem os limites e as normas, uma vez que a função paterna fica enfraquecida, oriundos de uma perturbação da trama edipiana.

Associado a esse fato, vemos uma adolescente muito determinada a conquistar a independência financeira. Levantamos a hipótese de que esta busca pela independência não seria apenas financeira, mas também de uma independência psíquica em relação aos pais.

Ao que se refere ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, Sílvia coloca:

É que 5 anos atrás eu tinha ido duas vezes ... né na S. ... com uma amiga minha que me levou ... fui por curiosidade ... daí também fui algumas vezes numa outra casa chamada M. ... trabalhei algumas vezes lá ... e conheci um cara lá que tinha só prazer comigo ... e que daí ele começou a me ajudar ... eu saí da noite pra trabalhar no salão. Daí ... como eu não tava apaixonada por ele... deixei dele, me mandaram embora do salão ... e daí eu voltei a trabalhar de novo trabalhar na noite, no C.D., daí no C.D. eu fiquei também um tempo ... eu não lembro quanto tempo. Daí aconteceu de eu ir pra Espanha, eu tenho um amigo na Espanha ... acabei indo trabalhar lá, trabalhei como garçomete, e em um salão de beleza. Limpar casa cheia de criança (risos).

Segundo a colaboradora 8, sua entrada na prostituição ocorreu por curiosidade e foi mediado por uma amiga. Ao passar a freqüentar as casas de prostituição, conheceu um homem que se apaixonou por ela e proporcionou-lhe outra vida, outras possibilidades, tal como trabalhar em um salão. Porém, por não se sentir apaixonada por este homem, Sílvia abandona essa relação e, conseqüentemente, perde seu emprego. Ao que nos parece, Sílvia não suporta a idéia de ser ajudada por ninguém, encontrando na prostituição uma forma de sentir-se livre, conforme nos esclareceram Martin (2003) e Leite (2005), ao destacarem que a

mulher busca na prostituição uma maneira de fugir de qualquer manifestação de subordinação.

Entretanto, frente à possibilidade de ganhar mais dinheiro morando fora do país, a colaboradora 8 optou por trabalhar como garçone e babá em um país da Europa, abandonando temporariamente a prostituição. Porém, ao voltar para o Brasil, deparou-se com algumas dificuldades, como expõe:

Foi o seguinte ... eu eu fiquei 5 anos fora do Brasil. Daí quando eu voltei pra cá ... eu queria trabalhar ... é ... com a minha experiência ... né ... de garçone ou de salão, ou então falando espanhol. Eu falo espanhol perfeitamente ... só que ... primeiro eu ... o primeiro trabalho que eu tive que era pra trabalhar na C.C., uma empresa de telemarketing, porque eu falo espanhol e era pra sul-américa ... daí passei por 3 testes, e no último teste eles me disseram ... Ah! Não foi dessa vez ... daí eu fiquei arrasada ... e eu tenho currículo distribuído por toda a cidade ... e até agora não me chamaram ...e também eu estava querendo trabalhar no supermercado ... só que no supermercado ganha 400 reais por mês ... e o salário de 400 reais não chega ... porque a minha despesa passa de 600 reais mensais. Daí por isso que eu comecei a freqüentar. [...] daí eu voltei ... como eu tinha investido todo meu dinheiro em carro e casa, e eu comecei a fazer cursinho ... eu fiquei 7 meses sem trabalhar ... e meu dinheiro todo foi pro cursinho, pra carro, pro estacionamento ... é... roupa, calçado, gasolina ... chegou um ponto que acabou ... daí, acabando, sem trabalho e sem dinheiro, eu tive que voltar pra noite, daí foi que eu voltei a trabalhar.

Ao retornar ao Brasil, buscou emprego em supermercado, em telemarketing, mas, apesar de sua fluência em língua estrangeira, sempre recebeu não como resposta. Relata também que o salário que essas empresas ofereciam era muito baixo, girando em torno de R\$400,00 por mês, o que não bastava para suprir suas despesas mensais. Sendo assim, Sílvia, por ter gasto todas as suas economias com roupas, calçados, carro, etc. volta a freqüentar

novamente as casas de prostituição. Essa questão do consumo será melhor abordada posteriormente.

Em se tratando de sua **vivência como profissional do sexo**, no aspecto da prostituição como um trabalho, a colaboradora 8 afirma:

Olha ... eu não me considero uma puta ... que fica por aí dando pra qualquer um de graça ... conhece um dia o menino num barzinho ... aí que legal ... ele é legal ... vai lá pro motel e dá de graça ... essa daí pra mim que é uma puta ... porque a gente tá lá dentro trabalhando ... a gente é bem pago pra isso.

Sílvia encara sua atividade como um trabalho bem remunerado, utilizado como a única alternativa de manter suas despesas mensais. Além disso, não se considera uma *puta*, mas uma trabalhadora que usa seu corpo como instrumento. Essa idéia é apresentada por Bruns & Gomes (1996) e Bertero (1991) ao abordarem que o prazer que esta mulher dá para o cliente tem como característica uma indiferença afetiva e um descompromisso emocional. Ou seja, ela é uma “atriz no mundo da realidade”, que faz uso de seu corpo cindido de sua mente, como se para ela, no momento da relação com o cliente, seus sentimentos e emoções não participassem do jogo sexual, afinal, Sílvia é uma profissional, *puta é aquela que dá sem cobrar*.

Sendo assim, a colaboradora 8 racionaliza tanto sua entrada quanto sua permanência na prostituição não apenas por fatores econômicos, mas por que seu corpo é digno apenas de quem pode alugá-lo.

Entretanto, ao voltarmos nossa atenção ao discurso de Sílvia quando fala sobre a prostituição: um encontro com o prazer, podemos perceber certa contradição, ao nos expor:

[...] conhece muita gente legal ... eu conheço muita gente legal e tenho muitas amizades ... porque antes eu não tinha o tanto de amizade que eu tenho agora. Meus amigos mesmos ficaram na Espanha ... e as duas amigas que eu tenho aqui .. uma é casada a outra também é casada ... só que essa que era minha melhor amiga ... ficou metida ... ficou estranha ... já não é mais amiga ... então eu fiquei sem amigos ... e comecei a fazer amizade lá dentro. Com as meninas ... com os clientes. (silêncio)

A colaboradora 8 destaca que, ao partir para a prostituição, depara-se com novas amizades, com novas perspectivas, pois, ao chegar ao Brasil sentiu-se sozinha, encontrando nas casas amparo das pessoas que fazem parte desse cenário. De acordo com Pizani (1994), a prostituição oferece a essas mulheres uma forma de criar laços de amizade e companheirismo. Ainda sobre essa questão, Sílvia continua a afirmar:

Ponto positivo ... ok ... você conhece muita gente ... e o ponto negativo ... é do mesmo jeito que você conhece muita gente boa ... você conhece muita gente chata ... muita gente que ... quer o mal ... sei lá ... deve ter um motivo de ter gente mal .. né ... mas eu conheço a grande maioria de gente legal .. bem legais ... gente de nível cultural alto .. é ... (silêncio)... olha eu nunca faço sexo sem sentir alguma coisa ... alguma coisa eu tenho que sentir ... porque pra mim é difícil ter amizade sem sentir alguma coisa ... sem sentir algum prazer ... e também eu só transo com os caras que forem legais ... que não me tratavam como puta na cama ... que me tratavam legal ... sempre falavam uma coisa legal ... porque então se eu tinha cliente que era uma hora e eu ficava duas porque era legal. (silêncio)

Sílvia continua destacando o prazer em relacionar-se com seus clientes, enfatizando que em sua grande maioria, *é gente legal e de alto nível cultural*. Além disso, relata que não consegue transar sem sentir alguma coisa. Essa noção vai de encontro com o que a própria colaboradora 8 afirmou na categoria anterior a respeito do não-envolvimento com seus clientes. Tal idéia é levantada por Martin (2003), ao expor que, no momento da relação com o

cliente, a profissional do sexo busca não apenas o pagamento, mas também prazer sexual em uma relação marcada por sentimentos de ambas as partes. No caso de Sílvia, além do prazer sexual, ela está em busca de relações de amizade.

Simon et al. (2002), ao abordar sobre a relação das profissionais do sexo com clientes fixos, destaca que se trata de relações mais duradouras, prazerosas, permitindo a essas meninas sentirem-se mais à vontade, indo além de uma questão apenas comercial, podendo-se obter, além do sexo, carinho e afeto.

Nesse momento vale destacar que: mesmo deparando-se com a minoria de *sujeitos maus*, a colaboradora 8 tem a liberdade de negar, escolhendo apenas aqueles com os quais se identifica ou sente-se atraída, segundo Leite (2005), a opção pela prostituição, em muitos casos, está relacionada com o desejo de liberdade, liberdade em relação ao horário, em relação a patrão, tendo autonomia para manter relação sexual com quem desejar.

Ainda tratando-se de a prostituição: um encontro com o prazer, Sílvia destaca:

Ah ... normal a gente vai lá .. vou lá ... quando tem cliente beleza ... quando não pinta ... eu ganho champagne (silêncio).

De acordo com esta passagem, podemos perceber que esta colaboradora está satisfeita com a prostituição, uma vez que, mesmo não conseguindo clientes em determinados dias, ela toma champagne. Ou seja, através dessa prática, Sílvia insere-se no mundo do consumo, sentindo-se, através disso, pertencente a essa sociedade que foi, de certa forma excluída quando lhe faltaram dinheiro e amigos.

Além disso, conforme a colaboradora 8 afirmou que, ao voltar da Europa, gastou todo seu dinheiro em bens de consumo, podemos perceber o quão presente é o seu desejo de pertencimento à sociedade do espetáculo. Utilizando-se de seu corpo, vendendo-o, ela consegue angariar recursos para pôr em prática sua capacidade de ter. Essa idéia é abordada

por Farinha & Bruns (2006) ao destacarem que a prostituição é uma forma de adolescentes realizarem sonhos consumistas, reforçadas pela mídia, buscando não apenas os dólares, como também *status* e poder. Valorizando cada vez mais sua imagem, trazendo como ideal a satisfação e a felicidade de possuir bens. Porém, como a própria Bruns (2001) destacou: tal postura não passa de uma ilusão de felicidade.

Para finalizarmos, parece que esta mulher, desde o início de sua vida, sentiu-se como não pertencente ao ambiente familiar, encontrou na prostituição um refúgio para os sentimentos de solidão; nos clientes e colegas, encontrou amizade que outrora perdera; e com os bens de consumo, conseguiu, mesmo que ilusoriamente, sentir-se feliz e pertencente à sociedade de alta classe.

Colaboradora 9

Lívia tem 21 anos, iniciou atuando como garota de programa aos 21 anos, em agosto de 2006, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui três irmãos, um de 24, uma de 20 e um falecido de 21 anos. Tem dois filhos, um de 7 e outro de 4 anos. Tem o segundo grau completo.

Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, está há uma semana na cidade atual, pertence à classe social A2, segundo a classificação da ABEP.

Atua como garota de programa em boate, recebe em média R\$ 500,00 por hora de programa. Faz em média três diários. Sua clientela é formada por homens. Possui três clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Com relação a sua infância relata ter sido muito sofrida, marcada pelo abandono da mãe e pelo descaso de seu pai, sendo obrigada a conviver com cinco madrastas diferentes,

após a separação de seus pais. Aos 13 anos casou-se com o intuito de fugir do ambiente familiar, dominado pelas madrastas. Nessa mesma época, engravidou e foi mãe pela primeira vez. Separou-se e casou mais duas vezes, tendo mais um filho em um desses casamentos. Relata que, aproximadamente há alguns meses, sua mãe faleceu e seu irmão também.

Afirma que sua entrada na prostituição deu-se por desespero de ter perdido seu pai, sua mãe e seu irmão e para ajudar financeiramente seu filho.

O acesso a essa colaboradora deu-se em uma boate, onde foi combinado um horário no dia seguinte para a realização da entrevista. Porém, após entrar em contato com esta mulher, ela disse estar sentindo-se muito cansada e adiou a entrevista, este processo de negociação durou quatro dias. A entrevista foi realizada em um café de uma cidade do Paraná.

Ao que se refere a sua **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, Livia afirma:

É ... minha vida foi muito sofrida ... eu não convivi com minha mãe ... tive cinco madrastas ... passei por cinco madrastas ... foi ... eu e meus irmãos sofreram muito com isso ... nas mãos de madrastas ... até nós crescermos e chegarmos numa certa idade ... meu pai se separou ... não deu certo deu certo o relacionamento com minha mãe ... separou foi embora ... e ele não deixou os filhos irem com ela ... aí o que aconteceu ... ele foi passando de mulher em mulher ... casou com uma não deu certo ... casou com outra não deu certo ... daí foi passando de mão em mão ... nós sofremos muito.

Segundo seu relato, sua infância foi muito sofrida, seus pais separaram-se quando ela ainda era muito criança, sua mãe foi morar no Paraguai e seu pai não permitiu que ela e seus irmãos fossem levados pela mãe. Seu pai teve outros cinco relacionamentos, mas nenhum deles deu certo, além disso, todas essas madrastas maltratavam-na.

Frente a isso, podemos perceber uma completa desestrutura familiar, uma mãe que abandona, um pai que despreza, e madrastas que violentam física e psiquicamente. Essa dinâmica remete-nos a Greenwald (s/d) ao destacar que: é freqüente um ambiente familiar desarmonioso entre os pais nos casos de garotas de programa por ele entrevistadas, existindo nessa família também uma carência afetiva. Essa noção será retomada posteriormente.

Além disso, podemos supor que Livia, ao não conviver com sua mãe, apresenta uma falha em seu desenvolvimento psíquico, ou seja, ao remetermos-nos a Winnicott (1975), ao afirmar que as funções maternas e paternas são fundamentais para o desenvolvimento de uma personalidade psíquica “saudável”, através da qual a mãe teria a função de proporcionar a seu filho meios para lidar com angústias internas e externas ao sujeito. Essa questão também será retomada a seguir.

Ainda ao que se refere a sua relação com seus pais, Livia queixa-se:

Ah ... é bom assim ... ah ... ele é uma pessoa assim ... meu pai é uma pessoa muito dinheirista ... se ele tem dinheiro no bolso ele é uma pessoa ... se ele tá sem dinheiro ele é outra pessoa [...] se ele não me procura eu também não vou procurar ele. Aí ele dá mais atenção pra namorada dele ... e me deixa de lado assim ... só telefona pra mim quando precisa de alguma coisa ... pra falar do meu filho se precisa de alguma coisa ... que mora com ele ... o de quatro anos ... o de sete anos mora com o pai dele. Só que ele tá todo dia na minha casa ... espera o colégio ... finais de semana ... sempre tá na minha casa (silêncio).

Sua relação com seu pai é marcada pela ausência de afeto aos seus filhos, sendo este dirigido exclusivamente às suas namoradas. Procura-a apenas quando necessita de algo. Aqui, valemo-nos dos conceitos de Freud (1933) que destaca que a necessidade da mulher de ser amada por seu pai é mais forte até do que a necessidade de amar. Por hora, vale apenas pontuarmos esta questão para posteriormente retomarmos.

Em relação a sua **vida adulta: relações afetivo-sexuais**, Livia aborda:

[...] e eu também fugi das minhas madrastas... pra parar de ficar sofrendo... eu achava que eu casar com uma pessoa meu sofrimento ia diminuir... foi um erro mas também foi minha salvação... eu comecei a namorar com um rapaz... eu tinha 12 anos e ele tinha 23 anos... com 13 anos eu casei... casei não... maneira de dizer... eu me amiguei com ele... com 13 anos eu fui mãe... não, com 13 anos eu engravidei... com 14 anos eu fui mãe... fiquei 6 anos casada [...] daí eu fiquei um tempo separada... aí depois com outra pessoa tive um relacionamento de dois anos... engravidei de novo tenho um filho de menos de quatro anos... aí não deu certo de novo aí voltei pra casa do meu pai. Aí, depois... conheci uma outra pessoa... fiquei noiva por um ano e meio... de aliança... fiquei noiva e tal... a gente ia casar no papel... só que não deu certo... e... me separei de novo... e que tipo assim, não deu certo de casar no papel ... aí eu falei ah então eu vou mudar ... eu vou mudar ... aí eu fiquei amigada durante 7 meses... aí não deu certo... eu peguei e me separei ... fui pra casa do meu pai de novo ... o meu filho de sete anos convive com o pai dele ... com meu primeiro ex-marido ... e o de quatro anos convive comigo. Então quem dá atitude pra ele sou eu ... e hoje ...eu tava namorando até pouco tempo.

De acordo com a colaboradora 9, podemos constatar que muito precocemente casou-se como uma fuga desse ambiente familiar conturbado. Além disso, baseando-nos em Freud (1905), destacamos a noção de que as escolhas objetais são baseadas a partir dos primeiros objetos de amor da criança, no caso, seus pais. Tratando-se de Livia, tal relação é marcada por desencontros afetivos, decepções e etc. Sendo assim, parte para casamentos curtos e que não dão certo, assim como os relacionamentos de seu pai. Sobre essa questão, Greenwald (s/d, p.150) destaca que: “A falta de experiência de relações estáveis na infância parecia fazer com que não soubessem como se relacionar com os outros”.

Além disso, parece que ao engravidar, a colaboradora 9 tenta resgatar sua infância traumática, porém, acaba por reproduzir a relação de abandono que viveu com sua mãe, uma vez que seus filhos permanecem longe dela.

Ao que diz respeito ao **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, Livia relata:

Perdi minha mãe ... perdi meu pai .. não ... perdi minha mãe ... perdi meu irmão ... meu filho precisando das coisas ... eu discuti com o pai dele ... tivemos uma briga feia ... que ele não ia mais pagar pensão pro meu filho se eu não fosse voltar com ele. [...] E daí eu tava precisando das coisas e eu não queria pedir pro meu pai ... se eu coloquei filho no mundo meu pai não tem obrigação de nada ... eu tenho que me responsabilizar por isso. De uma maneira ou de outra eu sou responsável por ele ... entendeu. Aí uma amiga minha que já trabalhava aqui me indicou ... e eu fiquei na curiosidade ... eu vim mais pela curiosidade .. não por vontade. Curiosidade pra saber como que é ... saber como que é as pessoas ... saber como é uma boate ... como que é a vida de uma mulher numa boate.

A colaboradora 9 afirma que, ao perder sua mãe, seu pai e seu irmão, vê-se desamparada, sendo responsável por um filho. Encontrando na prostituição uma saída para seus problemas. Além disso, relata sentir-se curiosa em relação ao ambiente das casas noturnas. Essa idéia é destacada por Greenwald (s/d) ao expor que a mulher, ao entrar no mundo da prostituição, procura uma prova de sua feminilidade nesta ocupação, uma vez que encontrará sempre um homem que de certa maneira lhe apoiará, e o grupo lhe fornecerá subsídios para sentir-se pertencente e bem-vinda àquele ambiente, local este, onde teoricamente não existiria espaço para falta alguma.

Em se tratando da **vivência como profissional do sexo**, a prostituição como um trabalho, Livia nos coloca:

[...] eu não to aqui pra namorar... não to aqui pra me apaixonar... não to aqui pra casa com ninguém... eu to aqui porque eu preciso. [...] Se eu não precisasse jamais estaria fazendo isso... porque eu preciso do dinheiro.... *Se fosse então pra você enumerar os motivos que a trouxeram até a boate, qual você colocaria?* Meu filho... pra mim ele é tudo... o que minha mãe e meu pai não fizeram por mim eu quero fazer por ele.

A colaboradora 9 faz questão de enfatizar que é profissional do sexo exclusivamente como uma forma de sustentar-se e manter financeiramente seu filho. Sobre essa questão, Bertero (1991) destaca que o sistema capitalista “o dinheiro” seria o principal fator tanto de entrada quanto de permanência na prostituição. Além disso, todo o ato realizado, na sua relação com os clientes, busca exclusivamente os dólares ou os reais, ou seja, uma relação de troca, na qual ela fornece os favores sexuais, e o cliente lhe dá o dinheiro.

Corroborando esta noção, Lima (1976), Castro (1993) e Bruns & Gomes (1996) colocam que, ao separar sua vida profissional de sua vida afetiva, esta mulher é capaz de negociar seu corpo de forma superficial sem estabelecer laços amorosos com seus clientes. Porém essa noção torna-se questionável, ao prosseguirmos com a análise do relato da colaboradora 9.

Ao que se refere à prostituição: um encontro com o prazer, Lívia destaca:

[...] Então eu gosto muito de conhecer pessoas de fora pessoas diferentes. Esse lado que eu gosto [...] De ruim ... de ruim é você deitar com uma pessoa que você não ama ... que você não é apaixonada por ela ... que você não gosta dela ... e aquela pessoa ficar te tocando ... isso é insuportável ... não tem coisa pior. E bom é bom quando você encontra uma pessoa bonita ... simpática e tal... legal ... aí você se comunica com a pessoa ... vê que ela tem muitas coisas em comum com você ... legal a pessoa sorri conversa ... conta piada ... assim. (silêncio) [...] Ah ... oh (risos) ... o rapaz que eu tava namorando (risos) eu

conheci ele na M. (risos) Eu vim aqui há um mês atrás ... fiquei três dias aqui e ele pediu pra namorar comigo ... daí eu fui pra L. na minha casa (risos) ... viajei com ele, fui pra P. com ele, fui pra J. com ele ... fui pra B. com ele ... então fui viajar com ele e tal ... só que não deu certo ... larguei dele e tal. (pausa)

De acordo com Livia, ser uma profissional do sexo é marcado por momentos bons e ruins. Argumentando que é ruim, pois deita-se com pessoas de que não gosta e não ama, em contrapartida é bom porque conhece pessoas bonitas, simpáticas, podendo manter esta relação como um namoro.

De acordo com Pizani (1994), o prazer na prostituição pode estar relacionado com uma relação de amizade e companheirismo, ocorrendo muitas vezes paixão e apego aos mais rotineiros. Essa idéia é corroborada por Simon et al. (2002) e Martin (2003), ao destacar que a afetividade pode surgir em uma relação cliente/prostituta, incluindo nesse roteiro jantares românticos, passeios, viagens, etc.

Ainda tratando-se de sua **vivência como profissional do sexo**, no que diz respeito à prostituição como uma patologia, a colaboradora 9 declara:

Então eu morava com meu pai e minha mãe morava no Paraguai ... aí eu fiquei com meu pai ... eu e meus irmãos sofremos muito ... apanhamos muito ... nós fomos muito massacrados pelas madrastas ... e assim ... até hoje ... até hoje deixa as marcas [...] Entendeu ... ele dá uma muita atenção pra namorada dele ... ele não é aquele pai que ele chega e pergunta se você tem alguma coisa ... se você precisa de alguma coisa ... se você quer alguma coisa ... então eu também não procuro ele pra dizer nada entendeu.

Conforme já destacamos anteriormente, o ambiente familiar desestruturado, no caso da colaboradora 9, marcado pelo abandono de seus pais, remete-nos à questão da *mãe*

suficientemente boa de Winnicott (1975) que tem como função apresentar à criança o mundo da realidade, através do acolhimento e das falhas, permitindo com isto que o infante saiba se haver com suas questões, por ter interiorizado esta função.

Somado a esse fator, a ausência de amor no caso paterno, segundo Calligaris (2005) faz com que algumas mulheres tenham a necessidade de procurar um pai simbólico na prostituição, ou seja, ao buscar “o amor do pai”, passa invariavelmente pela oferta do corpo. E ainda, retomando os pressupostos de Greenwald (s/d) ao colocar que: ao ofertar seu corpo, as profissionais do sexo dominam, mesmo que por pouco tempo seu sentimento de solidão e desvalorização, expressando sentimentos hostis em relação aos pais.

Além disso, a colaboradora 9 compreendeu que através do sexo era possível trocar alguma espécie de contato afetivo, e o dinheiro tornar-se-ia então um símbolo do calor e do amor que jamais tivera recebido.

Sendo assim, podemos supor que estamos diante de uma mulher marcada por uma falha no processo de introjeção parental que busca através da prostituição suprir um vazio inaugural.

Colaboradora 10

Perla tem 22 anos, iniciou atuando como garota de programa aos 22 anos, em julho de 2006, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é espírita. Possui três irmãos, uma de 30, outra de 21 e um de 33 anos. Não tem filhos. Tem o terceiro grau incompleto.

Sua família reside em uma cidade do Estado do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP.

Atua como garota de programa em boate e bar executivo, recebe em média R\$150,00 por

hora de programa. Faz em média dois programas diários. Sua clientela é formada por homens e mulheres. Possui dois clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Sobre sua infância, Perla conta que foi tranquila, seus pais separaram-se quando tinha 6 anos de idade, mas sua relação com eles sempre foi boa. Durante sua adolescência afirma ter tido muitos namorados até quando se juntou com um deles e ficou um ano.

Segundo a colaboradora 10, sua entrada na prostituição ocorreu pela necessidade do dinheiro, para manter o padrão de vida a que estava acostumada.

O contato com Perla deu-se através de uma boate de uma cidade do Estado do Paraná, onde foi marcado um horário, para que no dia seguinte fosse feita a entrevista em local seguro e livre de intervenções. A entrevista foi realizada como prevista em uma faculdade desta cidade.

Ao que diz respeito a sua **infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual**, tratando-se de sua relação com seus pais, Perla afirma:

Ah ... foi tranquilo assim ... eu tive uma infância tranquila ... bacana ... com minha mãe ... com meu pai ... se separou dela um tempo assim mais manteve contato. *Quantos anos você tinha quando isso aconteceu?* Seis anos ... tal ... e foi supertranquilo ... a gente tem um relacionamento bem bacana ... eu meu pai minha mãe meus irmãos ... hoje ele é doente, ela que cuida dele ... porque ele não tem mais nada [...].

A colaboradora 10 relata que sua infância foi tranquila, tinha um bom relacionamento com seus pais, os quais se separaram quando tinha seis anos de idade. Perla não nos deu subsídios suficientes para aprofundar aspectos de sua infância.

Em relação a sua **vida adulta: as relações afetivo-sexuais**, a colaboradora 10 destaca:

Aí ... é uma história muito complicada (silêncio) ... eu gostava muito do meu primeiro marido ... você é a primeira pessoa a saber disso ... aí ... eu gostava ... gosto muito dele ainda ... e aí eu procurei uma pessoa ... aqui ... tava no jornal lá ... traga seu amor em 24hs ... e eu fui lá ... e tal pra ver o que que era ... cheguei lá ... paguei ... R\$350,00 ... pra fazer isso ... levei uma foto. *Mais o que seria isso?* Ah ... é tipo um trabalho ... e aí cheguei lá .. não sei o que .. veio o cara ... me disse que o que eu fizesse com ele ... saber ... o ex ia sentir ... e aí eu acabei transando com ele ... foi horrível ... com esse guru. É ... e ... aí ... eu ... e saí e aí eu ... fiquei mal ... e aí eu ... é ... e eu estava muito fragilizada na época ... eu sei que parece ridículo uma pessoa cair assim ... mais ... não é justificar ... assim ... eu já estava com depressão e tudo ... então foi muito fácil ... [...] com aquele cara ... foi horrível ... **eu me senti uma prostituta naquele momento ... sabe.** [grifo nosso]

Relata que após terminar sua relação com seu primeiro marido continuou gostando dele, o que a levou a procurar um “guru” através de um anúncio de jornal que dizia: *traga seu amor em 24hs*. Perla pagou este “guru” e transou com ele como uma maneira “mágica” de atingir seu ex-marido.

É interessante salientar este episódio, porque nessa ocasião Perla percebe que sua atitude foi a de uma prostituta e relata ter sido horrível saber disso. A colaboradora 10 se deu conta de que através do sexo poderia trocar alguma forma de contato emocional, mesmo que de maneira “mágica”, tal dinâmica é explicitada por Greenwald (s/d), ao destacar que tal *insight* deixaria a mulher susceptível à prostituição.

Nesse momento aproximamo-nos do **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, quando Perla destaca que:

Porque eu trabalhava numa empresa de publicidade ... sai da empresa e fui morar com ele... eu não achei colocação no mercado ... no mesmo nível que eu

tinha anteriormente. Aí não tinha mais condições de morar sozinha depois que separei dele e fui morar com minha mãe. Aí como tinha curso pra pagar ... tava caro ... e eu não gostaria de parar o curso porque eu to me formando já ... (silêncio) [...] faz pouco tempo que eu to trabalhando também ... assim ... na noite ... de dia ... (risos) ... eu trabalho ... mas tem acho que uns dois meses. *Mais como foi esse processo de entrada, como foi o início?* Aí eu fiquei sem dinheiro e tal ... não achei outro trabalho ... e ... eu sofri um assédio ... assim ... esses tempos [...] **sabe quando você quer muito uma coisa que você tá a fim de fazer a qualquer preço.** [grifo nosso]

A colaboradora 10 relata ter trabalhado anteriormente em uma empresa de publicidade até conhecer um homem com quem foi morar e, por este motivo, largou seu trabalho. Quando se separou, não conseguiu mais emprego, foi morar com sua mãe, mas tinha muitas despesas, o que a levou buscar, na prostituição, uma forma de ganhar dinheiro, para manter o padrão que estava acostumada.

Além disso, o episódio do assédio em relação ao “guru” de certa forma desencadeou uma dinâmica psíquica que permitiria a Perla usar seu corpo como uma maneira de alcançar seus objetivos, pois para ela é possível *fazer qualquer coisa a qualquer preço*. Sobre essa questão, Bertero (1991, p.279) destaca: “E que sua vontade não se desvie de seus objetivos, que todo o jogo de suas forças corporais e espirituais se direcionem para ele, se ela quer ser uma profissional bem sucedida”. Sendo assim, a colaboradora 10 afirma que sua entrada na prostituição deu-se por buscar dinheiro e uma forma de lhe assegurar sobrevivência nessa sociedade.

Ainda sobre o **horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição**, Perla relata:

Aí eu tava assim ... meio .. tipo ... ao mesmo tempo eu sabia que ... isso sempre me chamava atenção ... sabe ... ser bonita ... e sabe ... ter um corpo bacana ... e ... eu trabalhava com uns eventos ... aí eu comecei a trabalhar com

evento ... sabe ... só com evento fechado ... normal ... e um dos rapazes que trabalhava comigo ... que era publicitário ... falou que tinha uma casa ... ele perguntou ... tipo ... se eu fazia o pós-evento ... e eu falei .. tipo que não ... daí eu não entendi bem o que que que era ... e tal ... e aí ... depois ... minhas amigas me contou o que era pós-evento ... sabe ... que era sair com os clientes ... né ... no fim do evento ... na festa. E daí eu perguntei quanto que era ... e ... o valor ... é ... razoável né ... tira R\$300,00 – R\$500,00 ... sem muito esforço. [...] Por que eu entrei? ... dinheiro (silêncio).

A colaboradora 10 trabalhava com eventos e, ao ser questionada sobre sua atuação em pós-evento, ficou curiosa porque era uma área que lhe chamava atenção. Além disso, afirma ter noção de ser uma mulher bonita, atraente, sendo assim conseguiria angariar muitos recursos financeiros sem muito esforço.

Esta passagem confunde-se com sua vivência de profissional do sexo, no que diz respeito ao trabalho, pois, segundo Pereira (1976, p.19): “Na ausência de outros meios de subsistência mais rendosos, ela elege a prostituição como profissão”.

Ao que diz respeito à **vivência como profissional do sexo**, tratando-se da prostituição como um trabalho, relata:

Não ... (silêncio) ... de positivo acho que tem só o dinheiro ... e de negativo um monte ... porque eu me arrisco todo dia ... de furar uma camisinha ... eu pegar uma doença ... sabe ... eu me ponho a isso todos os dias ... e ao mesmo tempo isso não tem preço ... sabe.

Perla tem consciência de que sua atuação apresenta riscos à sua saúde, pois está susceptível a DSTs. Sobre essa questão, Martin (2003) destaca que a prostituição é marcada por relações comerciais, nas quais o corpo é colocado à venda por dinheiro ou outros bens e,

como em qualquer outra profissão, está sujeito a acidentes de trabalho, tais como os levantados pela colaboradora 10.

Ainda dentro da categoria sobre a **vivência como profissional do sexo**, tratando-se da prostituição: um encontro com o prazer. Perla aborda:

[...] é rápido ... sabe .. daí tipo ... tem gente que pensa que é fácil ... não não é fácil ... é rápido ... eu acho que é essa a diferença ... sabe ... que também não é fácil [...] Só que ... é ... todas as meninas que tão começando ... todo mundo que vai começar hoje que vai terminar amanhã ... e que não consegue parar ... e eu realmente entendo isso ... porque como por dia você ganha um valor ... por dia ... você começa a gastar cada vez mais ... essa coisa de comprar ... entra no consumismo já ... sabe ... porque hoje eu tenho R\$100,00 ... amanhã ... se eu trabalhar ... eu sei que a hora que eu sair de lá ... vou sair com R\$600,00 ... entende ... e com R\$600,00 a gente faz um monte de coisa num dia ... é claro que a gente conta com dias que também a gente não faz nada ... a gente faz um show de R\$50,00 .. um show de strip-tease ... mais você sabe que amanhã você tem mais.

De acordo com a colaboradora 10, a prostituição lhe proporcionou um *status* social e uma possibilidade de consumir como nunca havia feito antes, por este motivo justifica sua entrada e permanência na prostituição. Sobre essa questão, Farinha & Bruns (2006) destacam que através da prostituição é possível realizar sonhos criados pela sociedade do espetáculo, conferindo-lhes a possibilidade de vestirem roupas de grife, usarem celulares da moda, etc., ou seja, estarem de acordo com a onda consumista.

Martin (2003), seguindo a mesma linha de raciocínio, destaca que este dinheiro que entra de forma rápida e “fácil”, vai embora com a mesma rapidez, já que é utilizado nos mais diversos caprichos. Sendo difícil realizar esse sonho em outras profissões.

Gaspar (1985) aborda também que muitas garotas optam pela prostituição por não se sentirem satisfeitas com o padrão de vida que estavam levando. Porém, como salientou Bruns (2001), tudo isso não passa de uma ilusão, um mundo de *faz-de-conta*.

Além da questão do consumo, ainda dentro da categoria da **vivência como profissional do sexo**, a colaboradora 10 expõe sobre a prostituição: um encontro com o prazer:

Acho que não ... é essa coisa de trabalhar a hora que você quer ... e ficar bonita né ... isso eu sou uma pessoa assim muito atraída ... eu não gosto de ficar muito tempo no mesmo lugar fazendo a mesma coisa ... e você nunca tá fazendo a mesma coisa ... apesar de parecer que tá fazendo todo dia ... porque você tá conversando todo dia com uma pessoa diferente tem clientes bacanas que você conversa ... às vezes você acaba falando até seu nome de verdade ... trocando telefone ... e acaba virando um amigo ... e tem muitos homens que casam com mulheres que eles conhecem nas casas ... muitos ... que tratam muito bem. *E o que você acha a respeito desses homens que você troca telefone e mantém maior contato?* Oh ... assim ... eu particularmente não consigo gostar de ninguém ... mais ... assim ... eu tenho bastante contato e eles continuam me dando as coisas ... como se fosse particular deles ... sabe ... uma menina particular ... mais você tem uma relação de carinho ... quando você tem mais contato ... acaba confiando. [...] E independente disso ... você faz o que você quiser ... a hora que você quiser. Você tem o poder você não tem contrato ... não tem nada (silêncio).

Perla afirma que sua escolha por ser profissional do sexo é satisfatória por lhe proporcionar flexibilidade de horário e uma certa liberdade. Sobre essa questão, Leite (2005) destaca que muitas meninas optam pela prostituição por não terem horários fixos, não dependerem de patrão e manterem relações sexuais quando quiserem.

Além disso, parece que esta mulher, relaciona-se de forma não apenas profissional com alguns clientes, pois em alguns casos *acaba virando amigo*. Essa idéia foi constatada por

Pizani (1994), Simon et al. (2002) e Martin (2003), ao afirmarem que algumas profissionais do sexo mantêm laços de amizade e companheirismo com seus clientes, podendo incluir desejos românticos, jantares e atração sexual, além de carinho e afeto.

Outro aspecto desta passagem estaria de certa forma voltada às questões de gênero, uma vez que nos esclarece que muitas mulheres casam-se com seus clientes, ou seja, encontram um homem para lhe sustentar emocional e financeiramente, possibilitando-lhes uma vida “normal”. Sobre essa questão, Bruns (2001, p.11) esclarece: “[...] numa trajetória de fantasias e delírios que alimentam sonhos de vir a encontrar, talvez, aquele príncipe encantado que possibilitará segurança econômica e, especialmente, estabilidade afetiva e sexual”.

Ainda ao que se refere a sua **vivência como profissional do sexo**, a prostituição: um encontro com o prazer, Perla relata:

Não ... eu não me sentia atraída ... mas assim .. é ... a oportunidade com que eu conseguia ganhar um homem também ... sabe essa coisa de técnica ... de jogo de cintura ... de charme ... não sei ... então ... assim ... foi muito fácil .. eu sempre conseguia as coisas .. mesmo que fosse .. tipo ... transando com o cara ... e tipo ... nem sempre dando dinheiro ... mais é uma forma ... eu sempre conseguia as coisas que eu queria também ... com os homens ... entendeu ... e aí ... sabe ... acaba facilitando ... porque ... é ... é fácil ficar bonita ... e eles ainda me pagam por isso ... entende. E pra conquistar ... pra ver o quanto que eles pagam por mim [...]

A colaboradora 10 afirma que através da prostituição é possível *ganhar um homem*, para tanto é necessário apenas ter um *jogo de cintura, jogar seu charme*. E para ela, o importante nesta prática não é o dinheiro que vai receber, mas a conquista, saber o quanto ela vale. Perla sabe de sua capacidade de sedução e encontra na prostituição um meio de

conquistar e conseguir o que quiser *mesmo que para isso tenha que transar*. Parece-nos que a prostituição para Perla é uma maneira de se auto-afirmar, de sentir-se atraente e poderosa.

Conforme destacamos, Kehl (2004) aborda que, no sujeito da atualidade, o que está em jogo é a sua imagem, em outras palavras, o sujeito goza com o olhar do outro e não com o outro, sendo o mecanismo necessário para que ele exista socialmente.

Greenwald (s/d) corrobora essa questão ao afirmar que a mídia com seus anúncios e propagandas destaca o maior pecado feminino, o de não ser atraente. Além disso, as profissionais do sexo atormentadas pela dúvida de serem ou não aceitas como seres humanos buscam provar a sua feminilidade na prostituição. Nas palavras do autor: “Esta ocupação dava-lhes a oportunidade de demonstrar ao mundo e particularmente a elas mesmas de que os homens não só as desejavam mas também se dispunham a dar uma prova financeira de seus desejos” (p.175).

Além da prova de sua feminilidade, a profissional do sexo, com sua prática, consegue angariar recursos que por sua vez serão investidos na sua imagem, para que o ciclo permaneça ativo.

Tratando-se de seu **projeto de vida**, Perla afirma:

Exatamente ... porque depois você vai voltar pro mercado ... acredito que não seja o meu caso ... mais pra maioria das meninas que eu vejo tem pouca instrução ... ou ... mesmo as que já tão formadas. ... Sabem que não vão ganhar esse valor lá fora ... e ... no caso ... a profissão que eu escolhi paga bem ... sabe eu to me formando agora ... e quero entrar logo .. pra minha área. ... é ... de fato ... que minha área paga bem. Mas... agora me diz... qual mulher que entra hoje no mercado de trabalho ... formada em nutrição ... em veterinária ... que vai tirar R\$3000,00 – R\$4000,00 no mês.

A colaboradora 10 projeta para seu futuro sair da prostituição e seguir sua carreira. Entretanto questiona-se com relação ao salário, mesmo estando graduada em uma faculdade, vai ganhar muito pouco comparado aos ganhos que tem como profissional do sexo.

Além disso, retomando os pressupostos de Kehl (2004) sobre a valorização da imagem na atualidade, e também a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo, destacadas por Birman (1999), na qual a exaltação do eu adquire proporções estrondosas, somos levados a pensar que dificilmente essa mulher irá adequar-se a uma outra profissão já que os ganhos e, conseqüentemente, o poder de consumo de Perla irão despencar.

CAPÍTULO 9.

O DESVELAR DA SEXUALIDADE DAS PROFISSIONAIS DO SEXO

Os desvelamentos realizados pela análise dos relatos das profissionais do sexo nos possibilitaram conhecer os sentidos e significados que essas mulheres atribuem à vivência de sua sexualidade no contexto da atualidade.

Embora cada colaboradora atribua significado particular a essas vivências, uma vez que são elaboradas conforme a história de vida de cada uma delas, eles convergem no sentido de que em sua grande maioria (colaboradoras 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10), essas profissionais do sexo apresentam uma desestrutura familiar, marcada por abandono ou rejeição materna e paterna, separação dos pais ou ainda não-contato com os mesmos; o que podemos observar nos trechos abaixo:

Colaboradora 1: Mas... a partir dos meus 8 anos meus pais separaram... a partir desse momento eu entrei em depressão. *Aos 8 anos?* Aos 8 anos. Então... eu fiquei revoltada... porque meu pai começou a me rejeitar... aí eu tive que fazer tratamento psicológico... eu chorava demais por ele não gostar de mim.

Colaboradora 2: [...] Meu pai... eu não conheci... eu nem sei se é vivo ... se não é ... eu nem cheguei a conhecer ... que minha mãe ... quando ela me teve ... meu pai já tinha largado dela já ... né ... é o que minha avó conta ... minha mãe ... quando ela faleceu ... eu tinha 7 anos.

Colaboradora 7: Tipo assim ... é ... eu perdi meu pai eu tinha quatro anos, só convivi com a minha mãe ou melhor, com meus irmãos .. né... que minha mãe trabalhava bastante. Daí ela casou ... eu tinha 6 anos e ela casou com um cara ... e ... eu acabei saindo de casa com 10 anos. Fui morar com uma tia e nunca mais voltei pra casa.

É possível perceber que as histórias familiares dessas mulheres são marcadas por abandono e ausência. Esta falta inaugural reflete-se na constituição da personalidade psíquica dessas profissionais do sexo, no sentido de que passam a procurar na prostituição uma maneira de preencher um vazio simbólico.

Esta questão é abordada por McDougall (1997) ao nos explicar que, remetendo-se à *mãe suficientemente boa* de Winnicott (1975), falhando em sua função, a mãe não permite ao seu filho elaborar seus conflitos, nem desenvolver a capacidade de estar só na presença dela. Isto resulta num risco potencial de não conseguir estabelecer uma representação interna da figura materna.

Além disso, a função paterna, segundo Dör (1991), teria por objetivo interditar, frustrar e privar a criança de sua relação com a mãe, ou seja, castrá-la. Através desse movimento apresentar à criança a falta que teria como função fazer com que o sujeito, através da introjeção das figuras materna e paterna, simbolize seus desejos e aprenda a lidar com seus conflitos sozinho. É importante destacar que essa figura paterna que intervém nessa relação primordial do desenvolvimento do ser humano não é exatamente o pai biológico da criança, nem mesmo a própria pessoa do pai, mas alguém, uma palavra que traga uma Lei e um simbólico, separando a relação simbiótica mãe/bebê, organizando com isso o mundo interno da criança.

Portanto, quando tais funções (materna e paterna) falham, o sujeito passa a buscar no mundo externo recursos para que os substituam, procurando, através disto, retomar o estado infantil. Essa idéia é sustentada por Calligaris (2005) ao destacar que mulheres com histórico de abandono dos pais, que se prostituem, buscam um pai simbólico, “o amor do pai”, passando inevitavelmente pela oferta do corpo, tentando restituir o que fora negado. Sendo assim, a cada relação sexual ela procura um substituto para o falo paterno, nunca o encontrando, apenas recebendo o desejo sexual que é dirigido a essa mulher.

Além disso, Greenwald (s/d), corroborando com o exposto, destaca que essas mulheres por não conseguirem formar uma ligação afetiva com sua família introjetam deficientemente as funções paternas, tendo como consequência a falta de controle interno nas práticas sexuais, tornando-se mais susceptíveis a buscar a prostituição. Portanto, o sexo passa a dominar os

sentimentos de solidão e desvalorização, sendo também utilizado para expressar um sentimento de hostilidade em relação aos pais. Ao entregarem-se em um programa, buscam, além de vingar a carência de amor, um sujeito que possa cuidá-las como nunca foram em sua vida. Já que inconscientemente percebem-se demandando um amor infantil.

Diante dessa dinâmica de funcionamento psíquico, a prostituição para essas profissionais estaria agindo como um alimento psíquico, muito bem destacado por McDougall (1997, p.198-199), ao abordar a questão da adicção sexual, entendendo esta como sendo:

A economia psíquica subjacente ao comportamento adictivo tem a intenção de dissipar sentimentos de angústia, raiva, culpa, depressão ou qualquer outro estado afetivo que dê origem a uma tensão psíquica insuportável. [...] Uma vez criado ou descoberto, o recurso à substância ou ao ato adictivo, é mantido sempre à mão a fim de atenuar essas vivências emocionais quando quer que isso seja necessário.

Essa dinâmica psíquica adictiva é aparente nos relatos das colaboradoras (1 e 4), porém, por tudo que já abordamos em relação às funções materna e paterna, entendemos que o sexo funcionaria como uma forma de preencher um vazio, aniquilando suas angústias, podemos, de certa forma, ampliar esse paradigma para o restante das colaboradoras².

Outro ponto que converge no discurso das colaboradoras é com relação à explicação para sua entrada e permanência na prostituição. Em sua maioria (colaboradoras 2, 3, 6, 7, 8, 9, e 10) elas afirmam ter sido a necessidade de ganhar dinheiro que as fez procurar essa prática, valendo-se da justificativa de que seria um trabalho como qualquer outro. Conforme esclarecem:

² No decorrer do texto pode ter ficado a impressão de que estamos engessando as profissionais do sexo como possuidoras de uma estrutura psicopatológica, não é nosso intuito. Compreendemos psicopatologia aproximando-nos do sentido original do termo *pathos*, que segundo Berlinck (1998, p.53): “Além de sofrimento, de *phatos* deriva-se, também, das palavras paixão e passividade”, que afetam os sujeitos. Entendendo, a partir das formulações de Freud (1901) que: a psicopatologia faz parte da vida cotidiana de cada um de nós, onde o que é psíquico é de certa forma patológico.

Colaboradora 2: O normal pra mim ... é assim ... eu to ali ... ponho na minha cabeça que eu to ali ... to fazendo meu trabalho. Então eu ... não ... é ... eu to ali com a pessoa ... eu não fico imaginando ... assim ... com a pessoa ... ah ... é meu namorado ... e tal ... né ... eu não imagino isso ... eu imagino que é meu trabalho ... que eu to ali com a pessoa ... que é um momento ... que eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer ... entendeu? Só ... que eu procuro dar carinho ... procuro dar prazer pra pessoa ... trato a pessoa bem ... entendeu? [...] Então ... é normal ... isso ... eu ponho na minha cabeça que é meu trabalho ... e ... é meu trabalho. [...] se eu tivesse trabalhando numa empresa ... aí ... pra ganhar R\$800,00 ... R\$1000,00 não dava pra viver né ... e ... a renda que eu tenho mensal ... então ... dá pra mim sobreviver.

Colaboradora 7: E ... eu comecei trabalhar ... ajudo bastante meu filho .. meu irmão. É ... que minha mãe cuida do meu sobrinho também ...entendeu. E ... eu comecei a trabalhar por isso [...] Por grana. (silêncio) [...] Só ... que eu entrei pra ajudar minha família ... a minha mãe e a minha filha. (silêncio).

Colaboradora 8: Olha ... eu não me considero uma puta ... que fica por aí dando pra qualquer um de graça ... conhece um dia o menino num barzinho ... aí que legal ... ele é legal ... vai lá pro motel e dá de graça ... essa daí pra mim que é uma puta ... porque a gente tá lá dentro trabalhando ... a gente é bem pago pra isso.

Colaboradora 9: [...] eu não to aqui pra namorar... não to aqui pra me apaixonar... não to aqui pra casa com ninguém... eu to aqui porque eu preciso. [...] Se eu não precisasse jamais estaria fazendo isso... porque eu preciso do dinheiro.

A partir dos relatos convergentes dessas colaboradoras, podemos perceber que cada uma, a sua maneira, justifica sua entrada na prostituição por questões financeiras ou por doença na família, além disso é uma profissional no que faz.

Essa idéia é apoiada por Bruns & Gomes (1996) de que a mulher usa seu corpo como ferramenta de trabalho, dissociado de qualquer envolvimento afetivo, sabendo separar sua vida profissional de sua vida afetiva. Ou seja, é uma *atriz no mundo da realidade* que encena

uma personagem para satisfazer seus clientes e, ao sair de cena, volta a ser a mulher que sempre foi. Além disso, os autores destacam que ao dicotomizarem mente/corpo, não se permitem sentir prazer com os clientes, no seu local de trabalho.

Essa idéia também é apresentada por Lima (1976), Martin (2003) e Farinha & Bruns (2006) de que o prazer que essa mulher fornece aos clientes não exclui a indiferença afetiva, por tratar-se de uma relação profissional.

Bertero (1991) declara que o sistema capitalista é o principal fator de entrada e permanência na prostituição, sendo uma forma de lhe garantir sobrevivência na sociedade atual. Gaspar (1985) complementa essa linha de raciocínio, ao abordar que a profissional do sexo ao oferecer seu corpo em troca de dinheiro ou favores anula a personalidade do outro, estabelecendo uma noção de compra. Além disso, seria uma forma de ganhar mais dinheiro do que em outras profissões.

Porém, a partir daí, a própria autora estabelece uma crítica muito pertinente em relação a essas justificativas, coloca que mulheres de classe inferior, de certa forma teriam maior respaldo para justificar sua vida na prostituição, porém, mulheres de classes elevadas, como no caso das participantes desta pesquisa, não podem sustentar as razões de sua escolha pelo fato de não terem outra oportunidade para suprir suas necessidades básicas. A autora continua com outra crítica muito importante, destacando que é comum abordar uma história de vida trágica com o intuito de racionalizar, justificar ou até mesmo purificar, dando uma certa legitimidade para o fato de vender o corpo além de dissolver o peso do estigma (GASPAR, 1985).

É possível verificar essa característica através do discurso de quatro colaboradoras (2, 3, 6 e 7), a título de exemplo apresentamos duas passagens:

Colaboradora 2: Olha ... não é questão de gostar ou não gostar, não adianta eu falar ... assim que eu gosto e ... também não adianta eu falar que eu não gosto

... se eu não gosto porque que eu não vou procurar uma coisa melhor? ... Só que ... hoje em dia tudo é muito difícil ... tudo é muito complicado ... sabe ... eu ... o dinheiro que eu pego eu procuro investir em alguma coisa [...] Oh ... o lado bom ... é que você conhece muita gente boa ... você ... eu tenho ... assim ... muitas pessoas que me tratam ... ou não me tratam como ... sabe ... assim ... uma garota de programa ... me tratam como uma pessoa normal ... que me levam pra passear ... me levam pra jantar ... chega nos lugares comigo ... sabe ... e ... esse é o lado bom.

Colaboradora 3: Não ... valer a pena ... não vale entendeu, se você tiver uma outra opção, não vale a pena. Eu só comecei mesmo porque eu não tinha outra opção. [...] Então ... eu comecei a faculdade, meu tio que bancava a faculdade pra mim e tudo ... se eu continuar estudando ele vai bancar [...] eu vim pra cá com a intenção de estudar ... ele pagar a faculdade, mais eu arrumar logo em seguida um emprego quando terminasse a faculdade, entendeu?

As colaboradoras iniciam seu discurso, trazendo dificuldades, problemas financeiros e necessidades. Porém, no decorrer da entrevista, deixam escapar alguns pontos que demonstram que outros fatores também estão envolvidos, tais como prazer, outras oportunidades, etc.

Martin (2003), refere-se a essa questão ao apresentar o termo *estereótipo da necessidade* que diz respeito à postura dessa profissional, tendo como base um discurso simplista, utilizado como uma forma de comover os interlocutores, tal posição coloca-a enquanto vítima do destino e da sociedade, não restando outra opção que não a prostituição.

Sendo assim, passaremos aos discursos convergentes abordando outros fatores que vão além da questão da necessidade, tal como o prazer que as profissionais do sexo descrevem. Em seus discursos, grande parte das colaboradoras (2, 4, 5, 7, 8, 9, e 10) relata envolverem-se com clientes:

Colaboradora 4: São caras que às vezes só querem conversar com a gente, só querem uma companhia legal, não querem tanto sexo ... alguma coisa assim ... que querem mesmo uma boa companhia, uma boa conversa ... assim, esses têm bastante assim, então é bom, eu gosto...(silêncio).

Colaboradora 5: A primeira vez eu lembro direitinho como foi. Era um coroa lindo, cheio da nota, parecia o Antonio Fagundes. Ele não era daqui não ... era um empresário e me levou num lugar cheio de gente chique ... né ... eu adorei. Daí ... ele me levou pra jantar depois ... e depois a gente foi pro hotel dele. Eu tava supernervosa, mais daí ... como a gente tinha bebido um pouco ... foi sussegado. (silêncio)

Colaboradora 8: [...] conhece muita gente legal ... eu conheço muita gente legal e tenho muitas amizades ... porque antes eu não tinha o tanto de amizade que eu tenho agora. [...] então eu fiquei sem amigos ... e comecei a fazer amizade lá dentro. Com as meninas ... com os clientes. [...] mas eu conheço a grande maioria de gente legal .. bem legais ... gente de nível cultural alto .. é ... (silêncio)... olha eu nunca faço sexo sem sentir alguma coisa ... alguma coisa eu tenho que sentir ... porque pra mim é difícil ter amizade sem sentir alguma coisa ... sem sentir algum prazer ... e também eu só transo com os caras que forem legais ... que não me tratavam como puta na cama ... que me tratavam legal ... sempre falavam uma coisa legal ... porque então se eu tinha cliente que era uma hora e eu ficava duas porque era legal. (silêncio)

Colaboradora 9: É bom é bom quando você encontra uma pessoa bonita ... simpática e tal... legal ... aí você se comunica com a pessoa ... vê que ela tem muitas coisas em comum com você ... legal a pessoa sorri conversa ... conta piada ... assim. (silêncio) [...] Ah ... oh (risos) ... o rapaz que eu tava namorando (risos) eu conheci ele na M. (risos) Eu vim aqui há um mês atrás ... fiquei três dias aqui e ele pediu pra namorar comigo ... daí eu fui pra L. na minha casa (risos) ... viajei com ele, fui pra P. com ele, fui pra J. com ele ... fui pra B. com ele ... então fui viajar com ele e tal ... só que não deu certo ... larguei dele e tal. (pausa)

A partir do discurso dessas mulheres, podemos perceber que muitas delas sentem prazer na prostituição pela relação não apenas comercial que mantêm com seus clientes, mas

principalmente pela possibilidade de contatos afetuosos, marcados por sexo, carinho e amizade.

Essa idéia é apoiada por Pizani (1994), ao afirmar que o lado positivo da prostituição seria o de manter laços de companheirismo com os fregueses. Corroborando essa questão Simon et al. (2002) e Martin (2003) declaram que, no momento da relação com o cliente, buscam além do pagamento, prazer sexual e uma relação marcada por expectativas de ambas as partes. Podendo existir uma relação “tipo namoro”, tornando o programa mais agradável e seguro e incluindo nessa relação passeios e jantares românticos.

Dessa forma, confirmando as idéias expostas acima, a prostituição enquanto um trabalho torna-se uma justificativa podendo camuflar prazeres e satisfações que de certa forma diminuiriam o peso do estigma pelo ato de se prostituir. Além disso, como já destacamos, também, esses clientes ao oferecerem afeto dirigido a essas mulheres, acabam retomando os amores perdidos na infância.

Ainda abordando a questão do prazer, outro ponto destacado a partir dos discursos convergentes das colaboradoras (1, 2, 5, 6, 8 e 10) foi em relação à prostituição como uma alternativa para se manter independente, como é possível perceber nos trechos abaixo:

Colaboradora 1: Eu não quero mais depender de ninguém ... vou fazer isso ... apesar de eu não gostar [...]. Mas ... nada de mais ... estou fazendo isso agora para não depender mais de ninguém ... sabe ... pra mim ter minha vida ... eu vou pra faculdade ... aí quando eu terminar de pagar a faculdade eu paro ... entende? [...]. Mas ... também é por isso ... e ... também pra mim pagar minha faculdade ... pra não precisar dele ... e ... também não ficar precisando de minha mãe.

Colaboradora 6: Eu quero ter as minhas coisas ... eu não gosto de depender de ninguém ... nunca gostei ... entende.

Colaboradora 10: E independente disso ... você faz o que você quiser ... a hora que você quiser. Você tem o poder você não tem contrato ... não tem nada. (silêncio)

A partir do exposto, podemos constatar que muitas delas sentem-se satisfeitas por conseguirem viver de forma independente, com autonomia e direito de escolherem sobre suas próprias vidas.

De acordo com Leite (2005), existiria uma atração pela prostituição como uma forma de exercer a sexualidade de forma livre, podendo relacionar-se com o número de parceiros que quiser, usar maquiagem e roupas ousadas e freqüentar os locais que tiverem interesse a hora que desejarem. Martin (2003), seguindo a mesma linha de raciocínio, complementa afirmando ser esta uma característica da prostituição: buscar nenhum tipo de subordinação.

Leite (2005), fazendo alusão à questão de gênero, coloca que mulheres que não se adaptam ao modelo das caricaturas de submissão, fragilidade e maternidade encontram na prostituição uma forma de ir contra tais padrões. Indo de encontro com aquela chamada de "virtuosa", não se submetendo aos caprichos de uma sociedade machista de ficar em casa cuidando do lar, para sair para beber com eles e exercer sua sexualidade de forma livre.

Porém, essa noção da sexualidade liberada é até certo ponto questionável, conforme nos esclarece Martin (2003, p.140):

Esse aspecto de caricatura do homem se revela quando, apesar das declarações das prostitutas de que são livres, autônomas e fazem uso da sexualidade de maneira semelhante àquela destinadas aos homens, elas de fato se sujeitam aos desejos masculinos. Nem ocupam o espaço da feminilidade e sexualidade socialmente desejáveis, nem da liberdade e do poder masculino.

Sendo assim, de um lado existem autores que destacam a prostituição como uma forma de ser autônoma e livre, porém existem outros que relatam que isso não passa de uma ilusão. Frente a nossas observações, acreditamos que a segunda hipótese seja mais fidedigna,

uma vez que ela tem de se submeter aos mandos do cliente, ou de agenciadores, tal como demonstra o relato da colaboradora 2:

[...] é o dia inteiro ... desde a hora que eu levanto ... às vezes eu to dormindo ... é 4 horas da manhã que alguém liga ... eu acordo e vou. O horário que a pessoa ligar e falar ... aí ... eu vou ... e é essa vida de manhã ... até ... às vezes ... você não tem tempo nem pra dormir.

Assim, por mais que na fala delas apareça essa questão da independência, no fundo existiria de certa forma uma espécie de dependência para com o cliente.

Outro aspecto destacado na prática da prostituição, com relação ao encontro com o prazer que convergiu nos discursos de grande parte das colaboradoras (2, 3, 4, 5, 6, 8, e 10), foi a questão do consumo:

Colaboradora 3: A menina quando ela entra nessa profissão ... ela acha assim ... que ela vai ganhar rios de dinheiro, e que a vida dela vai ser ótima maravilhosa ... que ela vai ganhar rios de dinheiro. Ganha dinheiro sim, mais você gasta muito também, que você tem que ta sempre bonita, sempre bem arrumada, manter aquele nível de vida, entendeu? Você não pode morar num lugar por exemplo, barato, um lugar feio, porque o cliente não vai ... você tem que se vestir bem, tem que se arrumar, sempre ta bem arrumada. [...] Tem ... tem porque você ganha dinheiro suficiente pra você fazer as coisas sabe [...].

Colaboradora 5: Eu ganho meu dinheiro e ainda me divirto. [...] Então ... o dinheiro que eu ganho nos programas é um extra ... né ... daí eu posso comprar e fazer tudo que eu quero. Porque ... você tem que sempre ta bonita ... né ... tem que ir no salão ... tem que comprar roupa nova ... sabe como é ... né? É que nem uma modelo ... né, que nunca pode ta feia ... porque ... se não ... não tem trabalho ... né.

Colaboradora 8: Ah ... normal a gente vai lá .. vou lá ... quando tem cliente, beleza ... quando não pinta ... eu ganho champagne.

Colaboradora 10: [...] porque como por dia você ganha um valor ... por dia ... você começa a gastar cada vez mais ... essa coisa de comprar ... entra no consumismo já ... sabe ... porque hoje eu tenho R\$100,00 ... amanhã ... se eu trabalhar ... eu sei que a hora que eu sair de lá ... vou sair com R\$600,00 ... entende ... e com R\$600,00 a gente faz um monte de coisa num dia ... é claro que a gente conta com dias que também a gente não faz nada ... a gente faz um show de R\$50,00... um show de *strip-tease* ... mais você sabe que amanhã você tem mais.

Ao que parece, para essas mulheres, a prostituição possibilita ascenderem à sociedade do consumo, a freqüentar lugares requintados, salões de beleza, sentirem-se modelos e terem dinheiro. Vale destacar que, segundo Bauman (1998), a atualidade é marcada pela questão do consumo, na qual os mercados estão sempre buscando um consumidor, demandando uma procura infinita pela satisfação, instigando-nos a sensações e experiências diferentes que surgirão para os que podem ter. Sendo assim, há um divisor de águas, por um lado os que podem arcar com esses desejos, os sujeitos de sucesso e os que não podem, os fracassados.

Lipovetsky (2004), corroborando esta questão, afirma que o ambiente de consumo e da comunicação em massa estimula o sujeito a consumir sem fronteiras, ou seja, o gozar é colocado acima de qualquer coisa. Além disso, segundo Birmam (1999), o indivíduo atual busca exaltar o seu eu, utilizando para isso qualquer forma de aparecer no cenário social. Portanto, a imagem do sujeito é o que se sobrepõe no contexto da atualidade, o fundamental é estar bem vestida, bem arrumada, bem perfumada.

Corroborando essa questão, Kehl (2004, p.158) afirma: “Na sociedade do espetáculo que, como o leitor já percebeu, é a própria sociedade de consumo, o mecanismo que garante ao sujeito a visibilidade necessária para que ele exista socialmente”.

De acordo com Farinha & Bruns (2006), a profissional do sexo busca através de seus programas realizar os sonhos impostos pela sociedade do espetáculo supracitados, possibilitando a essas mulheres usarem vestimentas das grifes mais sofisticadas, celulares de

última moda, almejando um *status* social e poder. Demonstram aí o valor que depositam em suas aparências, em suas imagens e, através da prostituição, conseguem angariar recursos para tanto.

Então, conforme já destacamos, numa sociedade consumista que valoriza a obtenção de bens, a profissional do sexo estaria de certa forma muito bem adaptada a esse contexto pós-moderno. Porém, como Bruns (2001) afirmou, essa questão não passa de uma ilusão de felicidade, até porque sua condição de estigmatizada permanecerá.

Outro ponto que encontramos no discurso de várias colaboradoras (1, 2, 4 e 5) é o desejo de em algum momento abandonar a prostituição, o que pode ser observado nos relatos a seguir:

Colaboradora 2: [...] eu sempre procuro tá fazendo alguma coisa, porque ... eu também não vou ficar nessa vida o resto da minha vida ... né, uma hora ou outra eu vou ter que sair, mais ... eu sempre procuro tá fazendo cursos ... tá fazendo alguma coisa ... sabe ... tá viajando.

Colaboradora 4: Bem, minha idéia de parar, assim já no fim do ano. Que quando eu comecei eu falei assim: eu quero ficar um ano, eu quero juntar uma grana legal. Tá ... eu vou prestar vestibular em janeiro, eu não quero prestar vestibular aqui ... porque é uma coisa, se eu passar e eu continuar aqui, eu sei que vou continuar fazendo isso. Então ... eu vou prestar vestibular na minha cidade, X. no caso, se eu passar ... e com certeza se Deus quiser eu vou passar ... daí eu pretendo ficar morando lá mesmo e levar minha vida normal que eu levava lá.

Porém, diante de tudo que já abordamos em relação à prostituição como um alimento psíquico, a prostituição como uma forma de prazer e a prostituição como uma maneira de ascender à sociedade do consumo, acreditamos ser muito difícil essas mulheres mudarem de estilo de vida ou de profissão.

Ao que diz respeito ao projeto de vida, relacionado à família, podemos perceber um discurso divergente em três colaboradoras (1, 5 e 6), quando estas destacam que ao saírem da prostituição não têm planos de constituírem família:

Colaboradora 1: [...] tanto que não quero ter filhos ... sabe ... não quero casar ... não quero ter filhos. Tipo ... eu quero ter a minha vida ... quero terminar meus estudos ... quero viver minha vida ... fazer uma estrutura.

De acordo com a colaboradoras, diante da decepção que sofreram na infância com relação às suas famílias, decidem seguir sua vida de forma independente, sem que esteja inserido em seus planos constituir uma família, pois, para elas, a instituição família é falida. Conforme destaca Bruns (2004), elas partem para relacionamentos-relâmpago ou para os programas de forma apenas superficial, onde as relações sexuais tornam-se indicadores de potência e poder, buscando apenas fazer uma estrutura material, sem, contudo construir nenhum tipo de laço mais duradouro.

Este desejo dessas mulheres em não constituírem família nos remete a Freud (1929, p.77) ao expor sobre a sexualidade afirma que:

A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana”.

Neste momento nos aproximamos do preceito que rege nossa sociedade, sobre o qual a sexualidade deve estar voltada para fins de procriação e, por este motivo, as relações sexuais devem se restringir ao âmbito da família, composta por um homem, uma mulher e os filhos, cada qual com sua função preestabelecida.

Dessa naturalização do lugar da mulher na sociedade como sendo cuidadora e pertencente ao lar, damos espaço a uma série de fatores que as colocam enquanto submissas a leis masculinas, tendo que se sujeitarem a maus-tratos sem reclamar, pois, a ordem vigente ainda hoje, apesar de enfraquecida pela constituição da família moderna, é a da família dominada pelo homem. Segundo Azevedo (1985, p.58) nos apresenta, a família seria:

O *locus* privilegiado de dominação de um sexo sobre outro, de uma geração sobre outra. É uma instituição ‘androcêntrica’ e ‘adultocêntrica’ assentada num padrão hierárquico de relações inter-sexuais e intergeracionais que exige submissão e obediência da mulher e filhos ao *dono da casa*, de quem são, aliás propriedade com direito de exclusividade.

E é exatamente isso que as colaboradoras não querem para a sua vida, como é possível perceber também nesta passagem:

Colaboradora 5: [...] daí eu fiquei com um carinha lá que era inimigo do meu irmão ... ele só de birra foi lá e contou pro meu pai. Então ... ele ficou muito bravo ... me bateu e me colocou de castigo. E acabou me mandando para esta cidade ... porque me disse ... que era muita vergonha pra ele ter uma filha safada e que toda a cidade tava comentando. [...] Ah ... Um dia eu vou parar ... né ... por isso que eu to estudando, mais ... ainda eu to bem assim ... e vou continuar até quando não der mais. O que eu não quero ... de jeito nenhum é voltar pra casa ... né .. Deus me livre!

Outro aspecto que divergiu também no discurso das colaboradoras (3 e 10) foi em relação aos riscos da prostituição. Apenas estas duas profissionais destacaram a preocupação com DSTs e outros riscos, apesar de todas as colaboradoras afirmarem que usam preservativo:

Colaboradora 3: É difícil porque você tem que ficar com uma pessoa diferente a cada ... cada duas horas do teu dia se fica com uma pessoa diferente, você nunca sabe o que que te espera ... sabe. O cliente marca o programa ... você tá

... se você vai até ele ou se ele vem até você, não importa, você não sabe que tipo de pessoa que vem. Então é bem difícil.

Colaboradora 10: [...] porque eu me arrisco todo dia... de furar uma camisinha ... eu pegar uma doença ... sabe ... eu me ponho a isso todos os dias ... e ao mesmo tempo isso não tem preço ... sabe.

A questão do risco da prostituição é apresentada por Martin (2003), possível de acontecer como por exemplo: violência, DSTs, etc. Porém nenhuma delas chegou a relatar um episódio que tenha sofrido de violência ou de contágio de alguma doença em relação ao período que trabalharam como profissionais do sexo. Acreditamos que tal fato deve-se a um maior conhecimento a respeito de DSTs e outros riscos, o que as leva a usarem preservativo em todas as relações.

HORIZONTES

O caminho percorrido para desvelar a sexualidade das profissionais do sexo foi longo e tortuoso, o leitor que nos acompanhou neste percurso pôde verificar que buscamos compreender este complexo universo, a partir de várias perspectivas.

Nosso ponto de partida foi a história da prostituição, constatando que se trata de uma prática antiga que nos faz viajar a tempos muito remotos, desde o período Neolítico até os dias de hoje, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e a adaptação da prostituição às ordens que se sucedem. Historicamente, esta prática mostra as contradições de uma sociedade hipócrita em relação aos valores da família e da moralidade. Atualmente, mesmo com toda a liberdade sexual conquistada pelas mulheres a partir da década de 1960, o fenômeno da prostituição continua muito presente e carregado de estigmas e tabus.

Esse estigma faz com que se torne universal o discurso dessas mulheres de que entraram e permanecem na prostituição por uma questão de sobrevivência ou de problemas de saúde na família. É comum encontrarmos as profissionais do sexo afirmando que sua prática não passa de um trabalho como outro qualquer, tendo por finalidade ganhar dinheiro. Constatamos que a prática da prostituição de fato é um trabalho, em que o corpo é alugado, assim como o corpo do atleta é alugado, como o corpo do médico é alugado, cada um com sua função e objetivos. Porém, o que é marcante, na prostituição, é o peso, o preconceito e o estigma que essas mulheres carregam, tendo necessidade de uma justificativa e uma racionalização para abordarem as razões que a fizeram ingressar neste ramo.

Entretanto, conforme esclarecemos no decorrer da pesquisa, outros fatores estão em jogo. Inicialmente destacamos a sociedade pós-moderna que está envolta em uma nuvem de consumismo que a domina. A mídia reflete e instiga as pessoas a terem, cada vez mais bens, mais celulares, mais carros, mais roupas da moda, etc.; as empresas desenvolvem produtos mais atrativos a cada momento, criando nas pessoas, através de um *marketing* eficiente, uma demanda sempre insatisfeita de consumir; a imagem e o culto ao corpo tornaram-se produtos,

os centros de estética e as novas tecnologias da medicina vendem corpos esculturais, lindos, cheios de silicone, dando margem ao muito adequado termo proposto por Birmam (1999) a *estetização da existência*. Como resultado, para tornar-se parte da sociedade atual, as pessoas devem adequar-se a essa nova ótica, ingressando na *sociedade do espetáculo*, como denominou Kehl (2004).

Nesse contexto, a prostituição passa a ser a promessa de se atingir a satisfação e a felicidade, mesmo para mulheres que já tenham um elevado padrão de vida, pertencentes às classes A e B. Ou seja, o desejo de conseguir uma visibilidade através do consumo é tão grande que elas são capazes de conviver com preconceitos para sentirem-se pertencentes ao que Bruns (2001) chamou de *mundo de faz-de-conta*. Sendo o principal fator – o consumo que leva à sensação de pertencimento – o que futuramente dificultará o abandono dessa prática.

Um outro aspecto que podemos concluir, em relação à prática da prostituição, é que essas mulheres dizem estar em busca de liberdade e autonomia, não apenas material, mas também sexual e emocional. Caímos na questão do gênero, da necessidade de ir contra as regras impostas pela sociedade, de que apenas o homem teria direito de exercer sua sexualidade livremente, ser provedor, ficando designado às mulheres o âmbito doméstico. Entretanto, constatamos que a sensação de independência existe, porém, é questionada, uma vez que, de certa forma elas mantêm-se subordinadas aos cafetões e aos clientes.

Outro fator que constatamos diz respeito ao contato com os clientes. Para muitas dessas profissionais do sexo, sua relação com os fregueses, em alguns casos, não é apenas comercial, sendo marcada por uma troca de carinhos e afetos. Este ponto também é um atrativo para essas mulheres permanecerem na prostituição, pois suas histórias de vida são imersas em um ambiente familiar desestruturado, com ausência de amor, encontrando nos bordéis pessoas que as tratem, mesmo que momentaneamente, com atenção e apreço.

Para a compreensão da prostituição, invariavelmente temos de olhar o outro lado da moeda, isto é, entendendo que, mesmo com a liberação dos costumes e uma participação mais ativa na vida sexual das mulheres antes do casamento, homens continuam a procurar relações sexuais através de um sexo pago. Sendo assim, julgamos essencial estudarmos o comportamento masculino que busca fora de um relacionamento estável o que poderiam obter com suas esposas e namoradas, nos bordéis. Porque, assim, conseguiremos ter um panorama mais completo sobre a prostituição, já que se trata de uma relação dialética em que ambos são autores e coadjuvantes.

Constatamos também que, em virtude do ambiente familiar desestruturado, muitas dessas mulheres podem apresentar uma dinâmica psíquica que poderia torná-las mais susceptíveis à prostituição. Entretanto não é nosso intuito descrevê-las como sendo patológicas, mas possuidoras de um *phatos*. É importante, então, para os profissionais de saúde ter conhecimento dessas questões para poder acolher de forma clínica, dando voz a essas mulheres. Tendo a psicoterapia um papel importante para auxiliar as profissionais do sexo a lidarem com suas dores psíquicas, pois, segundo Berlink (1997, p.125): “Devemos contar com o *phatos*. Devemos até aprender a tirar proveito dele”. Além disso, Pereira (1998) aborda que a paixão (*phatos*) seria um sofrer que poderia virar sabedoria: “condição de poder ser executado por um outro que sustente a palavra do sofredor até que ela atinja seus extremos de autoengendramento de um sujeito” (p.74).

No âmbito da produção acadêmica, é importante a realização destes tipos de produção de conhecimento, através de pesquisas, com auxílio das agências de fomento, possibilitando a ampliação de informação sobre os assuntos estudados. Conforme já abordamos, nesta pesquisa enfocamos as profissionais do sexo de classe A e B, porém, sentimos a necessidade de ampliar nossos estudos em relação à prostituição. Almejando, desta vez, voltar nossa atenção em direção à prática sexual de clientes que freqüentam os bordéis que como um co-

autor mantêm a prostituição. É o que nos propomos a realizar na nossa pós-graduação *Stricto Sensu*, nível doutorado.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. Adolescência. In: ABERASTURY, A.; COLS.(orgs.). **Adolescência**.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 15-32.

ADLER, L. **Os Bordéis Franceses**. (1830-1930). Tradução Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991. 217 p.

AMATUZZI, M.M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. IN: BRUNS, M.A.T. & HOLANDA, A.F. (orgs.) **Psicologia e Fenomenologia**: Reflexões e Perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 17-26.

ÂNGELO, A. et al. **A prostituição em debate**: depoimentos, análises e procuras de soluções. São Paulo: Paulinas, 1982.

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986. 443 p.

AULETE, J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974. 4438 p.

AZEVEDO, M.A. **Mulheres espancadas**: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985. 176 p.

BAUMAM, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 276 p.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 192 p.

BERLINCK, M. T. O que é Psicopatologia Fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 1, n. 1, 1998. p. 46-59.

_____. O que é psicopatologia fundamental. **Psicanálise e Universidade**. São Paulo: n. 7, p. 115-132, 1997.

BERNSTEIN, D. Angústias genitais femininas, conflitos e modos típicos de domínio: IN; BREEN, D. (org). **O enigma dos sexos**: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade. Tradutor(a): Fernando Náufel, Maria da Penha Ferreira, Tânia Penido. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 195-218.

BERTERO, A. P. A. **Prostituição**: Uma forma de trabalho. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara. 1991. 294 p.

BIDERMAN, M.T.C. **Dicionário contemporâneo de português**. Petrópolis: Vozes, 1992. 965 p.

BIRMAN, J. Se eu te amo, cuide-se. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. In: BERLINK, M.T. (org). **Histeria**. São Paulo: Escuta, 1997. p. 89-132.

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 219 p.

BRAGA, J.M.F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: ÂNGELO, A. et al. **A prostituição em debate**: depoimentos, análises e procuras de soluções. São Paulo: Paulinas, 1982. Cap.7, p.59-76.

BRUNS, M.A.T.; O Olhar do Cotidiano e a Perda da Sensibilidade. In: BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004. p. 11-49.

BRUNS, M.A.T; GOMES JR. Prostituição: o discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. **Jornal Brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**. v.8, nº4: 4-13. Niterói, dez. 1996.

BRUNS, M.A.T. **A prostituição e sua nova embalagem.** Conversando sobre sexualidade. São Paulo: Ômega, 2001. 20 p.

BRUNS, M.A.T. A Redução Fenomenológica em Husserl e a Possibilidade de Superar Impasses da Dicotomia Subjetividade-Objetividade. IN: BRUNS, M.A.T.; HOLANDA, A.F. (orgs.) **Psicologia e fenomenologia:** reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 65-76.

BUENO, F.S. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Fename, 1979. 1151p.

CALLIGARIS, E. **Prostituição:** o eterno feminino. São Paulo: Escuta, 2005. 88 p.

CARNES P, NONEMAKER D, SKILLING N. Gender differences in normal and sexually addicted populations. **Am J Prev Psychiatr Neurol**, 1991. p. 16-23.

CASTRO, R. V. Representações sociais da prostituição na cidade de Rio de Janeiro. In: SPINKY, M. J.(Org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 149-187.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVESTSKY,G. **Os tempos Hipermodernos.** Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 11-48.

D'AGORD, M. Uma construção de caso na aprendizagem. **Pulsional Revista de Psicanálise.** Ano XIII, nº 140/141, p.12 a 21. Dezembro 2000.

DARTIGUES. A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992. 174 p.

DEBUS, M. **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales** Washington: Health Com Agency for International Development. 1994. 97 p.

DICHTCHEKENIAN, M.F. A psicologia em Husserl- um caminho para a psicologia transcendental. In: FORGHIERI, Y.C. (org) **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo, Ed. Cortês. 1984. p. 123-130.

DOLTO, F. **Sexualidade feminina**: libido, erotismo, frigidez. Tradução. Roberto Cortes de Lacerda. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 275 p.

DÖR, J. **Estrutura e Perversão**. Tradução Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FARINHA. G. M.; BRUNS . M. A. T. **Adolescentes profissionais do sexo**. Campinas: Átomo, 2006. 122 p.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223p.

FERRAZ, F., C. **Perversão**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. 88 p.

FORGHIERI, Y.C. Fenomenologia, Existência e Psicoterapia. In: FORGHIERI, Y.C. (org) **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo: Cortês, 1984. p.7-34.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 88 p.

FRANCO, S.G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola. 1995. 271 p.

FREEDMAN, L.P. & ISAACS, S.L, Human Rights and Reproductive Choice. **Studies in Family Planning**. 24 (1): 18-30. 1993.

FREITAS, O. Histórico e causas da prostituição. In: FREITAS, O. **A prostituição é necessária?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1966. p. 01-44.

FREUD, S. (1901) **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In: Obras completas, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol.VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, In: Obras completas, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. (1929) **O mal-estar na civilização**. In: Obras completas, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. (1931) **Sexualidade feminina**. In: Obras completas, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1933) **Conferência XXXIII: Feminilidade** In: Obras completas, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 136 p.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978. 230 p.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson, 2002. 188 p.

GREENWALD, H. **Vendedora de carícias: um estudo social e psicanalítico sobre a vida das call girls**. Tradução Dr. Jacob Wolf Fuks. Rio de Janeiro: Científica, s/d. 286 p.

- GURFINKEL, D. **A pulsão e seu objeto-droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 1. 294 p.
- HAWKES, G. **A Sociology of Sex and Sexuality**. Buckingham: Open University Press, 1999.
- HOLANDA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1840 p.
- HOLANDA, A. F. Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: Elementos para um Entendimento Metodológico. IN: BRUNS, M.A.T.; HOLANDA, A.F. (orgs.) **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.
- HUGUES, D. Prefácio. In: PIRES, J.M., **O grito de milhões de escravas**: a cumplicidade do silêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. 227 p.
- KEHL, M.R. O espetáculo como meio e subjetivação. IN: BUCCI, E.; KEHL, M.R. **Videologias**: Ensaio Sobre a Televisão. São Paulo: Boitempo, 2004. 254 p.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 554 p.
- LAQUEUR, T. **Making Sex**: Body and Gender From the Greeks to Freud. New York: Harvard University Press, 1992. 336 p.
- LEITE, J. L. **República do mangue**: Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro(1954-1974). São Caetano do Sul: Yendis, 2005. 142 p.
- LIMA, D. M. **Comportamento sexual do brasileiro**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1976. 220 p.
- LINS, R.N. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 337 p.
- LIPOVESTSKY,G. **Os tempos Hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. 129p.

MACIEL, J.C. Franz Clemens Brentano e a Psicologia, In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. (Orgs). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 27-40.

MARCONDES, D. **Textos Básicos em Filosofia**: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 188 p.

MARTIN, D. **Riscos na prostituição**: Um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003. 246 p.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes / EDUC, 1994. 110 p.

MCDUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros**: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 272 p.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 78 p.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

NASCENTES, A. **Dicionário ilustrado da língua portuguesa da academia brasileira de letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. 1972 p.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomanias**. São Paulo: Escuta, 1999. 127 p.

OUTEIRAL, J. **Donald W. Winnicott**: estudos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 128 p.

PARENT-DUCHATELET, A. J-B. **História da prostituição**: Idade Antiga/ Idade Média/ Idade Moderna. São Paulo: Júpiter, 1955. 308 p.

- PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no brasil contemporâneo. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991. 296 p.
- PEREIRA, M. E. C. . Formulando uma Psicopatologia Fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. I, n. 1, p. 60-76, 1998.
- PEREIRA, A. **Prostituição**: uma visão global. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976. 180 p.
- PIRES, J.M., **O grito de milhões de escravas**: A cumplicidade do silêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. 218 p.
- PIZANI, M. **Formas de Prazer**. Rio de Janeiro: Record, 1994. 176 p.
- QUALLS-CORBETT, N. Q. **A Prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. Tradução Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1990. 218 p.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite**: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 324 p.
- REZENDE, A. M. de. Fenomenologia e Dialética in: FORGHIERI, Y. C. (org.) **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez, 1984. p.35-48.
- REZENDE, A. M. **Concepção Fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortês. 1990. 97p.
- RICOEUR, P. **Da interpretação**: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RIVERA, T. Fetiche. **Revista Percurso**. nº19, 1997.
- ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução Whores in History. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1998. 459 p.
- SAFFIOTI, H., **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 152 p.

SANTOS, (2002) Prefácio. In: MARTIN, D. **Riscos na Prostituição**: Um olhar Antropológico. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003. p. 11-33.

SCABELLO, E. H. **Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal**: discursos de homens e mulheres. 2006. 327 p. Dissertação (mestrado). FFCLRP/ Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SILVA, R. CA falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. EM G. Romanelli e Z. M. M. Biasoli-Alves (Eds.), **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa** (pp. 159-174). Ribeirão Preto, SP: USP Pós-graduação em Psicologia, 1998.

SIMON, C. P. Prostituição juvenil feminina: uma abordagem compreensiva. 1999. 205p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto/SP.

SIMON, C. P.; SILVA, R. C.; PAIVA, V. Female juvenile prostitution and AIDS prevention programs in Brazil. **Rev. Saúde Pública**. [online]. 2002, vol. 36, no. 4, suppl. [cited 2006-09-13], pp. 82-87. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000500012&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0034-8910. doi: 10.1590/S0034-89102002000500012.

SOUZA, I. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo: Annablume, 1998. 160 p.

TORRES, G. V.; DAVIM, R. M. B. e COSTA, T. N. A. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. [online]. 1999, vol. 7, no. 3 [citado 2006-09-11], pp. 9-15. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

11691999000300003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-1169. doi: 10.1590/S0104-11691999000300003.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 204 p.

VIEIRA, E. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. 84 p.

VILLELA, W.V.; ARILHA, M. Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos. In: BERQUÓ, E. (org) **Sexo e Vida**: paronama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Unicamp, 2003. p. 95-149.

WILLY, A.; COL. **Conjunto dos conhecimentos sexuais da vida contemporânea**. São Paulo: Ibtasa. S.A., 1961.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Tradutor(a): José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 203 p.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/FFCLRP-017/2006-25.05.06

Prezada Senhora:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "PROSTITUIÇÃO: PATOLOGIA, TRABALHO, PRAZER? O DISCURSO DAS MULHERES PROSTITUTAS" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 52ª Reunião Ordinária realizada em 25/05/2006, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 240/2006 – 2006.1. 298.59.7

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Prof. Dra. ADELAIDE DE ALMEIDA
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo Senhor
ROBERTO MENDES GUIMARÃES
Aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
desta Faculdade

c/c. PROFA. DRA. MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS

ANEXO B

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Psicologia e Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Anuência do entrevistado)

(De acordo com a Resolução nº196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde – Brasília – DF)

Nome da pesquisa:

Prostituição: Patologia, Trabalho, Prazer? O discurso das mulheres prostitutas.

Pesquisador responsável: *Roberto Mendes Guimarães*

Orientadora: *Professora Doutora Maria Alves de Toledo Bruns*

Registro Profissional nº - CRP 06/80445

Srª Colaboradora:

Sou Psicólogo, graduado pela Universidade Federal do Paraná, e mestrando em Psicologia, pelo Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e estou realizando uma pesquisa sobre as profissionais do sexo. Tenho como objetivo conhecer a sua história de vida a partir de seu relato. Com a finalidade de compreender as razões porque você escolheu trabalhar nessa área e, além disso, conhecer o que significa ser uma profissional do sexo para você. Essa pesquisa se justifica porque pode ampliar e possibilitar novas maneiras de compreender a vivência das profissionais do sexo, auxiliando na efetivação de possíveis projetos de intervenção. Podendo, assim, ajudar a quebrar pré-conceitos e estigmas, tão marcantes nessa prática. Eu vou apresentar a você uma pergunta, se você não entendê-la poderei apresentá-la de uma outra maneira. “*Gostaria que você falasse a respeito de sua história vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta, relacionando com aspectos de sua vida sexual*”. Caso você não compreenda a questão, será reformulada do seguinte modo: “*Gostaria que você me falasse de como vivenciou sua sexualidade ao longo de sua vida, desde a infância até a atualidade*”. Peço a você autorização para gravar sua resposta. Antes, porém, quero explicar-lhe que sua participação é voluntária, que não implicará em nenhum tipo de gasto e também que seu nome não será exposto no trabalho. Vou utilizar outro nome ou um número. É de sua escolha o local e o horário da entrevista; você poderá interromper; não responder algumas perguntas ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de discriminação ou retaliação por minha parte. Quero lhe dizer também que, coloco-me ao seu inteiro dispor para todos os esclarecimentos necessários e dúvidas através do e-mail betoguimaraesr@hotmail.com; pelo telefone (016) 9791-3538 ou pelo endereço: Av. do Café, 2691. Vila Amélia. Ribeirão Preto.

CERTIFICADO DE CONSENTIMENTO

Eu (nome do entrevistado) _____
RG nº _____ após tomar conhecimento das informações referentes à
minha disposição em participar desta pesquisa, e, ciente dos meus direitos abaixo
relacionados, concordo em participar deste estudo, declarando conhecer os termos da
pesquisa.

- 1- Minha participação é totalmente livre e espontânea;
- 2- O local e o horário da entrevista a ser realizada serão por mim escolhidos;
- 3- Em hipótese alguma minha identidade será revelada, sendo meu nome substituído por um fictício, ou por um número;
- 4- A qualquer momento que desejar, posso: interromper, não responder a algumas perguntas ou desistir da entrevista, sendo prontamente atendido.
- 5- Minha desistência não repercutirá em qualquer forma de retaliação ou discriminação.
- 6- É garantido pelo pesquisador que não terei gastos extras por participar desta pesquisa.

Tenho ciência do exposto acima e autorizo minha entrevista como parte dos dados da
pesquisa *“Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O Discurso das Mulheres Prostitutas”*.

Local e data: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO C**ROTEIRO PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA CARACTERIZAR O
PERFIL DAS COLABORADORAS**

1. Nome
2. Idade
3. Idade que iniciou na profissão
4. Estado civil (casada/parceiro(a) fixo) quanto tempo?
5. Religião
6. Irmãos
7. Filhos
8. Escolaridade
9. Tempo na cidade atual
10. Local de atuação
11. Classe social
12. Preço do programa
13. Número de programas diários
14. Número de cliente fixo
15. Clientela (homem/mulher)
16. Usa preservativo

ANEXO D

QUESTIONÁRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA

1) Quem é o chefe da família?

2) Qual o grau de instrução do chefe da família?

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário incompleto/ Ginásial incompleto	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	2
Colegial completo/ Superior incompleto	3
Superior completo	5

3) Quais itens abaixo a sua casa possui?

	Nenhum	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer	0	1	1	1	1

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL*

Classe	Pontos	Total Brasil (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

* Critério de Classificação Econômica Brasil, de acordo com a ABEP (www.abep.org).

ANEXO E

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Colaboradora 1

Entrevista realizada em 11 de agosto de 2006

Elisabeth tem 18 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é adventista do 7º Dia. Possui um irmão de 24 anos. Não tem filhos. Está cursando o primeiro ano de uma faculdade particular de estilismo no Paraná. Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou para outra cidade do mesmo estado há aproximadamente 6 meses (em fevereiro de 2006). Atua como garota de programa em casa, recebe em média R\$150,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média de 3 a 4 programas diários. Sua clientela é formada basicamente de homens, mas não vê problema em atender mulheres. Possui quatro clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Foi tranqüila ... morei sempre com meus pais ... quando era pequena nunca tive falta de nada ... nunca tive nenhum trauma sexual ... nada disso ... foi literalmente tranqüila. Mas ... a partir dos meus 8 anos meus pais separaram ... a partir desse momento eu entrei em depressão. *Aos 8 anos?* Aos 8 anos. Então ... eu fiquei revoltada ... porque meu pai começou a me rejeitar ... aí eu tive que fazer tratamento psicológico ... eu chorava demais por ele não gostar de mim. Até ... mais ou menos meus 13 anos ... daí ... depois ... meio que eu me conformei sabe? Daí ... eu estudei, ... sempre estudei normal ... aí depois ... voltou novamente ... Aí ... eu fui conversar com ele ... falando que eu não queria dinheiro ... nada dele. Só queria que ele simplesmente me ligasse ... falasse que gostava de mim ... se preocupasse comigo ... Aí a gente teve uma discussão feia ... que ele não poderia ... que não teria tempo pra isso ... ele tem tempo só pra depositar dinheiro ... e olha lá ainda ... porque dar tempo só pra mim ... ele não teria. *Fale-me um pouco mais de sua relação com seus pais.* Eu morava com minha mãe ... Aí eu prestei vestibular lá em * e não passei ... aí ... eu prestei aqui (cidade atual). Aí ... tipo ... eu resolvi ... peguei minhas coisas e vim embora pra cá. E ... tanto que eu não tava precisando ... não precisava fazer programa (silêncio). *Fale-me um pouco mais disso.* Eu perdi minha virgindade aos 14 anos ... que foi uma coisa bem chata ... foi uma coisa forçada ... que ... tipo ... meu namorado forçou o que eu não queria. Minha mãe não queria ... só depois do casamento ... eu tinha isso como um tabu. Aí ... foi uma coisa meio forçada ... meio que violentada ... eu acabei ficando grávida ... daí ... eu tive um aborto ... tive que abortar ... porque não queria. (silêncio) *Esse fato ocorreu quando você tinha que idade?* Aos meus 14 anos ... não queria. Aí ... eu já tinha raiva de homem ... sabe ... aí ... desde então ... eu nunca mais quis me envolver com ninguém ... assim ... não me envolvia ... não ficava ... tinha nojo de homem ... não suportava. Desde então ... nunca mais fiquei com ninguém. *Como era isso?* Ah ... só brincava com amigas ... sabe? Mas relação séria ... assim ... não. *Brincando?* Brincando ... tipo de dar selinho ... dar beijo na balada ... assim ... tipo ... zoar com os meninos ... falar que é namorada ... mais nada ... Relação de maneira alguma. Aí ... tipo ... por eu achar que tenho trauma ... sabe ... aí ... como eu vim pra cá ... aí ... tipo ... eu não gostava ...

eu tenho horror a homem ... eu tenho nojo de homem ... sabe. Aí eu vim pra cá ... acabei discutindo novamente com meu pai, em questão de eu estar aqui ... sabe ... aí ... eu decidi fazer isso pra ele se importar comigo ... sabe ... meio que uma revolta (silêncio). *E como a decisão de vir para esta cidade?* Aí que eu resolvi ... tinha uma amiga que já fazia isso...(silêncio). *Conte um pouco desse começo para eu entender?* Não ... no começo eu morei em república ... nos primeiros meses ... aí ... tinha uma amiga que já morava aqui ... que fazia isso... mais velha ... aí eu resolvi ... sabe ... deu na minha cabeça ... e ... eu resolvi ... tipo ... eu vou porque ... assim ... é um modo que a gente ganha dinheiro muito fácil sabe. Eu não quero mais depender de ninguém ... vou fazer isso ... apesar de eu não gostar ... No meu primeiro programa eu chorei de mais ... sabe ... foi terrível ... assim ... senti muito nojo de mim ... até hoje eu vou fazer programa ... eu sinto muito nojo ... mas foi sossegado ... não que eu esteja me acostumando. Aí ... eu voltei ... vou pra balada ... fico com os meninos ... minha vida normal ... assim ... apesar do preconceito ... não que eu tenha tanto preconceito ... mas eu sofro bastante com preconceito ... medo que alguém da faculdade descobrir ... essas coisas. Mas ... nada de mais ... estou fazendo isso agora para não depender mais de ninguém ... sabe ... pra mim ter minha vida ... eu vou pra faculdade ... aí quando eu terminar de pagar a faculdade eu paro ... entende? (silêncio) *Fale um pouco mais como é esse negócio de ter nojo de homem?* Já ... já tive ... depois que estive aqui ... já... agora faz um mês que estou com um namoradinho ... que eu tive relação com ele ... mas não faz nem um mês que a gente está junto. E ... é fora dos programas. Mas ... antes disso nunca mais tive namorado (silêncio). *E você conta pra ele?* Não ... não ... eu quero contar sabe ... que eu odeio mentir. Eu quero contar ... mas agora no momento ainda não dá ... tem que ir conversando aos pouquinhos.... Mas ... a questão de ter nojo dos homens... porque ... tipo ... eles são literalmente grossos... *Dos homens em geral ou dos homens que você faz programa?* Agora até eu to mudando minha cabeça ... porque ... tipo ... homem é sem amor ... ainda mais agora que eu to fazendo programa ... que eu vejo ... deixa a família ... deixa filho ... não tão nem aí ... sabe ... são muito sem amor próprio ... então ... não tão nem ligando se você tem sentimentos. Então ... eu acho que eu criei isso pra mim ... entende? Que homem não presta, esse tipo de coisa. E ainda mais que eu to fazendo isso agora ... eu tenho mais ainda certeza. Mas ... eu acredito que tem exceção ... lógico ... não existe só pessoas ruins nesse mundo. Mas ... tipo ... eu criei nojo dos homens por meus pais terem se separado ... da maneira que foi ... por traição ... e ... depois ainda ter acontecido aquilo comigo ... então ... eu acho que criei algo na minha mente psicológica que eu peguei nojo ... não conseguia olhar pra homem que eu sentia nojo. Os meninos vinham conversar comigo e eu saía fora. Faz um ano que eu comecei a ficar ... eu não ficava (silêncio). Eu acho que tudo envolveu ... sabe ... eu acho que marcou mais pra mim foi os meus 14 anos ... quando ... foi ... foi uma coisa de família ... que isso ao decorrer do tempo ... tipo a gente acostuma ... a gente vê com outros olhos ... igual hoje eu vejo a separação dos meus pais ... com outros olhos ... acho que isso ao decorrer do tempo. Ah! ... tu acostuma. Mas ... quando é feita uma coisa que você não gosta ... que tu acaba ficando grávida ... mexe com criança ... e ... tu tem que abortar porque tu não quer ter aquele filho ... aí ... tipo ... mexe mais com ti ... sabe... eu acho que mexeu mais comigo isso. ... Um minutinho (pausa, sai do quarto para falar com a amiga). *Então você estava falando dos seus 14 anos, que você disse que marcou bastante.* Eu acho que marcou ... mais ... porque ... a separação dos meus pais ... lógico ... vou ter que conviver com isso ... dos meus 14 anos vou levar pra vida inteira ... isso vou carregar pra sempre, tanto que não quero ter filhos ... sabe ... não quero casar ... não quero ter filhos. Tipo ... eu quero ter a minha vida ... quero terminar meus estudos ... quero viver minha vida ... fazer uma estrutura. Quem sabe mais pra frente ... ninguém sabe do futuro ... se eu acabar me envolvendo quem sabe eu case ... quem sabe eu tenha filhos, mas isso eu vou carregar comigo ... sabe ... uma coisa da minha cabeça assim...(silêncio) *Gostaria que você retomasse aquela parte que conforme me disse*

contribuiu para começar a fazer programa, que você também fazia para chamar atenção, fale um pouco mais sobre isso? Ah tá ... a questão de ... pra chamar a atenção do meu pai ... por ele me rejeitar ... falar que não gostava... (silêncio). E ele sabe? Não sei se agora ele descobriu... porque ... por causa do meu olho ... assim ... talvez ... por que eu tenho o olho dele ... sabe, mas agora ... no momento eu to de lente ... mas meu olho é muito parecido com o dele (no site da internet para garotas de programa aparecem o seu corpo e do rosto apenas os olhos dela). Um amigo dele chegou a me ligar e fazer algumas perguntas ... e ... eu queria chamar a atenção dele sabe? Pra ver como ele se importa comigo, como ele fala que não gosta de mim ... que não sou filha dele ... sabe ... pra ele se importar um pouco comigo ... pra ver o que que eu to fazendo. Mas ... também é por isso ... e ... também pra mim pagar minha faculdade ... pra não precisar dele ... e ... também não ficar precisando de minha mãe. (silêncio) Então tá bom, acho a gente pode ficar por aqui. Tudo bem. Agradeço sua participação.

Colaboradora 2

Entrevista realizada em 12 de agosto de 2006

Luiza tem 28 anos, iniciou como garota de programa aos 22 anos de idade, é solteira, tem namorado a um ano. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 19 anos e outro de 23 anos. Não tem filhos. Tem o segundo grau completo. Iniciou a faculdade de Contabilidade a qual desistiu após dois anos por não gostar do curso. Sua família reside em uma cidade no interior do Paraná. É pertencente à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para sua cidade atual há aproximadamente 6 meses (em fevereiro de 2006), vinda de outra cidade do interior do Paraná. Atua como garota de programa em motel, residência, flat e hotel, recebe em média R\$200,00 por duas horas de programa. Faz em média de 5 a 8 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui cinco clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

A minha infância ... assim ... eu não morei com os meus pais, porque minha mãe ... era mãe solteira ... e ... logo depois ... minha mãe veio a falecer ... quem me criou foi minha avó, e logo com 15 ... 16 anos eu já fui ... já saí de casa ... e fui morar sozinha ... e desde então eu só moro sozinha ... sempre divido ... assim ... despesa com alguma amiga e nunca to numa cidade só. Sempre ... eu fico ... assim ... um ano ... dois anos ... numa cidade depois vou pra outra, né ... mais nessa vida ... assim ... foi com 22 anos que eu comecei. (silêncio) *Como é que foi isso? Essa entrada nessa vida?* Eu conheci uma pessoa ... uma mulher ... uma senhora ... o nome dela é C., e ... ela tinha uma casa noturna, e ... daí ... acabei conhecendo ela ... e ... ela me chamou pra trabalhar com ela ... e ... eu aceitei ... foi aí que eu comecei a trabalhar com ela ... depois ... comecei a trabalhar sozinha, fiquei com ela acho que uns 2 anos e ... depois fui morar sozinha. (silêncio) *E como é que foi isso? Você sair dessa casa?* Olha ... no começo ... às vezes ... a pessoa vê assim ... e pensa que é fácil ... mais não é ... é muito complicado ... é muito difícil. No começo eu queria desistir porque ... assim ... é uma vida totalmente diferente ... cada dia você tá com um homem e ... assim ... você não tem que escolher ... sabe ... seja alto ou baixo ... magro ... sujo ... limpo ... você não tem que escolher ... então ... é muito complicado e ... é difícil ... então ... pra mim ... o começo foi muito difícil e ... às vezes a pessoa quer que você beba e você não quer beber. Isso na casa ... isso ... às vezes lá na casa ...

quando eu tava. Agora ... como a gente trabalha sozinha ... então ... você ... né ... não tem que beber nada ... né ... e ... mais lá quando eu morava com ela ... no começo que eu fiquei lá 2 anos ... 2 anos e meio com ela ... então ... foi bem difícil pra mim, que daí ela fazia a gente beber ... sabe ... é muito difícil. Agora ... hoje em dia ... já acostumei com essa vida que eu levo. (silêncio) *Então conta pra mim como é essa vida que você leva?* É assim ... é ... eu levanto de manhã ... eu tenho ... eu não uso *site* ... as meninas ... tem algumas que usam e colocam foto ... né ... na internet ... às vezes não colocam do rosto ... colocam só do corpo. Eu não uso ... eu só ... eu ponho telefone ... anúncio no jornal ... telefone e aí as pessoas ligam ... daí eu marco com a pessoa ... e ... é o dia inteiro ... desde a hora que eu levanto ... às vezes eu to dormindo ... é 4 horas da manhã que alguém liga ... eu acordo e vou. O horário que a pessoa ligar e falar ... aí ... eu vou ... e é essa vida de manhã ... até ... às vezes ... você não tem tempo nem pra dormir ... aí o tempo que eu tenho uma folguinha eu vou pra * ... pra ver minha avó ... minha avó mora lá ... né. Aí ... eu vou ... fico uma semana ... duas semanas ... daí volto de novo ... que minha avó ... ela é bem de idade ... ela é doente ... então ... eu tenho que cuidar dela ... né ... então ... eu mando dinheiro ... porque já deu derrame duas vezes nela, então ... eu mando dinheiro ... né ... pra saúde dela, mais fora isso ... assim ... eu não tenho ... assim ... família ... pai ... mãe ... tenho somente dois irmãos que moram com ela também ... que eu ajudo eles ... né. *Você falou que sua mãe é falecida, e seu pai?* Meu pai ... eu não conheci ... eu nem sei se é vivo ... se não é ... eu nem cheguei a conhecer ... que minha mãe ... quando ela me teve ... meu pai já tinha largado dela já ... né ... é o que minha avó conta ... minha mãe ... quando ela faleceu ... eu tinha 7 anos. (silêncio). *Você falou que é uma vida diferente, como é essa vida?* Olha ... não é questão de gostar ou não gostar, não adianta eu falar ... assim que eu gosto e ... também não adianta eu falar que eu não gosto ... se eu não gosto porque que eu não vou procurar uma coisa melhor? ... Só que ... hoje em dia tudo é muito difícil ... tudo é muito complicado ... sabe ... eu ... o dinheiro que eu pego eu procuro investir em alguma coisa ... eu tenho um monte de cursos ... eu faço um monte de cursos ... sabe ... assim ... se tenta fazer uma faculdade ... tanto que eu comecei a fazer ... daí eu parei ... mais ... assim, eu sempre procuro tá fazendo alguma coisa, porque ... eu também não vou ficar nessa vida o resto da minha vida ... né, uma hora ou outra eu vou ter que sair, mais ... eu sempre procuro tá fazendo cursos ... tá fazendo alguma coisa ... sabe ... tá viajando. *Então você falou que tem o lado bom e o lado ruim, me fala um pouco mais disso?* Oh ... o lado bom ... é que você conhece muita gente boa ... você ... eu tenho ... assim ... muitas pessoas que me tratam ... ou não me tratam como ... sabe ... assim ... uma garota de programa ... me tratam como uma pessoa normal ... que me levam pra passear ... me levam pra jantar ... chega nos lugares comigo ... sabe ... e ... esse é o lado bom. O lado bom ... do dinheiro ... porque você ganha muito dinheiro ... do mesmo jeito que você ganha ... ele vai também ... só que você pode ter uma comodidade de vida melhor ... né ... quer dizer ... a minha avó ... ela é doente ... já teve uma situação boa ... e agora não recebe quase nada ... só a aposentadoria ... então eu preciso mandar dinheiro pra comprar remédio ... então ... eu preciso mandar dinheiro pros meus irmãos ... então ... se eu tivesse trabalhando numa empresa ... aí ... pra ganhar R\$800,00 ... R\$1000,00 não dava pra viver né ... e ... a renda que eu tenho mensal ... então ... dá pra mim sobreviver. E o lado ruim ... é porque ... tem dias ... assim ... sabe ... que você para ... pensa ... que que você tá fazendo nessa vida ... sabe, porque que você não tá fazendo uma faculdade, porque que você não tá em casa com a sua família ... com seus irmãos ... com a sua avó ... e ... porque ... assim ... do mesmo jeito que você encontra pessoas bacanas ... você encontra pessoas ... assim ... sabe ... ignorante ... que às vezes te trata de um modo ... assim ... como se você fosse qualquer uma ... e ... não é bem assim ... né ... a gente é ser humano também ... a gente tem sentimentos ... do mesmo jeito. Tem pessoas que te tratam bem ... mais ... tem pessoas que já não sabem tratar. (silêncio) *Quando você iniciou com essa senhora, como foi esse processo?* É ... ela se aproximou ... falou comigo ... tava eu e outra amiga minha ... acho que deve ser dessas

mulheres ... que passam nos lugares ... vê garota ... para ... conversa ... e acabou conversando com a gente ... né ... chamou a gente pra ir ... a gente pegou e foi, resolveu ir ... e ... eu fiquei dois anos ... lá ... com ela. Fui ... na primeira noite ... assim ... que eu não bebia ... a primeira noite eu lembro que ela me fez beber bastante ... daí ... eu comecei a beber ... nunca usei droga ... droga ... essas coisas ... eu nunca usei ... assim ... ela forçava a gente a beber ... forçava ... às vezes a gente não queria sair com o cara e ela forçava ... a gente saía com aquela pessoa por causa do dinheiro ... só ... que daí ... era metade do programa que a gente fazia e metade ficava com ela ... então ... era horrível ... sabe ... aquela época ... lá ... eu vou dizer pra você ... era a pior época da minha vida. (silêncio) *Gostaria que você me falasse um pouco mais de sua vida sexual?* É ... assim ... normal. *Como é que é normal?* Normal ... pra mim é normal ... como se ... como que eu posso dizer ... depende da pessoa ... isso tudo depende ... tem pessoa que você tá ali ... que você não vê a hora que acabe ... que você não gosta. Não é todos que eu beijo ... não beijo ... que eu acho que beijo é uma coisa muito íntima. *Quais você beija?* Esses ... assim ... que são os fixos ... que eu já conheço ... que eu já tenho uma certa ... sabe ... um pouco mais ... mais assim ... se eu saio a primeira vez com a pessoa ... assim ... geralmente eu não beijo não ... né ... mais tem pessoas ... assim que é agradável se tá ... mais ... tem pessoas que não ... claro que você não pode demonstrar ... né ... tem que ficar normal ... fingir que tá gostando. *Como é que é isso?* É normal ... mesma coisa que se tivesse um namorado seu que você gostasse ... a pessoa tá ali ... a pessoa quer carinho ... tem que dar carinho pra ele ... é normal ... tem que tratar normal. *Eu queria que você me falasse um pouco mais desse gostar? Porque você diz normal, e o normal ele varia, o meu normal é uma coisa, o seu normal é outra coisa?* O normal pra mim ... é assim ... eu to ali ... ponho na minha cabeça que eu to ali ... to fazendo meu trabalho. Então eu ... não ... é ... eu to ali com a pessoa ... eu não fico imaginando ... assim ... com a pessoa ... ah ... é meu namorado ... e tal ... né ... eu não imagino isso ... eu imagino que é meu trabalho ... que eu to ali com a pessoa ... que é um momento ... que eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer ... entendeu? Só ... que eu procuro dar carinho ... procuro dar prazer pra pessoa ... trato a pessoa bem ... entendeu? Mais ... não é aquela coisa ... assim ... que eu goste ... tem pessoas que é agradável, que dá prazer de você tá ... como tem pessoas que não é. Então ... é normal ... isso ... eu ponho na minha cabeça que é meu trabalho ... e ... é meu trabalho. *Como é esse prazer que você falou?* Olha ... com relação ao prazer ... é muito complicado ... porque quando você sai com várias pessoas, fica difícil ... sabe assim ... mais ... é igual eu falei pra você ... tem pessoas que é agradável você tá com a pessoa. Depende da pessoa ... que nem eu falei pra você ... tem pessoa, aquela pessoa que você já tem mais certa intimidade ... que você ... né, que é aquele teu cliente fixo, se sai várias vezes com a pessoa ... tem ... não adianta falar que não tem ... porque tem. Tem ... prazer e orgasmo ... entendeu? Mais ... aí ... depende muito da pessoa ... muito mesmo ... a maioria das vezes não. (silêncio) Mais ... depende muito da pessoa. (silêncio). Pra mim ... eu não gosto muito de moleque ... eu sou muito nova ... e ... às vezes ... eles tem a cabeça muito pequena ... e começa a falar umas coisas que não tem nada a ver ... então ... que queria que fosse uma pessoa mais velha que eu. Sabe assim ... são muito bobos ... assim, ficam falando uma coisa que não tem nada a ver. Então ... eu acho que nessa idade ... de 40 anos ... de 30 pra cima é uma idade boa. Mais ... pra mim ... assim ... não importa a idade. *E o que mais importa?* Pra mim ... o que mais importa é o jeito que o cara me trata ... né ... que eu acho que eu sou um ser humano ... que a pessoa tem que me tratar normal ... tem que me tratar bem ... do mesmo jeito que eu trato a pessoa. Então ... eu acho que vai mais disso. (silêncio) *Você falou que o pessoal que vem aqui é uma pessoa que procura carinho, como é isso?* É ... geralmente a pessoa vem ... reclama ... alguns são casados ... reclamam da mulher em casa ... aí vem ... te procura ... que quer carinho ... essas coisas. Acho que é isso. *Então, muito obrigado por sua participação, só retomando que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 3

Entrevista realizada em 14 de agosto de 2006

Filó tem 24 anos, iniciou como garota de programa aos 23 anos de idade, é solteira e tem namorado há três meses. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 32 anos e outro de 38 anos. Não tem filhos. Trancou o primeiro ano de uma faculdade particular de Administração no Paraná. Sua família reside em uma cidade no interior do Paraná, seu local de origem, e tem a classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para sua cidade atual há aproximadamente 12 meses (em agosto de 2005). Atua como garota de programa em casa, recebe em média R\$150,00 a R\$ 200,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média de 4 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui alguns clientes fixos (não especificou) e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Olha minha infância foi normal ... eu acho que foi ... de pais separados mais fora isso foi normal. Adolescência normal ... eu acho que. *Mais o que você chama de normal?* Normal como todo mundo, na infância eu brincava ... tinha tudo que eu queria ... mas, rica muito rica eu nunca fui, classe média. Adolescência também foi normal, eu perdi minha virgindade com 17 anos e ... só também assim ... tinha convivência tanto com meu pai quanto com a minha mãe muito boa, tenho ainda. Só que eles são separados. *Com que idade você estava quando eles se separaram?* Ah tava com 14. *14 anos?* (silêncio) *Como foi esse processo de você vir pra esta cidade, como é que foi isso?* É porque eu tava desempregada, não estava fazendo nada ... É, eu não tava estudando e tava meio ... a nossa situação deu assim uma baixada, meu irmão ficou doente tal ... então né ... ficou meio ... meio que sem dinheiro, daí eu decidi vir prá cá. E eu já ia vir mesmo pra eu estudar, né. Então daí pra ajudar ... pra complementar, conheci umas amigas que já faziam né ... então eu comecei a fazer. *Mais como é que foi isso, como foi esse processo de entrada? Conta para eu entender.* É tipo assim ... é quando você vê que o dinheiro é rápido ... se fala ... uma amiga chegou pra mim e falou, ah que eu tava reclamando ... não, eu to dura, to sem dinheiro e tal, daí minha amiga chegou e falou ... oh, eu tenho uns esquemas aí que eu faço, se você quiser ver se dá ... daí foi assim, eu comecei a ver que ganhava muito dinheiro ... não é fácil sabe ... mais é rápido ... então foi assim que eu comecei. (silêncio) *E como é pra você estar nessa área?* Não, não é uma coisa que eu gosto ... é muito difícil mais é (silêncio). *Mais porque que é difícil?* É difícil porque você tem que ficar com uma pessoa diferente a cada ... cada duas horas do teu dia se fica com uma pessoa diferente, você nunca sabe o que te espera sabe. O cliente marca o programa ... você tá ... se você vai até ele ou se ele vem até você, não importa, você não sabe que tipo de pessoa que vem. Então é bem difícil. *Mais o que te incomoda?* O que eu não gosto? Ah ... tem muitos velhos né, alguns que não são tão higiênicos né ... assim e tal ... isso que incomoda bastante. (silêncio, parou de falar) *Eu gostaria de entender como você vivenciam essa prática sexual?* A menina quando ela entra nessa profissão ... ela acha assim ... que ela vai ganhar rios de dinheiro, e que a vida dela vai ser ótima maravilhosa ... que ela vai ganhar rios de dinheiro. Ganha dinheiro sim, mais você gasta muito também, que você tem que ta sempre bonita, sempre bem arrumada, manter aquele nível de vida, entendeu? Você não pode morar num lugar por exemplo, barato, um lugar feio, porque o cliente não vai ... você tem que se vestir

bem, tem que se arrumar, sempre ta bem arrumada. *Mais como é que é isso, você pega esse dinheiro, pensando em gastar em função do cliente ou em função de você?* Claro ... a gente pensa na gente, mais muito pouco que sobra, porque você tem que pagar *site*, você tem que pagar foto, você tem que sempre ir no cabeleireiro, no salão, entendeu, então sobra pouco. *E teria algum ponto positivo em fazer programa?* Tem ... tem porque você ganha dinheiro suficiente pra você fazer as coisas sabe ... e se você souber ... pra você entrar nessa vida e dizer que vale a pena ... então você tem que saber administrar o dinheiro ... se não não adianta. *E você acha que vale a pena ou não vale?* Não ... valer a pena ... não vale entendeu, se você tiver uma outra opção, não vale a pena. Eu só comecei mesmo porque eu não tinha outra opção. Eu tava desempregada ... não tava ... tinha chegado aqui a pouco tempo, não conhecia ninguém, então foi por isso que eu comecei, não tinha conhecimento ta ... de trabalho nada e ainda tava estudando ... então foi por isso que eu comecei. *Como foi essa questão do estudo, porque você decidiu abandonar a faculdade?* Então ... eu comecei a faculdade, meu tio que bancava a faculdade pra mim e tudo ... se eu continuar estudando ele vai bancar, só que tava muito difícil, eu sei que minha família não é rica ... sabe ... e a gente tava meio sem dinheiro ... e tudo ... eu tava ... ele ... eu vim pra cá com a intenção de estudar ... ele pagar a faculdade, mais eu arrumar logo em seguida um emprego quando terminasse a faculdade, entendeu? Aí eu conheci essas pessoas que me falaram tal ... daí eu comecei a ver que tava ... que eu ganhei dinheiro e que eu tava tranqüila né. *E além da questão do dinheiro, como é pra você fazer isso, existe algum outro atrativo?* Além do dinheiro não tem nada de mais ... de bom não. Porque ... mesmo que você pega e fale assim ... ah um cliente bonito jovem que você goste, um cliente agradável, simpático ... não é ... você sabe que você ta ali só ... é um trabalho entendeu ... você ta ganhando pra aquilo e ele ta te usando aquele momento e acabou, então ... não é agradável ... não é bom ... dependendo do cliente não é bom não. (silêncio). *Você tem mais alguma coisa que você queira dizer?* Não, acho que é isso. *Então, muito obrigado por sua participação, só retomando que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 4

Entrevista realizada em 14 de agosto de 2006

Virna tem 18 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 27 anos e uma de 28 anos. Não tem filhos. Possui segundo grau completo e faz cursinho particular pré-vestibular. Sua família reside em uma cidade no interior do Paraná, seu local de origem, e tem a classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou para a cidade atual há aproximadamente 12 meses (em agosto de 2005). Atua como garota de programa em apartamento de amiga, recebe em média R\$ 200,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média 3 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui três clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Tá ... na minha infância ... pra começar... bom .. minha infância foi uma infância boa né, tive uma infância superboa sim .. só que me atrapalhou mais foi a separação dos meus pais, que eu sofri muito assim no começo ... fiquei muito revoltada... tinha uns 10 anos mais ou menos ... aí fiquei um tempo revoltada ... aí eu não me dava muito bem com meu padrasto, a gente

brigava muito ... e fora isso com minha mãe sempre me dei muito bem, com meus irmãos também, tudo o que teve alcance da minha mãe ... ela sempre ... tudo o que eu pedia ela me atendia ... então assim ... nesse aspecto eu não tenho nada que reclamar, foi uma infância boa, o que me atrapalhou foi a separação dos meus pais ... mas logo depois já eu me recuperei. Daí eu vim pra esta cidade ... daí eu vim morar com minha tia pra cá ... na minha adolescência ... ah! ... meu primeiro namorado eu tive com 14 anos de idade, aí a gente namorou ... foi assim ... tipo ... namoro de anos ... a gente namorou 2 anos e meio ... aí no meu aniversário de 16 anos, dia 26 de janeiro, que a gente teve nossa 1ª relação sexual ... daí a gente ficou mais um tempo ... e a gente terminou por que a gente viu que não era isso que a gente queria ... *E como foi essa experiência?* Foi legal. Foi bem legal mesmo, não foi ruim não. Daí ... depois eu tive um outro namorado ... que daí eu tive ... uma das coisas ... que eu vim pra cá também foi por causa dele, porque ele era muito agressivo às vezes comigo... *Ele morava na sua cidade de origem?* É, era muito ciumento... Ah ... depois ... logo em seguida eu já arrumei outro ... outro namorado ... Tipo assim ... por que esse ... logo depois que eu terminei meu primeiro namoro ... ele parece que já tava na espera, daí eu comecei logo em seguida a namorar, daí eu tinha relação sexual com ele, só que daí ele começou a ser muito agressivo, muito ciumento, daí me perseguia, me ameaçava de um monte de coisas ... uma das coisas porque eu vim pra cá foi por causa disso, porque minha família tava com medo e eu também. *Até esse momento então tu só tiveste esses dois namorados?* É, só esses dois ... aí ... aqui nesta cidade, comecei no colégio, daí fui transferida pra cá no meio do ano ... no 3º ano. *Então o que você está me dizendo é que veio pra cá (esta cidade) fugindo desse namorado?* Também ... uma das coisas. (silêncio) *Que coisas?* É por que eu não tava me dando mais com meu padrasto, a gente brigava muito. (silêncio) *E o teu pai?* Ah ... ele ... tá sei lá onde. *Sumiu?* Uhum ... *Desde seus 10 anos, quando se separaram você...* (interrompeu minha fala) é, ele foi pro Japão e daí, não retornou mais. Aí eu vim pra cá pra estudar, daí eu comecei a ficar com um menino no colégio ... aí a gente começou quase a namorar ... aí eu conheci a irmã dele que fazia programa ... aí ele começou a me falar ... ela também ... comecei a me interessar ... aí ela me levou em uma agência de meninas de programa ... de fotos ... essas coisas ... aí a partir daí eu comecei. Foi uma semana depois do meu aniversário, eu tinha feito 18 anos e 1 semana depois eu já comecei. *Como é que você resolveu? Como é que foi essa decisão?* Foi por causa de dinheiro, aquela ganância digamos assim ... porque você quer ter tudo, às vezes você vê seus amigos de colégio tem e tal ... suas amigas saindo ... um monte de coisa ... e você ... tem pouco né ... tem ... mas é aquele pouco, mas quer sempre mais, eu quero assim ... sempre mais, to querendo sempre mais, tenho um pouco agora ... mas eu quero mais e assim sucessivamente. Então isso que me levou ... ganância assim ... sonhar com muita coisa ... muita coisa ao mesmo tempo. *E você teve apoio desse namorado pra entrar no ...* Não tive porque daí ele não sabia... *ahh tá a irmã dele que começou a falar contigo. Conte um pouco dessa história da relação de você com ela, com ele.* É que foi assim ... eu comecei a ir na casa dele, a irmã dele saía muito ... assim ... era muito bem arrumada ... muito bem perfumada, daí eu comecei a perguntar, aí ele me falou: é que minha irmã ... no começo ficou com vergonha de falar, depois falou ... daí eu comecei a pensar: tinha carro ... pagava a própria faculdade dela e tal ... eu falei: nossa que bom né, aí eu comecei a perguntar, como quem não quer nada ... assim, aí eu comecei a perguntar ... perguntar e fui me interessando, daí eu pedi pra ela o telefone ... aí esse meu namorado descobriu porque eu tava interessada, daí acabou terminando comigo, porque não queria namorar com uma pessoa que ... já não chega a irmã dele e ainda mais a namorada. A gente terminou, aí eu liguei lá ... ela me levou lá, nessa agência, daí ... eu fiquei lá durante 2 meses nessa agência, trabalhando lá, só que tinha que dividir o dinheiro com a mulher e daí não era muito legal. Daí eu comecei a trabalhar sozinha, eu e mais umas amigas, daí o dinheiro todo fica pra mim. *Você paga seu apartamento, mora aqui e não faz programa aqui? Como funciona?* Não faço ... aqui eu não

faço ... aqui é um lugar residencial, não pode né. Daí ... tem o apartamento das minhas amigas que eu vou. *Conta para eu entender como é seu trabalho?* Ah ... o começo foi legal e tal, foi muito dinheiro ... muita grana, consegui guardar um dinheiro bem legal no começo, porque o começo, você ... assim digamos ... entre aspas ... você bomba assim sabe, ganha muito dinheiro, agora ... assim ganha mas ... eu não to tão feliz e tal ... assim, você não é uma pessoa assim feliz ... porque você ... pelo menos se antes você ganhasse dinheiro dos pais, você fala: ah ... to ganhando dinheiro dos meus pais, ou se você arrumasse um trabalho ... aí eu to comprando minhas coisas ... as coisas com meu próprio dinheiro, que eu suo pra ganhar, agora isso é uma coisa chata, você tem bastante dinheiro ... mas uma coisa assim rápida e bem fácil né, então não é muito legal não. Sempre você tem aqueles momentos de deprê assim ... eu mesmo sempre to naquela depressão, às vezes não quero trabalhar, não quero fazer nada. Então ... isso é uma coisa legal e não é, ao mesmo tempo é e não é ... uma coisa que te deixa às vezes um pouco ... as vez não ... sempre bem triste porque nem sempre você pega pessoas legais, às vezes você pega caras que te menosprezam. Graças a Deus nunca aconteceu comigo ... assim de querer agredir, mas já ouvi caso de amigas minha que já foram agredidas. Ah ... é isso. *Tem programas legais então?* Tem (silêncio) *como é que são esses programas?* São caras que às vezes só querem conversar com a gente, só querem uma companhia legal, não querem tanto sexo ... alguma coisa assim ... que querem mesmo uma boa companhia, uma boa conversa ... assim, esses tem bastante assim, então é bom, eu gosto...(silêncio) Bem, minha idéia de parar, assim já no fim do ano. Que quando eu comecei eu falei assim: eu quero ficar um ano, eu quero juntar uma grana legal. Ta ... eu vou prestar vestibular em janeiro, eu não quero prestar vestibular aqui ... porque é uma coisa, se eu passar e eu continuar aqui, eu sei que vou continuar fazendo isso. Então ... eu vou prestar vestibular na minha cidade, se eu passar ... e com certeza se Deus quiser eu vou passar ... daí eu pretendo ficar morando lá mesmo e levar minha vida normal que eu levava lá.(silêncio) *E depois que você começou a fazer programas se relacionou com alguém fora do trabalho?* Não, fora disso eu tinha um namorado. *É aquele que te apresentou a irmã? Ou não,?* Não ... eu tive o A., só que aí ele não sabia de nada, daí no caso ele acabou descobrindo, tá com um mês mais ou menos que ele descobriu ... a gente ficou bastante tempo junto. *Como foi isso?* Depois que ele descobriu ele não quis mais. Faz um mês ... assim que eu não tenho nenhum parceiro fora disso ... nenhuma relação fora disso... Eu saio mais pra me divertir. Eu fico saturada de ficar com homens todos os dias. Daí quando eu saio, saio mais pra curtir mesmo, com minhas amigas, ficar só a gente. *Então ta legal, ta bom, a gente pode ficar por aqui. Então, muito obrigado por sua participação, só retomando que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 5

Entrevista realizada em 29 de Agosto de 2006

Magda tem 25 anos, iniciou como garota de programa aos 20 anos de idade, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui três irmãos, um de 30 anos, uma de 19 anos e outro de 28 anos. Não tem filhos. Atualmente cursa o terceiro ano de administração em uma faculdade pública. Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, e tem a classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Mudou para a cidade atual há aproximadamente 4 anos (2002). Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 300,00 por duas horas de programa. Faz em média 2 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui clientes fixos (não especificou quantos) e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Você quer que eu fale desde quando? *Pode ser desde sua infância.* Bom ... a minha infância foi tranqüila ... sem maiores problemas. A gente morava numa cidade pequena ... na fazenda, que era a casa do meu pai e da minha mãe ... tinha cavalo ... tinha boi ... tinha rio pra gente pescar ... sabe aquela vida bem de interior né! Ah ... eu adorava ... sinto saudades daquela época. Mais aí ... a gente cresce e já viu né. A fazenda era grande ... meu pai vendia leite e plantava café ... até hoje planta ... eles têm uma vida bem tranqüila. Meus avós moravam em uma casa lá também ... eles morreram já tem uns anos. Mais ... sabe aquela hora quando você vai ficando mais mocinha ... comecei a encher o saco de ficar sem nada pra fazer ... e também ... todo mundo era fofoqueiro. Até pra namorar era difícil. Ainda mais eu que sempre fui meio saidinha né! (risos) eu sofri ... nem podia dar beijo que no dia seguinte todo mundo já ficava sabendo. Aí ... já viu ... né ... meu pai ... fazendeiro brabo ... vinha e me colocava de castigo. Mais eu nem ligava ... sempre dava um jeito de ficar com os meninos escondido. (risos). Sabe como é ... né ... na fazenda tem bastante lugar pra se esconder. Foi aí que comecei a ficar interessada nas transas. Perdi minha virgindade cedo ... quando tinha 13 anos ... foi com um namoradinho do colégio. Ele me levou pra casa dele quando os pais deles tinham saído e daí foi ... né. Desde então a porteira ficou aberta (risos). Daí ... com 16 ... 17 anos eu queria ir embora pra cidade grande ... pra poder estudar ... encontrar gente diferente ... namorar em paz ... fazer minhas coisas em paz ... né. Mais ... meu pai achava ruim, queria os filhos tudo junto. Daí ... botei na minha cabeça que queria ir embora de qualquer jeito. Então ... foi que aconteceu ... né, um dia a gente tava numa festa ... eu e minhas amigas ... daí eu fiquei com um carinha lá que era inimigo do meu irmão ... ele só de birra foi lá e contou pro meu pai. Então ... ele ficou muito bravo ... me bateu e me colocou de castigo. E acabou me mandando pra esta cidade ... porque me disse ... que era muita vergonha pra ele ter uma filha safada e que toda a cidade tava comentando. Daí ... eu achei ótimo né (risos). Vim pra cá com dinheiro no bolso ... fiz cursinho e um monte de amigo. Saía toda hora ... cada vez com gente diferente. Tomava cerveja ... pirava. Daí ... comecei a namorar um tempo e me aquietei ... sabe como é ... né? Mais ... um dia ... descobri que o desgraçado tava me traindo com uma amiga minha. Aí ... eu me revoltei né e não quis mais saber de homem. Eles são todos babacas. Você não acha? (silêncio) Foi então ... que eu conheci um bar onde as meninas que fazem programa comigo freqüentam. Achei o lugar muito legal ... o povo muito legal ... muito legal mesmo. Daí ... comecei a ver as meninas fazê e comecei a fazê também ... né. *Me explica melhor como foi esse começo?* Ah ... se sabe ... né, eu fui lá ... daí ... foi ... aconteceu ... e ... eu comecei. *Mais como assim?* Antes eu perguntei bem direitinho pra minha amiga como é que era ... como que não era ... que eu tinha que fazer, quanto que eu ia ganhar. Daí ... gostei né ... tava afim de comprar um carro e não tinha dinheiro, então ... foi tranqüilo. A primeira vez eu lembro direitinho como foi. Era um coroa lindo, cheio da nota, parecia o Antonio Fagundes. Ele não era daqui não ... era um empresário e me levou num lugar cheio de gente chique ... né ... eu adorei. Daí ... ele me levou pra jantar depois ... e depois a gente foi pro hotel dele. Eu tava supernervosa, mais daí ... como a gente tinha bebido um pouco ... foi sussegado. (silêncio) *Mais como o cliente te contatou?* Ah ... Eu não falei? Ele chamou minha amiga ... só que ela tava ocupada e eu fui ... né, daí ... não parei mais. *E como eles entram em contato com você hoje?* Ah ... Agora eu to chique ... tenho minha foto no site ... né, e ... também eles fazem propaganda pra mim ... né (risos). Eu não sou de se jogar fora ... né. E também não tenho frescura não! Pra mim ... o que o cliente quiser ele tem. Eu ganho meu dinheiro e ainda me divirto. Mais ... tem o lado ruim também ... né. Tem uns caras chatos ... velhos ... fedidos ... que não sabem fazer o negócio direito. Daí é ruim ... né. Ganho meu dinheiro ... mais é

ruim. É bom quando a gente faz clientela ... né ... daí ... da pra ficar mais amigo ... pra conversar melhor ... até na casa de um eu já fui e ele me apresentou como namorada ... um gatinho ... mais novinho que eu ... fiquei até com dó do menino ... ele ficou apaixonado por mim. Acho que foi a primeira vez dele (risos). (silêncio) *Você me falou que ganha bem, você ainda ganha dinheiro de seus pais ou não?* Olha ... é até chato eu falar ... mais eu ainda ganho ... porque eu não posso contar pra eles que eu faço programa ... né. Até quando ele vem aqui me visitar eu digo que o carro é da minha amiga e que as coisas são tudo dela. Porque ... ele me dá um dinheiro bom que eu pago as contas ... mais não da pra ter luxo ... né. Muito menos pra comprar um carro. Então ... o dinheiro que eu ganho nos programas é um extra ... né ... daí eu posso comprar e fazer tudo que eu quero. Porque ... você tem que sempre ta bonita ... né ... tem que ir no salão ... tem que comprar roupa nova ... sabe como é ... né? É que nem uma modelo ... né, que nunca pode ta feia ... porque ... se não ... não tem trabalho ... né. Mais se vê ... eu falando assim parece que é tudo muito bom e fácil ... né. Tem o lado ruim também ... eu não posso falar pras pessoas da faculdade que eu faço programa ... que pega mal ... né. E daí eles vão me xingar de puta ... é eu sei que eu sou ... né ... mais não precisa ficar falando. Eu pago minhas contas ... não roubo ... não mato ... não engano ... faço só meu trabalho e to muito bem com isso .. mais tem gente que tem inveja da gente ... né. (silêncio) *E quais são suas perspectivas pro futuro? Você pensa em continuar ou parar?* Ah ... Um dia eu vou parar ... né ... por isso que eu to estudando, mais ... ainda eu to bem assim ... e vou continuar até quando não der mais. O que eu não quero ... de jeito nenhum é voltar pra casa ... né .. Deus me livre! A vida que eu tenho aqui é ótima, tenho minhas amigas ... vou pra farra ... me divirto ... não tem ninguém pra encher o saco ... e ainda estudo. Pode vê como eu estudo ... oh ... esse tanto de livro aqui na mesa. Tem umas menininha ... aí que nem passar no vestibular não conseguem. (silêncio) *Você se incomoda ... é que eu tenho que sair daqui a pouco ... tenho cliente marcado pras quatro horas. Preciso me ajeitar ... né .. não posso ir assim do jeito que eu to ... né. Foi muito legal falar com você. Nunca tinha feito pesquisa antes. Acho que ajudei te contando dessa minha vida louca.* (risos) *Ta certo então, obrigado por sua participação e lembrando que todos esses dados serão sigilosos e respeitarei todas as cláusulas que eu te expliquei antes de começarmos.*

Colaboradora 6

Entrevista realizada em 17 de Outubro de 2006

Adriana tem 19 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos, é solteira e não tem parceiro fixo, mas tem um sujeito que ela diz ter um “caso” e que fica freqüentemente. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, um de 20 anos e outro de 22 anos. Não tem filhos. Atualmente está concluindo o terceiro grau. Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para a cidade onde reside atualmente há aproximadamente 1 ano (2005). Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 120,00 por hora ou R\$150,00 por uma hora e meia de programa. Faz em média 4 programas diários. Sua clientela é formada por homens e raramente mulheres. Possui clientes fixos, por volta de 20 e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Então ... é, eu morava com os meus pais no interior ... até ... eu morei com eles até meus dezesseis ... Dezesseis eu já tinha perdido minha virgindade. Aí eu morei um ano no Mato Grosso onde eu conheci um outro cara ... sabe. Um cara bem mais velho que eu. Que ... que tipo eu ficava com ele porque ele me dava dinheiro. Mais assim ... não ... tipo ... pra mim ... não era ... assim ... igual hoje ... sabe. Tipo ... fazer programa ... assim. Aí eu vim ... voltei pra minha cidade ... voltei ... vim pra esta cidade. Trabalhei quatro meses numa casa de uma cafetina que eu conheci ... ela ... não sabia que ela fazia ... que ela era da minha cidade. E daí ... voltei embora e ... quando completei 18 comecei a fazer programa. Então ... eu tive poucas experiências ... com namorado ... essas coisas. *Mais como foi sua decisão de começar a fazer programa?* Então ... assim ... eu sou de uma família muito humilde ... sabe ... então ... meu pai nunca pode me dar tudo que eu sempre quis ... na minha adolescência ... sabe. Então ... eu resolvi entrar ... sabe. Aí meu pai tava passando por dificuldade ... assim ... também ... e aí eu resolvi entrar pra ajudar ele ... sabe. Conseguir o dinheiro que ele tava precisando ... tipo ... ele como motivo ... assim ... entendeu ... tipo ajudar ele. Só que entrei ... e não consegui sair ... entende? *E como é isso, entrar e não conseguir sair? Fale um pouco mais sobre isso.* Meu! Porque ... eu me acostumei com o padrão de vida ... assim ... tipo ... que eu nunca tinha ... sabe ... nunca tive ... tipo ... aí eu saio ... eu compro roupa ... sabe ... pego balada ... ajudo meus pais ... coisa que eu nunca tinha feito antes ... sabe. Daí ... é muito difícil pegar ... parar ... e começar ... ter uma vida normal ... sabe ... entende. É muito dinheiro ... né. *E teria algum outro atrativo além do dinheiro como você colocou?* Não só o dinheiro. *Você disse que manda dinheiro para teus pais, eles sabem que você trabalha com isso?* Sabem ... eu contei. *E como é que foi isso?* Foi um choque ... assim ... pros meus pais ... pra minha mãe. Sabe ... tipo ... meu pai ... assim ... não aceita ... mais como ele sabe o que eu faço ... hoje ele me entende ... sabe ... ele entende meus motivos ... entende o porque ... sabe ... mais não aceita. Tipo ... é difícil ... né ... pra um pai, assim. *E sua mãe?* Ah! Minha mãe não aceita ... tipo ... ela fala pra mim parar ... que eu não preciso tá nessa vida ... sabe. *Como assim não precisa tá nessa vida?* Tipo ... eu não preciso ... assim ... ela fala que é uma menina bonita ... que eu não preciso tá fazendo isso ... entende ... tipo ... sabe ... arrumar ... ter um emprego normal ... tipo ... namorar ... casar ... entendeu. Esse tipo de coisa, só que não ... tipo ... eu não quero. Eu quero ter as minhas coisas ... eu não gosto de depender de ninguém ... nunca gostei ... entende. (silêncio). *Me fala mais um pouco, como é seu dia-a-dia, como é tua vida, pra eu entender?* Então ... tipo ... meu dia-a-dia ... tipo ... a única que coisa que eu faço ... eu faço academia ... eu vou no salão ... e trabalho ... trabalho ... assim direto ... 24 horas. Horário que ligar eu atendo ... tipo ... minha vida não tem emoção. Eu acordo ... sempre ... e é assim. *Você falou que o principal motivo de estar nessa área é o dinheiro, mais tem alguma coisa que vão além disso? Tem alguma outra coisa que te agrada?* Não ... não tem ... é só pelo dinheiro mesmo. (silêncio) *Teria algum aspecto que você gostaria de estar me falando para que eu possa entender melhor, que você acha que é importante?* Então ... olha só ... pra quem tá fora ... quem não trabalha com isso ... que não conhece ... que tem vontade de entrar ... eu não aconselharia ... assim ... sabe. Tipo ... sei lá ... é foda ... sabe, tem que agüentar um monte de coisa ... cara que nunca viu na vida, mais o dinheiro é bom ... entende. (silêncio). *Agradeço sua participação, só retomando que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 7

Entrevista realizada em 18 de Outubro de 2006

Elis tem 20 anos, iniciou como garota de programa aos 18 anos, é separada há dois anos e não tem parceiro fixo. Não tem religião. Possui seis irmãos, são todos mais velhos, e o mais novo tem 17, (não quis falar a idade dos irmãos). Tem um filho de 4 anos. Tem o segundo grau completo. Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para sua cidade atual há aproximadamente 3 anos (2004). Atua como garota de programa em casa, hotel, motel, recebe em média R\$ 150,00 por hora de programa. Faz em média 3 programas diários. Sua clientela é formada por homens e mulheres. Possui 8 clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Tipo assim ... é ... eu perdi meu pai eu tinha quatro anos, só convivi com a minha mãe ou melhor, com meus irmãos .. né... que minha mãe trabalhava bastante. Daí ela casou ... eu tinha 6 anos e ela casou com um cara ... e ... eu acabei saindo de casa com 10 anos. Fui morar com uma tia e nunca mais voltei pra casa. *E como foi isso?* Foi assim ... daí eu fiquei com a minha tia ... fiquei ... tipo, fiquei até os 15, daí ... eu já fui casada duas vezes. Separava e voltava ... entendeu. *Deixa eu entender, você saiu aos 10 anos pra morar com sua tia. E depois você casou com que idade?* A primeira vez eu tinha uns 15. *E ficou casada quanto tempo?* Ah ... Pouco tempo, uns oito meses. Daí passou o tempo eu fiquei grávida ... daí voltei pra casa da minha mãe. Daí meu filho chama ela de mãe ... entendeu. *E ela mora com sua mãe?* Mora ... ela nem ... ela nem ... assim ... tipo ela sabe, mais ela não ... chama minha mãe de mãe, eu sou tia ... irmã ... sei lá ... e ... ela cuida da minha filha como se fosse dela ... sabe. E ... eu comecei trabalhar ... ajudo bastante meu filho .. meu irmão. É ... que minha mãe cuida do meu sobrinho também ...entendeu. E ... eu comecei a trabalhar por isso. *E como é que é isso? Fala um pouco mais pra eu entender?* O que que você quer entender (riso constrangido)? *Como que você resolveu entrar?* Como que foi que eu entrei? *É porque você resolveu trabalhar?* Por grana. (silêncio) E ... ter algum objetivo também ... né. *E qual o objetivo?* Crescer ... guardar ... dinheiro ... porque você vê ... você pode ganhar muito dinheiro. É só saber guardar. E eu tenho objetivo ... quero ter meu apartamento ... meu carro ... minha vida e daqui a uns dois anos eu penso em sair ... e ficar tudo bem. Só ... que eu entrei pra ajudar minha família ... a minha mãe e a minha filha. (silêncio) *Como é que foi essa decisão?* Foi ... do nada ... assim ... entendeu. O meu cunhado comprou um jornal e eu não trabalhava, só cuidava da loja da minha mãe ... e olhe lá! Tipo assim ... eu não fazia nada. Daí ele falou ... assim ... olha, tem bastante emprego aí ... né, você quer dar uma olhadinha? Daí eu fui ver ... e só tinha garota de programa ... pedindo pra fazer programa ... tipo maior de 18 anos ... tal ... e ... eu do nada liguei ... com medo ... né ... nem sabia nunca tinha pensado em fazer programa nenhum. E aí peguei ... liguei ... fui ... não gostei ... fui numa outra ... daí eu acabei ficando. Daí de uma agência eu saí ... comecei a trabalhar sozinha, daí eu voltei com a agência. *O que que você não gostou?* Eu não gostei do ambiente ... do tipo ... tipo ... era tipo uma casa ... com uma dez meninas e eu não gostei. Tipo ... de ficar bebendo, e não combinava comigo e tal. *E agora, como é hoje em dia tua vida? Esse lance de gostar e não gostar?* Não ... é porque é diferente, eu não gostei do ambiente, eu não gostei do tipo ... tipo ... ah ... senta aí ... vamos beber ... vamos tomar alguma coisa ... e eu já sou muito ... assim ... quieta, eu não gosto muito de falar

... entendeu. Daí eu ficava ... assim ... eu falei ... não eu fui um dia só ... não fiz programa nenhum ... e voltei pra casa. Mais eu não desisti! Daí eu falei ... passou uns meses ... eu liguei outra que era por *site*. Eu não sabia que era por *site* ... nem sabia disso ... entendeu ... que tinha *site* ... tal. E daí eu comecei a trabalhar por *site*. Daí eu fiquei dois meses numa agência ... fiquei oito meses numa outra ... agora faz um ano que eu to trabalhando sozinha. (silêncio) *Você falou pra mim que a questão principal foi o dinheiro, tem algum outro atrativo nessa área?* É ... é (gaguejado) ... dinheiro mesmo. Eu quero terminar de estudar ... eu quero entrar pra faculdade e ... eu acho que trabalhando eu não ia conseguir. Aqui foi o lugar mais ... não o lugar mais fácil, que não é fácil ... entendeu, só que é uma coisa bem rápida ... assim ... tipo. E eu achei que trabalhando ... podia até trabalhar e tal ... eu achei que seria o melhor jeito ... fazer programa pra fazer uma faculdade. (silêncio) *Por acaso teria alguma coisa que você poderia me dizer pra eu entender melhor como funciona a vida de uma garota de programa?* Ah ... Explicar o quê? *O que você quiser me falar, o que você me disser é bem vindo.* Tá ... mais o que que você quer? *O que você quiser me falar, como é seu dia-a-dia, sua vida?* Altos e baixos como todo mundo, só que aqui é muito complicado ... assim ... ah ... você vê pessoas, que você não sabe se vai ver ... se não vai ver nunca mais ... sabe. Ou ... você atende um cliente bem ... ou você briga, já aconteceu várias vezes. Ou se estressa... porque fazer sexo muito ... sexo é bom ... todo mundo gosta ... mais quando você faz demais uma coisa você acaba enjoando, sei lá ... estressa... você sabe ... tudo que é demais enche o saco. E aqui ... é isso que acontece ... assim. Não que eu seja infeliz, não eu não sou infeliz. Mais eu não sou completa também né ... porque não é isso que eu queria fazer ... eu faço porque eu preciso do dinheiro ... mais se eu pudesse ... se eu tivesse um outro jeito ... eu não faria programa. *Você falou pra mim que sexo de mais estressa, e como é que é isso?* Estressa... você tem uma pessoa ... tipo.. ah esse é desse jeito .. ah esse é carinhoso ... esse não é ... esse é tipo .. você. .. tipo ... eu transo ... tenho que transar todo dia ... e ... sabe ... isso vai estressando ... vai ... e eu sou muito assim ... sabe ... entendeu ... não ... porque amanhã eu tenho que pagar isso ... não ... amanhã eu tenho isso ... entendeu ... então eu não deixo de atender ... por ... eu to estressada .. eu to .. tipo ... mais eu tenho que atender ... a gente vai lá e atende .. e tem cliente que não colabora com a gente ... entendeu ... eles querem chegar aqui ... a gente tem que ta bem humorada .. cheirosinha ... bonita ... sabe ... e isso estressa a gente ... é muito complicado sabe. *E os clientes que te agradam, como é isso?* É que tem homem que ... pensa que como a gente faz programa a gente é um lixo ... e isso estressa a gente ... porque a gente sabe que por dentro ... não é isso que a gente é ... e agora tem cliente que não ... eles vêm, eles gostam da gente eles conversam ... sabe assim... tratam a gente normal ... entendeu ... e isso acaba estressando. Ah ... e... tem o lado bom e o lado ruim. Você sabe que agora que eu to trabalhando dois anos ... faz dois anos que eu to trabalhando .. eu já conheci pessoas legais ... que eu já até ... gostei do cliente ... o cliente gostou ... mais tem uns .. tem uns que não agrada ... é isso que eu to tentando explicar .. entendeu. Que desses dois anos eu conheci pessoas que eu odeio ... sabe .. que ... e tem pessoas que me ajudaram ... que me ligam até hoje .. sabe ... que faz tempo que a gente sai ... entendeu ... então tem seu lado bom e seu lado ruim. *E você falou de se envolver com cliente, já aconteceu com você?* Oh .. eu sou muito cabeça assim ... sabe .. acho que a vida já me fez tanto eu me ferrar ... que eu sou muito cabeça assim com homem .. entendeu ... só que eu já gostei ... gostei só de um ... mais eu me envolvi assim só .. não tipo ... eu sair com ele .. tipo não ... eu não vou te cobrar nada ... não ... aí ele continuou me pagando ... a gente saía toda a semana ... e eu também já tive um envolvimento ... assim de uns três meses .. entendeu ... mais acho que é isso. (silêncio). *Então eu agradeço a sua participação e só retomando que que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 8

Entrevista realizada em 18 de outubro de 2006

Sílvia tem 27 anos, iniciou como garota de programa aos 20 anos, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui dois irmãos, uma de 29 e um de 31 anos. Não tem filhos. Tem o segundo grau completo e atualmente faz cursinho. Sua família reside em uma cidade no interior do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B1, segundo a classificação da ABEP. Atua como garota de programa em boate, recebe em média R\$ 150,00 por hora de programa. Faz em média 1 programa diário. Sua clientela é formada por homens. Possui 3 clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Minha infância foi muito linda ... eu brinquei bastante até os 14 anos eu só brincava ... não me preocupava com nada ... aí, aos 15 anos eu já .. tipo ... tipo .. meio que fiquei independente assim ... tipo de ter trabalhinho ... comecei a trabalhar. *Trabalhar com que?* Eu comecei a trabalhar numa fábrica ... até porque nessa fábrica eu já meio que ... (silêncio) ... e a minha adolescência foi muito boa assim ... foi maravilhosa. *Boa em que sentido?* Ah! Eu curti um monte ... eu estudava ... gazeava aula .. né ... reprovava ... reprovei um monte por ser bagunceira na sala ... por gazear aula ... ah! Foi legal, não tive ... nunca tive problema de pai me bater, nem mãe me bater, nada ... minha infância, minha adolescência foi tudo muito legal ... Na questão da vida adulta já ficou mais ... daí eu tive que ter tipo... minha independência ... trabalhar ... né ... trabalhava tinha minhas coisas ... e ... ah ... a gente só ... agora né ... agora que a gente tá numa classe ... numa vida boa ... entendeu ... porque antes a gente começou a comprar coisas, a comprar casa ... é agora a gente tá bem, mais antes eu tinha que trabalhar, minha mãe também teve que trabalhar. *Então tá, pra eu entender, você então trabalhava com que?* Sempre trabalhei em restaurante, salão de beleza ... silêncio ... *e como foi esse processo de você trabalhar na noite?* Foi o seguinte ... eu eu fiquei 5 anos fora do Brasil. Daí quando eu voltei pra cá ... eu queria trabalhar ... é ... com a minha experiência ... né ... de garçoneiro ou de salão, ou então falando espanhol. Eu falo espanhol perfeitamente ... só que ... primeiro eu ... o primeiro trabalho que eu tive que era pra trabalhar na C.C., uma empresa de telemarketing, porque eu falo espanhol e era pra sul-américa ... daí passei por 3 testes, e no último teste eles me disseram ... Ah! Não foi dessa vez ... daí eu fiquei arrasada ... e eu tenho currículo distribuído por toda a cidade ... e até agora não me chamaram ...e também eu estava querendo trabalhar no supermercado ... só que no supermercado ganha 400 reais por mês ... e o salário de 400 reais não chega ... porque a minha despesa passa de 600 reais mensais. Daí por isso que eu comecei a frequentar . *E como foi esse processo de você começar a frequentar, me explica?* É que 5 anos atrás eu tinha ido duas vezes ... né na S. ... com uma amiga minha que me levou ... fui por curiosidade ... daí também fui algumas vezes numa outra casa chamada M. ... trabalhei algumas vezes lá ... e conheci um cara lá que tinha só prazer comigo ... e que daí ele começou a me ajudar ... eu saí da noite pra trabalhar no salão. Daí ... como eu não tava apaixonada por ele .. deixei dele, me mandaram embora do salão ... e daí eu voltei a trabalhar de novo trabalhar na noite, no C.D., daí no C.D. eu fiquei também um tempo ... eu não lembro quanto tempo. Daí aconteceu de eu ir pra Espanha, eu tenho um amigo na Espanha ... acabei indo trabalhar lá, trabalhei como garçoneiro, e em um salão de beleza. Limpar casa cheia de criança (risos) ... daí eu voltei ... como eu tinha investido todo meu dinheiro em carro e casa, e eu comecei a fazer cursinho ... eu fiquei 7 meses sem trabalhar ... e

meu dinheiro todo foi pro cursinho, pra carro, pro estacionamento ... é... roupa, calçado, gasolina ... chegou um ponto que acabou ... daí, acabando, sem trabalho e sem dinheiro, eu tive que voltar pra noite, daí foi que eu voltei a trabalhar. (silêncio) *E como é pra você trabalhar nessa área? Fale um pouco mais sobre isso?* Olha ... eu não me considero uma puta ... que fica por aí dando pra qualquer um de graça ... conhece um dia o menino num barzinho ... aí que legal ... ele é legal ... vai lá pro motel e dá de graça ... essa daí pra mim que é uma puta ... porque a gente tá lá dentro trabalhando ... a gente é bem pago pra isso ... conhece muita gente legal ... eu conheço muita gente legal e tenho muitas amizades ... porque antes eu não tinha o tanto de amizade que eu tenho agora. Meus amigos mesmos ficaram na Espanha ... e as duas amigas que eu tenho aqui .. uma é casada a outra também é casada ... só que essa que era minha melhor amiga ... ficou metida ... ficou estranha ... já não é mais amiga ... então eu fiquei sem amigos ... e comecei a fazer amizade lá dentro. Com as meninas ... com os clientes. (silêncio) *Então me fale um pouco mais se existiria algum ponto que você considera positivo e algum ponto que você considera negativo de trabalhar com isso?* Ponto positivo ... ok ... você conhece muita gente ... e o ponto negativo ... é do mesmo jeito que você conhece muita gente boa ... você conhece muita gente chata ... muita gente que ... quer o mal ... sei lá ... deve ter um motivo de Ter gente mal .. né ... mais eu conheço a grande maioria de gente legal .. bem legais ... gente de nível cultural alto .. é ... (silêncio) ...olha eu nunca faço sexo sem sentir alguma coisa ... alguma coisa eu tenho que sentir ... porque pra mim é difícil ter amizade sem sentir alguma coisa ... sem sentir algum prazer ... e também eu só transo com os caras que forem legais ... que não me tratavam como puta na cama ... que me tratavam legal ... sempre falavam uma coisa legal ... porque então se eu tinha cliente que era uma hora e eu ficava duas porque era legal. (silêncio) *Então pra gente finalizar, me diga um pouco como é seu dia-a-dia?* Ah ... normal a gente vai lá .. vou lá ... quando tem cliente beleza ... quando não pinta ... eu ganho champagne. (silêncio). *Então muito obrigado por sua participação e só retomando que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dívida, me encontro à disposição para saná-los.*

Colaboradora 9

Entrevista realizada em 19 de outubro de 2006

Lívia tem 21 anos, iniciou atuando como garota de programa aos 21 anos, em agosto de 2006, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é católica. Possui três irmãos, um de 24, uma de 20 e um falecido de 21 anos. Tem dois filhos, um de 7 e outro de 4 anos. Tem o segundo grau completo. Sua família reside no interior do Paraná, seu local de origem, está há uma semana na cidade atual, pertence à classe social A2, segundo a classificação da ABEP. Atua como garota de programa em boate, recebe em média R\$ 500,00 por hora de programa. Faz em média 3 programas diários. Sua clientela é formada por homens. Possui 3 clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

É ... minha vida foi muito sofrida ... eu não convivi com minha mãe ... tive cinco madrastas ... passei por cinco madrastas ... foi ... eu e meus irmãos sofreram muito com isso ... nas mãos de

madrastas ... até nós crescermos e chegarmos numa certa idade ... meu pai se separou ... não deu certo deu certo o relacionamento com minha mãe ... separou foi embora ... e ele não deixou os filhos irem com ela ... aí o que aconteceu ... ele foi passando de mulher em mulher ... casou com uma não deu certo ... casou com outra não deu certo ... daí foi passando de mão em mão ... nós sofremos muito. Então eu morava com meu pai e minha mãe morava no Paraguai ... aí eu fiquei com meu pai ... eu e meus irmãos sofremos muito ... apanhamos muito ... nós fomos muito massacrados pelas madrastas ... e assim ... até hoje ... até hoje deixa as marcas ... hoje eu vejo uma ... a minha primeira madrastra que eu tive ... hoje ela virou crente ... ela é uma pessoa que era muito amarga ... e a uma pessoa que era muito ruim, que falava muito nome feio ... era muito agressiva, batia por qualquer coisa ... é ... que hoje ela virou crente e ela se arrepende de tudo que ela fez ... quando nos era criança .. e ela perde perdão e eu não consigo perdoar ... a mágoa que ficou dela foi muito grande ... foi uma mágoa muito grande que eu fiquei dela ... uma dor assim ... que ... que não supera ... entendeu ... que às vezes eu lembro e começo a chorar. Aí fui passando de madrastra em madrastra ... e meu pai não deu certo ... foi passando um monte de mulheres ... aí não dava certo com uma ... ele casava com outra ... e eu também fugi das minhas madrastas ... pra parar de ficar sofrendo ... eu achava que eu casar com uma pessoa meu sofrimento ia diminuir. ... foi um erro mais também foi minha salvação ... eu comecei a namorar com um rapaz ... eu tinha 12 anos e ele tinha 23 anos ... com 13 anos eu casei ... casei não ... maneira de dizer ... eu me amiguei com ele ... com 13 anos eu fui mãe ... não com 13 anos eu engravidei ... com 14 anos eu fui mãe ... fiquei 6 anos casada ... e meus irmãos continuaram sofrendo na mão das madrastas o mais velho que tem 24 anos é fugiu de casa com 13 anos ... pegou carona com tudo quanto é caminhão que ele pegou na BR ... ele parava pegava carona pra ir pro Paraguai ... e ele chegou lá. Aí ficou sabendo que tinha dois irmãos. ... Meu irmão fugiu de tanto que ele apanhava de madrastra. Daí eu casei ... fui mãe e tal... não deu certo ... fiquei 6 anos casada ... separei ... daí eu fiquei um tempo separada ... aí depois com outra pessoa tive um relacionamento de dois anos ... engravidei de novo tenho um filho de menos de quatro anos ... aí não deu certo de novo aí voltei pra casa do meu pai. ... Aí depois ... conheci uma outra pessoa .. fiquei noiva por um ano e meio ... de aliança .. fiquei noiva e tal ... a gente ia casar no papel ... só que não deu certo ... e ... me separei de novo ... e que tipo assim, não deu certo de casar no papel ... aí eu falei ah então eu vou mudar ... eu vou mudar ... aí eu fiquei amigada durante 7 meses ... aí não deu certo ... eu peguei e me separei ... fui pra casa do meu pai de novo ... o meu filho de sete anos convive com o pai dele ... com meu primeiro ex-marido ... e o de quatro anos convive comigo. Então quem dá atitude pra ele sou eu ... e hoje ... eu tava namorando até pouco tempo ... arrumei um namorado chato ... perdi um irmão há três meses. Não ... tipo assim ... depois da última madrastra que eu tive... ela faleceu com derrame ... e... depois ... uma semana depois faleceu a minha mãe ... então foi uma queda muito grande que eu tive na minha vida ... eu perdi a minha mãe ... (choro) eu perdi a minha mãe ... faz três anos já ... perdi meu irmão a três meses. Você não conhece o tanto que eu sofro. (silêncio) *e como está seu relacionamento com seu pai hoje?* Ah ... é bom assim ... ah ... ele é uma pessoa assim ... meu pai é uma pessoa muito dinheirista ... se ele tem dinheiro no bolso ele é uma pessoa ... se ele tá sem dinheiro ele é outra pessoa. Entendeu ... ele dá uma muita atenção pra namorada dele ... ele não é aquele pai que ele chega e pergunta se você tem alguma coisa ... se você precisa de alguma coisa ... se você quer alguma coisa ... então eu também não procuro ele pra dizer nada entendeu ... se ele não me procura eu também não vou procurar ele. Aí ele dá mais atenção pra namorada dele ... e me deixa de lado assim ,.. só telefona pra mim quando precisa de alguma coisa ... pra falar do meu filho se precisa de alguma coisa ... que mora com ele ... o de quatro anos ... o de sete anos mora com o pai dele. Só que ele tá todo dia na minha casa ... espera o colégio ... finais de semana ... sempre tá na minha casa. (silêncio) *E como foi teu processo de você entrar na boate?* (silêncio) Desespero ... desespero (silêncio) *fala mais pra*

*eu entender. Perdi minha mãe ... perdi meu pai .. não ... perdi minha mãe ... perdi meu irmão ... meu filho precisando das coisas ... eu discuti com o pai dele ... tivemos uma briga feia ... que ele não ia mais pagar pensão pro meu filho se eu não fosse voltar com ele. É ... levei no juiz ... to esperando a audiência ... pra pagar mais pensão. E daí eu tava precisando das coisas e eu não queria pedir pro meu pai ... se eu coloquei filho no mundo meu pai não tem obrigação de nada ... eu tenho que me responsabilizar por isso. De uma maneira ou de outra eu sou responsável por ele ... entendeu. Aí uma amiga minha que já trabalhava aqui me indicou ... e eu fiquei na curiosidade ... eu vim mais pela curiosidade .. não por vontade. Curiosidade pra saber como que é ... saber como que é as pessoas ... saber como é uma boate ... como que é a vida de uma mulher numa boate. (silêncio) *Então o que você está me dizendo foi antes de começar a atuar nessa área. E como foi, o que você achou?* Ah ... por um lado é ruim .. né .. porque você conhece ... tem pessoas insuportáveis ... né ... tem pessoas que ... aí ... quer mandar em você ... amanhã eu vou te ligar e quero que você vá ... ah eu não vou não ... aí vai sim .. não vou não (risos) ... aí quando ... o lado bom mesmo ... é que você conhece pessoas diferentes ... pessoas de outra cidade ... pessoas que vêm de fora ... claro tem pessoas insuportáveis (risos) ... mais tem um lado muito bom ... porque eu gosto de conhecer pessoas ... porque eu sou uma pessoa muito comunicativa. Então eu gosto muito de conhecer pessoas de fora pessoas diferentes. Esse lado que eu gosto. *E além disso, existiria algo mais de bom ou de ruim?* De ruim ... de ruim é você deitar com uma pessoa que você não ama ... que você não é apaixonada por ela ... que você não gosta dela ... e aquela pessoa ficar te tocando ... isso é insuportável ... não tem coisa pior. E bom é bom quando você encontra uma pessoa bonita ... simpática e tal .. legal ... aí você se comunica com a pessoa ... vê que ela tem muitas coisas em comum com você ... legal a pessoa sorri conversa ... conta piada ... assim. (silêncio) *então me fale um pouco de seu dia-a-dia?* Durante o dia eu durmo ... tipo assim ... agora eu vou dormir só as 5 horas da tarde ...eu sou a primeira que levanto cedo ... meu horário de tá de pé é 7:30 - 8hs. Daí 21 –21:30h a van vem me buscar. (silêncio) *tem mais alguma coisa que você poderia estar me dizendo?* Ah ... tem as meninas invejosas também ... tem as meninas que tem muito ciúme ... que não gostam das meninas novas que vêm de fora ... que fica com medo de perder os clientes que vêm de fora ... então fica assim aquela intriga ... eu não to aqui pra namorar ... não to aqui pra me apaixonar ... não to aqui pra casa com ninguém ... eu to aqui porque eu preciso. *Mais acontece isso?* Ah ... oh (risos) ... o rapaz que eu tava namorando (risos) eu conheci ele na M. (risos) Eu vim aqui há um mês atrás ... fiquei três dias aqui e ele pediu pra namorar comigo ... daí eu foi pra * na minha casa (risos) ... viajei com ele, fui pra Porto Alegre com ele, fui pra Joinville com ele ... fui pra Brasília com ele ... então fui viajar com ele e tal ... só que não deu certo ... larguei dele e tal. (pausa) *então você disse que está nessa área é porque você precisa?* Porque eu preciso ... Se eu não precisasse jamais estaria fazendo isso ... porque eu preciso do dinheiro *Se fosse então pra você enumerar os motivos que a trouxeram até a boate, qual você colocaria?* Meu filho ... pra mim ele é tudo ... o que minha mãe e meu pai não fizeram por mim eu quero fazer por ele. *Então eu agradeço a sua participação e só retomando que que todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dúvida, me encontro à disposição para saná-los.**

Colaboradora 10

Entrevista realizada em 20 de outubro de 2006

Perla tem 22 anos, iniciou atuando como garota de programa aos 22 anos, em julho de 2006, é solteira e não tem parceiro fixo. Sua religião é espírita. Possui três irmãos, uma de 30, outra de

21 e um de 33 anos. Não tem filhos. Tem o terceiro grau incompleto. Sua família reside em uma cidade do Estado do Paraná, seu local de origem, pertence à classe social B2, segundo a classificação da ABEP. Atua como garota de programa em boate e bar executivo, recebe em média R\$150,00 por hora de programa. Faz em média 2 programas diários. Sua clientela é formada por homens e mulheres. Possui 2 clientes fixos e, em todas as relações sexuais, usa preservativo.

Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta relacionando com aspectos de sua vida sexual?

Ah ... foi tranquilo assim ... eu tive uma infância tranquila ... bacana ... com minha mãe ... com meu pai ... se separou dela um tempo assim mais manteve contato. *Quantos anos você tinha quando isso aconteceu?* Seis anos ... tal ... e foi supertranquilo ... a gente tem um relacionamento bem bacana ... eu meu pai minha mãe meus irmãos ... hoje ele é doente, ela que cuida dele ... porque ele não tem mais nada ... e... hum ... a adolescência também foi tranquila ... eu tive muitos namorados ... sério só um ... aí ... me juntei com uma outra pessoa depois ... fiquei um ano. Daí a gente terminou faz uns 10 meses ...eu acho ... e aí tipo ... porque que eu comecei a trabalhar? Por dinheiro ... que aí tipo ... eu tinha que me preparar ... eu morava sozinha ... eu saí de casa eu tinha 20 anos ... aí eu fiquei morando um ano com uma amiga e um amigo ... tranquilo ... trabalhava numa empresa de publicidade e propaganda .. e aí ... conheci essa pessoa, namorei com ela pouco tempo ... e a gente foi morar junto ... e ... se separou ... e eu não tinha mais pra onde ir porque meu padrão tinha caído muito. *Como assim, fale mais pra eu entender?* Porque eu trabalhava numa empresa de publicidade ... saí da empresa e fui morar com ele ... eu não achei colocação no mercado ... no mesmo nível que eu tinha anteriormente. Aí não tinha mais condições de morar sozinha depois que separei dele e fui morar com minha mãe. Aí como tinha curso pra pagar ... tava caro ... e eu não gostaria de parar o curso porque eu to me formando já ... (silêncio) ... ah ... é isso assim ... a gente separou porque eu não tava mais gostando dele ... e... faz pouco tempo que eu to trabalhando também ... assim ... na noite ... de dia ... (risos) ... eu trabalho ... mais tem acho que uns dois meses. *Mais como foi esse processo de entrada, como foi o início?* Aí eu fiquei sem dinheiro e tal ... não achei outro trabalho ... e ... eu sofri um assédio ... assim ... esses tempos ... *por parte de quem?* Aí ... é uma história muito complicada (silêncio) ... eu gostava muito do meu primeiro marido ... você é a primeira pessoa a saber disso ... aí ... eu gostava ... gosto muito dele ainda ... e aí eu procurei uma pessoa ... aqui ... tava no jornal lá ... traga seu amor em 24hs ... e eu fui lá ... e tal pra ver o que que era ... cheguei lá ... paguei ... R\$350,00 ... pra fazer isso ... levei uma foto. *Mais o que seria isso?* Ah ... é tipo um trabalho ... e aí cheguei lá .. não sei o que .. veio o cara ... me disse que o que eu fizesse com ele ... saber ... o ex ia sentir ... e aí eu acabei transando com ele ... foi horrível ... com esse guru. É ... e ... aí ... eu ... e saí e aí eu ... fiquei mal ... e aí eu ... é ... e eu estava muito fragilizada na época ... eu sei que parece ridículo uma pessoa cair assim ... mais ... não é justificar ... assim ... eu já estava com depressão e tudo ... então foi muito fácil ... sabe quando você quer muito uma coisa que você tá a fim de fazer a qualquer preço ... eu nunca acreditei ... sempre fui bem diferente e tal ... (fala algo que não dá pra entender). Como eu arrumei o trabalho ... mais ... é ... a necessidade ... e daí ... com aquele cara ... foi horrível ... eu me senti uma prostituta naquele momento ... sabe ... Aí eu tava assim ... meio .. tipo ... ao mesmo tempo eu sabia que ... isso sempre me chamava atenção ... sabe ... ser bonita ... e sabe ... Ter um corpo bacana ... e ... eu trabalhava com uns eventos ... aí eu comecei a trabalhar com evento ... sabe ... só com evento fechado ... normal ... e um dos rapazes que trabalhava comigo ... que era publicitário ... falou que tinha uma casa ... ele perguntou ... tipo ... se eu fazia o pós-evento ... e eu falei .. tipo que não ... daí eu não entendi

bem o que que que era ... e tal ... e aí ... depois ... minhas amigas me contou o que era pós-evento ... sabe ... que era sair com os clientes ... né ... no fim do evento ... na festa. E daí eu perguntei quanto que era ... e ... o valor ... é ... razoável né ... tira R\$300,00 – R\$500,00 ... sem muito esforço. É ... não é muitas questão de tempo ... é rápido ... sabe .. daí tipo ... tem gente que pensa que é fácil ... não não é fácil ... é rápido ... eu acho que é essa a diferença ... sabe ... que também não é fácil ... que a gente fica lá ouvindo um monte de problema dos outros também ... transa com outros parceiros ... que a gente nem conhece muito bem ... se não sabe o que tá esperando ... *you me falou que se sentia traída por essa área antes de começar, me fale mais sobre isso?* Não ... eu não me sentia traída ... mais assim .. é ... a oportunidade com que eu conseguia ganhar um homem também ... sabe essa coisa de técnica ... de jogo de cintura ... de charme ... não sei ... então ... assim ... foi muito fácil .. eu sempre conseguia as coisas .. mesmo que fosse .. tipo ... transando com o cara ... e tipo ... nem sempre dando dinheiro ... mais é uma forma ... eu sempre conseguia as coisas que eu queria também ... com os homens ... entendeu ... e aí ... sabe ... acaba facilitando ... porque ... é ... é fácil ficar bonita ... e eles ainda me pagam por isso ... entende. E pra conquistar ... pra ver o quanto que que eles pagam por mim ... *e se fosse pra você pontuar o porque dessa escolha ... que que você me colocaria?* Porque eu entrei? ... dinheiro (silêncio) ... *e além do dinheiro existiria um outro ponto?* Não ... (silêncio) ... de positivo acho que tem só o dinheiro ... e de negativo um monte ... porque eu me arrisco todo dia ... de furar uma camisinha ... eu pegar uma doença ... sabe ... eu me ponho a isso todos os dias ... e ao mesmo tempo isso não tem preço ... sabe. Só que ... é ... todas as meninas que tão começando ... todo mundo que vai começar hoje que vai terminar amanhã ... e que não consegue parar ... e eu realmente entendo isso ... porque como por dia você ganha um valor ... por dia ... você começa a gastar cada vez mais ... essa coisa de comprar ... entra no consumismo já ... sabe ... porque hoje eu tenho R\$100,00 ... amanhã ... se eu trabalhar ... eu sei que a hora que eu sair de lá ... vou sair com R\$600,00 ... entende ... e com R\$600,00 a gente faz um monte de coisa num dia ... é claro que a gente conta com dias que também a gente não faz nada ... a gente faz um show de R\$50,00 .. um show de striptease ... mais você sabe que amanhã você tem mais. *Então você tá me colocando aqui que a questão do consumismo seria uma dificuldade pra você sair dessa área?* Exatamente ... porque depois você vai voltar pro mercado ... acredito que não seja o meu caso ... mais pra maioria das meninas que eu vejo tem pouca instrução ... ou ... mesmo as que já tão formadas. ... Sabem que não vão ganhar esse valor lá fora ... e ... no caso ... a profissão que eu escolhi paga bem ... sabe eu to me formando agora ... e quero entrar logo .. pra minha área. ... é ... de fato ... que minha área paga bem. Mais ... agora me diz ... qual mulher que entra hoje no mercado de trabalho ... formada em nutrição ... em veterinária ... que vai tirar R\$3000,00 – R\$4000,00 no mês. E independente disso ... você faz o que você quiser ... a hora que você quiser. Você tem o poder você não tem contrato ... não tem nada. (silêncio) *teria mais algum ponto que você poderia estar me contando pra contribuir com a pesquisa?* Ah ... pra não sair? *Pra entra ou pra não sair?* Acho que não ... é essa coisa de trabalhar a hora que você quer ... e ficar bonita né ... isso eu sou uma pessoa assim muito atraída ... eu não gosto de ficar muito tempo no mesmo lugar fazendo a mesma coisa ... e você nunca tá fazendo a mesma coisa ... apesar de parecer que tá fazendo todo dia ... porque você tá conversando todo dia com uma pessoa diferente tem clientes bacanas que você conversa ... às vezes você acaba falando até seu nome de verdade ... trocando telefone ... e acaba virando um amigo ... e tem muitos homens que casam com mulheres que eles conhecem nas casas ... muitos ... que tratam muito bem. *E o que você acha a respeito desses homens que você troca telefone e mantém maior contato?* Oh ... assim ... eu particularmente não consigo gostar de ninguém ... mais ... assim ... eu tenho bastante contato e eles continuam me dando as coisas ... como se fosse particular deles ... sabe ... uma menina particular ... mais você tem uma relação de carinho ... quando você tem mais contato ... acaba confiando. *Então eu agradeço a sua participação e só retomando que que*

todos os termos declarados e todos seus direitos são respeitados, e qualquer dívida, me encontro à disposição para saná-los.